

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

ÂNGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL

**CRONOTOPOS MEDIATIZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS:
O ESPAÇO-TEMPO COMPLEXO NOS ACIONAMENTOS E DISPUTAS NARRATIVAS EM
TORNO DO 'SER NEGRO'**

**São Leopoldo/RS
2024**

ÂNGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL

**CRONOTOPOS MEDIATEZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS: O ESPAÇO-TEMPO
COMPLEXO NOS ACIONAMENTOS E DISPUTAS NARRATIVAS EM TORNO DO 'SER
NEGRO'**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos – UNISINOS

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico - CNPq

Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes.
Coorientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira.

São Leopoldo/RS

2024

N366c Neckel, Ângelo Jorge de Souza Lima.
Cronotopos midiaticizados nas lutas antirracistas : o espaço-tempo complexo nos acionamentos e disputas narrativas em torno do 'ser negro' / Ângelo Jorge de Souza Lima Neckel. – 2024.
274 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2024.
“Orientador: Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes.
Coorientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira”

1. Antirracismo. 2. Circuitos afro-referenciados. 3. Cronotopo midiaticizado. 3. Midiaticização. 4. Racismo. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 04/2024

Aos quatro dias do mês de abril de dois mil e vinte e quatro, realizou-se no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de *Arguição Pública da Tese “CRONOTOPOS MEDIATIZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS: O ESPAÇO-TEMPO COMPLEXO NOS ACIONAMENTOS E DISPUTAS NARRATIVAS EM TORNO DO ‘SER NEGRO’*” apresentada pelo estudante **Ângelo Jorge de Souza Lima Neckel**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Doutorado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores Deivison Moacir César de Campos (PUCRS), Tiago Quiroga Fausto Neto (UNB), José Luiz Warren Jardim Gomes Braga (UNISINOS/UFG), Ana Paula da Rosa (UFRGS), Pedro Gilberto Gomes (Orientador) e Jairo Getúlio Ferreira (Coorientador). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao estudante, **o grau 10,00 (Dez)**.

A emissão do Diploma está condicionada a entrega da versão final da Tese.

Ocorreu alteração do título? (X) Não () Sim: _____

Esta atividade foi realizada integralmente em modo online.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes (Orientador)

Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira (Coorientador)

Coordenação do PPG em Ciências da Comunicação: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin

ÂNGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL

CRONOTOPOS MEDIATEZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS: O ESPAÇO-TEMPO COMPLEXO NOS ACIONAMENTOS E DISPUTAS NARRATIVAS EM TORNO DO 'SER NEGRO'

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 4 DE ABRIL de 2024.

BANCA EXAMINADORA

**PROF. DR. DEIVISON MOACIR CÉZAR DE CAMPOS -
PUCRS (PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL)**

**PROF. DR. TIAGO QUIROGA FAUSTO NETO - UNB
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. JOSÉ LUIZ WARREN JARDIM GOMES BRAGA - UNISINOS/UFG
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UFRGS
(PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL)**

**PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES – ORIENTADOR
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



**PROF. DR. JAIRO GETÚLIO FERREIRA –
COORIENTADOR**

Em memória de Gustavo dos Santos Amaral, João Alberto Silveira Freitas e George Perry
Floyd Jr.

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás, por me guiarem e iluminarem os meus caminhos.

Ao meu filho, Arthur, pelo carinho inspirador e a paciência de aguardar a escrita e entrega da tese para ainda mais momentos de brincadeiras, leituras, conversas e companheirismo incondicional. Te amo, filho!

A minha esposa Pâmela pelo amor, inspiração, apoio, escuta e compreensão imprescindíveis ao longo dos últimos 4 anos. Tu e nosso filho me ensinam diariamente que para ser feliz o melhor tempo é aquele que posso estar com vocês seja onde for. Te amo!

Aos meus pais, Cleusa e Carlos, pelo amor incondicional e por todos os esforços sem os quais eu não teria chegado a este momento. E, Dona Cleusa, lembre-se sempre: a senhora é uma rainha!

Aos meus irmãos, por me mostrarem bons caminhos pelos quais eu poderia seguir com tranquilidade. Segui por esses e por tantos outros, mas sem nunca parar de caminhar. Obrigado por serem exemplos.

Aos meus sogros, Edmilson e Maria Elena, por me acolherem como se fosse um filho.

Aos meus amigos e padrinhos Anelise, Deborah, Dilan e Gabriel, e aos meus amigos Leonardo, Evaristo, Néia e Gabi, Mauro Daniel e todos os outros, pessoas especiais que guardo do lado esquerdo do peito, mesmo que o tempo e a distância tentem atrapalhar.

À Carolina Neotti, pela oportunidade de exercer a docência, vinculada aos aprendizados oriundos da pesquisa.

Aos colegas de PPGCC, William e Alison, por todo o apoio mútuo e conversas, das mais densas, sobre teorias, metodologias e políticas, às mais leves jogadas afora, e por todas as cervejas desmarcadas, remarcadas e que em breve virão.

Aos colegas de Midiaticom, com os quais aprendi constantemente em percursos coletivos de pesquisa e organização de projetos.

Ao meu orientador, Pe. Pedro Gilberto Gomes, pela acolhida fraterna em um momento de transição difícil. Nossos diálogos foram essenciais para o trabalho desenvolvido.

Ao meu coorientador e amigo Jairo Getúlio Ferreira. Oficialmente orientador até o terceiro ano de Doutorado e referência na lida da pesquisa em midiatização, comunicação e (antir)racismo. Foi e continuará sendo essencial para o meu percurso formativo e outros caminhos na vida.

Aos professores Ana Paula da Rosa, Deivison Campos, José Luiz Braga e Tiago Quiroga, pelas leituras atentas e contribuições nas Bancas de Qualificação e de Defesa.

Aos professores da Linha de pesquisa em Midiatização e Processos Sociais, sendo os já referidos Ana Paula da Rosa, Jairo Ferreira, José Luiz Braga, Pedro Gilberto Gomes, além

do professor Antônio Fausto Neto, por todos os encontros produtivos em sala de aula e espaços on-line.

Por uma formação acadêmica de excelência, ao PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS, nota máxima na avaliação da CAPES e injustamente encerrado pela universidade.

Ao CNPq, pela concessão de bolsa que me possibilitou a dedicação necessária à pesquisa.

RESUMO

Esta tese tem como tema o tempo-espaço midiaticizado em acionamentos por usos e apropriações de dispositivos socio-técnicos-comunicacionais e nas narrativas em disputas entre circuitos afro-referenciados e meios de comunicação do jornalismo em torno do racismo e do ‘ser negro’. Como problematização, se por um lado há um *continuum* socio-histórico do racismo que se atualiza, por outro lado as práticas comunicacionais racializadas e antirracistas se entrecruzam com ampliações das escalas de tempo e espaço na ambiência midiaticizada. O objetivo da tese consiste em investigar como os circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo acionam temporalidades e espaços complexos nos usos e apropriações de dispositivos e disputas narrativas em circulação a partir de casos midiaticizados. A hipótese de pesquisa defende que a ambiência midiaticizada abrange temporalidades e espaços complexos que se entrecruzam em disputas entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo, que presentificam práticas atreladas ao (antir)racismo. O desenho teórico-metodológico prioriza a busca por indícios a partir de três eixos complementares: proposições quanto ao cronotopo midiaticizado, apropriação do conceito de cronotopo (BAKHTIN, 2010; 2018; GILROY, 2004) traduzido para o comunicacional e que articula os outros dois eixos; reflexões sobre a historicização da midiaticização e de mediações articuladas com a do racismo de longa periodização; e o estudo de casos midiaticizados múltiplos, a respeito das mortes de Gustavo Amaral e de João Alberto Freitas e de edições do programa GloboNews Em Pauta após a morte de George Floyd. Dentre o universo e a amostragem de pesquisa, constam telejornais e textos diversos dos meios do jornalismo e interações de atores sociais em circuitos interacionais em redes sociodigitais. O referencial teórico abrange conceitos relacionados à midiaticização (VERÓN, 2013; 2014; BRAGA, 2006; e GOMES, 2016; FERREIRA, 2016; 2017; FAUSTO NETO, 2018; CARLÓN, 2019), história das mídias (J. B. THOMPSON, 2015; BRIGGS e BURKE, 2016), aos fenômenos socio-históricos do colonialismo, racismo e modernidade (FANON, 2022; CÈSAIRE, 2022; e GILROY, 2012), além de proposições sobre a esfera pública negra (GILROY, 2012) e relações entre jornalismo e modernidade (GROTH, 2011). Das referências teórico-metodológicas derivam proposições autorais sobre processos de circulação midiática através de encruzilhadas entre temporalidades de presentificação, presentismo, presenticismo e midiaticizada, e, suas materializações em espaços territoriais e simbólicos. Como inferências de cada caso midiaticizado entrecruzadas, os circuitos afro-referenciados realizam acionamentos céleres após os acontecimentos, contrapondo o silenciamento, esquecimento e denegações exercidos pelo jornalismo, instituições não-midiáticas e circuitos outros perante os casos sociais. Essas contraposições se dão em narrativas que subvertem imagens de controle (HILL COLLINS, 2022) pelo reconhecimento das dimensões do ‘ser negro’, do ‘tornar-se negro’ (SANTOS, 2021) e em torno do racismo em recordações e denúncias de sua continuidade e atualização. Diante da celeridade desses acionamentos e de ampliações dos acessos dos atores sociais negros à esfera pública midiática, as narrativas jornalísticas passam a tematizar o racismo momentaneamente em interpenetrações com temporalidades dos circuitos, mas, sem denunciá-lo caso a caso, oscilam entre o reconhecimento da humanidade e a desumanização das vítimas nas narrativas. Em conclusão, acionamentos e narrativas de atores sociais em temporalidade circular de recordação evidenciam a atualização e adaptação constantes das culturas afro-referenciadas na sociedade em midiaticização. Com isso, possibilitando uma ampliação das disputas e tensionamentos perante a continuidade e atualização do racismo no midiático, processo materializado nos cronotopos midiaticizados em demarcações, permanências e mudanças no espaço-tempo.

Palavras-chave: Midiaticização; Racismo; Circuitos afro-referenciados; Cronotopo Midiaticizado; Antirracismo.

ABSTRACT

This thesis has as its theme the mediatized time-space triggered by uses and appropriations of socio-technical-communicational devices and in narratives in disputes between Afro-referenced circuits and journalism media around racism and 'being black'. As a problematization, if on the one hand there is a socio-historical continuum of racism that is updated, on the other hand racialized and anti-racist communication practices intersect with expansions of the scales of time and space in the mediatized environment. The objective of this thesis is to investigate how Afro-referenced circuits and the media of journalism trigger complex temporalities and spaces in the uses and appropriations of devices and narrative disputes in circulation based on mediatized cases. The research hypotheses argues that a mediatized environment encompasses complex temporalities and spaces that intersect in disputes between Afro-referenced circuits and journalism outlets, which present practices linked to (anti-)racism. The theoretical-methodological design prioritizes the search for evidence based on three complementary axes: propositions regarding the mediatized chronotope, appropriation of the concept of chronotope (BAKHTIN, 2010; 2018; GILROY, 2004) translated into communication and which articulates the other two axes ; reflections on the historicization of mediatization and mediations linked to long-term racism; and the study of multiple mediatized cases, regarding the deaths of Gustavo Amaral and João Alberto Freitas and editions of the GloboNews Em Pauta program after the death of George Floyd. Among the research universe and sample, there are television news programs and various texts from journalism media and interactions of social actors in interactional circuits in socio-digital networks. The theoretical framework covers concepts related to mediatization (VERÓN, 2013; 2014; BRAGA, 2006; and GOMES, 2016; FERREIRA, 2016; 2017; FAUSTO NETO, 2018; CARLÓN, 2019), history of media (J. B. THOMPSON, 2015; BRIGGS and BURKE, 2016), the socio-historical phenomena of colonialism, racism and modernity (FANON, 2022; CÈSAIRE, 2022; and GILROY, 2012), in addition to propositions about the black public sphere (GILROY, 2012) and relations between journalism and modernity (GROTH, 2011). From the theoretical-methodological references derive authorial propositions about media circulation processes through crossroads between presentification, presentism, presenticism and mediatized temporalities, and their materializations in territorial and symbolic spaces. As inferences from each mediatized case are intertwined, the Afro-referenced circuits carry out quick actions after the events, opposing the silencing, forgetfulness and denials exercised by journalism, non-media institutions and other circuits in the face of social cases. These contrasts occur in narratives that subvert images of control (HILL COLLINS, 2022) by recognizing the dimensions of 'being black', of 'becoming black' (SANTOS, 2021) and around racism in memories and denunciations of their continuity and updating. Given the speed of these actions and the expansion of access by black social actors to the public media sphere, journalistic narratives begin to thematize racism momentarily in interpenetrations with the temporalities of the circuits, but, without denouncing it case by case, they oscillate between the recognition of humanity and the dehumanization of victims in the narratives. In conclusion, actions and narratives of social actors in circular temporality of remembrance highlight the constant updating and adaptation of Afro-referenced cultures in the mediatized society. With this, enabling an expansion of disputes and tensions regarding the continuity and updating of racism in the media, a process materialized in mediatized chronotopes in demarcations, permanences and changes in space-time.

Keywords: Mediatization; Racism; Afro-referenced circuits; Mediatized Chronotope; Anti-racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Buscas no Google pelo termo ‘racismo estrutural’ nos últimos 5 anos (2019-2023)	119
Figura 2 – Substantivos e conceitos mais associados ao termo racismo estrutural nas buscas (2019-2023)	119
Figura 3 - Circulação em encruzilhadas de tempos e espaços.....	130
Figura 4 - Homenagem a Gustavo Amaral	135
Figura 5 - Protestos e hashtags	142
Figura 6 – Itinerário da Carreata	155
Figura 7 - Cartazes com enunciações A, B e C.	156
Figura 8 – Cartazes com enunciações D e E.	156
Figura 9 – Enunciações E e F.	156
Figura 10 - Fenótipo e antirracismo 1	158
Figura 11 - Fenótipo e antirracismo 2.....	159
Figura 12 - BBC News Brasil.....	161
Figura 13 - Irlan Simões... Rapaziada, a pauta é racismo	172
Figura 14 - Crítica a Ali Kamel e Globo	175
Figura 15 - Edição do GloboNews Em Pauta com jornalistas negros.....	178
Figura 16 - Flávia Oliveira no vídeo	192
Figura 17 - Avó assistindo ao Em Pauta.....	193
Figura 18 - Cartoon homenageando jornalistas negros da Globo	196
Figura 19 - Frame de Lilian Ribeiro.....	197
Figura 20 - Cartoon assinado por Petit Abel	198
Figura 21 - Marcos Queiroz e documentário.....	202
Figura 22 - Partido contrário às cotas.....	203
Figura 23 - Meios do jornalismo contra as cotas.....	203
Figura 24 - Magnoli em edição do Em Pauta	205
Figura 25 - Meme sobre jornalismo e diferença.....	207
Figura 26 - Ali Kamel e sua obra.....	207
Figura 27 - Magnoli localizado em frame de documentário	207
Figura 28 - Coalizão Negra por Direitos em campanha por boicote ao Carrefour.....	219
Figura 29 - Acionamento de circuitos internacionais pela Coalizão Negra por Direitos	220
Figura 30 - Apresentadores durante escalada do telejornal	223

Figura 31 - Protestos em frente a Carrefour no Rio de Janeiro	226
Figura 32 - Repórter Manoel Soares entrevistando jurista.....	233
Figura 33 – Desdobramento de vazamento da ficha criminal da vítima	241

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – NOTÍCIAS EM ABRIL – MORTE DE GUSTAVO AMARAL (10 notícias)	85
Quadro 2 – MATÉRIAS DE TELEJORNAIS EM ABRIL – MORTE DE GUSTAVO AMARAL (04 notícias).....	85
Quadro 3 - REPORTAGENS EM JUNHO – INQUÉRITOS E ‘VIDAS NEGRAS IMPORTAM’ (10 notícias).....	86
Quadro 4 - MATÉRIAS DE TELEJORNAL EM JUNHO – INQUÉRITOS E ‘VIDAS NEGRAS IMPORTAM’	86
Quadro 5 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM PERFIL NO FACEBOOK E COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA EM JUNHO - INQUÉRITO	87
Quadro 6 - REPORTAGENS EM JULHO – REUNIÃO ‘VIDAS NEGRAS’ COM GOVERNADOR (06 notícias).....	87
Quadro 7 - REPORTAGEM EM AGOSTO – REUNIÃO DA FAMÍLIA COM CHEFE DE POLÍCIA	87
Quadro 8 - NOTÍCIAS EM SETEMBRO – ARQUIVAMENTO E CARREATA (10 notícias)	87
Quadro 9 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM SETEMBRO – ARQUIVAMENTO.....	88
Quadro 10 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM PERFIL NO FACEBOOK E COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA EM SETEMBRO - ARQUIVAMENTO	88
Quadro 11 - REPORTAGEM BBC NEWS BRASIL E REPLICAÇÕES EM OUTUBRO – BLM (09 matérias)	88
Quadro 12 - COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA NO FACEBOOK À REPORTAGEM DA BBC NEWS BRASIL	89
Quadro 13 - POSTAGEM NO FACEBOOK DE DARNELLA FRAZIER - 26 mai. 2020....	89
Quadro 14 - MATÉRIA DA BBC A RESPEITO DO CASO FLOYD E FILMAGEM DE DARNELLA FRAZIER – 29 mai. 2020.	89
Quadro 15 - PRIMEIRO TWEET DE IRLAN SIMÕES SOBRE A EDIÇÃO DO EM PAUTA - 02 jun. 2020.....	89
Quadro 16 - EDIÇÃO DO EM PAUTA COM JORNALISTAS NEGRAS E REEXIBIÇÃO DA EDIÇÃO NO GLOBO REPÓRTER – jun. 2020	90
Quadro 17 - TWEETS DE JORNALISTAS NEGRAS DO PROGRAMA EM PAUTA – 6 e 7 jun. 2020.....	90

Quadro 18 – NOTÍCIA SOBRE REALIZAÇÃO DE NOVO DEBATE DO EM PAUTA APENAS ENTRE JORNALISTAS BRANCOS - 13 out. 2021	90
Quadro 19 - PRIMEIRO TWEET DE MARCOS QUEIROZ – 9 out. 2021.	91
Quadro 20 - PRIMEIRO TWEET DE THIAGO AMPARO – 9 out. 2021.....	91
Quadro 21 - NOTÍCIA SOBRE TERCEIRO DEBATE DO EM PAUTA APENAS ENTRE JORNALISTAS BRANCOS – 09 fev. 2022	91
Quadro 22 - MATÉRIAS DE JUNHO COM TESTEMUNHOS DE MOTOBOY QUE FILMOU MORTE DE JOÃO ALBERTO FREITAS.....	92
Quadro 23 - EDIÇÕES DO JORNAL NACIONAL E EDIÇÃO DO FANTÁSTICO COM COBERTURA DO CASO JOÃO ALBERTO (10)	92

LISTA DE SIGLAS

BBC	British Broadcasting Corporation
BM	Brigada Militar
CAPES Superior	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CP	Condições de Produção
ENECOS	Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
GT	Grupo de Trabalho
PCD	Pessoa com deficiência
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGCC	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
RBSTV	Rede Brasil Sul de Televisão
RH	Recursos Humanos
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TJSP	Tribunal de Justiça de São Paulo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	19
2. CONTRIBUIÇÕES DOS QUE VIERAM ANTES DE MIM.....	29
2.1 ESTUDOS DE RAÇA E COMUNICAÇÃO NA COMPÓS.....	30
2.2 ESTUDOS DE MEDIATIZAÇÃO TRANSVERSAIS AO (ANTIR)RACISMO.....	35
2.3 ESTUDOS DE MEDIATIZAÇÃO SOBRE (ANTIR)RACISMO.....	37
2.4 COBERTURAS MEDIATIZADAS DOS CASOS DE PESQUISA.....	38
3. ENCRUZILHADAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	46
3.1 PRIMEIROS APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA HISTORICIZAÇÃO DO RACISMO MEDIATIZADO.....	47
3.2 CRONOTOPO COMO INSTRUMENTO ARTICULADOR DA ANÁLISE: NARRATIVAS E DISPOSITIVOS.....	51
3.2.1 APROPRIAÇÕES DO CRONOTOPO DA NARRATIVA LITERÁRIA.....	53
3.2.2 CRONOTOPOS, DISPOSITIVOS E NARRATIVAS.....	55
3.2.2 O INDICIÁRIO NOS CRONOTOPOS MEDIATIZADOS.....	62
3.3 ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS MEDIATIZADOS.....	68
3.3.1 Os casos selecionados: múltiplos, articulados e diferenciados.....	70
3.3.2 O indiciário nos Estudos de casos sociais, midiáticos e mediatizados.....	77
3.3.3 Dados a serem analisados: contextos, amostragens e coleta.....	79
3.3.3.1 Observação das práticas de circuitos interacionais em redes sociais digitais.....	92
3.3.4 Análises cruzadas dos casos mediatizados.....	94
4. HISTORICIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE MEDIATIZAÇÃO, MEDIAÇÕES E (ANTIR)RACISMO.....	96
4.1 O <i>CONTINUUM</i> PRÉ-MODERNO: RACISMO ANTINEGRO ESTABILIZADO NOS MEIOS-DISPOSITIVOS.....	97
4.2 ACESSOS E LINGUAGENS NA MODERNIDADE: ESCRAVISMO, COLONIALISMO E ESFERAS PÚBLICAS.....	101

4.3	MIDIATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA: CIRCUITOS AFRO-REFERENCIADOS PERANTE A REVOLUÇÃO DO ACESSO	115
5.	ANÁLISE CRONOTÓPICA DOS CASOS MIDIATIZADOS.....	131
5.1	CASO GUSTAVO AMARAL: REUNIRMO-NOS E TORNARMO-NOS NEGROS NAS RUAS, REDES E MÍDIAS	132
5.1.1	A irrupção do caso social.....	133
5.1.2	Primeiros rastros do presentismo na mídia.....	135
5.1.3	Acionamentos iniciais dos coletivos e circuitos afro-referenciados.....	139
5.1.4	O tornar-se negro nas defasagens entre narrativas: circuitos, meios e instituições sociais	141
5.1.5	Recuo, abreviação de fluxos e defasagens ante circuitos institucionais.....	148
5.1.6	Múltiplos cronotopos midiáticos por circuitos interacionais.....	152
5.2	CASO EM PAUTA: DISPUTAS NARRATIVAS ENTRE GLOBO E CIRCUITOS AFRO-REFERENCIADOS	167
5.2.1	Breve epílogo: George Floyd e a fissura atualizada na dialética senhor-escravo.....	168
5.2.2	Primeiras críticas ao Em Pauta em postagens no Twitter.....	171
5.2.3	Edição do Em Pauta com jornalistas negras.....	176
5.2.4	Autorreferencialidade do campo jornalístico e recepção produtiva nos circuitos afro-referenciados.....	185
5.2.5	Jornalistas e seus circuitos.....	191
5.2.6	Novos episódios e tensionamentos	199
5.3	CASO JOÃO ALBERTO: DISPUTAS MIDIATIZADAS ENTRE CONTROLES E EMANCIPAÇÕES PRESENTIFICADOS.....	209
5.3.1	A dialética senhor-escravo midiática: alterações, permanências e efeitos sociais.....	212
5.3.2	Câmeras, ruas e redes diaspóricas: acionamentos dos circuitos afro-referenciados.....	216
5.3.3	Primeiras mediações do jornalismo, suspeitas e possibilidades	221
5.3.4	Presentificações do jornalismo tensionadas por atores sociais intra e intermeios.....	227
5.3.5	O jornalismo em três tempos: celeridade, mercado e campo jurídico-policia.....	234

5.3.6 Ampliação das defasagens nos circuitos interacionais	239
5.4 CRONOTOPOS MEDIATIZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS NA AMBIÊNCIA MEDIATIZADA.....	245
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	253
REFERÊNCIAS	259
APÊNDICE A - SONDAAGEM 1	265
APÊNDICE B – SONDAAGEM 2	266
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ...	267
APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA DA UNISINOS	269

1. INTRODUÇÃO

A midiatização pode ser compreendida como processo, fenômeno e conceito centrais para entender as dinâmicas das culturas e da sociedade, afetadas pelos meios de comunicação e dispositivos técnicos conectados em múltiplas redes. A interconexão dos atores sociais, suas práticas e interações se efetivam em escala planetária em um contexto de imbricação entre uma ambiência que abrange diferentes ambientes ou espaços configurados nos meios de comunicação analógicas e eletrônicos, e das novas tecnologias transformadas em meios.

A emergência de uma sociedade em midiatização aponta uma nova inteligibilidade para entendimento e intervenção no mundo. Essa problemática se relaciona com o espaço-tempo, seja pela ampliação das escalas de espaço, através de redes que conectam os atores sociais, seja pela ampliação das escalas de tempo, pela celeridade dos fluxos de sentidos levados adiante. À questão da intensidade e alcance das interações em rede, soma-se a necessidade de uma dimensão qualitativa da comunicação humana ante conflitos sociais que a atravessam, vinculados sobretudo às disputas em torno da diferença: as diferenças socialmente construídas pelas coletividades; e as diferenças entre sentidos que as coletividades pretendem estabilizar socialmente.

Como contraponto à experimentação de uma solidariedade e unicidade da comunicação humana midiatizada em escala planetária, portanto, está a recusa do reconhecimento às diferenças de indivíduos e coletividades. Imagens e imaginários sociais atravessados por estereótipos e materializados em discriminações sociais se interpõem e são interpostos nos acessos, nas lógicas, formatos, espaços e narrativas no midiático, entendido como lócus de observação e compreensão das culturas e da sociedade. Na gênese estruturante dos conflitos socioculturais da humanidade e como parte do enfoque da presente tese está o racismo antinegro¹, dotado de perspectiva histórica anterior cronologicamente às gramáticas dos meios e das mídias contemporâneas, mas neles mantido e atualizado.

Parto de três pressupostos principais na construção deste objeto de pesquisa: da compreensão da midiatização como atributo histórico da humanidade, passando por acontecimentos como a criação da palavra, da escrita, da tipografia e dos meios eletrônicos; dessa historicidade marcada por irreconciliáveis confrontos sociais atravessados por tentativas

¹ Entendo o racismo antinegro como gênese dos conflitos da humanidade em diálogo com a tese antropológica de Carlos Moore acerca do fenótipo do outro como base das justificativas de guerras e tentativas diversas de subjugação dos povos de pele escura, que alimentam os imaginários sociais de quase todas as culturas em alguma medida. Chamo-o de racismo antinegro porque entendo que há outras formas de racismo, a exemplo de racismo antiasiáticos, ou o racismo antiameríndios, que, para além de xenofobia, têm como objeto o fenótipo.

de estabilização de sentidos em disputa; e do racismo de longa periodização, anterior ao escravismo moderno, baseado no fenótipo de suas vítimas, ou seja, dos traços do rosto, pigmentação da pele e características corporais.

O racismo como instituição histórica milenar é concomitante aos diferentes marcos e estágios históricos da midiaticização. Oriundo do medo primal e das tentativas de justificação da recusa para com as diferenças do outro estigmatizado, o racismo passa pela persistência dos signos de discriminação ao longo do tempo possibilitado pelos meios impressos das escrituras de religiões ocidentais e orientais e dos primeiros códigos de lei, e de reinterpretações racistas dos textos possibilitadas pela autonomia dos receptores; na modernidade, pelo financiamento, via escravismo, da revolução industrial e dos avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações; pela posterior configuração da esfera pública burguesa da qual o negro fora extirpado na modernidade e da retórica vazia de universalidade do jornalismo como ambiência na qual todos os cidadãos teriam direito de expressar direitos e reivindicações.

O antirracismo, em resposta à fragmentação, apagamento de memória, cultura e sequestro de pessoas no escravismo moderno que resultou na diáspora negra, culminou em uma esfera pública alternativa, da oralidade das tradições e das performances do corpo acrescida da oralidade letrada interconectada pelas experiências inscritas e compartilhadas na literatura autobiográfica e na imprensa negra. A desigualdade nos acessos aos meios de produção do jornalismo moderno, a consequente sub-representação e o confinamento na dimensão silenciosa do consumo para além das resistências na indústria fonográfica demarcaram as experiências das populações negras com o midiático na sociedade em que os meios ocupavam um lugar diferenciado no exercício de mediação dos discursos das instituições sociais representadas nas vozes de seus atores.

Nas últimas duas décadas, portanto recentemente, as alterações nos processos midiáticos na diáspora negra se relacionam com o contexto da chamada revolução do acesso aos acervos de conhecimento disponíveis na internet e do compartilhamento de informações e conhecimentos tradicionais e acadêmicos em rede. A percepção de novas gerações de nativos digitais acerca dos casos de racismo se dá coletivamente, ampliada pela partilha de conhecimentos relacionados à identificação do racismo em sua dimensão deontológica do antirracismo como imperativo ético de solidariedade, ontológica do racismo relacionado à dimensão do ser negro e epistemológica em termos de conhecimentos silenciados. Os usos sociais, técnicos e comunicacionais dos dispositivos midiáticos tensionam a perspectiva de uma audiência silenciosa e fazem emergir de modo célere no espaço público ampliado pelos

ambientes dos meios, imagens e narrativas em denúncias que evidenciam o racismo existente em acontecimentos midiáticos, por vezes ao largo dos meios tradicionais do jornalismo.

Acontecimentos que são permeados pelo racismo e sem o registro de imagens tendem a ser reconstituídos nos meios do jornalismo a partir do relato descredibilizado de testemunhas e versões de atores de instituições sociais e midiáticas em denegação ao racismo caso a caso. Quando não midiático, quaisquer acontecimentos, incluindo os racializados, parecem não existir. Essa lógica é tensionada em acontecimentos vazados no espaço público de modo imediato por circuitos afro-referenciados, nos usos e apropriações dos dispositivos, e cujas narrativas passam a ser disputadas em escala ampliada com outros circuitos, incluindo os do jornalismo. Nessas disputas, que acionam mais e mais circuitos interconectados em escalas locais e transnacionais nas redes midiáticas, não raro são evocadas, por um lado, denúncias em memórias relacionadas ao antirracismo, e, de outro, modos de atualização dos colonialismos e racismos nos signos midiáticos.

Diante desse contexto, a presente tese tem como tema de pesquisa o tempo-espaço complexo acionado nas disputas narrativas entre circuitos afro-referenciados e dos meios do jornalismo em torno do ‘ser negro’ – definição ontológica que supera uma discussão simplista sobre existência do racismo, na medida que este pode ser dissimulado nas interações e atualizado nas práticas sociais. Por isso, mais que significados de palavras, interessam as narrativas em geral, que, aqui especificamente dos negros, sobre os negros e suas experiências ante o racismo e a resistência, congregam relatos dentro de uma ambiência e a partir de acontecimentos midiáticos, seus atores sociais, atribuições de causas e motivações. O que chamo de tempo-espaço complexo se configura justamente pelo encontro de presentificações e de uma temporalidade própria dos fluxos e processos da sociedade em midiática, possibilitando uma memória longínqua em contraste com práticas de apagamento e esquecimento da cultura, de denegação do passado e das possibilidades de futuro para nós negros, perante tentativas de morte e de sobrevivência do conhecimento das culturas afro-referenciadas e da morte e sobrevivência do corpo físico.

No período simultâneo à escrita da tese, emergiram acontecimentos locais e repercutidos em dimensão transnacional visibilizados e discutidos nos meios do jornalismo e nas redes conectadas por dispositivos tecnológicos na internet. Fazem parte desse contexto os acontecimentos Gustavo Amaral, George Floyd, e João Alberto, nomes de homens negros mortos por agentes de segurança pública e privada, além das disputas narrativas entre circuitos afro-referenciados, circuitos interacionais diversos nas redes e os circuitos do jornalismo em torno do ‘ser negro’ e do racismo. As discussões engendradas nos circuitos interacionais

interpostos pelos meios de comunicação em diferentes contextos são investigadas no texto. Antes confinados às zonas do não-ser (FANON, 2022) do espaço privado, os acontecimentos ingressam e acionam nos circuitos afro-referenciados pelos usos sócio-técnicos-comunicacionais dos dispositivos e das narrativas transformados em cronotopos (cronos/tempo + topos/espaço) midiaticizados, articuladores de tempos síncronos e assíncronos e de espaços geográficos e simbólicos.

No dia 19 de abril de 2020, o engenheiro eletricitista gaúcho Gustavo dos Santos Amaral, de 28 anos, dirigia um carro a trabalho, na companhia de três colegas, rumo ao município de Marau, noroeste do Rio Grande do Sul, quando, após pararem em uma barreira, um policial militar disparou três tiros contra Amaral e o matou. O policial alegou ter confundido Amaral com o suspeito de roubo que estava em fuga pelo local e disse que achou que o engenheiro estava armado e correndo em direção a inocentes. A morte de Gustavo Amaral ocorreu cerca de 1 mês antes do assassinato de George Floyd por policiais de Mineápolis, nos Estados Unidos, e cinco meses antes do assassinato de João Alberto por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre. Ao contrário dos casos Floyd e Beto, em que as imagens de violência brutal foram registradas e mediadas por telefones celulares, ingressando quase que instantaneamente em incontáveis circuitos no fluxo das interações atravessadas pela temática do racismo, a morte de Amaral teve somente testemunhas oculares, sendo a tentativa de reconstituição da narrativa do acontecimento dependente em larga medida da mediação jornalística e de inquéritos policiais. Nos entremeios das decisões do Poder Público, estiveram tensionamentos entre as mediações do jornalismo gaúcho, as manifestações do movimento social, coletivos e familiares nos espaços públicos da cidade e um posterior acionamentos dos meios do jornalismo nacional em busca de visibilidade para o caso, que engendrou narrativas em disputas em circuitos interacionais nas redes sociais digitais sobre a negritude de Gustavo Amaral como condição da existência ou não de racismo.

O acontecimento George Floyd perpassa o segundo caso de pesquisa, que consiste em dois painéis de debates do programa Globo News Em Pauta, realizados nos dias 2 e 3 de junho de 2020, respectivamente, tendo como temática geral o racismo nos Estados Unidos e no Brasil, ensejada pela morte de Floyd, homem negro asfixiado e morto por policiais de Minneapolis, acionando interações nos circuitos afro-referenciados e nos meios do jornalismo a partir dos debates nos painéis. A morte de Floyd foi filmada por transeunte e câmeras de segurança, cujas filmagens ingressaram em circuitos interacionais em todo o mundo. A edição do Em Pauta do dia 2 de junho teve a participação de cinco jornalistas autodeclarados não-negros. Após críticas de circuitos afro-referenciados quanto à ausência de profissionais negros no debate e nos quadros

da emissora e dos veículos jornalísticos em geral, o segundo painel, realizado no dia 3 de junho de 2020, contou com cinco jornalistas autodeclaradas negras e um apresentador negro. Esta edição do Globo News Em Pauta foi retransmitida no programa Globo Repórter dois dias depois, em 5 de junho de 2020. O casting completo de jornalistas negros não tornou a ser chamado para debater o tema racismo ou quaisquer outros, ao passo que os jornalistas que debateram no dia 2 de junho e 2020 voltaram a debater casos de discriminação em outras oportunidades ² ³. Nos circuitos interacionais afro-referenciados conectados, as narrativas evocam continuidades do racismo.

O terceiro caso parte do assassinato de João Alberto Freitas, espancado e morto por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre, no dia 19 de novembro de 2020, véspera do Dia da Consciência Negra. As imagens do assassinato foram registradas tanto via câmeras de segurança do estabelecimento, quanto pelas câmeras de telefone de testemunhas oculares, e vazadas em múltiplos circuitos interacionais nos meios online, em acionamentos de instituições dos movimentos locais, nacional e internacional de luta antirracista antes mesmo de ingressar nos meios do jornalismo hegemônico. Enquanto as narrativas dos circuitos afro-referenciados nos meios on-line denunciam o caso e evocam correspondências com a realidade social do racismo no país e acontecimentos anteriores, os meios do jornalismo que enfatizam a morte violenta de um homem negro pós-caso Floyd buscam a mediação dos discursos de atores institucionais e acessos em primeira mão das imagens em sequência dos eventos do dia do assassinato para explicar suas motivações.

A pesquisa se justifica por tentativas de contribuições sociopolíticas e epistêmicas, perspectivas que longe de se anularem, fortalecem-se na busca pela oferta de uma inteligibilidade que seja chave para reflexão perante o comunicacional-midiático como lócus da realidade social atravessada pelo racismo. Este não é um movimento isolado, pois o estudo se insere em um contexto de ascensão de trabalhos sobre o binômio raça e comunicação em departamentos e Programas de Pós-Graduação em Comunicação, socializados em eventos e publicações científicas escritas por pós-graduandos e pesquisadores que observam a importância de investigar a questão racial não como aspecto periférico dentro do guarda-chuva teórico dos estudos de comunicação e diferença, mas enquanto ponto central de reflexão das tensões, impedimentos e possibilidades de cumprimento das promessas de ideais de sociedade democrática. A visada

² Disponível em: <<https://emoff.ig.com.br/televisao/globo-volta-a-escalar-jornalistas-brancos-para-falar-de-racismo-e-e-detonada-na-web/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

³ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/globonews-volta-a-debater-racismo-so-com-jornalistas-brancos,932370cb99bab8152b13e8cc0f8fe8e21j528sx7.html>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

comunicacional da tese consiste no interfaceamento entre as condições socioculturais, históricas e antropológicas de produção e recepção produtiva de narrativas e as formas de organização do simbólico atualizadas nos dispositivos e circuitos interacionais, o que inclui as persistências e atualizações de modos do racismo e do antirracismo nos imaginários sociais das imagens, discursos e silêncios. Aqui, a tentativa de contribuição está na observação de processos mais amplos na circulação de sentidos entre contatos, diferenças e antagonismos nos âmbitos da produção e reconhecimento, ou seja, pelo entendimento de afetações mútuas entre midiática, opressão e resistência articuladas à proposição de crontopo midiaticizado. Para tanto, como pretensão dos usos sociais da tese, cujo controle é praticamente impossível, está a percepção do leitor acerca das denúncias aos racismos, mas também de apropriação de ferramentas para de resistência em combate à racialização na ambiência midiaticizada.

Diante da breve contextualização do tema, casos e da relação entre (antir)racismo e midiaticização e justificativa, percebo que se por um lado há um tempo histórico do racismo que permanece e se atualiza a despeito das resistências de longa periodização, passando pelo pré-midiático e pela sociedade dos meios que se silencia, por outro, as práticas comunicacionais racializadas e antirracistas se deparam com uma alteração das escalas de tempo e de espaço na ambiência midiaticizada que as ampliam, promovendo assim um entrecruzamento de temporalidades e espaços evidenciadas nos acontecimentos recentes.

Então, sintetizo a problematização do tema de pesquisa com a seguinte pergunta: Como os circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo articulam temporalidades e espaços complexos nas disputas narrativas em torno do 'ser negro' e do racismo? Esta pergunta principal, cuja busca por resposta configura a própria tese, suscita perguntas derivadas. São elas: Qual a perspectiva elaborada sobre o racismo vinculada ao fenômeno da midiaticização? Assim, quais as relações entre práticas e processos dos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo? De que maneira se dão os acionamentos intra e entre esses circuitos e meios? Que narrativas sobre o negro e o racismo estão em disputa? As condições sociais das narrativas constituem circuitos institucionais de reprodução do racismo interseccionados aos do jornalismo? Como se dão os entrecruzamentos entre temporalidades complexas e o acionamento ou articulação de espaço geográficos e simbólicos? Quais as relações entre tempo-espaço-narrativas para o fluxo adiante do antirracismo ou de suas tentativas de interdições em denegação por meios do jornalismo, e circuitos interacionais em geral, diante dos casos sociais de racismo?

O conjunto de dúvidas referidas inspira os seguintes objetivos de pesquisa:

Objetivo geral

Investigar como os circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo acionam temporalidades e espaços complexos nos usos e apropriações de dispositivos e disputas narrativas em circulação em torno do ‘ser negro’ e do racismo **a partir de casos sociais, midiáticos e mediatizados.**

Objetivos específicos

- Compreender as condições sociais e históricas dos acionamentos midiáticos de temporalidades e espaços por circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo.
- Identificar mudanças sociais proporcionadas por acionamentos socio-técnicos-simbólicos de atores nos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo.
- Investigar as relações entre temporalidades e espaços complexos evocados nas narrativas sobre o negro e o racismo, em disputa entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo.
- Analisar os entrecruzamentos de temporalidades complexas e espacialidades nos casos sociais mediatizados na relação com os fluxos das narrativas em meios e circuitos.

Na hipótese heurística que defendo, a ambiência mediatizada abrange temporalidades e espaços complexos que se entrecruzam nos acionamentos de dispositivos socio-técnico-comunicacionais e em narrativas dos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo que presentificam práticas atreladas ao racismo e ao antirracismo, especificamente diante de acontecimentos em torno dos sentidos sobre o racismo e sobre o que é ‘ser negro’⁴. Parto do

⁴ A perspectiva da própria mediatização como cronotopo é um elemento chave tanto para a sobrevivência das culturas do Atlântico Negro, como tecnologias apropriadas para tentativas de seu desmantelamento. Nas teses sobre o Atlântico Negro, dois dos mais importantes cronotopos são o navio, meio de transporte que conecta e fragmenta memórias e espaços, e, depois, o disco, tecnologia apropriada por artistas negros principalmente, que

entendimento da midiática como um processo de expansão e aceleração das escalas de tempo e de espaço em uma ambiência atravessada por circuitos, dispositivos, atores e instituições em disputas narrativas em circulação. Em minha perspectiva, a ambiência midiática é constituída por cronotopos (cronos + topos) diversos, enquanto quaisquer signos que possibilitam a articulação de temporalidades complexas e espaços entrecruzados acionados por circuitos interacionais nos meios de comunicação. Os cronotopos são midiáticos em uma dupla dimensão: enquanto dispositivos sócio-técnicos-simbólicos que passam a possibilitar no contemporâneo entrecruzamentos de temporalidades complexas e espaços geográficos e simbólicos, e enquanto acionamentos desses tempos e espaços por circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo nos imaginários sociais e imagens evocados em suas narrativas. Considero que há uma encruzilhada de tempos e espaços agenciada por cronotopos midiáticos nas disputas entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo, que evocam e atualizam práticas sociais, comunicacionais e processos midiáticos progressos atravessados pelo racismo e formas de resistência. Encruzilhada porque são quatro temporalidades que se cruzam, tensionam-se e se complementam na midiática, materializadas em espaços geográficos, simbólicos e em ambientes midiáticos que constituem uma ambiência midiática. São essas temporalidades o *presenticismo*, a *presentificação das tradições*, o *presentismo* e a *temporalidade da midiática*, que respeitam a relações cronotópicas que articulam condições históricas e sociais do racismo e do antirracismo midiáticos e as narrativas dos circuitos interacionais no contemporâneo: o *presenticismo* é a temporalidade do eurocentrismo, instituição mantenedora do racismo que se interpõe nos circuitos privados e públicos para os quais a cultura afro-referenciada - numa perspectiva epistemológica - e o negro - numa perspectiva ontológica que atravessa o epistemicídio (CARNEIRO, 2023)⁵ e as promessas vazias da modernidade – que, uma vez descumpridas, tentam impor às pessoas negras não terem passado nem possibilidade de futuro. Esses sentidos do presenticismo são referenciados por valores e conceitos esvaziados, que, numa perspectiva deontológica, não se efetivam no mundo

evocam memórias da pré-modernidade, dos escravismos e ativismos nas músicas. Em minha perspectiva, a ambiência da midiática é o cronotopo que possibilita entrecruzamentos de temporalidades complexas e espaços recriados por redes acionadas pelos circuitos.

⁵ As práticas sistemáticas de epistemicídio, embora não nominadas assim, são apontadas em literaturas anteriores, a exemplo dos fundadores e estudiosos do conceito de negritude e de estudiosos da realidade indígenas nas Américas. No entanto, valho-me do conceito de epistemicídio a partir do entendimento da filósofa e ativista do movimento negro Sueli Carneiro em releitura do conceito nominado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, justamente por traduzir o conceito para a discussão da exclusão dos saberes epistêmicos (tradicional, científicos, políticos, culturais) dos grupos subalternizados nos colonialismos e de seus indivíduos como sujeitos produtores de conhecimento. Nessa perspectiva, a anulação e desqualificação dos conhecimentos e dos sujeitos negros ocorre pelo comprometimento da autoestima e destituição do direito de aprender no processo educativo e por uma assimilação cultural imposta em diferentes espaços de sociabilidade durante a vida.

da vida; a modernidade da esfera pública negra e dos circuitos afro-referenciados em redes enseja uma *temporalidade que presentifica* a tradição e uma percepção de racismo em *continuum* que condiciona acionamentos de atores sociais para interpretar criticamente os casos; a *presentificação do acontecimento de um passado imediato* que configura o *presentismo* como *ethos* dos jornalístico; e a *temporalidade da mediação*, dos fluxos e da instantaneidade das redes sociais digitais e dos dispositivos e que abarca as temporalidades anteriores.

As temporalidades complexas são acionadas nos imaginários sociais e imagens que referenciam tanto os usos e apropriações de dispositivos midiáticos, quanto as narrativas dos circuitos em interações, enunciações e silêncios a respeito dos casos mediados de racismo. Os usos de dispositivos socio-técnicos-simbólicos para efetivação de denúncias e as narrativas posteriores nos circuitos configuram cronotopos mediados pela relação entre as temporalidades complexas e as interdições e ampliações de circuitos interacionais, portanto, de espaços geográficos e simbólicos que congregam interações a respeito dos acontecimentos.

Assim, configuram-se cronotopos que complexificam uma articulação entre, por um lado, uma atualização do colonialismo nas práticas de violência para controle do negro e o rompimento de um recorrente silêncio e invisibilidade como táticas de sobrevivência em uma relação de poder assimétrica que interditava o fluxo diante das denúncias e seus sentidos na processualidade da circulação. De outro lado, uma solidariedade, também ética, da denúncia ante a violência e subsequente apropriação do acontecimento em múltiplos circuitos em disputas narrativas ampliadas.

No que tange aos circuitos afro-referenciados nas redes sociodigitais, ruas e esporadicamente meios do jornalismo, acionam uma esfera pública negra alternativa constituída pelo entrelaçamento simbólico das narrativas contra o racismo, que levam adiante o que era indizível nos meios do jornalismo e em um espaço público que não atinge os parâmetros idealizados de racionalidade e do universalismo europeus. As narrativas evocam a resistência dos ancestrais, suas táticas e a percepção de continuidade do racismo, articulando tempos e espaços culturais diversos. A questão de fundo trata de uma permanência da cisão de mundo entre uma zona do ser e uma zona do não-ser (FANON, 2022), ou seja, daqueles que se consideram e são considerados mais humanos e dos que são considerados desumanos ou sub-humanos, os negros. Os meios do jornalismo e pontualmente alguns circuitos compostos por seus profissionais, que antes silenciavam diante dos casos de racismo e interditavam as possibilidades de levar adiante as agonísticas sobre os acontecimentos, respondem ao imediatismo dos fluxos das denúncias nas redes sociais digitais e em especial dos circuitos afro-referenciados que operam com diferentes temporalidades. Como modo de autoproteção do

lugar de defensor de valores ditos civilizatórios seus e de outras instituições sociais, os meios do jornalismo estabelecem-se também como cronotopos que presentificam e contribuem para a manutenção do racismo no contemporâneo.

Quanto à estrutura do texto da tese, esta está dividida, afora a introdução, em cinco capítulos. Os respectivos títulos são: Contribuições dos que vieram antes de mim; Encruzilhadas teórico-metodológicas; Historicização das relações entre mediação e (antir)racismo; Análise Cronotópicas dos casos mediados; e Considerações finais.

No capítulo 2, sistematizo pesquisas já desenvolvidas acerca do binômio raça e comunicação. Em um primeiro momento observo artigos sobre a temática aprovados para congressos da Compós, seguidos de estudos sobre mídias, mediação e racismo, até estudos sobre as coberturas jornalísticas dos casos investigados na tese.

No capítulo 3, indico as referências teórico-metodológicas, métodos e procedimentos metodológicos articulados que utilizo na pesquisa, a partir de três eixos: pesquisa bibliográfica para historicização das relações entre racismo e mediação; apropriações do conceito e proposições sobre o cronotopo mediado enquanto método de análise indiciário para observar as relações entre tempo espaço, e, modos de ‘presente’; e referências para estudo de casos sociais, midiáticos e mediados.

No capítulo 4, apresento relações entre racismo e antirracismo no pré-moderno, na modernidade e após revolução do acesso à internet. Para isso, em tentativa de dar conta de referências para percepção de permanências, atualizações e transformações de acionamentos e narrativas quanto ao racismo e a suas vítimas.

No capítulo 5, investigo os três casos e respectivas singularidades no que diz respeito a relações cronotópicas. Em seguida, analiso de maneira transversal as inferências decorrentes, ao encontro da hipótese heurística de pesquisa, testada e demonstrada ao longo do texto.

Por fim, nas considerações finais, respondo questões vinculadas à hipótese de pesquisa. Além disso, argumento, sempre enquanto expectativa, a respeito de possibilidades de usos e apropriações dos achados da pesquisa em dois âmbitos: social, para percepções e interpretações voltadas ao antirracismo; e da pesquisa acadêmica, a fim de observar lentes teórico-metodológicas para investigação de temas sociais, especialmente sobre (antir)racismo, a partir da mediação.

2. CONTRIBUIÇÕES DOS QUE VIERAM ANTES DE MIM

O título “Contribuições dos que vieram antes de mim” é uma referência ao fato de que uma pesquisa nunca é feita de modo totalmente solitário. Pós-graduandos e pesquisadores que publicaram trabalhos no binômio Comunicação e questão racial negra demonstram, conquistam e possibilitam trajetórias intelectuais na academia e caminhos possíveis de reflexão política e epistemológica. Me aproprio⁶ dos textos produzidos por esses autores para não repetir o que já produziram, me inspirar em caminhos teóricos, metodológicos e analíticos e para me certificar sobre como posso também contribuir para estudos e reflexões futuras de outras pessoas sobre o tema. Para tanto, busquei trabalhos a partir de quatro ângulos:

- a. Estudos de raça e comunicação na Compós;
- b. Estudos de midiatização transversais ao (antir)racismo;
- c. Estudos de midiatização sobre (antir)racismo;
- d. Coberturas midiatizadas dos casos de pesquisa.

O primeiro ângulo consiste em mapear tendências epistemológicas das pesquisas no binômio Comunicação e questão racial negra. Interessa o que se está pesquisando na área da Comunicação a respeito da cultura africana e afro-brasileira e de práticas comunicacionais de (antir)racismo como atravessadores dos processos midiáticos e de comunicação, em teorias e métodos mobilizados e construídos por autores e autoras que se dedicam à temática. Por demais abrangente, essa primeira tarefa é delimitada pelo exame de anais do Congresso da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre os anos de 2000 e 2023, um espaço de excelência para reflexão sobre a área da Comunicação. Apreende-se as teorias de Comunicação em diálogo com outras áreas do conhecimento, flutuações temáticas, ausências e ascensões de autores, referências teóricas, processos e objetos de pesquisa, além das contribuições reflexivas que podem ser extraídas para a tese.

⁶ Escrevo a tese em 1ª e em 3ª pessoa. Em 1ª pessoa, principalmente quando trato de apropriações, elaborações e reelaborações teóricas, metodológicas e existenciais minhas. Em 3ª pessoa, principalmente quando observo e analiso práticas e processos midiáticos que observo nos meios do jornalismo e circuitos interacionais.

O segundo ângulo diz respeito ao levantamento de pesquisas de midiatização com temas e objetos transversais às discussões sobre racismo e antirracismo, mas que não abordam diretamente este tema-problema. Nesse grupo, destaco dissertações, teses e artigos publicados por docentes e discentes da linhagem de pesquisa em midiatização do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, buscadas no Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos e em referências disponíveis em repositórios on-line diversos. O motivo de trazer essa angulação é a busca por pistas a respeito de outras perspectivas possíveis que não a da pesquisa dos modos de racismo e de resistência., mas da importância destas e de suas singularidades nos estudos de midiatização.

O terceiro ângulo consiste em estudos de midiatização específicos sobre midiatização e racismo ou antirracismo. Os trabalhos buscados são principalmente artigos buscados no repositório Google Acadêmico a partir das três palavras-chave combinadas: ‘midiatização’, ‘racismo’ e ‘antirracismo’. Aqui, busco interlocuções com os estudos que vêm sendo realizados acerca da temática, entre proximidades e diferenciações.

O quarto ângulo é o aborda coberturas jornalísticas e recepções aos acontecimentos relacionados aos três casos de pesquisa que investigo. A partir das combinações de palavras-chave ‘Racismo’, ‘Antirracismo’ e ‘Jornal Nacional’ e ‘João Alberto Freitas’; ‘Racismo’, ‘Antirracismo’, ‘George Floyd’ e ‘Em Pauta’. Não encontrei trabalhos produzidos acerca do caso Gustavo Amaral. A maioria dos textos encontrados têm como questão de fundo a midiatização, oferecendo indícios a partir do trabalho com materialidades empíricas e a possibilidade de confrontar a ideia a proposição de cronotopo midiatizado com as abordagens teórico-metodológicas de outros autores perante casos sociais racializados.

2.1 ESTUDOS DE RAÇA E COMUNICAÇÃO NA COMPÓS

O levantamento bibliográfico dos trabalhos que discutem a questão negra na área da comunicação consiste em levantamento quali-quantitativo realizado nos anais de 24 edições da Compós, no período entre os anos 2000, o primeiro com trabalhos disponibilizados online, e 2023. A busca se deu artesanalmente, em todos os grupos de trabalho ou eixos temáticos. Divido o período entre 2000 e 2021 e as últimas duas edições, 2022 e 2023, biênio de construção e realização do GT Comunicação, Raça e Interseccionalidade.

Os primeiros critérios de busca de trabalhos são semânticos, baseados em palavras-chave em títulos e resumos e a seus contextos, menos ou mais apreensíveis. Semânticas que evidenciam abordagens de questões étnico-raciais são: ‘negro/a’, ‘negritude’, ‘racismo’,

‘antirracismo’, ‘branquitude’, ‘quilombo’, ‘ancestralidade diaspórica’ etc. Dentre os trabalhos que revelam uma possibilidade de abordagem, em uma primeira observação, tratam de gêneros musicais influenciados por culturas de matriz africana e a realidades sociais (p. ex., funk, rap, samba), a fenômenos que são comuns a diferentes culturas e populações (colonização, decolonialidade etc.), identidades (nacionais e antropológicas) e que remetem a lugares de população majoritariamente negra, segundo dados demográficos (favelas, periferia).

O levantamento aponta que há 11 trabalhos sobre a temática de 2000 até 2018, com hiatos de até cinco edições consecutivas de ausências (2005 a 2009). No âmbito das linhagens, os primeiros textos eram referenciados predominantemente em autores dos estudos culturais britânicos e norte-americanos, em reflexões ensaísticas sobre identidades e análises semiodiscursivas voltadas principalmente para as instâncias de produção. Quanto aos trabalhos que abordam transversalmente os conceitos de identidade, expressões artísticas de matriz afro e descrição de espaços urbanos, mas sem a apropriação de bibliografias ou identificações desses elementos como sendo, em alguma medida, afro-brasileiros, privilegiam a perspectiva de hibridização e mestiçagem em propostas de busca por definição de uma identidade nacional veiculada nos meios de programação, ou os subordinam à aplicação de propostas metodológicas para contribuição a subáreas e linhagens específicas da comunicação.

A maioria dos autores que tiveram trabalhos aceitos no evento ao longo das primeiras duas décadas observadas eram vinculados a instituições de ensino localizadas na região Sudeste, principalmente do estado do Rio de Janeiro, em Programas de Pós-Graduação da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e UFF – Universidade Federal Fluminense. Nesse período predominam trabalhos que partem de pressupostos teórico-políticos dos Estudos Culturais, apresentados nos Grupos de Trabalho de Cultura das Mídias e de Comunicação e Cidadania. Não por acaso, os únicos autores contumazes nas referências dos trabalhos da Compós e que são citados nesses primeiros anos são Stuart Hall, um dos fundadores dos Estudos Culturais, e Muniz Sodré, docente da UFRJ, ambos dentre as principais referências para pensar as questões antropológicas, sociais e filosóficas sobre o negro e as mídias nas Américas. Esses PPGs são formadores de pesquisadores que trabalham com a temática, visto que em edições mais recentes tiveram trabalhos aceitos doutores e pós-graduandos que se titularam e/ou atuaram nos Programas.

Em um segundo momento, a partir de 2013 até 2018, os trabalhos que abordam a temática afro-referecendia ou afro-midiática passam a se distanciar da referência nos estudos

culturais e também a investigar a instância de recepção, principalmente consumos simbólicos. Eixos temáticos e conceitos como corporeidade e performance, memória, espaços e territórios, são articulados em tentativas de formulações teóricas em busca de interfaces de tradições de culturas afros com perspectivas comunicacionais. Despontam como referências bibliográficas de trabalhos aprovados e perspectivas mobilizadas, autores como Gilroy - Atlântico negro e diáspora -, Kellner - crítica das mídias -, Boaventura de Sousa Santos - epistemologias do sul -, Milton Santos – território - e os franceses Foucault, Rancière - filosofia, discursos e o sensível - e Maffesoli - pós-modernidade e tribos -, junto a referências mais dispersas para apreender dinâmicas da cultura.

Nas edições da Compós de 2019, 2020 e 2021, houve um aumento significativo no número de trabalhos em comparação às décadas anteriores, com 19 textos publicados no período. Interfaces epistemológicas outras (decolonialidade negra, interseccionalidades e algoritmos) vão sendo construídas para dar conta dos problemas de pesquisa propostos. Há esforços teóricos de colocar em interlocução referências bibliográficas com autores autodeclarados negros e autores canônicos nos estudos de comunicação e articulação de pressupostos de tradições das culturas afros enquanto epistemes para pensar o comunicacional. Em contextualizações e em textos de recensão de estados da arte, no âmbito das mediações sociais, as interseccionalidades reúnem diálogos para pensar em como diferentes marcadores de classes (etnia racial, gênero, sexualidade, classe econômica etc.) se encontram em subjetividades de sujeitos e grupos e complexificam as relações sociais.

Esse movimento tem como principais referências epistêmicas o que o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos – que passa a figurar dentre os autores mais citados em trabalhos sobre a questão afro na Compós - considera como epistemologias do sul (global), proposta que pretende tornar epistemes principais, conhecimentos tradicionais, populares e científicos produzidos por sociedades do sul global contra formas de dominação do capitalismo, colonialismo e patriarcado situadas no norte eurocêntrico. São as lutas sociais de mulheres, negros, indígenas e trabalhadores em busca de emancipação, em uma proposição de ‘sul’ que, portanto, não é geográfica, mas metafórica. Por exemplo, Brasil e Indonésia, países com territórios localizados em continentes e hemisférios diferentes, seriam ambos do ‘sul global’ por suas condições sociais, políticas e econômicas.

Um dado que indica a emergência de referências que abordam as resistências em práticas comunicacionais de culturas ao sul global até 2021, dentre as referências bibliográficas presentes com ao menos três citações em três trabalhos diferentes, há 27 autores que se dedicam a essas temáticas. Desses, 20, a maioria, possuem obras específicas

sobre a temática racial, abandonando uma tendência de abordagem transversal das primeiras edições dos anos 2000. Nesse sentido, dentre as referências bibliográficas mais presentes constam obras de Hall, Sodr , Gilroy, Nilma Lino Gomes, Fernanda Carrera, Kimberlé Creenshaw, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro e L lia Gonzalez, Grada Kilomba, Angela Davis, Bell Hooks. Descontadas as edi es de 2019 em diante, seriam apenas quatro autores e autoras. Evidencia-se nesse período recente uma inser o de obras de autoras precursoras do feminismo negro interseccional ( tnico-racial, de gênero, classe econômica etc.) nos anos 1970, 1980 e 1990 nas Américas.

Alguns dos autores supracitados são do campo comunicacional, sendo outros comunicólogos Nestor Canclini e Martin-Barbero - consumo e media es -, Bruno Latour e Rafael Grohmann – tecnologias -, Ervin Goffman – representa es -, Liv Sovik; Micael Herschman e Jeder Janotti - mídias e música -. Não raro, essas referências, para opera es de meios, plataformas midiáticas e media es socioculturais, junto a visadas semio-socioantropológicas a partir de autores do pensamento negro.

Mais meios passaram a se observados nas investiga es. De festas no espaço público da cidade, meios de conteúdo - sites estatais, revistas -, meios de intera o - redes sociodigitais - e de indexa o (FERREIRA, 2018)⁷ - bancos de imagens e serviços de streaming por assinatura -, mediados ou não por algoritmos digitais como manuten es do racismo relacionadas   invisibilidade ou sub-representa es de pessoas negras. Nos processos midiáticos, as análises se voltaram a lógicas dos meios ou ao processo de recep o, em usos e consumos. Apenas um trabalho analisou, via cotejamento de visibilidades e invisibilidades, práticas na instância de produ o e na instância de recep o – especificamente, nos usos de redes digitais, enquanto os trabalhos que não se voltaram   análise das intera es com os meios no espaço público investigaram ou propuseram reflexões ensaísticas a respeito dos corpos enquanto meios/signos.

Em 2022, pesquisadoras e pesquisadores negros propuseram o GT de Comunica o, Raça e Interseccionalidade, votado por professores e pós-graduandos para fazer parte da Compós em 2023. Naquele ano, apenas quatro trabalhos com a temática foram aprovados para integrar o evento, mas todos a respeito de conceitos, fenômenos e processos comunicacionais que me interessam e se aproximam das discussões de midiatiza o. Há artigo escrito por Fernanda Carrera e Denise Carvalho sobre os sentidos de comunidade no ‘*Black Twitter*’;

⁷ A classifica o genealógica dos meios que ofertam conteúdos (jornais e livros), programa es (eletrônicos) e de intera o e indexa o (novos meios, que abrangem e ampliam linguagens, acessos e possibilidades de usos e apropria es) foi elaborada por Ferreira em capítulo de livro publicado em 2018.

discussões de Wagner Dornelles quanto à conservação e atualização da colonização dos imaginários em adaptações audiovisuais de obras literárias estadunidense e brasileiras; trabalho de Daniel Moura Pinto que reflete sobre um tempo diaspórico nas narrativas de migrantes haitianos em podcast; e trabalho de Dayse Euzébio sobre performances de humanidades nos retratos de amas pretas no Brasil do século XIX.

O artigo de Carrera e Carvalho (2022) discute permanências e alterações nos ideais de comunidade observadas nas mobilizações de pessoas negras no Twitter a partir de casos de racismo e temáticas caras à comunidade autodenominada ‘Black Twitter’ em ações individuais e coletivas em rede. O senso de comunidade é criado pelo atendimento de códigos performáticos mantidos por validações nas interações dialógicas, que têm como referência em comum as experiências de ser negro. Para as autoras, o reunir-se ocorre através da linguagem no ambiente digital, em nuances discursivas, permanências e exclusões dos atores sociais em interação. O artigo de Dornelles (2022) investiga a colonização do imaginário materializada nos arquétipos raciais das personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé em diferentes versões do Sítio do Picapau Amarelo. Em diferentes camadas, estereótipos racializados que estão na origem da criação das personagens são atualizados e substituídos por outros nas diferentes versões audiovisuais. No trabalho de Moura Pinto (2022), o autor reflete sobre a ruptura da temporalidade e narrativa diaspóricas para com a linearidade da temporalidade eurocêntrica. A temporalização das narrativas em apropriação da obra de Paul Ricoeur enfatiza os entrelaçamentos de referências culturais e temporais partilhadas pelos migrantes haitianos e possibilidades de futuro em tensionamento com um tempo universal. Oliveira, ao trabalhar com a história da iconografia de mulheres negras no século XIX, aborda traços da memória coletiva e da experiência de ser negro no mundo como uma experiência obliterada por uma série de apagamentos agenciados em representações que invisibilizam e desumanizam pessoas negras.

Em 2023, 10 trabalhos sobre comunicação e raça foram publicados na Compós, a maioria no GT Comunicação, Raça e Interseccionalidade. Dentre a dezena de textos, os textos basculam entre análises do racismo e do antirracismo materializados nas mídias. Há análise de conteúdos das emoções expressas em comentários a notícias publicados nas redes sociais que demandam por punição de autores de crimes e vítimas negros, enquanto costumam procurar justificativas para crimes de autores brancos. Além disso, discussões teóricas sob forma de estado da arte para pensar comunicação, raça e interseccionalidade e sobre enfrentamentos do racismo em mídias em um bios virtual – Sodrê - que abarca lógicas ancestrais de agrupamentos análogas a práticas de mídias antirracistas e em reproduções do

racismo e outros tipos de discriminações em noticiários regionais. Ainda, três artigos abordam conceitos e processualidades da midiatização como lente de interpretação de estratégias de empresas e programas jornalísticos na cobertura de acontecimentos racializados, especialmente os casos Floyd e João Alberto – por esses três textos apresentarem traços de midiatização e lidarem com materialidades empíricas acerca de casos que investigo na tese, apresento suas contribuições na seção 2.4 - *Coberturas midiatizadas dos casos de pesquisa*.

Do levantamento reflexivo das produções sobre comunicação e questão negra na Compós, percebo um aumento gradual de artigos quanto à temática, relacionados aos percursos formativos principalmente de novos pesquisadores que recorrem a bibliografias de intelectuais negros nacionais e estrangeiros para investigarem singularidades de processos interacionais-midiáticos atravessados por um racismo em atualização. Da transversalidade frequente dos primeiros estudos situados em nichos dos Programas de Pós-Graduação, a questão negra adquire maior protagonismo pela institucionalização de pesquisas em diferentes regiões do país e por esforços coletivos para aumento da presença de autores e textos no evento. Esses aspectos confluem com contextos do nosso tempo refletidos nos focos de observação que se voltam para diferentes meios, processos e circulação de sentidos, dos meios hegemônicos para as dinâmicas das novas mídias, dos meios às mediações e, na esteira de acontecimentos recentes, à análise da midiatização, embora por ênfases que não costumam abranger fluxos entre meios e circuitos interacionais on-line. Quanto às temporalidades, percepções de uma tradição em movimento e das quebras para com narrativas lineares do tempo, o que desperta em mim um senso de coerência em minhas inferências de presentificações que, para além de se materializarem no contemporâneo, entrecruzam-se com o tempo próprio de uma sociedade em midiatização.

2.2 ESTUDOS DE MUDIATIZAÇÃO TRANSVERSAIS AO (ANTIR)RACISMO

Se uma boa parte dos estudos da Compós referidos na subseção anterior centralizam a temática do (antir)racismo e abordam transversalmente a midiatização, aqui abordo a situação inversa. Trata-se de três estudos de midiatização que tratam ‘pelas bordas’ da questão do racismo: de Cintia Miguel Kaefer e Jairo Ferreira (2017), o artigo “A instabilidade nas interações acionando circuitos-ambientes midiáticos: o caso do goleiro Aranha e da torcedora Patrícia Moreira”; de Ana Paula da Rosa (2022), “Conflitos midiatizados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação”; e a tese de Ana Isabel Freire Monteiro (2023), “A tessitura comunicacional dos direitos humanos a partir do caso Marielle”. Há ainda dois estudos, que entendo serem transversais tanto à midiatização quanto ao tema do (antir)racismo, que são “Do

disco à roda: a construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na festa Negra Noite”, tese de Deivison Campos (2014), e “Fogo nos racistas!: Epistemologias negras para ler, ver e ouvir a música afrodiaspórica”, tese de Rafael Queiroz (2020).

O artigo de Kaefer e Ferreira (2017) aborda como os conflitos decorrentes de racismo de torcedora contra o então goleiro Aranha acionam circuitos interacionais em ‘bifurcações’, ou seja, caminhos ou fluxos para diferentes direções/meios que cada nova interação dos dois atores sociais resulta. A ênfase reside não exatamente em como o racismo e a midiaticização se afetam mutuamente, mas no fluxo de sentidos em circulação midiática. Por sua vez, o artigo de Rosa (2022) investiga a circulação de sentidos em imagens visibilizadas e em permanência nas mídias e que mobilizam imaginários sociais. São casos midiaticizados que analisam imagens de crianças vítimas de violência em conflitos na Europa e no Brasil. Enquanto as imagens de crianças estrangeiras são visibilizadas e permanecem nas mídias, as imagens de crianças brasileiras (todas negras) enfrentam operações de resistência que não reconhecem o status de infância perdida, ficando restritas à temporalidade dos acontecimentos. Conforme a autora em trecho do texto, a questão racial poderia ter sido adotada, mas que será abordada em outro texto a partir das discussões de necropolítica, por Mbembe, e de necrobiopolítica, por Cida Bento. Já a tese de Freire (2023), tem como enfoque a circulação de sentidos sobre direitos humanos agenciada a partir do assassinato da vereadora Marielle Franco. No texto, o racismo é um dos aspectos relacionados aos direitos humanos, sendo transversal à investigação da tese. Os sujeitos invisibilizados nas mídias produzem sentidos destoantes de noções normativas de direitos humanos, tensionando-os e evidenciando suas incompletudes. Por mais que os objetos de pesquisa construídos nos três trabalhos abordem o racismo de maneira transversal, demonstram caminhos possíveis para abordagem do tema-problema em estudos de midiaticização. Tais caminhos são orientados por agonísticas em circulação e agenciamentos e contra-agenciamentos de atores sociais e coletivos para levar casos e acontecimentos adiante na agenda pública. Mostra-se como desafio, então, a articulação de perspectivas de resistência ao racismo com abordagens diversas dos processos de circulação.

Com relação à tese de Campos (2014), identifico diálogos possíveis com minha hipótese quanto ao tempo-espço complexo na midiaticização atrelado à temática do racismo e do antirracismo, bem como com o percurso de trabalho que elaboro. Campos articula conceitos e proposições próximos dos estudos de midiaticização e mesmo não tendo como tema central o racismo e o antirracismo, estes são transversais ao texto. Segundo o autor, as culturas afro-diaspóricas na perspectiva do Atlântico Negro estão em constante fluxo e movimento. Em uma concepção espaço-temporal, considera que as culturas afro-diaspóricas atualizam e

ressignificam modos de pertencimento constantemente. Esse entendimento é de que as culturas afro-diaspóricas já estavam prontas para os processos midiáticos contemporâneos justamente por historicamente se adaptar a processos de (des)territorialização. Quanto à tese de Queiroz (2020), que também reflete sobre circuitos culturais diaspóricos e cujas temáticas do racismo e do antirracismo são transversais, há um importante entendimento da diáspora negra como encruzilhada através de viagens e encontros que moldam articulações entre expressões políticas e culturais negras.

O tempo-espaço das temporalidades de tradição do Atlântico Negro e de territórios negros em ‘circuitos de consumo cultural’ e suas dinâmicas midiáticas que Campos (2013) interpreta me ajudam a refletir sobre meios enquanto dispositivos socio-técnico-comunicacionais articuladores de tempos e espaços tanto em uma importante instância de presentificação de resistências, quanto em entrecruzamentos com outras temporalidades e espaços físicos e simbólicos. Do mesmo modo, as compreensões de Queiroz (2020) oferecem indícios de uma sobreposição de encruzilhadas que envolve a dinâmica a diáspora negra e o processo de circulação midiaticizada.

2.3 ESTUDOS DE MEDIATEZADO SOBRE (ANTIR)RACISMO

Neste terceiro ângulo de observação, busquei pesquisas que contemplam simultaneamente questão racial negra e mediação. Como critério da busca, para além de os textos mencionarem o termo ‘mediação’, considereei que precisavam abordar questões relacionadas a conceitos caros à linha de pesquisa, como processos interacionais e de circulação de sentidos, em defasagens, contatos, fluxos e lógicas midiáticas. Encontrei seis textos que atendem aos parâmetros estipulados: de Laan Mendes e Solon Veloso Neto (2016), ‘Claros e escuros: violências na sociedade mediaticizada brasileira’; de Joselaine Caroline (2020), ‘Os estudos da negritude em mediação’; de Marco Antônio de Oliveira Tessarotto (2021), a tese ‘Nas dinâmicas do Facebook: experimentações, usos e apropriações por jovens quilombolas do Matão’; de Pablo Moreno e Dalila Belmiro (2019), ‘Mediação do racismo brasileiro: Todecachinhos, consumo, cidadania no caso da Youtuber Ana Clara Barbosa’; de Jairo Ferreira (2023), ‘Fascismo de cor: inferências sobre um debate na perspectiva da semiótica social’; e de Deivison Campos e Henrique Ferreira da Silva (2022), ‘#Procura-seJoãoPedro: A mobilização no Twitter contra a Necropolítica’.

O artigo de Mendes e Veloso Neto (2016) é um estudo comunicacional da violência, identidade e alteridade exercidas em uma ambiência – Gomes - ou bios midiático – Sodré -

percebidos na realidade social brasileira. Os autores apresentam um arcabouço teórico derivado de estudos sociais e refletem de modo ensaístico a partir de acontecimentos mediados pelos meios do jornalismo. Caroline (2020) trouxe reflexões a partir de um apanhado de noções e inferências sobre práticas de mídias negras no digital em um contexto de midiatização. Ao longo de tese, Tessarotto (2021) reúne correspondências de usos e apropriações do Facebook por jovens quilombolas com momentos e características da midiatização. Moreno e Belmiro (2019) observam práticas de sujeitos e organizações da área de publicidade em uma ambiência midiatizada e a máxima de que se configura em um novo modo de ser e estar no mundo - Gomes -, traduzindo-a para uma perspectiva ontológica da experiência de ser negro em diferentes ambiências. Ferreira (2023) coteja os entendimentos sobre as estruturas do racismo presentes em obras de Silvio Almeida e de Muniz Sodré, seguida de síntese a respeito de uma literatura estruturalista cara às ciências sociais e à comunicação e de elaboração de uma perspectiva da midiatização que leva em conta referencialidades das semioses da cultura, da política e da economia interpostas pelo racismo. Por fim, o artigo de Campos e Ferreira da Silva (2022) investiga a circulação midiática de sentidos que permitem a ampliação da visibilidade do acontecimento João Pedro no Twitter através de estratégias midiáticas dos atores sociais.

2.4 COBERTURAS MIDIATIZADAS DOS CASOS DE PESQUISA

A pesquisa das pesquisas acerca dos casos investigados na tese remonta ao período de 2017 a 2023, periodicidade adotada em função do dinamismo do campo da pesquisa da comunicação e dos fenômenos midiáticos. As palavras-chave escritas nos campos de busca foram: ‘Globo e racismo’, ‘Telejornalismo e racismo’ e ‘Programas de debate e racismo’, retornando oito resultados.

Clarice Calixto (2022) realizou estudo quali-quantitativo sobre o racismo presente em narrativas do Jornal Nacional em reportagens sobre o sistema prisional brasileiro entre 2014 e 2017. Como conclusões, o telejornal não utiliza os termos ‘negro’ e ‘racismo’, exceto em reportagens sobre o racismo nos Estados Unidos. Ou seja, em essencialização do racismo como um problema externo à realidade brasileira, uma denegação de significâncias sociais e históricas. Também estão ausentes da cobertura do telejornal marcadores de desigualdades sociais, sendo visibilizados apenas discursos de fontes oficiais, sobretudo advogados de pessoas famosas. Em outras palavras, silêncios que mantêm o racismo de exclusão pela interdição das vozes e corpos quando não estão em posição de estigmatização.

a) Jornal Nacional, racismo e caso João Alberto Freitas:

Rafael Pereira da Silva (2020) investiga as representações, discursos e invisibilidades da negritude no telejornalismo, fazendo parte do campo de observação, edições dos telejornais Jornal Nacional e do Repórter Brasil. Constatou que os padrões narrativos são cristalizados e impossibilitam a representação das diferenças. Transformando os conceitos teóricos de representação, redistribuição e reconhecimento em categorias de análise, destaca manifestações culturais e artísticas de pessoas negras e a simbolização de esportistas e músicos negros brasileiros e estrangeiros. Segundo o autor, a visibilização de esportistas e artistas ajuda a desestigmatizar o negro. Ao contrário, considero que há um confinamento das representações de pessoas negras quando atreladas exclusivamente à prática esportiva e à dança como instrumentalização do corpo para o entretenimento, ofertando sentidos binários e excludentes, tais como intelectualidade e força corporal, mente e corpo, razão e emoção.

No que diz respeito exclusivamente ao caso João Alberto, Pedro Henrique Mendonça (2021) analisa em dissertação a configuração do acontecimento midiático João Alberto narrado nos portais G1 e Uol. Os textos não trazem contextos sobre o racismo que deriva em assassinato de pessoas negras na sociedade brasileira. Embora variadas, as fontes declaratórias dos textos não tematizam o racismo como condição do assassinato. O único especialista que abordou o tema em notícias dos dois veículos foi o autor e advogado Silvio Almeida. De acordo com o autor da dissertação, tendo adquirido o status de um crime célebre em função do apelo social, critério de noticiabilidade para ser transformado em acontecimento midiático, o caso João Alberto convoca ações e mobiliza sentidos relacionados ao passado e ao futuro, mas não pela mediação do jornalismo. Ao contrário, a mobilização de acontecimentos progressos nas narrativas se efetiva na descrição da ficha criminal da vítima, ofertando sentidos racializados. Em minha leitura, trata-se de uma cobertura não-acontecimental, que recusa a possibilidade de agonística de sentidos ao evitar contextualizações, ao interditar vozes e ao reproduzir lógicas do jornalismo policaresco de sugerir responsabilização incontestada das vítimas negras.

Em artigo, Bezerra et al. (2021) analisam discursividades racistas que permeiam imagens publicadas no site de notícias G1 em matérias que noticiaram protestos nos Estados Unidos contra a morte de Floyd através de uma análise de conteúdo. As imagens resultam em binarismos racistas que enquadram policiais brancos como benevolentes e manifestantes negros como sendo indisciplinados. O artigo questiona o papel dos profissionais que produzem a notícia e a necessidade de letramento midiático para leitores e produtores de notícias.

Em artigo na edição de 2023 da Compós, Daiane Santiago da Silva e Jussara Peixoto Maia (2023) apresentaram o artigo ‘QUANDO A EXCEÇÃO É A REGRA: a estrutura (in)visível do racismo no JN’. As autoras observam contradição e ambiguidade na narrativa do Jornal Nacional no primeiro dia da cobertura jornalístico sobre o acontecimento João Alberto Freitas. O intuito do artigo é mostrar a atualização do racismo como formação discursiva herdada da escravidão. Como evidências das contradições e ambiguidades, o autor constata que ao mesmo tempo que tece narrativas de humanização da vítima, o telejornal exhibe reportagens que o expõe demasiadamente, além de colocar sob suspeita a idoneidade da João Alberto remetendo a justificativas da violência brutal contra a vítima. A exposição da morte de João Alberto contrasta a denúncia expressa nos enunciados e a reprodução das imagens das agressões. No âmbito das mediações do jornalismo, é concedido espaço para vozes institucionais que denegam a existência do racismo, seja como problema social, seja como motivação para o crime. Ao contrário, mostram corpos de ativistas negros, mas não as suas interpretações do acontecimento.

b) Realização dos painéis do Em Pauta derivados do caso Floyd

Foram encontradas uma tese e uma dissertação a respeito do programa Em Pauta da Globo News. Uma dissertação a respeito das estratégias narrativas do Em Pauta e uma tese que estuda o caso da bancada composta por jornalistas negras após o assassinato de Floyd.

As possibilidades de complementaridade entre ambas indicam dois aspectos importantes: a não-linearidade em um formato de televisão que se atualiza em resposta aos circuitos em redes sociodigitais e nas interações entre os atores sociais institucionalizados em um meio de programação – TV -; e a possibilidade de analogias do formato interposto por racializações nas representações das jornalistas e do acontecimento

A dissertação de Pedro Augusto Silva Miranda (2019), intitulada ‘Intimidade mediada: as estratégias narrativas do GloboNews Em Pauta na comunicação com o público’, dá a ver processualidades de ruptura, permanência e atualização constante dos formatos do programa. E, apesar de ser um trabalho vinculado a outra linhagem de pesquisa, possui traços de uma pesquisa em midiatização. Algumas características contextuais do formato são:

- Em 2013, o diretor do programa definiu o formato de simulação de conversas de jornalistas em reunião de pauta. Portanto, os jornalistas comentadores apresentam as pautas que consideram mais importantes, comentam os assuntos uns dos outros e interagem com o âncora e repórteres;

- O âncora passou a observar informações triviais da vida privada dos comentaristas, ouvidas nos bastidores, e questioná-los a respeito das mesmas. O intuito do diretor do programa é gerar respostas espontâneas dos comentaristas, além de criar um ambiente que lembre uma conversa entre amigos, de maneira mais informal para gerar identificação com o público.

A partir de uma análise televisual quali-quantitativa, o autor analisa estruturas de sentido e estratégias de interação. Consideram-se pertinentes os primeiros elementos, do texto aos enunciadores.

- Geralmente, após a abertura da edição pelo âncora, há incursões breves dos repórteres ao vivo e falas dos comentaristas, em considerações sobre notícias, colunas e em diálogos com os colegas.
- As temáticas mais corriqueiras são as de editorias de política, economia, internacional e cultura.
- Os enunciadores mais frequentes são os próprios comentaristas.
- Os comentaristas, em atorização, representam papéis sociais a partir de arquétipos [sério, descontraído, irônico, implicante, atrapalhado etc.].
- Os comentaristas também exercem a função de especialistas e de didatistas a partir da área em que atuam.

Pedro Augusto Miranda (2019) investiga as estratégias narrativas do Em Pauta, momento em que ele flerta com a pesquisa em midiatização. Indício disso são as referências a Piccinin e Soster (2012), autores que trabalham com o conceito de circulação na perspectiva do jornalismo. O autor da dissertação identificou algumas estratégias narrativas.

Em síntese, o GloboNews Em Pauta possui como um dos principais elementos do formato a autorreferencialidade, em que privilegia falar de si próprio: rememorando matérias realizadas em edições anteriores, em referências a falas e vida cotidiana dos comentaristas ou ainda pela autopromoção do canal GloboNews realizada por eles e o apresentador, em direcionamentos de matérias para outras plataformas digitais Globo. Na minha leitura, são estratégias de reação ao contexto do trabalho de circulação nas redes sociodigitais, em que a emissora e o programa falam de si como maneira de elaborar zonas de contato com instâncias do público. O âncora também pede para que os espectadores interajam com o canal nos perfis oficiais do programa no Twitter e no Instagram e que enviem críticas e sugestões no Serviço de Atendimento ao Consumidor da emissora. Nesse sentido, os comentaristas, que costumam

possuir contas oficiais no Twitter e Instagram, interagem com seus fãs. Sendo considerados pelo autor como atores sociais em representação de arquétipos pré-definidos [especialista, tímido, atrapalhado etc.], antes do que comentaristas, interagem com aqueles que mais se identificam com eles. Apesar disso, não costuma haver interação durante o programa em resposta a críticas e sugestões.

Os comentários e as interações entre integrantes do programa também correspondem à adoção de estratégias dialógicas com outras áreas de conhecimento, a exemplo da Literatura, quando um comentarista recomenda leituras ou lê poemas. Algumas outras estratégias do programa recorrentes do meio TV são a priorização da exibição de vídeos ao vivo e a exclusividade da cobertura da emissora, valorizando a proximidade ao tempo dos acontecimentos como diferencial de um canal de notícias que opera 24 horas por dia. Os comentários a partir do que é visualizado nas reportagens ao vivo são marcados por estratégias narrativas de certificação e autenticação da realidade tomada como objeto de mediação, por vezes em tentativas de didatismo na abordagem de assuntos considerados complexos, a exemplo de contextualizações de coberturas e contextos sociais, históricos e políticos de conflitos geopolíticos.

A tese de doutorado de Regina Lucas (2022) investiga a mobilização antirracista e a questão da representatividade após a morte de Floyd, em estudo de caso sobre a bancada de jornalistas negras no Em Pauta. A pesquisa traz panorama sobre a invisibilidade do jornalista negro no campo midiático e um estudo da repercussão do programa de 3 de junho de 2020 e de sua reexibição no Globo Repórter em notícias do próprio campo midiático-jornalístico, com um panorama de matérias de sites de notícias que destacam o ineditismo de haver seis jornalistas negros discutindo racismo na televisão simultaneamente. Enfatizam ainda a resposta a uma crítica de uma pessoa no Twitter contra o fato da edição anterior do programa ter escalado apenas jornalistas autodeclarados brancos para comentar os protestos nos Estados Unidos em função da morte de Floyd. Esse momento é sucedido por percepções da autora diante de alguns fragmentos do programa e de entrevistas por e-mail com o diretor-geral de jornalismo do Grupo Globo, Ali Kamel, e com as jornalistas Zileide Silva e Lilian Ribeiro, comentaristas na edição de 3 de junho de 2020 do Em Pauta. Dentre as principais percepções da autora, destaco a de que o programa incorre em um movimento contraditório, em que quebra um paradigma ao convocar uma formata totalmente composta por jornalistas negros, enquanto reproduz uma lógica recorrente no jornalismo brasileiro de considerar pessoas negras especialistas apenas na abordagem do tema racismo.

As percepções da autora indicam também a presença de negação da existência do racismo para reprodução da hegemonia racista, presente em obra de Ali Kamel publicada em 2006, intitulada “Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor”. Em respostas concedidas para a tese, Kamel considera que o livro publicado não reflete a opinião da emissora e que na época realizou um debate intelectual honesto a respeito da implementação de cotas raciais para acesso de pessoas negras ao ensino universitário. Hoje, destaca que ele e os que defendiam o argumento em nome de estatísticas demográficas de desigualdade econômica cujas tensões entre negros e brancos não dariam conta de explicar, foram vencidos no debate democrático no espaço público, e, que a emissora realiza reportagens sobre a importância da implementação de cotas no ensino superior. Perguntado sobre o modo como o jornalismo da emissora lida com o racismo, afirmou que a Globo sempre o denuncia. Já as jornalistas entrevistadas, destacam que houve um equívoco na condução do programa anterior à realização da edição composta por jornalistas negros, corrigido na edição posterior.

A resposta social crítica de um espectador do programa se dá após o mesmo publicar no Twitter uma foto da tela do televisor em que aparecem jornalistas autodeclarados brancos discutindo manifestações contra o racismo. Como mostra a dissertação de Miranda (2019), as fotografias de espectadores assistindo o programa em casa e a exposição dessa intimidade nas redes é recorrente, mas o ineditismo cabe às interações em circuitos afro-referenciados e à perturbação do campo midiático que responde à crítica.

As interações entre âncora, Heraldo Pereira, e comentaristas se manteve, bem como o estímulo à exposição da intimidade pela repetição de uma mesma pergunta [“como vocês lidam com o racismo no dia a dia?”] e de comentários sobre a trajetória acadêmica e profissional em estímulo para que discorressem a respeito de experiências pessoais. De certa maneira, as aturações sociais costumeiras se mantêm em função do papel que o âncora exerce e ao modo como as comentaristas a ele se reportam como sendo um ‘mestre’ devido ao tempo de profissão de Heraldo. O didatismo como explicação minuciosa de temas sensíveis está presente em falas das comentaristas, ao mesmo tempo em que elas salientam a necessidade de especialistas negros não serem chamados pelas emissoras de jornalismo apenas para análise de casos de racismo. A percepção de Lucas (2022) vai ao encontro da essencialização da discussão como um problema a ser debatido apenas por brancos ou apenas por negros, ao que parece, uma tática para se evitar agonísticas propositivas. Conforme indícios do estudo da autora e em analogia preliminar com o estado da arte sobre o telejornalismo da Globo, considero que o debate das jornalistas é tornado acontecimento midiático pela emissora e por outros veículos jornalísticos que noticiam a realização do telejornal, estratégia autorreferencial, e de proteção a críticas sociais, de um

campo midiático-jornalístico que predominantemente fala de si, mas não tematiza ou passa a tematizar recentemente o racismo. Conforme resposta de Ali Kamel, a denúncia de racismo se restringe à visibilização de ofensas.

Em artigo para a Compós 2023, Rafael Pereira Francisco apresentou o trabalho ‘PARA ALÉM DAS MISE-EN-SCÈNE MIDIÁTICAS: sentidos e reverberações a partir do caso George Floyd como um acontecimento’. O autor considera que as transmissões do Em Pauta midiaticizaram o caso Floyd através da midiaticização da experiência racializada – entendo, nesse sentido, que ele se refere aos espectadores do programa -, observando os debates sobre o racismo. Dentre as inferências empírico-indutivas que considero mais importantes no texto, constam as opiniões dos comentaristas do Em Pauta na edição apenas com profissionais autodeclarados brancos, que analisavam as manifestações nos Estados Unidos. Numa tentativa de controle sobre o acontecimento mediado, o jornalista Guga Chacra preferiu enfatizar o contexto político-presidencial naquele país diante de uma instabilidade social decorrente da insatisfação da sociedade estadunidense. Por outro lado, o sociólogo e colunista Demétrio Magnoli⁸ comparou as mobilizações no contexto estadunidense com o que insinuou como uma inércia do movimento social negro brasileiro. Francisco (2023) considerou que ao longo da edição do Em Pauta do dia 3 de junho, as jornalistas pouco se aprofundaram em questões relacionadas às singularidades do racismo brasileiro, sendo o acionamento de sua escalação uma maneira de responsabilizar pessoas negras na transposição de obstáculos impostos pelo racismo. Neste ponto, pondero que discordo da inferência do autor quanto ao papel exercido pelas comentaristas nas interações intrameio – GloboNews -, pois entendo, conforme será trabalhado na análise que farei na tese, que houve também nesse espaço negociações de sentidos entre expectativas do meio e suas jornalistas.

Por fim, o artigo apresentado em 2023 na Compós por Dennis de Oliveira, intitulado ‘RACISMO E SOCIEDADE MIDIATIZADA: apontamentos conceituais’. A discussão conceitual novamente confronta entendimentos da noção de racismo estrutural com os usos sociais da expressão enquanto chave de identificação e interpretação de casos de racismo. Em outras palavras, a discussão alude a uma indefinição de limites entre as responsabilizações estruturais, institucionais e individuais, todas perpassadas pela dimensão humanal. Tais

⁸ Magnoli é autor do livro *Uma Gota de Sangue: a História do Pensamento Racial*, tem como argumento central que, no Brasil, não existe fronteira racial na consciência das pessoas e, em nosso país e nos Estados Unidos, os movimentos sociais negros e a prestigitação estatística conduzem ao binarismo entre brancos e pretos, em contradição com a existência de populações são mestiças. Embasado nas teses de Gilberto Freyre, o livro acusa os movimentos sociais e as políticas afirmativas de colocarem em risco o projeto brasileiro de nação, o mito fundador da mestiçagem e da conseguinte democracia racial (sic).

ambiguidades seriam exploradas pelos meios de comunicação de massa, de programação e impressos, em estratégias narrativas em relação a conflitos raciais, no que o autor observa na cobertura da morte de Floyd e nos desdobramentos de artigo publicado por Antonio Risério no jornal impresso Folha e São Paulo. Em síntese, o autor conclui que na Globo News a estratégia é a legitimação de suas jornalistas segundo uma lógica estética de exaltação de celebridades, ao passo que a Folha de São Paulo tenta manter uma posição de lócus de legitimação do debate público através de disputas discursivas. Em comum, ambos os veículos, junto a outros, tentam se legitimar como referências do debate racial no espaço público, subvertendo discursividades como a de ‘racismo estrutural’ denegação do próprio racismo.

Dos textos que examinam materialidades empíricas dos casos Em Pauta e João Alberto Freitas, que investigo na tese, a partir de sinergias e discordâncias, valho-me de um certo senso de que algumas inferências preliminares das quais partilho são coerentes. Observo nesses textos algumas ênfases que me chamam atenção: em enunciações, narrativas e estratégias oriundas dos meios hegemônicos do jornalismo e do entretenimento; discussões acerca de temporalidades não-lineares de recordação e permanência com o passado.

Do conjunto de ênfases presentes na tese, na dissertação e nos artigos, acrescento algumas possibilidades de angulações diferentes, em complementaridade. Entendo que as interações dialógicas nas transmissões dos meios em interpenetrações com as resistências de circuitos afro-referenciados nas redes em meios on-line apresentam indícios de complexidades da circulação de sentidos em disputa. Nessa direção, as temporalidades de presentificação entrecruzadas com a proliferação e celeridade dos fluxos de sentidos na sociedade em midiaticização proporcionam não apenas atualizações do racismo, mas também tensionamentos e disputas perante lógicas do racismo em situações específicas. Uma delas, nos próprios acionamentos primeiros, por testemunhas que se convertem em cinegrafistas amadores, dos circuitos interacionais por meio da filmagem das cenas de violência contra George Floyd e João Alberto.

Minhas percepções e inferências a partir das contribuições de trabalhos anteriores ao meu servem de parâmetros pontuais nas elaborações teóricas e metodológicas dos capítulos 3 e 4. Por mais que não reproduza para além de inferências empíricas e contextuais os achados de pesquisa dos colegas que têm os trabalhos mencionados neste capítulo, tento construir e investigar meu objeto de pesquisa para também contribuir com as análises de comunicação e raça através da midiaticização e do que ainda não foi estudado.

3. ENCRUZILHADAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nesta seção, apresento três níveis metodológicos, articulados, de investigação e os respectivos procedimentos por eles abarcados. A seleção e necessidade de construção de métodos e procedimentos de observação e descrição de fenômenos, sistematização de inferências e de análise têm como critério principal a tentativa de resposta à problematização, perguntas e objetivos da pesquisa. Para pensar em alterações e permanências indicadas preliminarmente na introdução, é preciso dar conta da análise de condições sociais e históricas do racismo e do antirracismo no midiático e das disputas narrativas entre os circuitos interacionais no contemporâneo. Por isso, proponho uma apresentação de indícios da historicização do racismo midiático e, depois, a investigação de estudos de casos.

Os *primeiros apontamentos teóricos para historicização do racismo midiático* (subseção 3.1) consistem no primeiro nível metodológico. Nessa subseção apresento perguntas de partida a respeito da relação entre a história da midiática e uma história do racismo antinegro anterior à Modernidade e ao escravismo. Apresento também as referências bibliográficas reunidas para responder essas perguntas, a maneira como essas referências serão cruzadas e a justificativas para os cruzamentos. São trabalhos de comunicólogos a respeito da história da midiática, de historiadores das mídias e de filósofos e antropólogos acerca do racismo.

O *cronotopo como instrumento articulador da análise a partir das narrativas e dispositivos* (subseção 3.2) é o segundo nível metodológico. Minha apropriação do cronotopo é enquanto ferramenta metodológica que permite analisar e interpretar indícios das relações entre temporalidades relacionadas ao racismo e que são acionadas nos usos dos dispositivos sociais, técnicos e simbólicos e nas narrativas que se materializam em espaços físicos e espaços simbólicos das redes. Adaptado dos estudos literários para o comunicacional, o cronotopo é o método que articula as inferências decorrentes da historicização do racismo midiático com os casos investigados, portanto, das condições sociais e históricas das disputas narrativas contemporâneas acerca do ser negro no midiático.

O *estudo de múltiplos casos midiáticos* (subseção 3.3) é o terceiro nível metodológico. Combino o método de estudo de caso com o método indiciário, com o estudo de caso midiático e com a análise de redes sociais. Nessa subseção explicarei como procedo na análise do objeto de pesquisa. Justifico a escolha dos casos estudados, apresento os primeiros testes na lida com os empíricos, indico os fragmentos a serem analisados e de que maneira serão

analisados, o modo como pretendo perceber os indícios mais importantes em detrimento dos que são apenas contextuais e os testes para demonstração da pertinência da pesquisa realizada.

São indissociáveis e, portanto, matriciais, as três dimensões da metodologia - historicização do racismo midiaticizado; cronotopo e encruzilhadas teórico-metodológicas; e estudos de caso. O cronotopo enquanto método articulador (3.2) permite a percepção de continuidades e fissuras entre o passado relacionado à historicização do racismo midiaticizado (3.1), e, o contemporâneo nas observações e análises dos casos midiaticizados (3.3). A abordagem de historicização, por sua vez, é mais do que um capítulo de contextualização, pois além de partir do pressuposto da problematização da tese que alude à longa periodização em atualização e tensionamento no contemporâneo e se destinar à demonstração desta através de respostas a perguntas e objetivos da pesquisa, possui sistematizações de ideias, proposições e conceitos apropriados e autorais sobre as expressões do racismo e do antirracismo reproduzidas e atualizadas nos casos. O estudo de casos midiaticizados, então, trata das temporalidades e espaços no contemporâneo que se materializam nos processos sociais e de circulação midiática referenciados em opressões – dos modos de expressão do racismo que em situações-limite resultam no genocídio negro - e resistências de longa periodização em busca de acessos a espaços físicos e simbólicos e sobrevivência, sendo imprescindível para percepção de continuidades e mudanças a respeito, afinal, de que estágio do racismo e do antirracismo estamos a experimentar enquanto sociedade em midiaticização.

3.1 PRIMEIROS APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA HISTORICIZAÇÃO DO RACISMO MUDIATICIZADO

Dentre as questões que estudos de comunicação e midiaticização abordam está a identificação dos fenômenos midiáticos na história humana e dos locais onde irrompem. Há textos que apontam a linguagem oral como marco inicial da comunicação, outros que abordam a exteriorização de signos inscritos em diferentes suportes materiais para predição de práticas orientadoras para gerações futuras.

O recorte temporal e geográfico das pesquisas específicas de midiaticização é mais divergente. Algumas abordagens entendem-na como própria da Modernidade europeia e da criação da imprensa, portanto subsumida aos meios de comunicação impressos e eletrônicos e a seus impactos sociais; outras a localizam na emergência de processos interacionais demarcados por uma cultura midiática principalmente nos países industrializados; enquanto há abordagens que a situam como processo de exteriorização dos pensamentos, materializados em

técnicas, tecnologias e dispositivos criados pelos humanos. As pesquisas quanto ao tempo da midiaticização têm em conta diferentes períodos históricos, geralmente demarcados da Modernidade até o contemporâneo, e costumam observar dinâmicas comunicacionais nos países anglo-saxões, europeus e da América do Norte, e em países da América do Sul. Isso não quer dizer que não se realizem pesquisas em e sobre países de África e no Oriente em geral, mas estas ainda não são predominantes em publicações da linhagem em midiaticização.

Como adendo a essa questão, Braga (2006) indica que os processos de midiaticização são diferentes de acordo com os territórios e as culturas que os experimentam e Gomes (2016) adverte que pesquisas de midiaticização no Sul Global são importantes para pensar o midiático em escala planetária. Este ponto em particular interessa sobremaneira à minha pesquisa, que não olha diretamente para o continente africano, mas para movimentos culturais afro-diaspóricos derivados da Modernidade e dela pertencentes, perpassados por um racismo milenar e atualizado.

O entendimento consensual de centralidade das relações entre a cultura ocidental e os suportes materiais e meios de comunicação na história humana para compreender o social colide com a perspectiva do racismo de longa periodização que remonta às primeiras diferenciações construídas com base no fenótipo, ausente ou escassa nas obras canônicas da Comunicação. Diante disso, preliminarmente as seguintes perguntas norteiam este primeiro nível metodológico:

- a) Como se configura o entendimento de racismo fenotípico de longa periodização?
- b) Como a história da midiaticização e processos midiáticos se relaciona com a dimensão histórica do racismo?
- c) Como se configuraram resistências das culturas negras através dos meios?

Por si só, as perguntas referidas são amplas e abarcam possibilidades diferentes e diversas de resposta. Para manter o enfoque nos contextos considerados mais relevantes e nos processos comunicacionais e midiáticos, as delimitações derivadas dessas perguntas são:

- De que maneira os dispositivos midiáticos, em suas dimensões social, técnica e simbólica, condicionam a permanência e atualização dos racismos?
- Como contextos políticos, econômicos e históricos do racismo condicionam a configuração da esfera pública moderna?
- Como se dão os acessos à esfera pública burguesa mediada e ampliada pela imprensa moderna e quais as suas implicações sociais numa ambiência da ‘sociedade dos meios’?

Ainda, que valores normativos da Modernidade se vinculam com valores espaço-temporais dos meios do jornalismo?

- Quais as táticas de sobrevivência, das populações negras, que se mediatizaram na Modernidade em Diáspora - indicativos prévios dos circuitos afro-referenciados -?
- Quais as condições das mudanças relacionadas a acessos, usos e visibilidade de narrativas dos circuitos afro-referenciados no contemporâneo da midiatização?

As tentativas de respostas para essas questões visam a uma dupla missão: uma, a indicação das condições de produção (CP) das narrativas contemporâneas em disputa a respeito do 'ser negro' e do racismo, chaves de interpretação deontológicas - ético-normativas dos circuitos -, ontológicas - relacionadas ao 'ser' das vítimas e dos interagentes - e epistemológicas - no que se refere às ideias ou denegação das ideias - em circulação sobre os casos posteriormente investigados; e a outra, a indicação de cronotopos mediatizados que sirvam de inspiração para a investigação de outros cronotopos nos casos observados.

Acerca da discussão das condições sociais de produção na obra de Verón (2005, p. 61), trata-se das relações entre as formações sociais da economia, da política e da cultura como condições dos discursos em circulação. São as formações discursivas ideológicas, que designam sistemas de relações entre condições sociais e históricas de produção de sentidos que abrangem discurso, ideais, crenças e visões de mundo de determinadas comunidades humanas em uma dada época. Para além de constatá-las, considero necessário comprovar como suas variáveis se articulam com um dado fragmento discursivo, ou seja, de como deixam rastros nas narrativas, nunca isolados, mas na relação com narrativas outras – uma vez havendo diferenças ou defasagens entre sentidos abarcados, tem-se o processo de circulação entre as instâncias de produção e reconhecimento. Em meu entendimento, a pregnância de um discurso ideológico, no caso do presente objeto de estudo, o racismo enquanto fenômeno atualizado, deriva das condições sociais e históricas de produção de sentidos não apenas nos discursos escritos, mas nos usos dos dispositivos e nas narrativas em interações e em imagens. Essas condições se ideologizam como referências que persistem na cultura ao longo do tempo, estabilizando-se geracionalmente. Derivados, os imaginários sociais míticos e imagens de subjugação do outro racializado. Como as condições sociais não reproduzem apenas as tentativas de estabilização das opressões, convém pontuar que circuito interacional algum esteja imune a uma dimensão ideológica mítica contraproducente ao antirracismo, os circuitos afro-referenciados em suas narrativas de recordação têm como referência um registro da realidade concreta do racismo fenotípico.

As referências bibliográficas mobilizadas para as respostas articulam trabalhos sobre a história de longa periodização da midiatização (VERÓN, 2014; BRAGA, 2006; e GOMES, 2016), historicização do racismo (MOORE, 2007), colonialismo, racismo e modernidade (FANON, 2022; CÈSAIRE, 2022; e GILROY, 2012), história das mídias (J. B. THOMPSON, 2015; BRIGGS e BURKE, 2016), proposições sobre esfera pública negra (GILROY, 2012), relações entre jornalismo e modernidade (GROTH, 2011) e elaborações acerca da revolução do acesso na sociedade em midiatização (VERÓN, 2013). A seguir, as justificativas de escolhas dessas referências.

Os referidos trabalhos de Verón, Braga e Gomes indicam processos e estágios interacionais de referência na história da humanidade e situam o que entendem como características principais da midiatização em diferentes épocas. Cada autor reflete de maneira singular sobre fenômenos midiáticos, interações e alterações das escalas de tempo e de espaço na relação dos humanos com as mídias. Esses textos e seus fragmentos fornecem pistas para pensar as fraturas dos processos interacionais diante da midiatização do racismo, mas também dos usos dos dispositivos midiáticos em diferentes períodos e congregações simbólicas dos circuitos negros.

A historicização do racismo antinegro tem como referência principal a tese de Carlos Moore em *Racismo & Sociedade*, principalmente no pré-Modernidade. Interpreto da obra que o racismo é um fenômeno real encontrado nas culturas de praticamente todos os povos não-negros no Ocidente e no Oriente. Alimentado nos imaginários sociais de hostilização e sedimentados em discriminações verbalizadas ou inscritas em suportes materiais, condiciona a conversão de coletividades em grupos dominantes, a exclusão dos acessos a recursos econômicos e simbólicos e a elaboração de estruturas intelectuais ideológicas voltadas para sua institucionalização e fragilização do negro. Extraio então os primeiros elementos que se vinculam com a midiatização do racismo: evidências de configuração de mitos e imaginários sociais racializados nas culturas orais e escritas e evidências documentais nas leis de instituições sociais que o estruturam.

As elaborações a respeito das relações entrecruzadas do colonialismo, do escravismo e da modernidade, a partir das obras de Frantz Fanon, Aimè Cèsaire e Paul Gilroy, exercem tripla função: indicam as relações ontológicas de desumanização e sub-humanização do negro na Modernidade, inventariam as pré-condições para a criação dos dispositivos midiáticos modernos e permitem pensar a questão do acesso aos meios e às instâncias do privado e do público no Ocidente. Articulados a estes, os textos de história das mídias, de Thompson e Burke e Briggs apresentam os contextos e os impactos sociais dos meios na Europa com a

configuração das esferas públicas burguesa e populares na Modernidade. Central para a formação da esfera pública moderna, o jornalismo moderno internaliza valores da modernidade, refletidos nos empreendimentos teóricos de Groth quanto à natureza dos meios do jornalismo frente a questões que traduzo como vinculadas ao tempo e ao espaço. A antítese da esfera pública negra alternativa, elaborada também por Gilroy, oferece inspiração heurística para investigar, em comparação às ideias e narrativas de intelectuais e ativistas negros materializadas nos meios de comunicação nos séculos XIX e XX, recorrências nos circuitos afro-referenciados nas redes no contemporâneo, enquanto a literatura sobre a institucionalização do jornalismo e o período da Modernidade aponta para as relações entre os valores-normativos do primeiro e as promessas retóricas do segundo, em uma dimensão deontológica. Por fim, da referência de Verón em *Semiosis Social II* (VERÓN, 2013) à revolução do acesso na sociedade em midiatização, interessa o ângulo da guinada epistemológica de ampliação do acesso aos acervos digitais de conhecimento em contraposição ao antigo monopólio dos meios, tensionado em dois níveis: com literatura e dados de acesso das populações negras aos meios e circuitos hegemônicos do jornalismo no Brasil e com a ampliação de acessos de uma intelectualidade de pessoas negras aos acervos e meios de interação na internet.

3.2 CRONOTOPO COMO INSTRUMENTO ARTICULADOR DA ANÁLISE: NARRATIVAS E DISPOSITIVOS

O cronotopo é um conceito teórico-metodológico que se refere à materialização e percepção de diferentes formas de tempo em espaços diversos. A ideia mais conhecida de cronotopo nas áreas de conhecimento das humanidades é a de Bakhtin em seus estudos de linguagem e estética literária. No entanto, originalmente o cronotopo é um conceito da Biologia e da Física, no qual Bakhtin se inspirou. O conceito se estende também à História e a outras ciências humanas e sociais. É também como inspiração que me aproprio do conceito de cronotopo para pensar nos entrecruzamentos de tempos materializados nos usos dos dispositivos e narrativas nos espaços em que ocorrem e naqueles que são acionados. Proponho isso como midiatização dos cronotopos, ou, cronotopos midiatizados nas lutas antirracista e nas racializações.

Por ser eixo metodológico, a apropriação do cronotopo passa pelos aspectos que permanecem e pelo que é recusado, reformulado ou substituído nas lidas teóricas. A apropriação do conceito nem se dá de maneira naturalizada, por transposição ou contrabando que apague sua trajetória, nem se trata de propor outro conceito com o mesmo nome, ou pior, de reproduzi-

lo com outra nomenclatura. Como por exemplo, justifico que a genealogia ou historicidade dos conceitos são importantes, mas seus significados e sentidos são passíveis de serem alterados nos usos sociais e epistêmicos: é assim com o conceito de ‘negro’, é assim como o conceito de ‘comunicação’, dentre outros. O critério para apropriação é a redescrição guiada pelo comunicacional, ou mais precisamente, como diz Braga (2004), pelo desentranhamento do que é comunicacional nos conceitos que servem de inspiração – aqui, pelas relações do cronotopo com a organização do simbólico e com as interações nas e entre narrativas.

Da concepção de cronotopo na linguagem, interessam a mim como inspiração características gerais dos cronotopos e tipos que configuram subgêneros do Romance literário – em especial o cronotopo que se humaniza no acontecimento representado e o cronotopo da representação balizada em um espaço-chave do enredo ou narrativa - a estrada, o encontro, o corredor, a antessala etc. Óbvio, o potencial dessas elaborações são as metáforas que arbitro como mais relevantes para a investigação dos casos midiaticizados.

Posto que sua configuração depende da abstração do narrador ou do analista das narrativas, prossigo para a identificação de elementos indiciários do cronotopo que o configuram como ferramenta de análise. É essencial para meu entendimento de cronotopo a identificação dele para além da dimensão estética da obra da arte. Na análise de Bakhtin em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2010) sobre as observações realizadas por Goethe, percebo uma busca do poeta por vestígios do tempo histórico dos espaços a partir de elementos geológicos – das pedras das pontes, do desgaste do solo e do tempo de vida das árvores. Identifico nesse movimento uma espécie de orientação metodológica de Goethe para o pensamento livre através da costura de indícios, inspiração para minha apropriação do conceito teórico-metodológico de cronotopo e de sua operacionalização para observação de relações singulares entre dispositivos, narrativas, espaços e temporalidades. Um segundo salto na interpretação do espaço-tempo é dado por Gilroy em *O Atlântico Negro* (GILROY, 2012). A princípio inspirado no método do cronotopo, o autor britânico percebe o compromisso das narrativas literárias biográficas de autobiográficas de ativistas e intelectuais negros com a dimensão concreta do real histórico, ao passo que também percebe presentificações das tradições modernas proporcionadas pelos meios de transporte e dispositivos midiáticos, como por exemplo, o disco.

Por fim, apresento o que entendo, afinal, por cronotopo midiaticizado. As narrativas que os articulam em diferentes espaços são percebidas a partir da discussão de conceitos e proposições de estudos de midiaticização, a saber, do dispositivo social, técnico e simbólico inspirado em estudos de Jairo Ferreira (2006; 2007) e dos espaços de uma ambiência

mediatizada (GOMES, 2016). As elaborações se coadunam com apropriações de conceitos e elaborações autorais para pensar o tempo histórico articulado a processualidades sociais e comunicacionais do contemporâneo.

3.2.1 APROPRIAÇÕES DO CRONOTOPO DA NARRATIVA LITERÁRIA

O cronotopo no romance literário é um dos fragmentos da extensa obra de Bakhtin, que se interessava pela produção de sentidos pelo homem em suas falas e expressões, principalmente nas artes. Este enfoque cultural e linguístico compreende o cronotopo como uma complexa assimilação artística do tempo real e concreto na Literatura. Se para Ukhtómski, o biólogo cuja palestra inspirou os estudos de Bakhtin, o conceito tem uma abrangência biológica e universalizante, importando o mundo inteiro, para o linguista o interesse reside na articulação de narrativas na obra literária separadas de seu entorno, isto é, separadas da realidade concreta.

Conceito e ferramenta metodológica, o cronotopo é uma categoria de forma e conteúdo literário, que determina o gênero, modalidades e unidade artística de uma obra justamente pela inseparabilidade do tempo e do espaço. Como materialização do tempo em um dado espaço, por si só ou articulado com outros, é o responsável pela ligação entre narrativas: “No cronótopo os acontecimentos de enredo se concretizam, ganham corpo, enchem-se de sangue”. (2018, p. 226). Além disso, “Todos os elementos abstratos do romance - as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e efeitos - gravitam em torno do cronotopo e através dele se enchem de carne e de sangue” (ibidem). Ou seja, é nos espaços e na relação com elementos que o compõem e são dotados de memória, que as diferentes personagens das narrativas se encontram, interagem e protagonizam os acontecimentos, dando-lhes ‘corpo’ e ‘sangue’.

Os encadeamentos de narrativas no interior de uma obra ficam mais evidentes com a demonstração de cronotopos específicos. Em Teorias do romance II, Bakhtin aborda seis tipos diferentes de cronotopo em diferentes gêneros literários. De acordo com ele, esses gêneros são estruturas em alguma medida mais ou menos estáveis, que visam a percepção de cronotopos mais complexos em gêneros seguintes, mais recentes. Cabe lembrar que Bakhtin era estruturalista, embora considerasse as estruturas políticas, econômicas e culturais mutáveis e distintas para cada ato de expressão ou de fala dentre as várias possibilidades de escolha de signos pelos sujeitos para criação de sentidos. Dos cronotopos abordados na obra, destaco quatro deles que me parecem importantes em busca de aproximações para pensar o cronotopo

mediatizado e andanças outras da tese: *Cronotopo da estrada*; *Cronotopo do encontro*; *Cronotopo do limiar*; e o *Cronotopo idílico*.

O cronotopo da estrada se vincula a outro cronotopo, o do encontro. Pois, nos romances modernos, os encontros casuais e os programados muitas vezes ocorrem na estrada. É por ela onde passam os viajantes, os andarilhos, os condutores etc., vindos e seguindo em direção a diferentes lugares. As distâncias sociais de idades, gêneros, classes sociais e ocupações de personagens que dificilmente se encontrariam em outros espaços e tempos são dirimidas em um ponto determinado na estrada, onde e quando se deparam uns com os outros. Nas estradas e através desses encontros, não raro de forte apelo emocional para as personagens e narrativas, é onde se realizam os acontecimentos enquanto experiências vividas e únicas que são proporcionadas às personagens.

O cronotopo do limiar combina-se com o cronotopo do encontro e com tantos outros devido aos espaços onde se efetivam – cronotopos da estrada, das salas de reuniões, do corredor etc. –. Porém, é muito mais afeito às crises e às conseqüentes tomadas de decisões que acarretam mudanças de vida. O limiar ocorre em situações limítrofes com as quais as personagens se deparam. Diante de dilemas e impasses que constituem as crises relacionadas ao tempo - seja o tempo que se esvai para determinada ação, seja o tempo biológico que resta para o fim da vida -, as personagens acrescentam camadas comportamentais a suas personalidades e alteram suas formas de ser e de agir.

O cronotopo idílico se refere ao tempo próprio do bucólico, pastoril. No romance, é o tempo das narrativas que têm como cenários cidadezinhas pequeno-burguesas e acontecimentos cíclicos relacionados aos costumes locais cotidianos. É o cronotopo de um tempo cíclico, portanto fechado, nos acontecimentos diários e das tradições míticas de uma comunidade. Ou, como diz Bakhtin (2018, p. 224), “Não há acontecimento, há apenas o 'acontecer' que se repete”. Nas narrativas do romance, o cronotopo idílico é um recurso para alternar o ritmo dos acontecimentos contínuos de outros núcleos de personagens, portanto, de outros cronotopos, ou quando as personagens têm a necessidade de transitarem para cidades pequenas. Em minhas apropriações na tese, me refiro ao idílico como uma dimensão espacial do ‘local’, especialmente no que diz respeito ao Rio Grande do Sul, onde emergem os casos Gustavo Amaral e João Alberto. O substantivo idílico possui significados como ‘campestre, paradisíaco e utópico, além de remeter a antigos poemas gregos de temáticas afins. Que o campestre e o paradisíaco são camadas que abrangem os imaginários sociais bairristas a respeito do Rio Grande do Sul, não tenho dúvidas. Por analogia, a questão que se impõe me parece outra: qual é a utopia do cronotopo idílico 'sulista' relacionada à manutenção do racismo? Para o racista, arrisco que é

uma utopia de tempos e memórias que atribui à subjugação e servilidade de pessoas negras, materializando-se na eliminação daqueles que escapam a esse controle, que escapam ao que é entendido por ele como 'paradisiaco'.

No romance gótico, ambientado no século XVIII, o castelo é o principal cronotopo, sendo espaço para realização de acontecimentos diversos – as refeições, as festas, os conflitos. Além de espaço, o castelo comporta o tempo histórico, dos senhores feudais, de suas famílias, das insígnias, mobiliários, obras de arte etc., uma espécie de receptáculo das lembranças das lendas e tradições. Alguns dos cômodos do castelo possuem importância central para configuração do cronotopo, a exemplo do salão de visitas, onde se dão os encontros, e dos aposentos da realeza, espaço da intimidade desvelada na narrativa. Os cronotopos, então, promovem um entrelaçamento dos tempos históricos com as dimensões do privado das alcovas e das interações públicas que estão às vistas de uma coletividade de personagens.

São perceptíveis as diversas operações do cronotopo como ponto de intersecção que condensa os indícios das marcas do tempo e do espaço nas narrativas. Estradas, cidades, castelos, cômodos de residências e os encontros que neles ocorrem correspondem a lugares de localização fixa transformados em espaços pela criação humana. Nesse ponto, Bakhtin percebe cronotopos também em objetos e em meios de transportes, para além dos caminhos que estes percorrem. Dentre os objetos, o divã do consultório do psicanalista, no qual o paciente narra e reflete acerca do que vivenciou anteriormente em sua vida, um dispositivo de uso bastante específico e estabilizado pela Psicanálise; dentre os meios de transporte, o trem e seus vagões, vinculados ao cronotopo da estrada [férrea] e ao do encontro. Este, em especial, acrescento, fazendo com que os passageiros percorram distâncias mais amplas, de maneira mais célere.

As narrativas dos romances e aquelas analisadas nos livros acadêmicos são dotadas de espaços e temporalidades cruzadas nos textos, mas o próprio livro, como suporte material e conteúdo, é um meio de comunicação cronotópico. Além dos diversos cronotopos bakhtinianos nas narrativas ficcionais dos escritores, estendo-os como inspiração para a compreensão das narrativas de quaisquer pessoas a respeito de um real concreto, não-ficcional, portanto, na relação entre as narrativas inscritas nos dispositivos e o espaço-tempo acionado. Este segundo passo, de pensar os espaços e temporalidades acionados na relação entre cronotopos dos relatos e dos dispositivos, é dado por Paul Gilroy ao analisar as narrativas de perda, exílio e viagens de ativistas e intelectuais negros em diáspora.

3.2.2 CRONOTOPOS, DISPOSTIVOS E NARRATIVAS

Em *O Atlântico Negro*, Gilroy propõe novos cronotopos a partir da experiência e da memória na diáspora negra. São cronotopos o navio, o disco como expressão midiática das referências culturais partilhadas na música e a encruzilhada -para além do cronotopo da estrada, o de hibridização e interculturalidade experimentada pelos descendentes de africanos na Diáspora negra. Em suas expressividades inscritas em diferentes ‘artefatos culturais’ - nas palavras do autor -, ou seja, nas ideias, nas palavras, nas músicas e nos projetos políticos, intelectuais, ativistas e coletivos negros evocam uma tradição ‘não tradicional’ das culturas negras, posto que evocam o passado, mas estão em constante transformação no contato umas com as outras e com outras referencialidades étnicas na Modernidade.

A orientação metodológica da tese de Gilroy, para reflexão da diáspora negra como um outro registro possível do período da Modernidade, se nutre em parte por uma compreensão singular do cronotopo, extraída da obra *A Imaginação Dialógica*, de Bakhtin. Trata-se do cronotopo como unidade de análise para estudo de textos. Interessam ao autor a frequência e os tipos de categorias de tempo e espaço representadas textualmente. Percebo, em inferência a partir dessa inspiração, dois movimentos metodológicos de Gilroy que medeiam suas análises das categorias espaço-temporais, que são as visadas dos meios de transportes e dos meios-dispositivos midiáticos e aquelas lançadas sobre as narrativas neles realizadas.

Entendo que o navio na obra de Gilroy é observado em um duplo registro: dos navios tumbeiros, entre os séculos XVI e XIX, aos navios de viagens escolhidas com a finalidade de turismo ou de autoexílio. No primeiro registro, a imagem do navio é o primeiro dos cronotopos trabalhados pelo autor. O navio, nesse sentido, é o elo de ligação do que identifico como sendo três momentos: das tradições pré-escravização negra por europeus; da posterior fragmentação dos sujeitos pelo esquecimento forçado de suas culturas nas terras natais, fraturação das linguagens, silenciamento e uma infinidade de violências; e da posterior passagem pelos espaços entre Europa, África, Américas e Caribe e dos fluxos culturais entre as populações negras desses continentes, entre as tentativas de presentificação e a criação de novas tradições em movimento constante - é o que Édouard Glissant chamou de identidade - cultural - rizomática, ou seja, possuidora de uma raiz cultivada via transmissões geracionais que se retroalimentam com ramificações decorrentes dos contatos entre diferentes culturas. No segundo registro, o cronotopo do navio é o dos intelectuais negros viajantes, de ex-marinheiros a turistas que estudavam *in loco* a história e as culturas de nações africanas. O navio, e posteriormente outros meios de transporte, possibilitam a difusão e posterior circulação de ativistas e de suas ideias em “panfletos, livros, registros fonográficos e coros” (2012, p. 38).

O que a terminologia culturalista de Gilroy classifica como artefatos - panfletos, livros etc. -, entendo como meios e dispositivos midiáticos que também se configuram em cronotopos, cuja importância se justifica:

- a) por lançar no espaço público as narrativas de viagem, perda e exílio presentes em textos escritos, imagéticos e sonoros;
- b) pela estabilização dos signos de resistência ao longo do tempo, posto que representados em narrativas são acessíveis em acervos de obras literárias, científicas e musicalizadas a respeito das culturas negras;
- c) pela própria articulação cronotópica, em que a dimensão temporal se dá pela persistência da tradição presentificada nas narrativas referentes a espaços geográficos onde elas nasceram, no espaço simbólico da diáspora e de uma esfera pública alternativa, e, ainda, no espaço materializado no dispositivo midiático, que é técnico-tecnológico, traz implicações sociais e possibilita a ampliação das interações em copresença.

A concepção de narrativas também possui uma dimensão mais ampla na complexificação de uma temporalidade histórica, tanto das narrativas de opressão às populações negras, quanto pelas narrativas políticas de revolta. Segundo Gilroy, as narrativas de conquistas do colonialismo europeu e as narrativas de resistência na história do Atlântico Negro são reveladoras de uma complexificação das periodizações históricas. Um dos elementos importantes dessa ideia é que o senso de novidade dos atributos da classificação 'pós-modernidade' é rechaçado em vista da brutalidade do escravismo racial e do que foi imposto aos negros, a meu ver, como um desencaixe da relação com o espaço, o tempo e da perda de segurança ontológica que divide as identidades dos subalternizados. As narrativas de triunfo do colonialismo e principalmente as narrativas das culturas negras afastam ainda um dualismo entre uma pré-modernidade tradicional e a recusa da modernidade. A afro-referencialidade dos africanos e seus descendentes revela uma outra construção da modernidade, que não é de recusa da tradição e nem de evocação de um tempo e de uma especialidade do continente natal que já não existe como outrora, mas de um Atlântico Negro que consiste na criação de uma tradição não-tradicional, que se renova pelas comutações culturais. Essas são também relações cronotópicas percebidas nas narrativas nos meios.

Um dos aspectos que Gilroy observa nas culturas expressivas do Atlântico Negro, ou seja, nas danças, nas músicas e na literatura, é o contato com a morte derivado da violência da colonização e do escravismo racial:

Ele [o contato com a morte] é inerente, por exemplo, as narrativas de perda, exílio e viagens que, como determinados elementos da interpretação musical, cumprem uma função mnemônica: dirigir a consciência do grupo de volta a pontos nodais importantes em sua história comum e sua memória social. O contar e o recontar dessas histórias desempenha um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo "racial" e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa - as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade (GILROY, 2012, p. 370, grifo nosso).

Na síntese selecionada acima a respeito das culturas da diáspora negra, percebo os seguintes processos cronotópicos nas narrativas sobre a morte, situação limite do racismo: o contar e recontar da violência - não apenas dela, mas este é o enfoque aqui - que conduz a memória coletiva a “pontos nodais”, fazendo com que as narrativas individuais comuns à coletividade se comutem com uma narrativa histórica e cultural mais ampla. Nisso, uma narrativa do tempo presente reconta e mantém viva uma narrativa de longo período ante o esquecimento infringido pelo colonialismo. Contar e recontar a história e cultura negra faz com que temporalidades relacionadas ao passado, ao presente e ao futuro se entrecruzem e se materializem no dispositivo livro e em quaisquer outros dispositivos apropriados, em posição de resistência, para desnaturalização do racismo.

De acordo com Gilroy em relação às narrativas no Atlântico Negro, importa menos o seu conteúdo, e mais a celebração ritualística da sua forma: “As histórias são contadas, com ou sem música. Mais importante que o seu conteúdo é o fato de que durante o processo de interpretação a força dramática da narrativa é celebrada como forma. O conteúdo simples das histórias é dominado pelo ato ritual da narrativa em si mesma” (GILROY, 2012, p. 373)”. A celebração das narrativas remete à organização dos espaços simbólicos, que prescindem ou não dos espaços físicos, dotados de significados partilhados coletivamente nas relações humanas. Metaforicamente, as narrativas constituem e são constituídas pelos espaços humanos, incluindo a esfera pública negra que emerge do privado para o amplamente visível em redes sociais de resistência entrelaçadas pelas expressões culturais em diferentes lugares.

Antes de partir com mais profundidade para a discussão teórica-metodológica do cronotopo midiaticizado, é necessário dar prosseguimento a questões de fundo que a antecedem. De modo que se constituem em cronotopos, teço comentários breves sobre as quatro temporalidades, a serem discutidas no capítulo sobre as condições sociais e históricas do racismo e da cultura narrativa de resistência atualizados no midiático. Retomando, as quatro temporalidades cronotópicas são: presentificação de um cultural espaço simbólico, o presenticismo do roubo da memória, dispersão e segregação geográfica e/ou espaços simbólicos

não efetivados, o presentismo de onipresença do presente em todas as partes, já experimentado na sociedade dos meios, e a temporalidade própria da mídiatização, ainda a descobrir - não apenas da instantaneidade das redes e dos avanços na partilha de conhecimentos em aceleração, mas do cruzamento entre temporalidades na ambiência de vários meios, conexões etc.:

a) Tradição presentificada: a temporalidade da presentificação trata da recordação coletiva de acontecimentos-chave relacionados a uma história de periodização longa ou mais recente. Mais que esforço para lembrar de acontecimentos dotados de sentidos compartilhados por uma coletividade étnica criadora e criada por tradições - passadas de geração em geração por uma cultura oral e por uma oralidade letrada, em um segundo momento -, a recordação é organizada socialmente como esforço de disputas narrativas. Em especial para as culturas das populações africanas e de seus descendentes - afro-americanas, afro-caribenhas, afro-brasileiras etc. -, a presentificação é ligada a uma temporalidade distintiva e disjuntiva. Distintiva pelo recrudescimento das diferenças socialmente construídas pelo racismo e da diferenciação da cultura derivada da perda de memória infringida pela proibição do dizer e do reunir-se, e disjuntiva pela segregação dos sequestros promovidos pelo escravismo e da dispersão diaspórica das populações negras principalmente nos continentes interligados pela travessia do Oceano Atlântico. Ao mesmo tempo em que a violência colonial segrega, os sentimentos de pertença a uma coletividade conduzem a novos arranjos de trocas simbólicas entre referências culturais de África, Europa e Américas, em diferentes direções - em encruzilhada, portanto. O papel da recordação dos horrores da escravização, por outro lado, conduz a uma cultura política importante para criação do que Gilroy chama de uma comunidade de sentimentos, sensibilidade que é condição para a interpretação de acontecimentos históricos, contemporâneos e cotidianos por indivíduos e coletividades. Então, a temporalidade da presentificação da tradição deriva de uma espacialidade dispersa e diferida da diáspora negra e tem como ponto fundamental para a criação comunicacional de uma espacialidade simbólica igualmente diaspórica que se materializa em narrativas nos espaços privados pela cultura oralizada e no espaço público ampliado nos suportes materiais dos meios de comunicação impressos, eletrônicos e digitais.

b) Presenticismo: o termo presenticismo é um neologismo que crio para diferenciar da presentificação das tradições afro-referenciadas, as presentificações que têm como base a opressão contra os negros em ao menos três dimensões. São essas a recusa e fragmentação, decorrente da colonização e escravismo inerentes à modernidade ocidental, das memórias dos nativos africanos e, portanto, de todos os seus descendentes; a evocação de lendas e mitos

baseados em uma razão social e científica euro-referenciada que se estabelece como um senso de verdade imanente e exclui as contribuições culturais afro-referenciadas; e a evocação, no presente, tanto da fixação de uma imagem de subalternização do negro que se dá pela naturalização da violência física histórica e cotidiana, quanto de estereótipos racializados. A essa dimensão pertencem as imagens de controle (HILL COLLINS, 2022) no midiático, que evocam lugares de subalternização do negro para controlar o corpo, o comportamento e as possibilidades de realização de práticas sociais.

A temporalidade presenticista materializada em narrativas nos meios de comunicação, ao levar ou tentar levar a uma morte dos saberes, se estabelece como racionalidade epistemicida, ao passo que escarnece ou naturaliza os assassinatos contra negros, se oferece como antessala de um genocídio em curso⁹ ¹⁰. Logo, o presenticismo, quando se estabelece como narrativa do presente que denega o passado das culturas negras e rememora de maneira implícita a violência dos colonizadores, também se estabelece como condição de negação de um futuro de emancipação plena para as populações negras¹¹.

c) Presentismo: o termo presentismo trata da onipresença e permanência do presente articulado com passado e futuro. De um lado, há uma mobilidade socialmente valorizante de velocidades e fluxos protagonizados pelas pessoas nos mercados financeiros, nas mídias, nas migrações e, de outro, um presente em desaceleração, dentre aqueles que têm negadas a si as possibilidades de expressar o passado e de projetar emancipações no futuro. Este paradoxo temporal se traduz na hipótese de partida que avança e se condensa enquanto tese de François Hartog (2013) e ganha fôlego em articulação com os autores do pensamento negro que refletem sobre o passado colonial e as possibilidades de futuro das populações negras e, em geral, dos grupos subalternizados em todo o mundo. A respeito desse crescimento da categoria de ‘presente’,

⁹ Em nosso país, uma pessoa negra morre violentamente a cada 15 minutos. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

¹⁰ A discussão que adoto do termo conceito genocídio possui um lastro político que corresponde à denúncia da morte sistemática de pessoas negras no Brasil e no mundo derivadas do abandono e de políticas de extermínio ordenadas pelas formas- Estado. Trata-se de um outro registro diferente daquele de Pierre Clastres e do conceito de etnocídio e genocídio, complementares, voltados para os povos originários nas Américas. A ideia de etnocídio e genocídio criada por Clastres e utilizada por amigos do grupo Midiaticom em suas pesquisas de midiaticização, considero válida para designar o extermínio dos guardiões de culturas indígenas específicas, ao passo que ‘o negro’ não corresponde propriamente a uma etnia única e unívoca justamente pelas comutações culturais, apesar da partilha de elementos em comum, do mesmo modo que se estabelecem resistências mais profundas no espaço público contra, primeiro, uma eugenia estatal, e, a uma permanência das violências físicas e morte.

¹¹ Achille Mbembe e outros pensadores negros entendem que a humanidade caminha para um futuro de agravamento da guerra, da fome e das catástrofes ambientais que levarão as populações do mundo a uma partilha da condição de ser negro diante de um sofrimento global iminente. Outros autores, de uma vertente afro-pessimista, dentre os quais Frank Wilderson III, argumentam, sem ignorar o sofrimento planetário, que o futuro das populações negras no mundo é mais afetado ou que é passível de não existir.

Hartog comenta (p. 148) a reprodução desse movimento de valorização do efêmero como mercadoria, e de obsolescência de coisas e pessoas, no que chama de *mídia*, um comentário mais direcionado ao jornalismo e sua corrida para o alcance da instantaneidade dos acontecimentos ao vivo, pela repetição de palavras, imagens e transformação da história em notícias de minutos. Mesmo que do ponto de vista do historiador e de modo restrito, a reflexão se coaduna com discussões das teorias do jornalismo quanto a distorções involuntárias das rotinas profissionais na representação do real. Soma-se a isso, como percebo, um contexto de *mediatização*, quanto às disputas dos meios do jornalismo com a instantaneidade de interações nas redes sociais digitais e a complexidade do entrecruzamento de temporalidades – se o tempo histórico é comprimido, ainda assim importam os acessos, a exemplo de que temporalidades são acionadas e quais histórias são contadas, vide a predominância da cultura eurocêntrica nas tradições celebradas e do enfoque nas representações do cotidiano dos não-negros nos conteúdos jornalísticos. Metodologicamente, o *presentismo* é hipótese e o que Hartog chama de regime de historicidade é o instrumento ou método que consiste em maneira comparativa de “engrenar passado, presente e futuro”, indício de semelhança com a discussão de *cronotopo*, posto que também é um método criado e percebido pelos historiadores. O uso que Hartog atribui vai de acordo com uma visada macro-histórica ou micro-histórica¹², perspectivas metodológicas que oferecem indícios rearticulados para a presente discussão (ver seção 2.3). Portanto, ao contrário de uma contraposição mais bem demarcada através de confrontos entre o *presenticismo* eurocentrado e a *presentificação* em resistência dos circuitos afro-referenciados, por sua vez o *presentismo* pode se contatar com ambas as temporalidades: com o *presenticismo* e os sentidos deste ao reproduzir o racismo condicionado por distorções, invisibilidades e apagamentos coadunados com a ideia de um presente imanente; e com as *presentificações* em raros momentos a partir dos contatos com os circuitos enquanto audiências dos meios do jornalismo ao mediar recordações de sofrimentos e contribuições da história e cultura afro-brasileira.

d) Tempo *mediatizado*: conforme já referido, os dispositivos técnicos, sobretudo os dispositivos técnicos-midiáticos, geram rupturas nas relações entre tempo e espaço (VERÓN, 2014). A hipótese veroniana parte do princípio de que a *mediatização* é uma condição semioantropológica

¹² A perspectiva micro-histórica é adotada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Seu método de escrutínio de detalhes dos seus objetos de pesquisa, para reconstruir vestígios elementos históricos mais amplos, corresponde ao paradigma indiciário basilar da visada metodológica de José Luiz Braga para compreensão da comunicação e da *mediatização*.

inerente à espécie, que materializa a experiência mental em dispositivos e fenômenos midiáticos diversos, sendo exemplo disso desde a criação de ferramentas e objetos por elas trabalhados no Alto Paleolítico até as mídias digitais contemporâneas, invenções criadas para atender demandas específicas das comunidades humanas. A mediação da comunicação por dispositivos técnicos, principalmente a partir da invenção da prensa, altera as escalas entre espaço e tempo na medida que possibilita autonomia dos receptores e persistência de sentidos. A autonomia e o registro dos signos para posteridade têm como sequência uma descontextualização de sentidos ao alcance de todos, assinala Verón. Antes restritos ao controle de instituições sociais, como às religiões e à família, os sentidos e suas reinterpretações conduziram a uma sociedade letrada em uma ampla porção do Ocidente. O autor exemplifica que a ruptura das relações entre tempo e espaço a princípio não é possível em interações face a face, que prescindem da mediação imediata do dispositivo midiático. Reitero, no entanto, que as interações mediadas pelos dispositivos materializam não apenas ampliações de tempo e espaço, mas, respectivamente: acelerações do tempo histórico através de compartilhamento de conhecimentos e invenções em uma malha de sentidos; e a materialização da temporalidade mediatizada nos diversos dispositivos/ambientes permite disputas e tensionamentos em imaginários sociais, imagens de controle e subversões evocadas, quando em presentificação/cismo/ismo e transições entre espaços diversos e diferidos a montante¹³. Portanto, a mediatização como cronotopo tem como potencialidade se constitui como lugar e objeto principal das disputas de poder entre grupos sociais em torno de (in)visibilidades, memórias e esquecimentos dos temas-problemas que permanecem nas sociedades no contemporâneo, em especial o racismo.

3.2.2 O INDICIÁRIO NOS CRONOTOPOS MEDIATIZADOS

¹³ Dentre trabalhos que refletem sobre relações entre o tempo, a comunicação e a mediatização, destaco textos de Tiago Quiroga (2016; 2020). Em perspectiva epistemológica, pensam o comunicacional e a mediatização como forma de organização do social, estando a discussão sobre o tempo relacionada com os fluxos de ‘velocidade’ (comunicação e informação) e em como uma nova subjetividade maquínica perante centralidade dos meios e tecnologias se traduz numa desrealização do mundo. Esse contexto levaria tanto a uma aceleração cada vez maior e a uma espacialidade encurtada no social, quanto a perdas em processos reflexivos de teorizações no campo da pesquisa em Comunicação, seja por uma falta de distanciamento temporal diante dos objetos de estudo, seja por um fascínio derivado do paradigma informacional. Como pontos de aproximação entre os textos do autor e minha hipótese e tese, constam a perspectiva do presente como temporalidade imanente, inclusive pelo diálogo com Hartog e a ideia de celeridade do presentismo, e, em diálogos aparentemente mais distantes, três aspectos: tão somente por não ser a ênfase da tese, a pertinência de pensar a subjetividade maquínica, que demanda participação humana; em outros termos, a supressão ou encurtamento de espaços ante uma expansão, simbólica, do espaço enquanto evocação e alcance dos fluxos das narrativas na ambiência mediatizada; e o lugar dos usos e apropriações dos meios nas reflexões sobre o tempo e o espaço, centrais em minha tese.

À guisa de síntese, nesta subseção defino duas características centrais para a metodologia: o que é cronotopo midiático e como perceber as minúcias das relações entre espaço e tempo. A discussão estabelece a linha de corte do que é e do que não é cronotopo midiático e vincula o cronotopo a uma orientação indiciária de análise.

Mesmo com a delimitação da necessária relação entre tempo e espaço e sua materialização em narrativas, a categoria de cronotopo é abrangente, o que implica a necessidade de escolhas. Em outras palavras, se o cronotopo está em todos os ambientes em que há relações humanas, estabeleço parâmetros do que é importante olhar e o que é importante perceber em cada cronotopo.

Primeiro, os cronotopos são midiáticos no que é tornado visível nos dispositivos midiáticos e nos acontecimentos, narrativas e interações que emergem no espaço público. Mesmo que importantes, as interações em copresença que não possuem mediação dos dispositivos técnicos tendem a apresentar uma única e síncrona temporalidade e espacialidade, da ordem do fugaz. Configuram cronotopos, sem dúvidas, mas dificultam rupturas nas escalas de tempo e espaço e seus alcances, um atributo dos dispositivos. A persistência dos signos ao longo do tempo porque materializados no midiático permitem a ampliação dos acervos de conhecimento e da memória coletiva que deslocam o espaço tempo. Com isso, cronotopos clássicos como o da estrada, o do encontro e o do limiar permanecem como metáforas inferenciais na midiática – a estrada como espaço dos encontros nos circuitos, o encontro que configuram nodos das redes interacionais e o limiar dos acontecimentos midiáticos que ensejam mudanças sociais.

O que entendo por dispositivo em diferentes menções ao termo até este ponto do texto tem como referência aspectos do conceito de dispositivo midiático em Ferreira (2006). A genealogia do conceito de dispositivo inicia em Deleuze, Guattari e Foucault, nas dimensões da filosofia e da linguagem. As diferentes apropriações do conceito em estudos de comunicólogos localizam o dispositivo em três dimensões principais, segundo Ferreira: das condições impostas pelos mercados para a comunicação semiolinguística e discursiva; dos sentidos sociais; e das condições impostas pelas técnicas e tecnologias. Ao invés de adotar uma única dimensão, as relações matriciais entre as três dimensões são o enfoque epistêmico, teórico e metodológico do autor para pensar o dispositivo. De minha parte, a diferença no uso da expressão dispositivo midiático está em menor exigência metodológica, não-matricial, como aqueles de uso disseminado socialmente e com recomendações compartilhadas de uso, que possibilitam alterações nas escalas de tempo e espaço nas interações - inclusive em narrativas - por eles mediadas e nas apropriações das tecnologias para fins inicialmente não previstos. Essa

criatividade da combinação de práticas sociais e linguísticas interpostas pelo dispositivo são, senão determinantes, acopladas à dilatação - expansão e retraimento – do tempo e do espaço das redes e do real mediado.

Vejam os dois exemplos dessa capacidade de criação no manejo dos dispositivos, sendo um, de mediação, e, outro, midiático. A reformulação de livros didáticos e dos currículos pedagógicos no ensino básico é uma das bandeiras dos movimentos sociais negros na Educação. Trata-se de recontar a história do país em valorização da cultura e da história dos povos africanos e de seus descendentes, em resposta a uma orientação histórica positivista de enaltecer os crimes dos colonizadores como sendo atos heroicos. A transmissão geracional letrada se faz necessária em um segundo nível de sociabilidade - para além da família -, sendo sua sociabilidade recomendada por ativistas, técnicas de narração e curadorias recomendadas para reelaboração dos livros didáticos e interações posteriores talvez, caso a caso, modificadas nas leituras em recepção dos estudantes. Em uma visada da midiaticização, a questão das câmeras de telefones celulares também revela atos de criação nas apropriações da técnica e nas narrativas. Ora, se os dispositivos midiáticos são criados pela humanidade para resolução de problemas sociais, os meios de produção não são possuídos por pessoas negras, ao passo que as matérias-primas para fabricação das telas dos dispositivos são extraídas de mão obra infantil de países africanos. Uma nova possibilidade de apropriação reside justamente na filmagem como protocolo de segurança e dispositivo de denúncia de violência policial sofrida no espaço público. É importante ressaltar que os cronotopos são expressões da ação humana tanto pelas palavras e imagens produzidas em narrativas, quanto pelos usos e apropriações dos dispositivos sócio-técnico-simbólicos, que são sempre criações humanas – inventadas, aperfeiçoadas, programadas e comercializadas por atores sociais. As consequências comunicacionais e sociais dos usos e apropriações de dispositivos e expressão de narrativas são abordadas nas análises dos casos midiáticos.

Em retomada ao título desta tese, é produtivo tratar de como os cronotopos são midiáticos a partir de tensionamentos e disputas trazidos pelo acionamento de dispositivos e nas narrativas, em especial as de antirracismo, por atores sociais. É neste ponto que os dispositivos e narrativas engendram as temporalidades que articulam passado, presente e futuro, estratégias (CERTEAU, 2014) e táticas (Idem) de acelerações e tentativas de interdições de fluxos de sentidos tanto pela instantaneidade do ao vivo dos circuitos do jornalismo e do ‘ao vivo onipresente’ dos circuitos interacionais das instituições e em redes sociodigitais, quanto pela ética da lentidão e indiferença das instituições sociais para com os casos racializados. Outros espaços cronotópicos para além dos espaços simbólicos das redes são os da cidade, de onde emergem os acontecimentos transformados em casos midiáticos - vide os casos

selecionados para investigação - e as coletividades se reúnem em presença física para se expressar nas lutas pela contraposição e estabilização de sentidos.

Portanto, as práticas comunicacionais de tentativa de administrações do tempo e visibilidade das comunicações em diferentes espaços mediatizam os cronotopos e se relacionam com o levar a jusante os sentidos nas lutas antirracistas a partir dos acontecimentos mediatizados. A propósito, observei que nos cronotopos literários, a narrativa dos escritos e as narrativas das personagens criadas são acontecimentais.

Em outra linha de corte, considero condicional que as narrativas nos circuitos se tornem acontecimentos, como quando dizeres públicos na internet se notabilizam pela ascensão aos meios do jornalismo, que as tornam ‘acontecimentais’. Invariavelmente, estas estão atreladas ao acontecimento primeiro que ganha vida nos meios e circuitos do jornalismo e das redes. Restrito àqueles, acontecimento midiáticos representados de acordo com logicidades da sociedade dos meios. Em articulação com os últimos, acontecimentos mediatizados em uma malha complexa de meios, circuitos, interações e suas interpenetrações. As narrativas nos circuitos representam os acontecimentos - ao interpretá-los, identificarem personagens, atribuírem relações de causas e feitos, continuidades e modificações, e recordam e constroem outros acontecimentos e narrativas, em agenciamentos cronotópicos como ocorrem nos circuitos afro-referenciados.

A ideia de circuitos afro-referenciados, um quase-conceito sobre o qual teorizo na tese, oferece inteligibilidade metodológica. Me aproprio do conceito de circuito interacional em Braga (2006; 2012; 2017) e imprimo a discussão que proponho sobre o afro-referenciado. Se atravessamentos das práticas das instituições sociais por diferentes circuitos diluem um monopólio da fala, também em postura crítica às mídias, a crítica ao racismo é uma herança secular que se materializa nos circuitos e se amplia em profusão nos últimos anos. A criação do termo afro-referenciado parte de uma dupla necessidade, de afastar uma concepção essencialista sobre quem pode experienciar culturas de matriz africana e discutir e se opor ao racismo no social, e de reconhecer que as culturas diaspóricas não se fecham em si mesmas, posto que não há signos puros – há contaminação de referências entre as culturas que permite transformá-las, estando em mutação constante. Por isso a inspiração semântica nos termos afro-americano, afro-brasileiro, afro-caribenho e, em encruzilhada entre os anteriores, o afro-diaspórico¹⁴.

¹⁴ A encruzilhada é uma metáfora cronotópica de múltiplos significados. É epistemológica se pensar, de acordo com tese do educador Luiz Rufino, no encontro de múltiplas referências do pensamento africano para interpretar o mundo, uma interpretação contrária ao dualismo cartesiano e que reúne ‘um balaio’ de ideias e conceitos. Nas religiões de matriz afro-brasileira que reinterpretam e reinventam ritos religiosos africanos, é nas encruzilhadas,

Mais importantes que a dimensão ontológica de quem discute o racismo são o vivenciamento dessas culturas e seus encontros em lugares, espaço e territórios em que os dispositivos midiáticos não necessariamente medeiam as expressões verbais, musicalizadas e corporais. Alguns desses circuitos são o do samba, das religiões de matriz africanista, das festas, danças e tradições culturais diversas, dos movimentos sociais, dos ativismos e os acadêmicos, dentre outros. Esses circuitos podem se constituir em outros espaços, de ambientes profissionais e de encontros familiares, por exemplo, desde que evocadas nas interações referências culturais de matriz afro. Nos espaços públicos ampliados pelas redes sociais e digitais, os atores sociais desses circuitos se encontram em circuitos afro-referenciados em duas situações, que podem ser imbricadas: ao expressarem referências dos circuitos de sociabilidade progressista e quando interpretam temas agendados por acontecimentos racializados, em casos de racismo que emergem ou ingressam nas redes e/ou em meios do jornalismo, por vezes em agonísticas nas disputas narrativas com outros circuitos interacionais que denegam o racismo e a cultura afro-referenciada.

Os usos e apropriações de dispositivos e as narrativas derivadas de autoria dos atores sociais em circuitos interacionais afro-referenciados, do jornalismo e outros, evocam e materializam condições sociais e históricas do racismo e suas resistências. Tais condições englobam imaginários sociais. São compartilhamentos de ficções, mitos, memórias coletivas de realidades diversas e práticas que vislumbram outras realidades possíveis. Os acionamentos desses elementos em cronotopos midiáticos só podem ser percebidos de maneira indiciária, orientação metodológica compartilhada nas referências aos trabalhos de Bakhtin nas análises deste a respeito das percepções singulares do espaço e do tempo por Goethe, nas comparações de Hartog quanto ao presentismo em indiciabilidade micro-históricas e nas referências do próprio Carlo Ginzburg traduzidas para o comunicacional por Braga.

Entendo, então, que os cronotopos midiáticos são observados e passíveis de serem analisados heurísticamente em indícios extraídos das seguintes porções da realidade concreta:

a) Nas práticas dos usos e apropriações dos dispositivos midiáticos pelos circuitos interacionais, principalmente dentre os afro-referenciados: interessam aqui a utilização de dispositivos para

como por exemplo, nas esquinas e cruzamentos de ruas e avenidas, que as oferendas (2019) possibilitam uma dimensão temporal cosmológica de reencontro com o ancestral. Metaforicamente, toda vez que alguém se recorda dos antepassados seus ou dos antepassados de outrem para interpretação de casos de racismo, se estabelece um cronotopo de encruzilhada de tempos e espaços.

fins não inicialmente previstos que gerem ampliações de espaço e tempo no acionamento dos circuitos interacionais afro-referenciados e meios do jornalismo no espaço público.

b) Fragmentos textuais: materialidade de análise dos cronotopos, são observados trechos escritos e imagens que constituem narrativas dos circuitos a partir de uma agenda de acontecimentos vazados nos meios e relacionados a temas e casos de racismo. É a partir desses fragmentos, em narrativas e unidades destas como frases e palavras específicas, que se observam indícios considerados pertinentes para revelação de cronotopos e das referencialidades epistemológicas, ontológicas e deontológicas que se interpõem nas interações dos cronotopos.

c) Variadas dimensões espaciais: de onde os acontecimentos irrompem no espaço público, lócus das interações em copresença simultâneas às apropriações dos dispositivos midiáticos; os espaços simbólicos condicionantes e derivados dos circuitos culturalmente referenciados; e dos espaços nacionais e transnacionais interconectados em rede.

d) Acionamento de temporalidades: nos acionamentos de uma ou entrecruzamentos entre duas ou mais temporalidades, de presentificação, presenticismo, presentismo e da midiatização no contemporâneo. A identificação desses acionamentos em apropriações dos dispositivos e narrativas em torno do ‘ser negro’ e do racismo permite analogias entre fragmentos reflexivos sobre as relações sociais e históricas racializadas e suas recordações no contemporâneo, e de tempos de celeridade e lentidão estratégicos a partir da agenda de casos de racismo.

e) Ampliações e abreviações dos fluxos de sentidos nas narrativas: importam a identificação hipotética de relações inferidas entre os entrecruzamentos de temporalidades, os trânsitos dos atores sociais nos circuitos e a celeridade ou lentidão de seus acionamentos, de um lado, e, de outro, e o levar adiante, ou seja, a abreviação ou ampliação dos espaços/circuitos em que circulam as narrativas sobre os casos sociais e o tempo de permanência dessas narrativas no espaço público.

f) Os entrecruzamentos de temporalidades e espaços diversos resultam em sobreposições simultâneas de diferentes durações e lugares possíveis. No entanto, por mais que haja sobreposições, nas observações e análises dos cronotopos articulados por dispositivos e narrativas é necessária a realização de acionamentos de momentos-chave nos quais tempo e

espaço se entrecruzam. São acionamentos de instantes a serem considerados pelo pesquisador como sendo importantes para inferências a partir dos indícios percebidos nos casos em circulação, e não de uma processualidade ampla relacionada aos cronotopos¹⁵.

3.3 ESTUDO DE MÚLTIPLOS CASOS MIDIATIZADOS

A presente subseção trata do terceiro eixo articulador da metodologia de pesquisa: o estudo de caso. Se a pesquisa de base documental e bibliográfica sobre midiatização e (anti)racismo possui viés historiográfico e o cronotopo midiatizado é ferramenta articuladora para perceber as relações entre tempos materializados nos dispositivos, o estudo de caso é o terceiro termo, que se destina à descoberta de achados de pesquisa ao olhar para o contemporâneo. É o estudo de caso que possibilita a observação das relações de um tempo espaço complexo nos processos sociais e midiáticos. Em justificativa da escolha do método e elaboração artesanal de seus procedimentos, o estudo de caso responde a perguntas de tipo “como” – como se configuram, como os processos se relacionam, como os atores sociais acionam etc., da mesma maneira que as perguntas de pesquisa e objetivos subsequentes.

Os casos selecionados: múltiplos, articulados e diferenciados (3.3.1) que investigo são três, e por isso os chamo de múltiplos. Os três obedecem em algum nível as dimensões do social, do midiático e do midiatizado. Mas, isolados, me possibilitam menos indícios sobre processos sociais e midiáticos e as relações de permanência e atualização de tempos e espaços. Apresentados em ordem cronológica, selecionados a partir dos mesmos critérios e analisados com base nos mesmos procedimentos metodológicos, são passíveis revelar recorrências e singularidades ao serem cruzados. Divido o entendimento dos casos em três dimensões. Há o caso social, que emerge no espaço público evidenciando uma problemática social e política. Há o caso midiático, que se efetiva na ascendência do caso social ao agendamento do tema realizado pelos meios de comunicação do jornalismo. E há o caso midiatizado, correspondente a processos midiáticos que envolvem uma complexidade de ambientes, atores sociais, circuitos interacionais e sentidos em disputa. Entendo que nem sempre as três abordagens são excludentes, sendo passíveis de relações mútuas, como por exemplo, em casos sociais que emergem aos meios do jornalismo e tem suas versões disputas em narrativas nos circuitos.

¹⁵ Trata-se de uma problemática análoga à de diferentes estudos de observação e análise da circulação midiática; o processo de circulação não tem necessariamente um confinamento a determinado meio ou circuitos interacionais, podendo se estender desde conversas nas redes sociodigitais até conversas de bar, sendo preciso 'congelar' instantes para melhor apreensão dos fenômenos.

Menos do que uma simples classificação de um caso como sendo midiático ou midiaticizado, me interessam os diferentes momentos em transição do social para o midiático e para o midiaticizado e entre ambos.

Nas subseções que seguem, apresento os critérios prévios de seleção dos casos, suas testagens para justificativa de suas pertinências para a tese e processos prévios observados. Dialogo, de modo heurístico, com as pesquisas de Robert Yin (2015), Braga (2008) e Aline Weschenfelder (2020) para discussão sobre estudo de caso. A análise nos estudos de caso se trata da etapa de testar minha hipótese, heurística, e os pressupostos teóricos diante do que não está a priori posto para mim, autor da tese, diante das materialidades empíricas. Posteriormente, essas materialidades são objeto de reflexão teórica na medida que se constitua um senso de confiabilidades das inferências indutivas elaboradas.

O indiciário nos Estudos de casos sociais, midiáticos e midiaticizados (3.3.2) é a referência metodológica para escrutínio dos fragmentos de textos e imagens observados em narrativas dos circuitos e meios. Escrevi no eixo anterior (cronotopo midiaticizado) o que devo observar e analisar, mas a orientação indiciária, em redescrição de Braga acerca do indiciário em Ginzburg para problemáticas da pesquisa em Comunicação, indica momentos de descrições, sistematizações de indícios e inferências. Um movimento ascendente de - em linguagem figurada - deixar o objeto falar por si. Em consonância com a dimensão hipotética, o senso de confiabilidade dos achados de pesquisa deriva das idas e vindas entre premissas heurísticas e processos de observação constantemente em tensionamento para aperfeiçoamentos ao longo dos 4 anos de escrita.

Para os *Dados a serem analisados: contextos, amostragens e coleta (3.3.3)*, apresento meus critérios de escolha das materialidades empíricas a serem analisadas, provenientes de enunciações e interações em telejornais, reportagens e nos circuitos interacionais – afro-referenciados e outros. Definidos os princípios para coleta de dados de pesquisa, apresento o universo de pesquisa, isto é, os dados gerais explorados manualmente nas andanças da pesquisa em observação de casos e circuitos, e o corpus dele originado, ou seja, as materialidades empíricas cujos fragmentos são analisados, organizadas por tipos, quantidades e datas. Apesar de apresentado previamente para fins de melhor compreensão pelo leitor da tese, o corpus é definido com o auxílio de procedimentos etnográficos de pesquisa e principalmente na identificação dos cronotopos nas narrativas. Quanto ao quesito ética, embora eu trabalhe mais diretamente com sujeitos de pesquisa apenas em breves sondagens a informantes a respeito de aspectos vivenciados perante os casos sociais, a discussão de seleção e demonstração de dados

envolvem imagens de rostos, imagens de violência e interações racializadas. Por isso, apresento critérios para divulgação ou não de imagens, nomes e interações no espaço digital.

Por sua vez, as indicações dos circuitos derivam de um movimento exploratório de observação quando da irrupção dos casos sociais e têm como linha de corte o que é disponível no espaço público. Para o mapeamento das interações nos circuitos que constituem as narrativas - em cada interação entre atores sociais e como narrativa mais ampla de cada tipo de circuito -, me inspiro em método acoplado ao estudo de caso, apresentado em *Observações das práticas de circuitos interacionais em redes sociais digitais (3.3.3.1)*. A inspiração são métodos de Análise manual de Redes Sociais de Raquel Recuero (2009) para percepção de interpenetrações entre os circuitos observados. Para a análise dos *Circuitos interacionais do jornalismo (2.4.3.2)*, assisto programas telejornalísticos e repercussões dos mesmos em sites jornalísticos, transcrevo integralmente as falas de seus atores, dentre apresentadores, jornalistas e fontes declaratórias, e seleciono fragmentos que materializam relações cronotópicas.

A última subseção metodológica trata das *Análises cruzadas dos casos midiaticizados (3.3.4)*. A abordagem consiste na sistematização das inferências indutivas e de minhas elaborações teóricas e autorais. Com esses cruzamentos, busco: a) singularidades de cada caso no que diz respeito aos cronotopos midiaticizados; b) relações dos cronotopos midiaticizados com estratégias comunicacionais e processos midiáticos; c) generalizações relacionadas ao tempo e espaço complexo dos circuitos afro-referenciados e ao tempo espaço complexo do jornalismo interpostos pelos dispositivos midiáticos.

3.3.1 Os casos selecionados: múltiplos, articulados e diferenciados

O estudo de caso é um método que visa a responder o ‘como’ e o ‘por quê’ das dúvidas levantadas pelo pesquisador a partir de dados empíricos confrontados com contextos do objeto de pesquisa. O tensionamento entre caso e contextos tem de ser realizado quando um e outro não são distinguíveis na vida real. Traduzindo para o problema de fundo da tese, não é demarcado previamente o limite entre a dimensão real do racismo identificável por noções de senso comum e a relação do racismo e de sua resistência com os processos midiáticos e o espaço tempo complexo. Esta relação pode ser investigada apenas se tiver em conta fenômenos contemporâneos investigados em profundidade, uma das principais características do estudo de caso. Utilizo-o por entender que o racismo se atualiza, mas também os repertórios coletivos dos atores sociais em resistência. Se atualizados, é necessário observar o presente para saber como se atualizam. Ainda, se atualizados, é necessário interpretar o passado para reconhecer fissuras,

rupturas, adaptações ou continuidades, pois, ao estudo de caso, cabe também a consulta a referências teóricas anteriores que orientam a coleta e análise de dados (ver cap. 4).

A escolha do estudo de caso se deve à necessidade de outras tantas tomadas de decisão para apreensão de um objeto de estudo cujas variáveis são difíceis de controlar. Preciso justificar as decisões tomadas, como pretendo desenvolvê-las e para quais resultados. Começo, nesse sentido, pela justificativa da escolha pelo estudo de casos múltiplos. Os motivos primeiros são a possibilidade de generalizações mais confiáveis a partir da recorrência de indícios literais e teóricos entre diferentes casos. Generalizações estas que podem responder às perguntas de pesquisas e aperfeiçoarem a hipótese de trabalho. Mesmo que os casos e os achados a partir destes não sejam idênticos, ponto que as generalizações não se limitam à frequência dos indícios identificados aprioristicamente. Não se trata de recorrências estatísticas que podem ser contestadas na investigação de inúmeros casos outros, mas, como ponto de chegada, de convergências teóricas conclusivas compartilhadas entre os casos e fundamentadas nos empíricos.

Outros critérios para definição do estudo de casos múltiplos adquirem força no contato com os próprios casos investigados na tese. Primeiro, preciso relatar brevemente meus critérios existenciais, intuitivos e indiciários para seleção dos casos de pesquisa. Já no Doutorado, tomei contato com o caso George Floyd, adjacente ao caso Em Pauta. Em seguida, com o caso Gustavo Amaral, anterior a Floyd. Por fim, com o caso João Alberto. O deparo com os assassinatos dos três, as cenas de violências repetidas exaustivamente nas programações de televisão e a indignação pertinentes a cada vez que presencio ou tomo conhecimento de casos de racismo é outro fator de definição. Acompanhei esses três casos antes mesmo de trabalhar com a ideia de cronotopos, à qual cheguei apenas em 2023.

O acontecimento Floyd e os dois casos apresentam variadas semelhanças em seus indícios, além de singularidades que longe de se excluírem, se complementam enquanto processos sociais e midiáticos. Início aqui minhas inferências. São três homens negros, adultos, mortos sem oportunidade de reação - Floyd e João Alberto foram mortos asfixiados com o mesmo tipo de golpe, enquanto Gustavo Amaral foi baleado -, por agentes de forças de segurança pública e privada. Nos Estados Unidos, policiais civis. No Rio Grande do Sul, policiais militares no caso Gustavo Amaral e policial militar que trabalhava como segurança do supermercado Carrefour no momento do crime cometido com o auxílio de outro colega segurança. O assassinato de Floyd ocorre nas ruas de Minneapolis, pertencente ao estado Minnesota. Minnesota é considerada a quarta pior região metropolitana para negros morarem nos Estados Unidos, com histórico de segregação urbana e acusações contumazes de racismo

policial. Nos casos Gustavo Amaral e João Alberto, ambos no Rio Grande do Sul, o primeiro ocorre em uma estrada no município Marau, região interiorana, enquanto o segundo, em um supermercado da capital Porto Alegre. Em paralelo com o primeiro caso, o Rio Grande do Sul é o estado com o maior registro de denúncias de racismo no Brasil e Porto Alegre é a cidade onde proporcionalmente mais pessoas negras são assassinadas, indício que corrobora o pressuposto de que os repertórios do racismo antinegro por diferentes sociedades no mundo se sobressaem às singularidades territoriais. No caso Gustavo Amaral, o autor dos disparos alega que confundiu o celular da vítima com uma arma de fogo. Ocorrido em lugar distante de zona urbana, não há imagens da morte de Amaral. No caso Floyd, as imagens foram registradas por celulares e câmeras da cidade, do mesmo modo que no caso João Alberto, à diferença que as imagens de câmera são de circuitos internos do supermercado. Apenas aparentemente díspares em comparação aos demais, o caso do Em Pauta e as dinâmicas dos circuitos afro-referenciados tratam já de um segundo momento de observação da interpretação do acontecimento que inicia em ambiência midiaticizada, com o registro da tela da televisão por um celular e que ingressa em uma ambiência mais ampla a partir da ação de um único ator social, do mesmo modo que os acionamentos dos circuitos interacionais por cinegrafistas amadores quando das mortes de Floyd e João Alberto.

Minha escolha por estudo de casos múltiplos, quando tensionada com problematização e hipóteses - este processo é mútuo e uma vez mais condensado na medida que a pesquisa amadurece e adquire contornos mais definidos -, permite duas dimensões complementares de trabalho com os empíricos e o teórico. Uma delas, de menor importância, é a replicabilidade das inferências evidentes e abstraídas de cada caso. É menos importante porque não se trata de estudo quantitativo, sendo que cada caso é único e a busca por indícios idênticos pode gerar uma armadilha de busca incessante e enviesada pela mera confirmação de pontos de partida. A dimensão mais importante é a comparação entre os casos, que possibilita enxergar diferenças em processos sociais e midiáticos e principalmente, em interlocução com os fundamentos teóricos, a relação com os cronotopos que são midiaticizados. Apesar de não haver garantia de sucesso neste trajeto, as chances de os achados sustentarem hipóteses e, por conseguinte, escolhas e elaborações teóricas, tendem a aumentar. A escolha dos três casos possibilita também, em dimensão mais próxima das escolhas teóricas e metodológicas, trabalhar com os circuitos afro-referenciados e do jornalismo e com a evocação de temporalidades diversas e entrecruzadas nos diferentes espaços de observação.

Conforme referi, os três casos selecionados são sociais, midiáticos e midiaticizados em diferentes níveis. Ainda como justificativa dessa seleção e pré-classificação, a junção do social

com o midiático ou midiaticizado possui uma dúvida de fundo, longe de ser pergunta retórica: a mortandade de pessoas negras, especialmente homens negros jovens, é diária. Figurativamente, é possível afirmar que há vários Floyd, Amaral e João Alberto sendo mortos todos os dias. O que precisa ser considerado na intersecção entre o social e o midiático ou midiaticizado é o porquê e o como esses casos sociais repercutem no midiático.

Neste entendimento, os três casos selecionados possuem em algum momento ou estágio sociais, midiáticos e midiaticizados. Em virtude de alterações de percursos na tese¹⁶, elaborei texto preliminar e orientativo do trabalho com os casos midiaticizados de pesquisa. Esse primeiro movimento, que corresponde a um estudo de casos-pilotos, é anterior à descoberta e hipótese do cronotopo midiaticizado e do apontamento de traços da midiaticização. Então, nele enfatizo casos sociais e alguns processos midiáticos. Divido-o em três partes: considerações pós-banca de qualificação; esclarecimentos conceituais para o projeto de tese; e aspectos sociais e esboço de processos midiáticos vinculados aos três casos. Minha perspectiva a respeito da midiaticização estava a ser elaborada.

A discussão do caso social articulada ao estudo de caso midiático e do estudo de caso midiaticizado é primordial para a tese. Cabem para isso alguns esclarecimentos. O caso social pode se restringir ao social e não ser midiático ou midiaticizado – um exemplo disso são os assassinatos racistas que no máximo são contabilizados como estatísticas. O caso midiático é obrigatoriamente social numa dimensão literal, de mediação de um acontecimento qualquer, mas se imbrica com o social de maneira qualitativa quando medeia acontecimentos envoltos de uma problemática vinculada a temas sensíveis, vide casos investigados nesta tese. Já o caso midiaticizado, é também midiático e social na medida que abrange a cobertura dos meios de comunicação do jornalismo, independentemente de como transcorrem a cobertura, sobre temas sociais.

Nas suas distinções entre o caso midiático e o caso midiaticizado, Aline Weschenfelder sistematiza que o caso midiático tem como foco instituições midiáticas, meios e profissionais. Os acontecimentos vão sendo explicados por atores sociais na medida que são integrados pela cobertura jornalística. O foco do estudo de caso midiático está no protagonismo dos meios (2020). Em suma, o caso midiático enfatiza as coberturas dos meios do jornalismo e as vozes

¹⁶ Após agonísticas diante de provocações produtivas dos membros da banca de qualificação realizada em janeiro de 2023, decidi alterar quase todo o projeto de tese, mantendo apenas as perspectivas da midiaticização entrelaçada à questão racial e dois dos três casos de pesquisa. Com a mudança de orientação, resolvi elaborar relatório pós-banca e prognóstico dos novos caminhos epistemológicos, teóricos e metodológicos da tese, apresentado ao orientador. Transformo esse texto em relatório de estudo de caso-piloto, posto que demonstra as implicações sociais e, em esboço, processos midiáticos percebidos em um primeiro instante.

acionadas nessas coberturas. Acrescento, trazendo para minha investigação, que o caso permanece midiático quando coletivos de atores sociais empreendem estratégias e táticas de visibilização na esfera pública dos meios do jornalismo, como ações dos movimentos sociais para tornar acontecimentos atrativos para as coberturas. Segundo a pesquisadora, com a qual concordo, o caso midiático emerge da complexidade da ambiência midiática e dos fluxos interacionais através das atividades tecno-discursivas, conforme contextualizo na introdução. Em minha perspectiva, nas práticas tecno-discursivas e simbólicas que engendram os fluxos interacionais nos circuitos, duas dinâmicas atravessadas pelos cronotopos midiáticos tanto de modo mais genérico e amplo na ambiência midiática, quanto nas singularidades dos casos de pesquisa.

Minha apropriação da classificação entre 'caso social', 'caso midiático' e 'caso midiático' pode ensejar um questionamento teórico e metodológico adjacente sobre a onipresença da midiática. Em outras palavras, se existe algum fragmento da vida social no qual a midiática não incide, diante da proliferação de ambientes, dispositivos técnico-midiáticos, seus usos, apropriações e afetações culturais. Há acontecimentos que irrompem como invisíveis às mediações dos meios de comunicação e que não são reconstituídos e discutidos na esfera pública, vide cada morte dentre as dezenas de homicídios diários contra pessoas negras não noticiados. Este é um indicativo de violência simbólica quanto a esses casos, que resulta em um senso de autorização da violência física pelo racismo, que materializa o genocídio. Um segundo nível de argumentação quanto ao racismo e ao antirracismo numa sociedade midiática é que:

- a) em relação ao primeiro, a retroalimentação entre as práticas sociais cotidianas e o racismo no midiático são indícios suficientes para constatar uma onipresença tal da midiática que descaracterize a separação das categorias social, midiático e midiático;
- b) em relação ao último, a visibilização e interpretação das recorrências, que materializam o genocídio negro, por circuitos interacionais são também indícios para considerar a onipresença da midiática em detrimento do entendimento de 'caso social'.

Considero que as duas manifestações são possibilitadas pela midiática, entendendo-a para além dos processos protagonizados por meios de comunicação, na relação com mediações que incluem ordens sociais, instituições não midiáticas e atores sociais individuais e coletivos. No entanto, refiro-me à dimensão 'social' do caso racializado não como incidência indireta da cultura midiática na prática cotidiana, mas enquanto evento que não irrompe sendo

midiático e, não raro, que carece de representação e discursivação na esfera pública ampliada pelos meios. A propósito, é na tentativa de compreender a complexidade do processo de circulação que estendo a acentuação nos processos de meios do jornalismo e circuitos afro-referenciados para coletivos outros e instituições não-midiáticas, sobretudo do campo jurídico-policial, todos entes envolvidos em disputas e correlações de poderem torno dos cronotopos midiáticos para ampliação ou abreviação dos acontecimentos.

Abaixo, alguns dos momentos das transições entre o social, o midiático e o midiaticizado nos três casos. As transições não são lineares, pois correspondem a processos ascendentes - em direção às mídias - e descendentes - das mídias às audiências e circuitos) - por vezes simultâneos. Mas, a título de ilustração, algumas transições em momentos majoritariamente de ascendência são as seguintes:

a) Caso Gustavo Amaral

- *Do social ao midiático*: o caso social ascende ao midiático nas coberturas dos meios do jornalismo gaúcho, sem a tematização do racismo.
- Quando da decisão do Ministério Público em considerar o caso jurídico encerrado em aceite ao inquérito policial, os meios do jornalismo gaúcho a noticiam à espera de decisões seguintes, ainda sem tematização racial.
- *Do social ao midiaticizado*: circuitos afro-referenciados locais se articulam em meios de interação - no espaço público ampliado pelas redes sociais digitais, no Facebook; na instância privada interposta pelos meios, em interações em grupos de WhatsApp - para protestos nas ruas. Cerca de 5 meses após a morte de Amaral, realizam carreata nas ruas de Porto Alegre.
- *Do social ao midiático e ao midiaticizado*: o jornalismo gaúcho noticia a carreata e menciona a existência de debate em torno do racismo. Por fora dos meios do jornalismo, os circuitos afro-referenciados interpretam sentidos mobilizados na carreata.
- *Do social ao midiático*: em junho, o site da BBC Brasil publica reportagem sobre o acontecimento Gustavo Amaral, decisões da Justiça, carreata e declarações de coletivos negros. A reportagem identifica-o como homem negro e menciona movimento negro local, o que engendra circuitos em recepção-produtiva à reportagem que precipitam a escassez dos processos midiaticizados do caso social.

b) Caso Em Pauta

- *Do social ao midiático e ao midiaticizado*: a realização de programa de debate, sobre manifestações em protesto nos Estados Unidos contra o racismo atrelado à morte de Floyd, apenas com debatedores autodeclarados brancos é criticada por jornalista no Twitter – site hoje chamado de ‘X’. Na postagem, ele fotografou o televisor com os rostos dos debatedores e questionou tanto a ausência de debatedores negros, como também a escassez de jornalistas negros em geral e o agravamento dessa ausência em posições de emissão de opiniões. O tweet engendrou interpretações e narrativas diversas em circuitos afro-referenciados.
- *Do midiaticizado ao midiático*: em admissão de inadequabilidade do casting do programa e em reconhecimento às críticas do tweet, o programa GloboNews Em Pauta organizou debate na edição seguinte apenas com jornalistas autodeclaradas negras e um jornalista âncora negro. O programa foi reexibido no dia seguinte, na grade de programação da TV aberta.
- *Do midiático ao midiaticizado*: os circuitos afro-referenciados interagem em interpretação dos sentidos mobilizados no programa, inclusive em conversações com as jornalistas participantes do programa.
- Cerca de 5 meses após primeiro programa, o Em Pauta voltou a escalar apenas jornalistas autodeclarados brancos para debater caso de racismo. Em resposta, circuitos afro-referenciados diversos e diferidos criticaram a mídia, contatando-se através de acontecimentos outros engendrados por visibilidade de discursos racializados e silenciamentos de vozes de acadêmicos negros em meios impressos do jornalismo.

c) Caso João Alberto Freitas:

- *Do social ao midiaticizado e ao midiático*: o assassinato de João Alberto Freitas, o Beto, por seguranças do supermercado Carrefour foi filmado por funcionários, clientes e transeuntes no estacionamento do estabelecimento comercial. Quase que instantaneamente, as imagens compartilhadas do assassinato ingressaram em redes sociodigitais em uma espacialidade local/regional, nacional e internacional.
- *Do midiaticizado ao midiático*: os meios do jornalismo local, em um primeiro momento, e, em seguida, meios do jornalismo nacional passaram a cobrir o caso

social com a exibição de imagens vazadas nas redes sociodigitais. Além disso, integram atores sociais institucionalizados, testemunhas oculares e familiares que levam adiante nos meios do jornalismo os sentidos acerca do caso João Alberto. Principalmente, em busca de construções originais em tentativas de reconstituição da cronologia do acontecimento enquanto caso social, do ingresso da vítima no Carrefour até o momento da morte.

- *Do social ao midiaticizado e ao midiático*: circuitos afro-referenciados nas redes sociais digitais se mobilizam em duas frentes: os locais, no Rio Grande do Sul e em outros estados brasileiros, se mobilizam para protestos em frente a lojas do Carrefour, ao passo que coletivos do movimento negro institucional, logo, também afro-referenciados, acionam atores sociais individuais e coletivos em outros países para engendrar narrativas antirracistas. Os protestos e enunciações nas redes são visibilizados nas coberturas jornalísticas.
- *Do midiático ao midiaticizado*: em agonísticas múltiplas nas redes sociodigitais, circuitos afro-referenciados e circuitos interacionais outros interpretam o acontecimento João Alberto a partir de fragmentos das reconstituições em narrativas dos meios do jornalismo.

Outros momentos descendentes e horizontais – intrameio e circuitos -, entre idas e vindas dos fluxos de sentidos, trânsitos dos atores sociais e ações dos dispositivos midiáticos sociais, técnicos e comunicacionais são abarcados pelos casos midiaticizados. A subseção seguinte, referente à mobilização de indícios caso a caso e entre casos, inclui o ‘onde’ identificar as relações cronotópicas midiaticizadas, mas também como fazê-lo de maneira a desvelar suas configurações.

3.3.2 O indiciário nos Estudos de casos sociais, midiáticos e midiaticizados

A discussão do indiciário inicia nas referências a métodos de estudos de Bakhtin e de Hartog, igualmente indicadores da relevância da sistematização de indícios para inferências vinculadas aos cronotopos clássicos das narrativas literárias ficcionais e acerca da realidade do racismo. Dentre as mais interessantes abordagens do cronotopo de Bakhtin estão as anotações da capacidade incessante de Goethe em ler o tempo como vestígio [indício] da criação humana. Não é diferente com o cronotopo midiaticizado derivado de escrutínio historiográfico das

condições sociais e históricas do racismo e do antirracismo no espaço público ampliado pelos dispositivos midiáticos, articulado com as modalidades de estudos de caso. O cronotopo midiático se materializa também em criações coletivas e individualizadas, que adquirem contornos complexos no contexto da mediação – sempre uma processualidade comunicacional humana.

O indiciário é, portanto, em um só tempo, tática para evitar a dispersão de pistas em processos complexos da mediação e ferramenta para evitar a dispersão das condições teóricas transformadas em lentes para inferências na análise do caso. Minhas reflexões em torno do indiciário no estudo de caso basculam entre o paradigma indiciário da pesquisa em comunicação de acordo com Braga (2008) e meus entendimentos de cronotopo, também comunicacional e de herança linguística, ambos tensionados com os contextos de pesquisa. Já mencionei os tipos de materialidades empíricas objetos do cronotopo midiático, mas é preciso detalhar como se dão suas apropriações. Contrário a um empiricismo de amontoamento de indícios descritos, Braga aponta três etapas principais do trabalho do investigador do estudo de caso: (a) levantar indícios; (b) decidir de sua relevância para o objeto e para a pergunta da pesquisa; e (c) articular conjuntos de indícios derivando, daí, inferências sobre o fenômeno (BRAGA, 2008).

Todo estudo de caso comporta um nível mínimo de descrição, por óbvio. Afinal, uma das principais premissas do método é a apresentação de contextos que subsidiam observações e pequenas conclusões. Os indícios reunidos precisam ter ligação com o objeto e a pergunta de pesquisa [acionamentos e temporalidades evocadas pelos circuitos em diferentes espaços]. Selecionados e organizados, os indícios se propõem à realização de generalizações (ibidem). Invisíveis ao primeiro olhar orientado pelo senso comum, as realidades – e suas representações - complexas problematizadas na pesquisa são metaforicamente reconstruídas como que mosaicos cuja criação é dependente da capacidade de abstração do investigador. Nesse sentido, importa o conhecimento acumulado em relação ao objeto de pesquisa – aqui, nos escritos da seção teórica de historiografia do racismo mediado (capítulo 4) e, antes disso, no estado da arte reflexivo (capítulo 2).

Portanto, para a análise dos casos sociais e midiáticos que são mediados, considero um primeiro momento de contextualização dos momentos dos diferentes processos do caso - sociais, midiáticos e mediados -. A cada momento/estágio que identifico nos casos mediados, examino acionamentos, interações e imagens em narrativas que remetam ao cruzamento de temporalidades e espaços. Em seguida, as quatro temporalidades hipotéticas da seção metodológica e seus possíveis entrecruzamentos adquirem robustez na reflexão sobre a

história das condições sociais, econômicas e culturais relacionadas aos impedimentos e possibilidades, em resistência, de acesso ao espaço público mediatizado e aos usos de dispositivos midiáticos em posição de resistências nos ativismos das populações negras – os contextos, aspectos, marcos acontecimentais e inferências resultantes são colocadas à disposição para teorização acerca dos cronotopos configurados nas disputas narrativas em torno do racismo e do ‘ser negro’. Da temporalidade mediatizada, ainda, são essenciais as relações diretas entre celeridade e lentidão estratégias e táticas nas atividades dos circuitos interacionais e meios nas tentativas de levar narrativas dos acontecimentos adiante.

3.3.3 Dados a serem analisados: contextos, amostragens e coleta

A coleta de evidências relativas aos casos, o armazenamento desses dados e as consultas a esses materiais iniciaram antes da escrita dos métodos e procedimentos metodológicos. O início da coleta de materialidades empíricas corresponde a procedimentos metodológicos outros que não o estudo de caso, testados em textos entregues nas disciplinas cursadas no Doutorado. No entanto, passa por nova sistematização, que apresento a seguir.

Adoto quatro princípios para coleta de dados: uso de múltiplas fontes de evidência de acordo com dinâmicas dos espaços culturais e midiáticos observados; criação de base de dados do estudo de caso; respeito a implicações éticas de divulgação dos dados; e táticas de encadeamento de evidências que constituem o universo e o corpus de pesquisa. Desses princípios derivam procedimentos metodológicos etnográficos para seleção do universo de pesquisa e do subsequente corpus de pesquisa.

Oriento a *coleta de múltiplas fontes de evidência* a partir de materialidades que permitem contextualizações acerca dos três casos e de três momentos principais: os acionamentos primeiros de circuitos interacionais e meios do jornalismo; as narrativas dos circuitos interacionais; e as narrativas dos meios do jornalismo. As evidências de cada um desses momentos comportam unidades diferenciadas, que, juntas, constroem a tentativa de ‘peneirar’ os indícios mais importantes, diante da complexidade da mediatização enquanto processo, relativos aos cronotopos mediatizados.

Para observação de acionamentos e narrativas em circuitos, indico aqueles cujas dinâmicas são observadas em cada um dos casos midiáticos e mediatizados. Os pontos de ingresso dos casos nesses circuitos, ou seja, o acionamento inicial dos circuitos dos meios do jornalismo e daqueles nas redes sociodigitais por estratégias comunicacionais, usos e apropriações dos dispositivos midiáticos também são identificados e analisados. O

‘congelamento’ desses momentos de acionamentos primeiros tem como fontes de dados para análise, textos e imagens publicados em reportagens. Mas, em situações excepcionais para relevar indícios de acionamentos no espaço privado de circuitos interacionais, recorro à figura do informante – informantes, de acordo com Robert K. Yin (2015, p. 115-116), são pessoas consultadas quando da necessidade de informações complementares para investigação de caso. Elas fornecem, confirmam ou negam a validade de inferências do pesquisador, além de poderem indicar outras fontes documentais ou possíveis entrevistados. Esses informantes são dois integrantes de coletivos negros do movimento social, cujas interações ingressam nos meios de comunicação; ao invés de serem entrevistados, eles fornecem informações pontuais que se tornam indícios dos casos investigados.

As evidências dos acionamentos primeiros no caso Gustavo Amaral reúnem:

a) Fotografias de carreatas de coletivos ativistas¹⁷ pelas ruas de Porto Alegre, do Largo Zumbi dos Palmares até a frente do Palácio Piratini, no dia 19 de setembro de 2020 e, menos importantes, breves percepções minhas como testemunha presente na carreata. Quando acompanhei a carreata, o fiz não por dever de pesquisa, mas por sentimento de solidariedade, pois o caso Gustavo Amaral só se transformou em objeto de rascunho de artigo científico 2 meses depois e só foi incluído na tese quase 3 anos depois, em 2023.

b) Reportagem do portal BBC Brasil e respostas em conversação a ser realizada com informante. O informante em questão é mencionado na reportagem da BBC e, possivelmente, foi quem contatou o repórter autor do texto. As perguntas prévias para o informante, com o qual entro em contato por e-mail, são apresentadas no *APÊNDICE A - SONDAGEM 1*. As interações com os informantes são autorizadas via TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que permite serem publicadas na tese - *APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)*, aprovado pelo Comitê de Ética da Unisinos – *APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA DA UNISINOS*.

As evidências dos acionamentos primeiros no caso Em Pauta reúnem:

a) Do acontecimento George Floyd, brevemente, palavras durante a gravação do vídeo do assassinato, e em trechos falas proferidas pela jovem Darnella Frazier, então com 17 anos de idade, em textos de reportagens jornalísticas. Ela publicou o vídeo do assassinato de Floyd nas

¹⁷ Vidas Negras Importam, Movimento Negro Unificado e Catálogo Afro.

suas contas do Facebook e do Instagram no dia 26 de maio de 2020. As evidências do acionamento relacionadas ao acontecimento são encerradas nas amostragens acima referidas. Contudo, tanto para este caso, quanto para o caso João Alberto, evoco referências quanto às apropriações sócio-técnicas-comunicacionais do dispositivo celular para visibilização de casos de violência policial contra pessoas negras. Neste primeiro caso, um fragmento evocado para inferências é trecho do videoclipe da música *This is America*, de 2018, de autoria do rapper Childish Gambino, alter ego do diretor, roteirista, ator e humorista estadunidense Donald Glover.

b) Para o caso *Em Pauta*, as evidências do acionamento primeiro de circuitos afro-referenciados são as declarações do jornalista e pesquisador Irlan Simões em crítica social ao programa e ao jornalismo brasileiro em geral. Além dos tweets de Irlan, considero evidência trecho de podcast em vídeo apresentado por ele, no qual narra situações cotidianas que motivaram o debate sobre a edição do *Em Pauta*.

As evidências dos acionamentos primeiros no caso João Alberto reúnem:

a) As interações do motoboy, que filmou o assassinato de João Alberto, com funcionários do Carrefour autores e cúmplices do crime. Essas interações são visibilizadas em trechos de reportagens televisivas. Além dessas interações, há evidências em declarações do motoboy, cuja identidade não foi revelada nos meios do jornalismo, concedidas para jornalistas e publicadas em textos de reportagens. Para inferências, valho-me de falas do comunicador AD Júnior, do youtuber Spartakus Santiago e do repórter do *FaveladaRocinha.com*, Edu Carvalho, em vídeo publicado no YouTube intitulado ‘Como sobreviver a uma abordagem indevida?’.

b) Respostas em conversações com informante que é ativista e integrante de circuitos afro-referenciados observados no caso, acerca de em que meio de comunicação recebeu a informação da morte de João Alberto e de mobilizações coletivas para o protesto na rua. A íntegra das respostas é apresentada no *APÊNDICE B - SONDAGEM 2*.

O segundo momento que orienta a seleção de evidências consiste nas interações entre atores sociais dos circuitos afro-referenciados em redes sociodigitais e em agonísticas com circuitos outros em disputas narrativas nessas redes. Em geral, seleciono postagens e comentários, incluindo transcrições de palavras, frases e imagens publicizadas pelos atores sociais nas interpretações deles acerca de cada caso midiático e de outros acontecimentos racializados.

O terceiro momento é o dos processos midiáticos do jornalismo, a partir dos quais seleciono os seguintes tipos de evidência: transcrições de trechos de programas telejornalísticos, conteúdos de jornais impressos e sites jornalísticos e postagens de instituições jornalísticas em redes sociodigitais.

Dos textos publicados por instituições jornalísticas gaúchas sobre o caso Gustavo Amaral, destaco declarações, transcritas, de âncora de telejornal e em vozes acionadas dentre os atores sociais acrescentados às coberturas jornalísticas. Estão inclusas nas evidências, fotografias de Gustavo Amaral. No Em Pauta, são transcritas as enunciações e interações entre jornalistas autodeclaradas negras e apresentador e de apresentadores titulares do programa referido e do Globo Repórter, além dos vídeos exibidos. Do caso João Alberto, idem ao anterior, são selecionados vídeos e declarações dos âncoras, repórteres e fontes declaratórias.

A complexidade das atividades de tomada de decisão justificada para seleção de evidências requer critérios de registro e armazenamento dos dados de análise caso a caso. Por isso, adotei alguns critérios para a base de dados que cimentam as inferências indiciárias. Desde o início do Doutorado, tomo notas de fragmentos de livros, artigos, eventos de pesquisa, palestras e de conversações realizadas em grupos de pesquisa e de estudos que considero pertinentes para investigação de relações do trinômio midiaticização-comunicação-racismo. Todas essas referências e inferências subsequentes são registradas em diário de bordo distribuídos em pastas digitais e blocos de notas salvos em meu computador pessoal.

As evidências materiais dos empíricos são documentos, textos, fotografias e vídeos jornalísticos armazenados para constituição do universo de pesquisa. Também gravo edições de telejornal e enunciações e interações de profissionais e vozes acionadas nas coberturas jornalísticas. Deles também realizo *print screens*, ou capturas de tela. A captura de telas é um recurso que utilizo na seleção de publicações de atores sociais dos circuitos interacionais nos espaços observados em redes sociodigitais.

As capturas de tela como evidências da materialidade empírica não se deram no momento de irrupção dos acontecimentos no espaço público, até porque foram imprevisíveis e me despertaram sentimento de consternação. Mesmo assim, me protegem contra possíveis imprevistos, como o apagamento dos comentários pelos autores ou pelos sites de redes sociais, além de permitirem consultas, nas idas e vindas no trabalho empírico, que orientam novas potencialidades da hipótese de trabalho, em movimento indutivo-ascendente das materialidades para as a hipótese, dedutivo-descendente da hipótese para as materialidades e, o que persigo, um movimento horizontal de evidenciação das relações entre hipótese e inferências empíricas.

Para o caso Gustavo Amaral, realizei coleta de dados no primeiro semestre de 2021. Do caso Em Pauta, as capturas de tela das interações nos circuitos, o vídeo dos programas Em Pauta e do Globo Repórter e os textos jornalísticos que os repercutiram foram selecionados no segundo semestre de 2020, para disciplina do Doutorado, e no primeiro semestre de 2021 – interações dos circuitos e reportagens em crítica a novas edições do Em Pauta sobre racismo, debatida sem presença de jornalistas negros e negras. No caso João Alberto, as reportagens de telejornal Jornal Nacional e de outros telejornais da Rede Globo foram armazenadas também no primeiro semestre de 2022, enquanto que prints de circuitos interacionais foram capturados em dois momentos: antes, no primeiro semestre de 2021 – no entanto, devido à multiplicidade de circuitos interacionais articulados ao caso e às alterações de percurso na tese, o delineamento dos circuitos observados se deu apenas no segundo semestre de 2023, a partir de postagens e comentários que considero sínteses das agonísticas nas narrativas dos atores sociais. Seleciono edições do Jornal Nacional em cobertura do caso João Alberto porque o telejornal e o jornalismo da Globo disputam com telejornais da emissora concorrente, Record, por exclusividade na exibição de imagens das câmeras de segurança do supermercado Carrefour para reconstituir a linha do tempo da morte da vítima. Uma vez obtidas as imagens, as cenas do espancamento e morte de João Alberto são repetidas em escaladas, vinhetas de intervalo e em reportagens repetidas diversas vezes por edição e ao longo de aproximadamente 2 semanas. As primeiras interpretações minhas acerca dos conteúdos em narrativas do Jornal Nacional e a recorrências das imagens de violência racista motivaram sua escolha como lócus de processos sociais e midiáticos.

Um terceiro princípio é o de procedimentos éticos na seleção das evidências. Para cumprimento de seleção e divulgação adequadas das materialidades empíricas, penso na seguinte questão: como as imagens, as palavras, as identificações e anonimatos afetam os atores sociais dos circuitos interacionais, dos meios do jornalismo e os leitores da tese? Textos com referências racistas afetam quem os reproduz e fere, adoecem, em retroalimentação, as vítimas de situações específicas, mas também do cotidiano racista. Partindo da premissa de que as interações e emissões selecionadas estão no espaço público dos meios de comunicação, isso basta para expor fotografias, avatares, nomes, cargos profissionais, biografias e textos produzidos? Estabeleço, então, dois critérios prévios para divulgação ou não de: nomes de atores sociais em interação; imagens de violência; fotografias das vítimas; conteúdo das interações. O primeiro critério é que apenas são visibilizadas informações de atores sociais originalmente publicadas por eles ou por meios do jornalismo. O segundo critério é a proteção

de informações de nomes de testemunhas oculares dos casos sociais e/ou de familiares das vítimas. Outros critérios para cada uma dessas situações e soluções previstas são:

Divulgação de nomes: de atores sociais protagonistas dos casos sociais e em estágio de caso midiático, são divulgados os nomes das vítimas, de agentes do campo jurídico-policia - a exemplo de juizes, promotores e delegados -, de agentes de segurança pública e privada autores dos assassinatos, desde que previamente divulgados. Quanto a jornalistas e autores de vozes integradas às coberturas, também integrantes de circuitos interacionais, há pré-condições para divulgação dos nomes daquelas cujas enunciações e interações manifestam indícios de narrativas racistas. São divulgados os nomes de atores sociais institucionalizados que mantêm seus argumentos de denegação da existência do racismo ou a favor do racismo de maneira consciente no espaço público, enquanto aqueles que contribuem aparentemente de modo inconsciente para narrativas racistas têm apenas o cargo profissional informado.

Divulgação de conteúdos escritos expressos nas interações dos circuitos: idem ao critério para divulgação de enunciações e interações nos meios do jornalismo. A importância da divulgação de nomes é para que as narrativas possam ser associadas com as interconexões entre circuitos interacionais dos quais os atores fazem parte.

Divulgação de fotografias: imagens das vítimas são divulgadas desde que sejam de acervo pessoal disponibilizado para publicação em meios do jornalismo.

Divulgação de imagens de vídeo: são divulgadas sem adição de efeito técnico apenas imagens que não divulguem cenas de violência racial. Cenas de rostos e corpos das vítimas durante atos de violência não são reproduzidas, em respeito a estas e para que possíveis leitores da tese não passem por um processo de revitimização.

Para o encadeamento de evidências dos casos midiáticos, são importantes o registro de características gerais relacionadas a datas, quantidades e mapeamentos, além de critérios sobre o porquê publicar ou não dados explorados. As datas de publicação dos dados e a quantidade de dados publicados constituem o universo de pesquisa.

Antes de detalhar as quantidades, datas e espaços nos quais as materialidades empíricas estão disponíveis ou de onde foram extraídas, convém reforçar o período de abrangência dos casos sociais, e, portanto, das evidências empíricas. Os três casos sociais ocorrem em um espaço de tempo de 7 meses, todos em 2020, com seus desdobramentos nos circuitos interacionais por vezes simultâneos. Sendo casos contemporâneos, enquanto acontecimentos sociais e midiáticos também possuem um período de arrefecimento na medida que as decisões jurídicas são tomadas, adiadas ou postergadas, tornando-os estatísticas ou lembranças evocadas uma vez ao ano, exceto para os circuitos afro-referenciados. A perversidade do esquecimento dos casos de

racismo no midiático torna o congelamento metodológico de determinados períodos possível também por uma lógica presenticista, de transformação de acontecimentos historicamente recentes em marcas de um passado coletivamente esquecido ou não dito.

Os universos de pesquisa, ou seja, a abrangência de materiais explorados em cada caso de pesquisa, são:

a) Caso Gustavo Amaral

O universo de pesquisa abrange textos de notícias em sites jornalísticos e notícias de telejornais, além de postagens de instituições jornalísticas no Facebook e comentários em recepção-produtiva. Em ordem cronológica, os nomes das instituições, locais de publicação, quantidades e datas são:

Quadro 1 – NOTÍCIAS EM ABRIL – MORTE DE GUSTAVO AMARAL (10 notícias)

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
Correio do Povo	Corregedoria-Geral da Brigada Militar assume IPM sobre morte de engenheiro eletricista em Marau	Porto Alegre
Diário da Manhã	Vítima de bala perdida era engenheiro eletricista e estava em Marau a trabalho	Passo Fundo
Gauchazh	Família cobra explicações da BM sobre ação que resultou em morte de engenheiro: “A polícia tirou metade de mim”	Porto Alegre
Gauchazh	Jovem morto durante tiroteio entre BM e ladrões era engenheiro e estava indo trabalhar	Porto Alegre
Grupo Sepé	Motorista é morto ao passar em local onde policiais e criminosos trocavam tiros em Marau	Santo Ângelo
Portal Gazeta 670	Homem morto durante confronto em Marau era engenheiro e estava na cidade a trabalho	Carazinho
Rádio Guaíba	Corregedoria da Brigada assume inquérito sobre morte de engenheiro em Marau	Porto Alegre
Rádio Progresso Ijuí	Homem de 28 anos morre ao passar por local onde policiais e criminosos trocavam tiros em Marau	Ijuí
Rádio Uirapuru	Homem morto durante confronto em Marau era engenheiro, estava uniformizado e seguia para o trabalho	Passo Fundo
Sul21	‘Não deixaremos isso impune. Iremos até o fim’, diz irmão de engenheiro morto em ação da Brigada em Marau	Porto Alegre

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 2 – MATÉRIAS DE TELEJORNAIS EM ABRIL – MORTE DE GUSTAVO AMARAL (04 notícias)

Telejornal	Título da reportagem	Local da publicação
------------	----------------------	---------------------

RBS Notícias	Engenheiro é morto a tiros durante ação policial em Marau	Porto Alegre
Jornal do Almoço	Homem é morto a tiros durante ação policial em Marau	Porto Alegre
Jornal do Almoço	Engenheiro é morto a tiros em Marau; investigações apuram se disparo partiu da BM	Porto Alegre
Jornal da Pampa	JOVEM É MORTO POR ENGANO DURANTE TIROTEIO ENTRE BM E BANDIDOS EM MARAU	Porto Alegre
Balanço Geral RS	Corregedoria da BM também vai investigar morte de engenheiro	Porto Alegre

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 3 - REPORTAGENS EM JUNHO – INQUÉRITOS E ‘VIDAS NEGRAS IMPORTAM’ (10 notícias)

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
Correio do Povo	Manifestação contra o racismo marca a tarde de domingo em Porto Alegre	Porto Alegre
Cultura FM	Polícia Civil conclui inquérito sobre motorista morto em barreira em Marau	Capão Bonito
Diário de Santa Maria	PM é indiciado pela Brigada Militar pela morte de engenheiro em Marau	Santa Maria
G1	Brigada Militar indicia policial por morte de engenheiro durante abordagem em Marau	Marau
G1	Polícia Civil conclui que PM agiu em 'legítima defesa imaginária' ao matar engenheiro durante abordagem em Marau	Marau
O Nacional	MARAU: PM que atirou em engenheiro não é indiciado em inquérito da PC	Passo Fundo
RDCTV	Ato “Vidas Negras Importam” contra racismo ocorre neste domingo em Porto Alegre	Porto Alegre
Studio FM	Polícia Civil conclui inquérito sobre motorista morto em barreira em Marau	Veranópolis
Sinasefe IFSUL	MOVIMENTO VIDAS NEGRAS IMPORTAM PEDE REUNIÃO COM EDUARDO LEITE PARA DISCUTIR VIOLÊNCIA POLICIAL	Pelotas
Vila Maria FM	Brigada Militar indicia soldado que matou engenheiro em abordagem em Marau	Vila Maria

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 4 - MATÉRIAS DE TELEJORNAL EM JUNHO – INQUÉRITOS E ‘VIDAS NEGRAS IMPORTAM’

Telejornal	Título da publicação	Local da publicação
Jornal do Almoço	Polícia conclui que PM agiu em ‘legítima defesa imaginária’ ao matar engenheiro em Marau	Porto Alegre
SBT Rio Grande	Família de engenheiro morto em abordagem policial pede justiça	Porto Alegre
SBT Rio Grande	ENGENHEIRO MORTO POR PM: Segundo a Polícia Civil, o brigadiano agiu em legítima defesa imaginária	Porto Alegre

SBT Rio Grande	AO VIVO: IMAGENS EXCLUSIVAS DE MARAU: Testemunha contesta versão da polícia sobre morte de engenheiro	Porto Alegre
----------------	---	--------------

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 5 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM PERFIL NO FACEBOOK E COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA EM JUNHO - INQUÉRITO

Telejornal	Local	Título da publicação	Número de reações	Número de comentários
Balanço Geral	São Paulo e Porto Alegre	PM mata engenheiro ao confundir-lo com ladrão	3,7 mil	625

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 6 - REPORTAGENS EM JULHO – REUNIÃO ‘VIDAS NEGRAS’ COM GOVERNADOR (06 notícias)

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
Câmara Municipal de Santa Maria	CÂMARA MUNICIPAL SM - Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria	Santa Maria
Diário Popular	Governador recebe representantes do movimento Vidas Negras Importam	Pelotas
Gauchazh	Concluído há um mês, inquérito sobre morte de engenheiro em ação da BM não saiu da delegacia	Porto Alegre
Gauchazh	Governo do RS encaminha criação de grupo de trabalho para debater questões relacionadas à população negra	Porto Alegre
O Sul	Movimento Vidas Negras Importam discute segurança e questões relacionadas à população negra	Porto Alegre
Rádio Guaíba	Representantes do movimento Vidas Negras Importam levam posicionamentos ao Governo do RS	Porto Alegre

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 7 - REPORTAGEM EM AGOSTO – REUNIÃO DA FAMÍLIA COM CHEFE DE POLÍCIA

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
Rede Pampa	TV PAMPA - Família de engenheiro morto pela BM se reunirá com chefe de polícia do estado - TV Pampa	Porto Alegre

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 8 - NOTÍCIAS EM SETEMBRO – ARQUIVAMENTO E CARREATA (10 notícias)

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
Assembleia Legislativa do RS	Deputada Luciana Genro Protocola projeto de Lei Gustavo Amaral	Porto Alegre
Diário Gaúcho	Familiares e ativistas antirracistas protestam contra conclusões do MP em duas ações policiais com morte	Porto Alegre
G1	Justiça arquiva denúncia contra policiais investigados pela morte de engenheiro em Marau, Rio Grande do Sul	Porto Alegre

GauchaZH	Justiça manda arquivar investigação contra policial que matou engenheiro ao confundir celular com arma no RS	Marau
GauchaZH	Familiares e ativistas antirracistas protestam contra conclusões do MP em duas ações policiais com morte	Porto Alegre
Jornal do Comércio	Projeto quer que brigadianos tenham câmeras nos uniformes para registrar ações	Porto Alegre
RD Planalto	Justiça determina arquivamento de investigação contra policiais por morte de engenheiro em Marau	Passo Fundo
Rádio Tapejara	Caso Gustavo: investigação é arquivada pela Justiça	Tapejara
Rádio Uirapuru	Familiares de engenheiro morto por policiais em Marau protestam em Porto Alegre - Rádio Uirapuru	Passo Fundo
Vanguarda FM	Investigação é arquivada pela Justiça	Marau

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 9 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM SETEMBRO – ARQUIVAMENTO

Telejornal	Título da publicação	Local da publicação
Balanço Geral RS	Engenheiro morto: Justiça arquiva processo	Porto Alegre

FONTE: elaborada pelo autor 2023.

Quadro 10 - MATÉRIA DE TELEJORNAL EM PERFIL NO FACEBOOK E COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA EM SETEMBRO - ARQUIVAMENTO

Veículos jornalístico	Local	Título da publicação	Número de reações	Número de comentários
RBS TV	Porto Alegre	Justiça arquiva denúncia contra policiais investigados pela morte de engenheiro em Marau	885	122

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 11 - REPORTAGEM BBC NEWS BRASIL E REPLICAÇÕES EM OUTUBRO – BLM (09 matérias)

Veículos jornalístico	Título da publicação	Local da publicação
BBC News Brasil	Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimentos Black Lives Matter local	Londres
Portal R7	Idem	On-line
Estado de Minas	Idem	On-line
Global News	Idem	On-line
Época	Idem	On-line
Infoeconômico	Idem	On-line
G1	Idem	On-line
Bol	Idem	On-line
Revista Fórum	Justiça do RS arquiva caso de assassinato de engenheiro negro por policial e provoca repúdio	On-line

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 12 - COMENTÁRIOS EM RECEPÇÃO-PRODUTIVA NO FACEBOOK À REPORTAGEM DA BBC NEWS BRASIL

Número de reações	Número de comentários	Número de compartilhamentos	Data
6.557	679	937	11 out. 2020
632	28	52	11 out. 2020
1.138	321	178	15 out. 2020

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

b) Caso Em Pauta

O universo de pesquisa abrange tweet de Irlan Simões e redes derivadas dos circuitos afro-referenciados, vídeo da edição do Em Pauta e do Globo Repórter com jornalistas negras e âncora negro. Além disso, abrange matérias em sites jornalísticos que dão conta da repetição de *castings* apenas com jornalistas brancos debatendo casos de racismo e circuitos interacionais em recepção produtiva e em crítica social aos meios do jornalismo. A seguir, dados relativos a datas e quantidades.

Quadro 13 - POSTAGEM NO FACEBOOK DE DARNELLA FRAZIER - 26 mai. 2020.

Conteúdo	Número de comentários ao conteúdo	Número de curtidas	Número de compartilhamentos
“They killed him right in front of cup foods over south on 38th and Chicago!! No type of sympathy ❤️❤�#POLICEBRUTALITY”	27 mil	38 mil	52 mil

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 14 - MATÉRIA DA BBC A RESPEITO DO CASO FLOYD E FILMAGEM DE DARNELLA FRAZIER – 29 mai. 2020.

Veículo jornalístico	Título do texto	Local da publicação
BBC News Brasil	Caso George Floyd: quem era o americano negro morto sob custódia (e o que se sabe sobre o policial branco que o matou)	On-line

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 15 - PRIMEIRO TWEET DE IRLAN SIMÕES SOBRE A EDIÇÃO DO EM PAUTA - 02 jun. 2020

Conteúdo	Número de comentários ao conteúdo	Número de curtidas	Número de compartilhamentos
“Rapaziada... A pauta é racismo...”	305	20,2 mil	3.421

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 16 - EDIÇÃO DO EM PAUTA COM JORNALISTAS NEGRAS E REEXIBIÇÃO DA EDIÇÃO NO GLOBO REPÓRTER – jun. 2020

Programa	Apresentadores	Âncora	Debatedoras	Data
Em Pauta Globo News	Marcelo Cosme	Heraldo Pereira	Zileide Silva Flávia Oliveira Maju Coutinho Aline Midlej Lilian Ribeiro	03 abr. 2020.
Globo Repórter	Sandra Annenberg e Glória Maria	Idem.	Idem.	05 abr.

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 17 - TWEETS DE JORNALISTAS NEGRAS DO PROGRAMA EM PAUTA – 6 e 7 jun. 2020.

Jornalista	Conteúdo	Número de comentários ao conteúdo	Número de curtidas	Número de compartilhamentos
Aline Midlej	“A luta pela igualdade, entre todxs, vive um capítulo que já entrou para os livros de história. O desejo de mudança atravessa o oceano das nossas diferenças. É profundo. Precisa sentir. Começa a doer como se fosse em vc. Texto novo no blog”	43	765	68
Flávia Oliveira	“Obrigada pelo carinho.”	38	1 mil	12
Lilian Ribeiro	“Essa obra do @petitabell é ou não é pra deixar o coração quentinho?”	10	1.923	140
Maria Júlia Coutinho	Reprodução de tweet de artista plástico: “Ah! Fiz uma homenagem a esse momento histórico. Vamos normalizar a presença de pessoas negras em todos os lugares e debatendo sobre tudo.”	43	11 mil	484

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 18 – NOTÍCIA SOBRE REALIZAÇÃO DE NOVO DEBATE DO EM PAUTA APENAS ENTRE JORNALISTAS BRANCOS - 13 out. 2021

Veículo jornalístico	Título
Off.Ig	Globo volta a escalar jornalistas brancos para falar de racismo e é detonada na web

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Quadro 19 - PRIMEIRO TWEET DE MARCOS QUEIROZ – 9 out. 2021.

Conteúdo	Número de comentários ao conteúdo	Número de curtidas	Número de compartilhamentos
“Hoje falam de “pluralismo”. Mas o pouco espaço que negros tem nesse país foi conquistado a duras penas, arrombando a porta. Há pouquíssimos anos, era assim. Por isso até hoje não toleram a derrota na luta das cotas. Jamais vão superar que nós falemos quando nos querem enterrados.”	916	30 mil	8 mil

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 20 - PRIMEIRO TWEET DE THIAGO AMPARO – 9 out. 2021.

Conteúdo	Número de comentários ao conteúdo	Número de curtidas	Número de compartilhamentos
“No mercado de ideias em que a ideia seja rejeitar que haja racismo neste país eu não mais participo. Cansei. Queria que meus colegas brancos carregassem um pouco deste fardo, no nosso lugar. To cansado. Vou ali pingar meu colírio alucinógeno pra esquecer que ainda estamos nisso”	69	2 mil	168

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 21 - NOTÍCIA SOBRE TERCEIRO DEBATE DO EM PAUTA APENAS ENTRE JORNALISTAS BRANCOS – 09 fev. 2022

Veículo jornalístico	Título
Terra	GloboNews volta a debater racismo só com jornalistas brancos

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

c) Caso João Alberto

A parte que integra universo de pesquisa relativa ao caso João Alberto abrange a cobertura realizada em edições dos telejornais Jornal Nacional e Fantástico e textos de sites jornalísticos. Além disso, há enunciações de e interações entre atores sociais e organizações em circuitos interacionais no Twitter.

Quadro 22 - MATÉRIAS DE JUNHO COM TESTEMUNHOS DE MOTOBOY QUE FILMOU MORTE DE JOÃO ALBERTO FREITAS

Veículo jornalístico	Título do texto	Local da publicação
Gauchazh	Entregador que filmou agressões no Carrefour diz que seguranças tentaram apagar vídeo e relata ter sofrido ameaças	On-line
Portal UOL	‘Só dormi dois dias’, conta-motoboy que gravou morte de João Alberto	On-line

FONTE: elaborada pelo autor, 2024.

Quadro 23 - EDIÇÕES DO JORNAL NACIONAL E EDIÇÃO DO FANTÁSTICO COM COBERTURA DO CASO JOÃO ALBERTO (10)

Telejornal	Data
Jornal Nacional	20 nov. 2020
Idem.	21 nov. 2020
Fantástico	22 nov. 2020
Jornal Nacional	23 nov. 2020
Idem.	24 nov. 2020
Idem.	25 nov. 2020
Idem.	26 nov. 2020
Idem.	27 nov. 2020
Idem.	04 dez. 2020
Idem.	11 dez. 2020

FONTE: elaborada pelo autor, 2023.

Apresento na próxima subseção os detalhes dos critérios para mapeamento e seleção do corpus de pesquisa. O mapeamento dos circuitos interacionais afro-referenciados e outros, principalmente nos casos midiáticos João Alberto e Em Pauta, demanda táticas de observação mais complexas do que em casos midiáticos em seus conteúdos e mediações, bem como em comentários em postagens de redes sociodigitais. É relativamente simples localizá-los, mas a coleta de dados tende a se complexificar na tentativa de exploração e apreensão de interações em rede e interpenetrações de narrativas entre circuitos.

3.3.3.1 Observação das práticas de circuitos interacionais em redes sociais digitais

Começo esta subseção com uma breve contextualização acerca do termo etnografia. Inspiração metodológica acoplada ao estudo de casos midiáticos, a etnografia corresponde a descrições e coleta de dados para compreender as culturas de coletivos e atores sociais individuais. Da etimologia do termo etnografia, o radical ‘etno’ remete a etnia, ou, à partilha de culturas, ritos e linguagens, enquanto ‘grafia’ significa descrição. Contudo, considero que o termo etnia para se referir a culturas de populações negras em diáspora é uma categoria

imprecisa e problemática, afinal, não há uma cultura única e unívoca relacionada às experiências de ser negro. Por isso, prefiro o termo ‘observação’, por entender que o convívio em diferença e a suplantação das diferenciações entre os atores sociais, em circuitos interacionais, para evocação de referências e interesses em comum para tentativas de resolução de problemas, conforme Braga, possibilita renovações de repertórios de práticas sociais e comunicativas que, uma vez estabilizados, transformam cultura políticas como as que fomentadas nas lutas antirracistas. Das análises manuais de redes sociodigitais (RECUERO, 2009), me aproprio de observações de mecanismos de conversação, a saber, direcionamentos que indicam quem está conversando com quem nas interações e de encontros entre pares conversacionais oriundos de mesmos circuitos anteriores aos afro-referenciados que se constituem nas narrativas a partir dos casos.

Os critérios para seleção do corpus demonstrado nos capítulos de análise dos casos são:

- a) As referências a cronotopos nas narrativas;
- b) O que dizem sobre a mídia, o racismo e o negro;
- c) Que atores sociais interagem entre si;
- d) Coletivos e circuitos interacionais prévios com os quais possuem vínculos;
- e) Permanências e trânsitos em/entre meios e circuitos.

Opto por apresentar todos os comentários e interações que apresentam um ou mais dos parâmetros acima referidos, posto que importam os observáveis empíricos, que consistem principalmente nas narrativas, acionamentos e seus contextos. Numerados caso a caso a fim de melhor explicitar as inferências ao leitor, comentários e suas palavras, frases e imagens que remetem a indícios de cronotopos são grifados.

Como expliquei antes, as mudanças de percursos e a coleta assíncrona de evidências sobre os casos em sua dimensão social, midiática e midiaticizada fazem com que dependa de recursos de memória disponibilizados pelas indexações de buscadores. Exponho a seguir minhas táticas de recuperação de empíricos.

Para recuperar reportagens do caso Gustavo Amaral, escrevi quatro combinações de palavras-chaves digitadas no recurso de Google Pesquisa Avançada, informando períodos relativos aos principais marcos do acontecimento. A partir das notícias e reportagens, busquei por publicações destas em contas oficiais dos veículos jornalísticos nas redes e, por conseguinte, encontrei os comentários de atores sociais de circuitos afro-referenciados e em recepção-produtiva e em agonísticas em narrativas e em interpretação de narrativas dos meios do

jornalismo quanto ao racismo e ao registro ontológico do ‘ser negro’. Os critérios de seleção de indícios que constituem o corpus de pesquisa são vinculados ao indiciário dos cronotopos midiáticos.

No caso Em Pauta, as táticas são:

- a) seguir os rastros do tweet do ator social que acionou os meios do jornalismo e circuitos interacionais da Rede Globo.
- b) estabelecer comparações às narrativas do circuito interacional configurado pelas jornalistas no espaço do programa de debates com as narrativas dos circuitos afro-referenciados em rede.
- c) Em seguida, realizo uma triagem das interações, descartando aquelas que oferecem pouca relação com o objeto de pesquisa e elementos para inferências.
- d) Depois, observo publicações e interações das jornalistas negras em suas contas no Twitter nos dias seguintes à realização da edição do Em Pauta.
- e) Em um segundo momento, de realização de novas edições do programa somente com jornalistas brancos discutindo racismo, busco, por indicações das reportagens referenciadas no universo de pesquisa, contas de atores sociais de circuitos afro-referenciados no Twitter, suas interpretações e pontos nodais com outras narrativas nesses espaços.

Sem dúvidas, o caso João Alberto é o que impõe o maior desafio para estabelecimento de critérios de coleta de dados, devido a centenas de milhares de interações engendradas nas redes sociodigitais. Aliados à perspectiva do espaço e do tempo complexos articulados nos circuitos, destaco as ações dos circuitos afro-referenciados de ativistas em âmbito local, nacional e internacional. Partindo do pressuposto do acionamento primeiro dos circuitos pelo vazamento das imagens do acontecimento, um momento subsequente é a mobilização de protestos nas capitais do país. Da miríade de instituições sociais e midiáticas, atores sociais individuais, coletivos e suas narrativas, me interessam mais as interpretações daqueles que estiveram envolvidos em práticas sociais de reunir-se nas redes e em copresença. Por isso, seleciono publicações de ativistas negros do Rio Grande do Sul, da Coalização Negra por Direitos, que congrega organizações do movimento social, e indícios da repercussão do caso midiático em circuitos estrangeiros.

3.3.4 Análises cruzadas dos casos midiáticos

Em recapitulação, nas etapas anteriores do eixo metodológico expus táticas de seleção, sistematização de materialidades empíricas e inferências indiciárias acerca dos processos e transições entre etapas ou estágios da ordem do social, do midiático e da midiaticização

observados e a serem analisados em cada caso midiaticizado da pesquisa. Nos interstícios dessas transições, constam acionamentos de diferentes ambientes nos usos e apropriações dos dispositivos midiáticos e de narrativas pelos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo. A cada processualidade, emerge do empírico reflexão teórica acerca dos cronotopos midiaticizados nas lutas antirracistas e na atualização do racismo nas narrativas referidas, tendo como base as articulações entre as condições sociais e históricas da midiaticização do racismo e interposições em resistência pelos circuitos de um lado, e, de outro, a materialização dessas temporalidades nos espaços geográficos - dos locais marcados pela violência - e simbólicos - das redes -.

Diferenciados e diferidos entre si, os três casos midiaticizados são passíveis de singularidades e regularidades. Havendo singularidades a partir dos indícios essenciais, tentarei compreender se são generalizantes dadas determinadas condições, ou se unicamente aplicáveis ao caso. Das regularidades, emergem evidências para convalidação ou contrariedade e aperfeiçoamento da hipótese que responde ao problema, perguntas e objetivos de pesquisa. As inferências dos três casos serão apresentadas em um primeiro momento em tabelas, podendo ou não permitir imediatamente inferências conclusivas, ou oferecerem insumos para novas inferências a partir de um senso de homogeneidade ou complementaridade dos casos. Dessa maneira, compararei/cruzarei a incidência de complexidades de temporalidades e espaços entre os três casos midiaticizados.

4. HISTORICIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE MIDIATIZAÇÃO, MEDIAÇÕES E (ANTIR)RACISMO

A midiatização possui um longo lastro histórico (ver capítulo 3). Autores que a observam entendem que o processo de estabilização, disputa e deslocamento de sentidos remetem a uma periodização que acompanha o início da história da humanidade. Verón (2013; 2014) considera que a midiatização consiste na materialização dos pensamentos em ferramentas e meios. Gomes (2011) e Braga (2006) consideram esse processo de projeção do pensamento humano, por si só, como sendo comunicacional, em preparação do terreno para a midiatização na modernidade tardia quando da criação das mídias impressas e eletrônicas. Sejam quais forem as periodizações da midiatização, os processos de emergência e estabilização de dispositivos, disputas de sentidos em narrativas e acessos às possibilidades de pensar e dizer afetam e são afetados pelo racismo antinegro, simultâneo aos processos comunicacionais dos indivíduos e coletividades em um *continuum* socio-histórico. Neste capítulo, trato de relações entre processos tecnológicos, midiáticos e linguísticos-comunicacionais atravessados por aspectos políticos, econômicos e principalmente culturais no decorrer dessa longa periodização.

Na primeira subseção do capítulo, abordo o *continuum pré-moderno: racismo antinegro estabilizado nos meios-dispositivos (4.1)*. Nela, apresento como se configura o entendimento do racismo antinegro, baseado no fenótipo, e sua institucionalização na antiguidade através da estabilização e reinterpretação de sentidos racializados em discursividades sociais inscritas em suportes materiais, principalmente livros e códigos jurídicos. Neste primeiro momento se percebem pistas de como os dispositivos materiais, em suas dimensões social, técnica e simbólica, condicionam a permanência dos racismos. Além disso, por mais que os elementos desta subseção, anteriores à modernidade e à sociedade dos meios, não tenham relação direta com o contemporâneo, demonstram contextos, continuidades e atualizações dos modos de racismo anteriores à Modernidade, reforçando a premência do fenótipo como objeto de tentativa de legitimação de inferiorização do negro para dominações políticas, culturais e econômicas.

Na segunda subseção, *Acessos e linguagens na Modernidade: colonialismo, escravismo e esferas públicas (4.2)*, abordo relações entre o colonialismo e o escravismo, as chamadas revoluções da Modernidade e as possibilidades de acessos à esfera pública burguesa, às esferas públicas populares e à esfera pública negra. Marcos da periodização de dispositivos e linguagens da sociedade dos meios, as explorações marítimas coloniais, a revolução a vapor, a referencialidade da cultura escrita, a descoberta da eletricidade e meios eletrônicos, ao mesmo tempo que condicionadas por uma racionalidade ocidental de dominação daqueles considerados

outros, ampliam as escalas da desigualdade de acessos, usos e alcance dos sentidos vinculados ao racismo antinegro. Apresento também denúncias – aliás, de caráter narrativo - de autores negros anticoloniais às contradições entre promessas, ideias e conceitos da Modernidade carentes de contextos de realidade. Em seguida, trato de colonialismo e violência como linguagem manifesta em silenciamentos nas relações assimétricas de poder nas colônias e do rompimento desses silêncios nas interações. Por fim, abordo relações entre modernidade e as ideias de esferas públicas burguesa, popular, negra e seus circuitos, dispositivos e acessos. Essa divisão não é hierárquica nem segue uma ordem cronológica, pois abrange períodos históricos amplos, por vezes simultâneos e complementares.

Na terceira subseção, *Midiatização contemporânea: circuitos afro-referenciados perante a revolução do acesso (4.3)*, me preocupo em elaborar teorizações que relacionem tensionamentos de práticas sociais e midiáticas por circuitos afro-referenciados perante complexificações do espaço-tempo na ambiência midiaticizada. A confluência entre processos sociais e a ampliação do acesso a conhecimentos inscritos em acervos digitais na internet se relaciona a percursos formativos de letramento racial dos circuitos afro-referenciados, referências essas que possibilitam tanto os encontros de coletivos na constituição de redes de atores sociais em espaços midiáticos quanto as interpretações em narrativas de representação dos acontecimentos e casos sociais de racismo. Além de teorização a respeito do termo conceito ‘afro-referenciado’ na relação intrínseca com os seguintes conceitos: acontecimento, narrativa, estratégia, tática, imaginário social e circulação, mobilizados em apropriações minhas.

Articuladas, as discussões das três subseções referidas me oferecem elementos teóricos-indutivos para identificação das práticas e processos antagônicos entre cristalização de imagens e imaginários sociais racistas sobre o ‘ser negro’ e práticas mediaticizadas de resistências no contemporâneo. A permanência desses signos é indicativa de temporalidades e espaços cindidos em cronotopos, entrecruzados com o espaço-tempo dos processos midiáticos contemporâneos que configuram os cronotopos midiaticizados em acessos e usos a/de dispositivos e nas narrativas dos circuitos interacionais que disputam a compreensão de quem somos e do que é o racismo.

4.1 O *CONTINUUM* PRÉ-MODERNO: RACISMO ANTINEGRO ESTABILIZADO NOS MEIOS-DISPOSITIVOS

As relações entre midiaticização e racismo no período que convenciono chamar de pré-modernidade – das práticas dos antepassados dos povos helênicos até o início das explorações marítimas na Renascença - são anteriores à constituição da sociedade dos meios. Por outro lado,

essas relações estão na raiz do racismo moderno e de extrapolações das escalas de tempo e espaço que contribuem para a ampliação e atualização do racismo.

Compreendo o racismo na pré-modernidade a partir dos registros socioantropológicos de Carlos Moore, na obra *Racismo & Sociedade* (2012). A tese do autor sobre o racismo fenotípico se ampara justamente em evidências históricas presentes em documentos que atestam normas de estigmatização dos negros em culturas da Europa, Oriente Médio e na Ásia meridional. De maneira retroativa, a partir de manifestações posteriores em registros de velhos mitos das culturas dessas regiões e de arqueologias que indicam a presença de pessoas negras nessas regiões, Moore infere que o temor e a repulsa aos povos de pele escura ocorrem em uma dimensão já planetária. Portanto, o racismo posteriormente se expande diante das contraditórias e complementares interconexões – via intercâmbios de informações - e interdições – colonialistas dos impérios na antiguidade e modernidade - posteriores entre sociedades e culturas do mundo, a exemplo das práticas euro-referenciadas de *apartheid* desde Alexandre Magno até o colonialismo moderno.

O fenotípico enquanto objeto do racismo é uma linha racial de cor e traços morfológicos atribuídos a populações negras. Na antiguidade, uma realidade social e cultural pautada exclusivamente na cor da pele mais escura e características do corpo atribuídas aos negros. Como Moore diz, “É ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social; que serve de linha de demarcação entre os grupos sociais e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais”” (2012, p. 19). Isso não anula outras dimensões e atualizações para manter-se, mas é a partir do fenótipo que se trata de um elemento prévio tomado por objeto por quem reproduz o racismo. É anterior, portanto, ao: racismo moderno com pretensões científicas do Darwinismo social que hierarquiza os seres humanos em falácias relacionadas a uma evolução da espécie, e ao racismo cultural do colonialismo que postula a depreciação e o exotismo de formas específicas de comportamento, embora seja um dado primeiro, ontológico, a partir do qual se organizam.

De acordo com Moore, o racismo antinegro de base fenotípica experienciado em escala planetária se retroalimenta com os imaginários sociais sobre os negros desde as primeiras inimizades e guerras entre povos de matizes de pele escura, melanodérmicos, e clara, leucodérmicos. Trata-se das histórias dos vencedores que foram passadas adiante de geração em geração pelos líderes detentores da palavra em culturas orais, nas lendas e mitos de inferiorização do negro. Outras relações territoriais relacionadas aos racismos que não a onipresença das populações negras nos três continentes, são as exclusões embrionárias do

apartheid moderno, principalmente na sociedade e cultura greco-romana demarcada por uma xenofobia racializada.

A cultura grega possuía classificações binárias excludentes, como: nativo e estrangeiro, civilizados e bárbaros, superiores e inferiores, cidadãos e escravos. A hierarquização de povos e indivíduos correspondia a uma divisão de mundo territorial, sanguínea e fenotípica. Os gregos consideravam a si e a seus antepassados intelectual e moralmente superiores. Esses atributos tinham como critérios características territoriais e climáticas comparadas com as de outras terras e miticamente apontadas como causas de compleições físicas e tom de pele como sinônimos de coragem, honestidade e inteligência de uma raça grega. De maneira antagônica, os nascidos em terras estrangeiras, quanto mais escuras fossem sua pele, cabelos e olhos, mais eram depreciados como opostos aos gregos, principalmente os homens do norte do continente africano, egípcios, núbios e etíopes. No âmbito político atravessado pela xenofobia e racismo, os regimes de governabilidade da polis grega e da república ateniense – séculos depois, a mesma lógica no império romano – eram colocadas em oposição com as monarquias dos outros povos para justificação da escravatura – subordinados a um rei, o bárbaro/estrangeiro era classificado como naturalmente escravo, portanto, inferior e passível de dominação ante os homens gregos.

Protótipo do racismo científico moderno, o racismo greco-romano postulava uma racionalidade que explicasse e justificasse o direito à dominação colonial dos outros povos, fosse na expansão do império helênico de Alexandre, fosse na dominação do império romano (ANTA DIOP, 2012). Aristóteles em sua defesa à eugenia, Plínio, Estrabão e Heródoto são alguns dos pensadores greco-romanos que contribuíram para a introjecção de uma cultura racista (MOORE, 2012). Segundo Moore, “Na verdade, foram poucos os autores clássicos que não comentaram em alguma parte de suas obras sobre a raça e as diferenças fenotípicas” (idem, p. 47). Filósofos, historiadores, geógrafos e poetas que, portanto, fundiam especulações biológicas, sobre a alma, a história e características topo climáticas. Paradoxalmente, os conhecimentos aprendidos e expropriados no contato com outras culturas antigas, a exemplo daquela dos egípcios, logo, negros africanos, foram enclausurados e reinterpretados com finalidade de inferiorização e subordinação dos próprios mestres estrangeiros e suas culturas locais.

O conhecimento dito científico do período clássico e as relações de poder político-econômicas para expansão dos impérios greco-romanos tinham as diferenças fenotípicas como base dos avanços colonialistas. Houve também uma dimensão religiosa anterior, contemporânea e posterior a esses avanços, na gênese de diferentes culturas antigas no mundo conhecido até então, pois, segundo Moore (2012),

É a partir desta constatação [de temor e repulsa ao negro em diferentes continentes na antiguidade], pensamos, que deve reanalisada toda a problemática da gênese histórica do racismo. Com efeito, não vemos como desvincular a realidade contemporânea, dominada por uma visão negrofóbica em escala mundial, de uma realidade semelhantes evidenciada nos mitos e nos textos mais antigos dos povos euro-semitas da Europa, do Oriente Médio e da Ásia Meridional, incluindo a própria Bíblia, de origem judaica, os textos védicos (particularmente o Rig-Veda), os textos fundadores do Zoroastrismo persa (*Zend Avestra*) e, finalmente, o Alcorão." (MOORE, 2012, p. 40).

As obras da literatura clássica e os manuscritos das grandes religiões, monoteísticas e politeístas, materializados em suportes materiais diversos – de papiro a peles de animais - e em diferentes períodos – da Bíblia com cerca de 4 mil anos até o Corão, após o ano 600 -, permitem a permanência e institucionalização de sentidos para a posteridade. Considerando as escrituras sagradas como dispositivos, os imaginários sociais míticos e de pretensão relacionados ao negro se materializam em trechos escritos a várias mãos pelos escribas. Dispositivo, então, em uma dimensão do meio em junção ao suporte e aos conteúdos, vinculada a uma perspectiva social dos códigos políticos, morais e religiosos e de um deslocamento do tempo e espaço, experimentado pelas permanências das palavras em materiais duradouros, usos e reinterpretações diversos dos textos. A socialização dos povos antigos pela memória coletiva na oralidade, e expandida pelos escritos de acordo ainda com um paradigma transmissional – que estava na base das culturas antigas, de antepassados e sucessores.

Outra característica de deslocamento do tempo e espaço nos estudos de mediação (VERÓN, 2014) são as ressignificações de sentidos possibilitadas pela interpretação dos escritos em dispositivos. Dos mitos ideológicos-religiosos, Moore destaca a maldição de Ham como condicionante da escravização estritamente racial. Na Bíblia judaica, Cam, um dos filhos de Noé, tem sobre seus descendentes a maldição da escravidão como castigo pelos pecados cometidos. Como decorrência, a escravização se abate sobre Canaã e os cananitas escravizados pelos judeus. Na releitura presente no Corão, a escravidão tem acrescido o componente da cor negra, tentativa de justificar a escravização de africanos com base na hereditariedade e fenótipo. A diáde religiosa-científica para dominação dos africanos decorria também da tradução dos textos de pensadores gregos e romanos a partir do século VII (MOORE, 2012, p. 70)¹⁸, prolongando-se nas sub-representações dos negros enquanto subalternos nas lendas, nos

¹⁸ O binômio científico-religioso de ideologização do racismo condiz com uma contradição eurocêntrica que vem desde a compreensão da cultura da Grécia antiga como berço da civilização e da democracia, ao mesmo tempo que seus principais expoentes produziram fundamentos defendidos e posteriormente instrumentalizados para a promoção da barbárie em todo o mundo.

escritos religiosos árabes-sunitas e nos versos dos poetas, em insultos dos não-negros e comparações discriminatórias, salvo exceções¹⁹.

Essa base, de códigos religiosos comportamentais, se retroalimenta com os imaginários sociais de inferiorização do negro no Império Muçulmano. Do século VII ao século XV, a escravização negra por árabes teve como objetivo a expansão político-econômica desse império por meio dos trabalhos forçados e da desumanização das populações negras transformadas em moedas. Por sete séculos, o escravismo e as estratégias de dominação espacial do colonialismo árabe solaparam a organização social e política de reinos africanos, em reprodução de lógicas de escravização dos gregos e dos bizantinos, assim como foram herdadas e modificadas de maneira mais violenta pelos europeus, primeiro pelos vizinhos ibéricos Portugal e Espanha e depois para outras potências coloniais vizinhas da Península Ibérica.

Os conflitos entre povos, as crenças religiosas e as imbricações entre política, economia e cultura atravessados pelo racismo anterior à modernidade evidenciam a dimensão ideológica de seu ‘ensino’ geracional por diferentes instituições sociais. Além disso, a semelhança percebida por Moore entre a realidade contemporânea do racismo e a realidade evidenciada nos mitos e escrituras é indício da configuração do racismo em *continuum* e de uma configuração cronotópica, de cruzamento de práticas antigas e contemporâneas, em termos de temporalidade, e de uma onipresença do racismo no mundo, em termos espaciais, condicionados por imaginários sociais que simbolizam o racismo fenotípico com base em traduções e reinterpretações em narrativas inscritas em meios impressos e na oralidade – dos livros, tratados, poemas e escrituras.

4.2 ACESSOS E LINGUAGENS NA MODERNIDADE: ESCRAVISMO, COLONIALISMO E ESFERAS PÚBLICAS

A corrida tecnológica a bordo e nos vagões dos meios de transporte que ligavam comércios no mundo e as revoluções industrial e da comunicação são condicionadas pelas empreitadas colonialistas intrínsecas ao escravismo. Não houve período de Modernidade desvinculado do colonialismo e escravismo. Não haveria, ao menos como conhecemos, organização societal pelos meios de comunicação na Modernidade sem colonialismo e escravismo. Nenhuma dessas afirmações inferenciais é extraordinariamente original. Ao

¹⁹ As referências quanto ao racismo nos impérios árabes estão situadas entre os séculos VII e XIV, por ausência de fontes históricas confiáveis anteriores ao período.

contrário, são demasiado óbvias diante de concatenações de contextos políticos, econômicos e culturais que demarcaram a racionalidade moderna e o início da sociedade dos meios.

A tentativa de elevação das culturas europeias, dos estados nacionais e do homem europeu. na pré-modernidade se dava já pela depreciação do outro, fosse o indivíduo ou um grupo social inteiro. A simbolização do fenótipo convertida em racismo se deu através do congelamento dos imaginários sociais a respeito do negro sendo inferior, convertidos em imagens que o desumanizam ou classificam-no como sub-humano. Em *continuum*, a depreciação imposta ao negro serviu de pretexto para os impérios europeus colonialistas partilharem as terras estrangeiras e extraírem riquezas naturais desses lugares por meio da violência totalizante da escravidão nas colônias.

A dominação imposta a terras estrangeiras é possibilitada pelas explorações marítimas a partir do século XV, encomendadas por reinos e comerciantes, com o objetivo de expansão dos comércios, incluindo a transformação do homem negro em moeda, a extração de matérias-primas e pedras preciosas. Na medida que o comércio extrativista e escravista precisa chegar a diferentes territórios para um comércio mais global e acúmulo de riquezas no capitalismo mercantil, cresce a necessidade desses grupos dominantes por meios de transporte que recubram trajetos mais longos em menor tempo.

Em síntese e em sequência cronológica, com saltos temporais, sucederam as explorações marítimas e o dispositivo cronotópico do navio a vela na corrida por expansão de riquezas, cujas técnicas e tecnologias para navegação mais eficiente sofriam mutações constantes, a Revolução Industrial das máquinas a vapor, financiada pelo escravismo, e suas transformações sociais que incluem a indústria de jornais, a descoberta da eletricidade e dos meios de comunicação eletrônicos. A propósito do financiamento da Revolução Industrial Britânica nos séculos XVII e XVIII, os lucros provenientes do tráfico escravo enriqueceram a Europa resultou em um acúmulo de capital que possibilitou investimentos na indústria. O escravismo, a Modernidade colonialista e os capitalismo, comercial e industrial (WILLIAMS; 1975; MOORE, 2012), possuem confluências respectivamente da cultura, da política e da economia. Segundo Peter Burke (2004, p. 111):

A tecnologia nunca pode ser separada da economia, e o conceito de revolução industrial precedeu o de revolução da comunicação - longa, contínua e eterna. O segundo conceito, claramente formulado apenas no fim do século XX, já tinha começado a ganhar forma no século XIX. Seguindo o que Charles Knight (1791-1873), pioneiro do livro barato e da imprensa popular, chamou de uma "**vitória sobre o tempo e o espaço**", o tempo (e distância) foi redefinido sob a influência, primeiro, da ferrovia e do primeiro barco a vapor; e depois, de um conjunto de novos meios de comunicação - o telégrafo, o rádio, a fotografia e o cinema.

Mesmo antes da ferrovia, as pessoas da época já **comparavam** os **revolucionários franceses Danton e Robespierre com James Watt** (1736-1819), incensado como o inventor da máquina a vapor, e Richard Arkwright (1731-92), o primeiro "rei das fábricas" (que começou, como muitos outros proprietários de fábricas de algodão, utilizando água em lugar de vapor como força motriz). Logo depois apareceu **Napoleão**. As vitórias de Napoleão se deram na **guerra**; as de Watt e Arkwright, na **paz**. As realizações dos últimos foram imaginadas, muitas vezes em linguagem bíblica, como invenções de consequências globais - mesmo os desertos do mundo podiam ser transformados:

Vapor! - se as nações não envelhecerem
 Por que não balançais vossa bandeira
 Sobre as terras **sem mares, sem força**, e construíis
 Uma única nação para o homem? (BURKE, 2004, p. 111, grifo nosso).

Da narrativa em análise de Burke e dos termos-sínteses que destaco, depreendo que são estabelecidas relações entre uma modernidade e meios de comunicação que se notabilizam por um tempo contínuo de valoração do presente e de triunfo das tecnologias perante as tradições e fronteiras espaciais. A equiparação da imprensa entre os pensadores iluministas franceses com os contemporâneos industriários ingleses, em uma imbricação das chamadas revoluções da razão esclarecida e do avanço econômico, imbrica-se com a tônica dos discursos de triunfo e progresso filosófico, científico e econômico. Não por acaso, as vitórias de Napoleão e de Watt e Arkwright são igualmente equiparadas pelas possibilidades de expansionismo por terras onde há desertos, ou seja, ao norte africano tido como desprovido de força de esquadra e de resistência, e pela construção de “uma única nação para o homem”, extensa e interligada aos moldes do colonizador e de um chamado progresso. Pensamento vigente à época, se há vencedores, há obrigatoriamente vencidos. Perante o imperialismo, os colonizados. Perante as luzes da revolução, a ignorância e o atraso. Perante a pretensa evolução tecnológica, o subdesenvolvimento das nações consideradas atrasadas em função da não-industrialização. Ou seja, majoritariamente o que e quem estava além-mar, os não-brancos²⁰. Ao mesmo tempo, uma interligação entre nações para uma junção amalgamante do mundo, da metrópole até a onipresença e ubiquidade das máquinas e da comunicação, a partir de uma percepção embrionária quanto uma organização societal em torno das tecnologias e meios.

²⁰ Cèsaire dizia que o movimento de europeização da África e da Ásia estavam em curso antes da colonização, que o retardou. Com isso, a Europa subdesenvolveu economicamente as suas colônias, com implicações que perduram até hoje. Evidência disso é dentre todas as pessoas do mundo sem acesso à energia elétrica, 80% residem no continente africano – o que reduz as possibilidades de experimentação da midiatização. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/permalink/81154#:~:text=Com%20dados%20de%20refer%C3%Aancia%20de,energ%C3%A9tica%20encabe%C3%A7adas%20pelos%20pa%C3%ADses%20desenvolvidos.>>. Acesso em: 29 set. 2023.

No plano das interações e afecções nas trocas simbólicas, o colonialismo como racionalidade eurocêntrica no contato com outras civilizações em invasões ao continente africano e às Américas, para onde os escravizados negros foram mandados para as *plantations*, estabeleceu cisões de ordem linguística, espacial e temporal. Como contradição e parte da complexificação da modernidade, o colonialismo vinculado estritamente ao escravismo antinegro coincide parte do período da Renascença e recobre o Iluminismo, tensionando as crenças e valores desprovidos de contexto destes.

O colonialismo tem como linguagem principal uma violência totalizante imposta ao colonizado, dizia Fanon (2021). As lógicas do colonialismo estabelecem, nas leis, práticas de violência e nos comportamentos, dicotomias entre metrópole e colônia, do presente e futuro como sinônimos de avanço frente ao que os colonos consideram como atraso das colônias, e, em uma dimensão ontológica, uma zona entre o ser, que é branco e senhor, e o não-ser inferiorizado, o escravizado e negro. A violência se dá via castigos físicos e por fragmentações por saberes políticos e econômicos e valores éticos, morais e estéticos, que têm como referente a Europa e o branco europeu. São práticas em permanência mesmo após as abolições das escravaturas no século XIX. Nas instituições sociais e estatais das colônias, o limite da linha que pode ou não ser ultrapassada era traçado por seus interlocutores institucionalizados – políticos, juristas, jornalistas etc. -, mantenedores das normas jurídicas de exclusão materializadas nos códigos, leis e nos signos das sentenças, das ofensas e pela interdição do direito à palavra, suspenso pelas ameaças, castigos físicos e morte. Os confrontos físicos, o silêncio e o rompimento deste, ilustro com base na dialética do senhor-escravo, noção filosófica elaborada por Hegel em *Fenomenologia do Espírito* (2014), e nas rediscussões dessa noção em reflexão crítica por Fanon (2020; 2021) e Gilroy (2008). Por óbvio, a colonização ocorre coletivamente pela intimidação, pressão, policialmente e por imposição de crenças, valores e práticas eurocêntricas (CÈSAIRE, 2022), mas, esboçada uma genealogia da relação entre tecnologias, meios e racismo, interessa aqui uma dimensão micro da dialógica das interações em copresença no colonialismo, sem mediações de dispositivos técnicos. O colonialismo reproduzido nos meios de comunicação é tratado posteriormente.

A dialética hegeliana coloca em tensionamento uma ideia, a tese, confrontada com sua própria negação, a antítese, uma vez que a contradição é inevitável. Para Hegel, a história social da humanidade é dialética e caracterizada pela desigualdade entre dominadores e dominados. Dessa contradição entre tese e antítese do passado, deriva a realidade de um dado presente/agora, que corresponde à ordem social vigente. Dominador, o senhor se converte em

entidade reconhecida como ‘amo’ pelo escravo – nas palavras de Hegel²¹ -, por não temer a perda da vida. Coisificado e intimidado pela violência do senhor escravagista, o escravizado é obrigado a se converter em objeto de dominação. Em uma perspectiva psíquica mediada, senhor e escravo são sujeitos autoconscientes que tomam consciência de si e do outro nas lutas pela vida e pela morte, na qual o senhor não reconhece o desejo do escravo, que por sua vez renuncia ao desejo de reconhecimento e molda sua autoconsciência de acordo com as expectativas do senhor devido ao medo da violência - e da morte. Hegel considerava senhor e escravo em situação de dependência mútua: o senhor é dependente porque considera o escravo como objeto para garantia de sua sobrevivência, enquanto o escravo depende do senhor que considera o escravo como objeto de garantia de sobrevivência; o escravo seria então obrigado a produzir bens, portanto, trabalhar para o senhor, que se torna escravo do trabalho para si produzido. No contexto colonial, o senhor é o usurpador da terra e obriga que o escravizado nela trabalhe, adotando o silêncio como possibilidade de sobrevivência ante a iminência da morte.

Hegel apreende a autoconsciência e o reconhecimento em três esferas institucionais separadas: família, Estado e sociedade. O amor corresponde aos vínculos emotivos de dependência e assistência entre o sujeito e o “outro” nas suas relações afetivas no seio da família e nas amizades. A necessidade de reconhecimento recíproco se estende ao Direito, na esfera do Estado, e pode ser entendida como a noção normativa de “outro generalizado” (2014, p.135 - 178). O outro generalizado implica que o sujeito só pode compreender a si enquanto portador de direitos e imputável de responsabilidades civis se reconhecer os outros membros de uma comunidade também como portadores de direitos, tornando-se seguro das garantias de cumprimento social de expectativas e pretensões em sociedade. Do universalismo do reconhecimento jurídico universal e igualitário, e do vínculo de assistência do amor, derivaria a “intuição recíproca”, ou solidariedade. Porém, no contexto socio-histórico de Hegel, o amor diz respeito ao europeu como referência de humano, a exemplo de sua hipótese quanto a uma dita ausência de espírito racional nos povos abaixo do Saara, na África negra. Hegel considerava que o negro não trouxe quaisquer contribuições para a História, classificando-os como sendo selvagens e desprovidos de racionalidade, em comparação ao homem europeu. Mais uma contradição com a tradição filosófica e conceito moderno, pois, anterior a Hegel, o preceito decartiano do universalismo é de que a racionalidade está em cada um de toda a espécie, como lembra Cèsaire (2022).

²¹ Exceto quando em explicação da dialética de Hegel, utilizo a denominação ‘escravizado’, considerando que todas as pessoas nascem livres.

Partindo da dialética do senhor-escravo e subvertendo-a, Fanon ao mesmo tempo contesta e reforça os preceitos da dialética hegeliana ao refletir sobre a realidade concreta do colonial e suas possibilidades de superação. Fanon (2020) considera impossível que os subalternizados alcancem a emancipação em uma sociedade colonizada, que tenham no trabalho a base para sua libertação e vida seja dependente do reconhecimento de sua humanidade pelo senhor que se considera e é considerado como sujeito universal europeu – posteriormente, na valorização de sua descendência - e branco que o racializa. Neste ponto, segundo Fanon (2020), a classificação negativa ‘negro’ é criada pelo colonizador, mas o negro é quem cria a negritude²² como condição de sua emancipação, sem se enxergar como reflexo do colonizador e tomar seu lugar de opressão como reconhecimento almejado. A tomada de consciência, ou reencontro consigo, e a libertação do colonizado têm como caminho a síntese que permite, também por meio da linguagem nas lutas anticoloniais, contrapor a violência e o silenciamento. Assim, efetivando-se a dialética do senhor e do escravo por uma nova síntese, revisitada a partir de Hegel, do contexto colonial e pós-colonial.

Para além das práticas coletivas nas guerras pela independência dos países africanos sobretudo nos anos 1960, outra subversão da dialética hegeliana se faz presente na reflexão de Gilroy a respeito de narrativa autobiográfica do intelectual afro-estadunidense Frederick Douglass. O encontro com o senhor alterna a ênfase de Hegel ao considerar o escravizado como dotado de consciência que existe para si mesma, o que Douglass faz também pela hibridização de um modo de pensar africano e espiritual e um modo afro-americano de pensar o abolicionismo (GILROY, 2008, p. 135-139). Após passar pelo que classificou como adestramento físico e intelectual por senhor e feitor escravagistas através da violência, Douglass se refugiou em bosques para rezar por sua libertação. Nisso, encontrou outro escravizado, Sandy, que suplicou para que Douglass colocasse uma ‘raiz mágica’ no lado direito do corpo para se tornar invulnerável aos golpes do feitor, chamado Covey. Diante da brutalidade do feitor,

²² Uma síntese sobre o conceito, experiência e aspectos da negritude da qual gosto bastante é a resposta de Césaire aos entendimentos equívocos da identidade como aprisionamento. Trata-se, inversamente, de um elemento compartilhado de atores individuais e coletivos, termos meus, a partir das experiências socialmente recordadas e cotidianamente vividas de opressão, partilhadas por pessoas que se unem perante as diferenças em busca de resolução de problemas (derivados do racismo), entendimento que se assemelha às atividades-chave do conceito de circuitos interacional: "Bem vejo que alguns, obcecados pelo nobre ideal universalista, sentem repulsa por algo que lhes possa assomar, se não como uma prisão ou gueto, pelo menos como uma limitação. Eu pessoalmente não tenho essa concepção encarcerante da identidade. O universal, sim. Mas há muito que Hegel nos mostrou o caminho até lá: o universal, certamente, mas não por negação, e sim como aprofundamento da nossa própria singularidade". Césaire, 2022, p. 222.

Foi nesse momento que Douglass resolveu, com consequências devastadoras, levantar-se em sua própria defesa. **Seguiu-se a luta hegeliana**, mas desta vez Douglass descobriu urna **situação ideal de fala no momento mesmo em que agarrava seu opressor pela garganta**: "Eu o agarrei tão firmemente pela garganta que seu sangue escorreu por minhas unhas [...] Você vai resistir, seu **patife?**", disse ele. Ao qual devolvi um cortês "Sim, Senhor". Os dois homens estavam presos no impasse hegeliano. Cada um era capaz de conter a força do outro sem o derrotar. Enfurecido pelo inesperado ato de insubordinação de Douglass, **Covey procurou convocar a ajuda das outras pessoas que estavam por perto**, tanto escravos como homens livres. Hughes, primo de Covey, foi repellido por Douglass, e depois Bill, o assalariado, fingiu ignorar o que Covey desejava que ele fizesse, e Caroline, a escrava na casa de Covey, corajosamente recusou-se a seguir a instrução de seu mestre de segurar Douglass. No texto, Douglass e Covey se dirigem sucessivamente a cada um desses personagens de apoio, O respeito mútuo nascido desta luta é transmitido pela maneira na qual eles recorrem aos outros como iguais. Depois de duas horas, Covey desistiu da competição e deixou Douglass partir. (GILROY, 2008, p. 138-139, grifo nosso).

O relato de Douglass e a reflexão de Gilroy evidenciam elementos comunicacionais da luta entre senhor e escravizado. Na interação face a face, a prática da violência do feitor e de sua resposta por Douglass revelam uma tríade composta pela dimensão social do contexto colonial e das posições sociais dos interagentes, da conversação que interpõe ofensa e resposta irônica e apelos aos outros possíveis interlocutores que testemunham o embate e, em um momento ulterior, da condução da narrativa transposta para o papel e para o livro autobiográfico. Os cronotopos do encontro e do limiar que corresponde a um rito de passagem da crença e ceticismo religioso e do limiar entre a permanência da servidão e a emancipação se mediatizam e são narrados para a posteridade no romance autobiográfico escrito por Douglass, que faz parte de uma tradição de recordação do sofrimento publicizado para leitores que o partilham. Esta é uma tendência que se reflete em permanências nas estratégias e táticas comunicacionais da esfera pública negra, como veremos mais adiante.

Da organização da sociedade ocidental por uma racionalidade interposta pelas tecnologias industriais e meios de comunicação em uma perspectiva tecnicista, até as interações e suas interdições pela violência física e imposição do silêncio no contexto colonial, é perceptível a relação com as contradições dos valores normativos da modernidade que se revelam carentes de materialidade frente à dimensão real do racismo experienciado em todo o mundo. A relação de dominação do colonizador pela expropriação da terra em uma fase pré-industrial do capitalismo e as extrações e comércio escravagistas que o financiaram se orientam por um racismo alicerçado na concepção mítica de superioridade da Europa como berço e único reduto da civilização e do branco enquanto sujeito racional e universal. Traduzida nas letras das leis e nas repressões culturais, de vigilância e segregação espacial nas colônias, o eurocentrismo e o racismo irmanados impedem os acessos do colonizado à zona de existência do

reconhecimento social por parte do outro. Essa racionalidade se reproduz nos meios de comunicação da modernidade e em suas esferas públicas resultantes, analogamente semelhante à relação assimétrica de poder da relação entre senhor e escravo – se nesta os donos da terra obrigam os subalternizados a servi-los, impondo o silêncio e submissão que interdita acessos a espaços geográficos e simbólicos, na sociedade dos meios predomina a interdição do direito de as populações negras contarem suas próprias histórias. O rompimento desses silêncios igualmente se contrapõe nas práticas e em imaginários sociais de emancipação, em disputa nas diferentes esferas públicas, em que dizer e recordar o sofrimento e vestígios de um passado glorioso dos ancestrais tornam-se atos de criação antirracista.

O sentido predominante de uma esfera pública moderna começa a corresponder à esfera pública burguesa liberal no século XVIII. Por óbvio, não há uma única esfera pública. Há esferas públicas, no plural. Contrapostas à esfera pública burguesa, a esfera pública popular, composta pelas construções simbólicas coletivas. À esta, separada ou imbricada e complementar, a esfera pública negra (GILROY, 2008).

O termo ‘esfera pública’ foi cunhado por Jürgen Habermas, originalmente chamada de *Öffentlichkeit*, que se refere à publicidade no que tange a tornar público um acontecimento. O autor sistematizou a ideia de esfera pública como reunião das linguagens e discursos dos públicos como sinônimo das classes burguesas na Inglaterra e na França tomadas como universais, concepção posteriormente autocriticada e por conseguinte ampliada por Habermas, enquanto várias esferas públicas, em reflexão sobre os meios eletrônicos do século XX. Os burgueses, majoritariamente comerciantes e banqueiros, manifestavam suas opiniões nas arenas discursivas na imprensa, nas assembleias, nos cafés e em outros espaços de deliberação, apesar da esfera pública prescindir de lugares físicos para se materializar em redes. Conceitualmente, as opiniões diziam respeito a temas voltados para o atendimento de vontades coletivas, contraditoriamente tomadas por uma elite quantitativa minoritária e não raro em proveito próprio. A ideia de público condiz com a busca por publicidade dos assuntos da realeza absolutista ou em oposição a esta, frente a um contexto de ascensão política e econômica da burguesia. Por dedução lógica, trata-se de espaços de expressão e interesses aos quais a maior parte das pessoas negras, desumanizadas pelo escravismo, não possuíam acesso.

A imprensa inglesa e a imprensa francesa se industrializam na transição entre os séculos XVII e XVIII. O contexto anterior da prensa, da revolução industrial e do Iluminismo convergiram para a defesa de interesses políticos e econômicos liberais para descentralização dos poderes do Estado. No século XVIII e em parte do século XIX, os jornais continuaram restritos à classe burguesa em termos de produção, acesso e conteúdos destinados a intervir na

economia e na política. Nos anos seguintes, na esteira do êxodo rural, industrialização crescente e aumento da necessidade de informações para dar conta dos acontecimentos das metrópoles, os públicos leitores dos jornais se estendem para as esferas públicas populares, compostas por estudantes e trabalhadores oriundos dos movimentos sociais do início da modernidade europeia, iletrados ou letrados aos quais os burgueses se opuseram (THOMPSON, 2009). De todo modo, as esferas públicas hegemônica e popular continuaram restritas à população branca nativa na Europa, logo, alheia às pessoas negras.

O início do jornalismo moderno e os jornais como meios de produção inatingíveis para as populações negras colonizadas. Os valores de defesa da liberdade de expressão e de mediação dos interesses das classes referidas são basilares dos valores da profissão jornalismo, que, em uma fase posterior de transição para o século XX tiveram o acréscimo de uma visão normativa de universalismo que se propõe a dar voz para as instituições sociais e os públicos leitores, mais um valor ou signo de realização incompleta e carente de materialidade observados os contextos culturais. Nisso é perceptível um acoplamento entre instituições, coletivos específicos euro-referenciados e seus circuitos interacionais, e, os meios de comunicação do jornalismo, aqui a imprensa. De modo metafórico, aludindo a Marshall McLuhan, a máquina a vapor, a terra para o colonizador, os transportes e suas vias e a imprensa moderna não são apenas meios de extensão de riquezas e aceleração do tempo; são meios que ao serem criados se convertem em extensões da consciência de uma época e de uma racionalidade do homem universal formulada na pré-modernidade, enquanto branco, racional, crítico, dominador e civilizado (sic).

Os valores normativos do jornalismo e dos seus meios têm como referente os valores da modernidade que incluem as contradições entre humanismo e excludência. Por mais que lógicas e gramáticas dos meios do jornalismo sejam diferidas e variáveis, há identidades permanentes dispostas em princípios que são evocados em seu *ethos*. Segundo o teórico do jornalismo Otto Groth (2011), o jornalismo invariavelmente possui algumas características centrais, que considero todas vinculadas diretamente à discussão do espaço-tempo: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade, categorias modernas e numa ordem do sensível, válidas para quaisquer jornais e dispositivos – o jornal impresso, o televisivo, o radiofônico e, conforme Antonio Fidalgo (2004), extensivas ao jornal on-line.

A *periodicidade* do jornalismo consiste no intervalo mais curto possível entre o acontecimento e uma nova edição ou publicação de conteúdo jornalístico. Tanto melhor para o jornalismo se a notícia ou a reportagem atingirem uma periodicidade simultânea ao acontecimento. É preciso estar sempre em um presente cada vez mais célere e continuamente

renovado para o leitor. A *universalidade* se relaciona com os modos como as pessoas tomam conhecimento do mundo que as circundam e como nele intervêm de acordo com zonas de aproximação e afastamento sentimental, ou seja, do quanto se sentem mais próximas geograficamente ou por afecção dos acontecimentos. Neste ponto Groth exemplifica que o europeu se sente menos imbuído a intervir e manifestar solidariedade perante acontecimentos em outros continentes. Em outra passagem do livro *O poder cultural desconhecido*, declara que a burguesia é também universal e necessita dos jornais para orientação constante, veloz e precisa de como intervir no mundo diante do passado, do futuro e primordialmente do presente e de tudo que a mediação jornalística considera digno de conhecer, mediação esta que leva em consideração um espírito próprio dos jornais. Quando Groth fala de espírito, tem como base uma noção filosófico-sociológica debitada de Weber e de outros autores da sociologia, filosofia e dos estudos alemães das mídias, que entende serem os valores, crenças, sonhos e inspirações de uma sociedade a realidade do mundo objetivo. Este mundo não é totalizante, e sim o mundo que os sujeitos enfrentam, determinam e pelo qual são determinados, uma relação recíproca que alinha o jornalismo condicionado aos contextos temporais e espaciais nos quais se inserem. Logo, se inseridos em uma sociedade eurocêntrica e discriminatória, de acessos negados ao negro e que o inferioriza, revelam, produzem e reproduzem logicidades dos colonialismos e racismos. Ainda sobre o conteúdo e atrelada a este, a *atualidade* é entendida por Groth como a capacidade do jornal informar o que é atual e momentâneo no tempo presente. Ou seja, de uma relação entre o instante do acontecimento e o momento experienciado pelo sujeito. Na medida que a consciência social acerca do que é atual e a aceleração da vida cotidiana limitam-na ao presente, este é estendido e sucessivamente substituído, concepção semelhante àquela de Hartog (ver capítulo 2). O que aconteceu antes ou há muito tempo, é simulado como presente pelo jornalismo. Enquanto a *publicidade* se relaciona com a ordem do visível para a maior quantidade possível de leitores, opondo-se à esfera do segredo das instituições para que os assuntos de interesse das coletividades sejam descobertos pela população. Em comparação a características de universalidade, nesta os conteúdos devem abranger a maior porção possível de acontecimentos, enquanto a publicidade deve abranger o maior contingente possível de pessoas.

Atendidos esses critérios e em reflexão compartilhada com o contemporâneo, o jornalismo opera em suas narrativas em um nível intermediário entre a crença baseada no senso comum e o rigor científico de demonstração de evidências ou versões para a compreensão da realidade. O jornalismo privilegia então o que é singular e atual no acontecimento presente para o mundo circunscrito aos seus públicos, numa dimensão ‘contratual’. Ao enfatizar o singular

no presente, por vezes denega significâncias históricas e compromete expectativas de futuro quando em presentismo e em presenticismo. No caso do racismo antinegro, em suas descrições e interpretações denega o *continuum* dos acontecimentos progressos e representa o acontecimento como único, desprovido de contexto e, portanto, mais facilmente esquecível. Descumprindo, então, o ideal de universalidade ao abreviar ou recusar espaços de autoridade para intelectuais e especialistas negros apresentarem visões de mundo alternativas ao status quo do jornalismo nos espaços de opinião e interpretação, prática alusiva às lógicas de silenciamento e inferiorização do negro que contribuem para o epistemicídio das culturas afro-referenciadas. Por isso, em alusão à visada da circulação de sentidos, afirmo que as interrelações da esfera pública negra e dos circuitos com os meios do jornalismo possuem uma defasagem ‘de partida’ e em certo nível irreconciliável, pois a admissão do racismo quando este não é discursivizado pelo agressor exige o refinamento da recordação da dor e de interpretações e classificações por vezes referenciadas em formações-discursivas conceituais.

Antagônica à esfera pública hegemônica, a esfera pública alternativa, ou esfera pública negra alternativa, como prefiro caracterizar, segue uma trajetória que vai da oralidade e gestualidades até a configuração de redes simbólicas complexas que integram a oralidade a estética dos sentimentos, das expressões corporais e de uma oralidade letrada. Essa esfera pública observada por Gilroy (2008) se diferencia tanto na busca por estabelecer processos políticos em uma lógica que não os diferenciam da estética e da arte, quanto por não se restringir à textualidade.

Na modernidade colonialista, a já referida fragmentação dos escravizados e o trabalho forçado nas fazendas de monocultura conduziram a táticas de resistência que passam pelas danças, histórias, encenações e cânticos. Exemplo disso são as histórias de heróis insubordinados, as canções com mensagens cifradas para orientação de caminhos em rotas de fuga, as danças que simulam lutas e as lutas que simulam danças. A esfera pública oralizada e corpórea une política e expressão artística, em invisibilidade para os sujeitos externos e bases para articulação e reconhecimento interno entre seus partícipes. Mesmo com silêncio, são constituídas esferas públicas mantidas pelas trocas simbólicas e inicialmente em espaços locais devido à vigilância e punições amplas e constantes.

Os desejos contidos e manifestos de experimentação de emancipação e solidariedade, se materializam em resgate das tradições progressas à escravização moderna e de expectativas do futuro. De uma oralidade dos escravizados baseada em reinterpretações de um passado afrocentrado, sobretudo no século XIX se configura ou se transfigura uma esfera pública cujo processo interacional de referência é o de uma oralidade letrada. Às tendências de recordação

da dor e da centralidade da morte nas narrativas literárias explicadas no capítulo teórico-metodológico, destaco o desejo da cultura política de realização exigir o cumprimento de promessas da retórica da sociedade civil burguesa catapultadas pela formação da esfera pública (GILROY, 2008), como também no que percebo de narrativas que atribuem a internalização e reprodução do racismo a cientistas, jornalistas e anônimos. Assim foi nos romances autobiográficos de W.E.B Du Bois e de Frederick Douglass no século XIX, em denúncias a personagens reais, ou na literatura de James Baldwin no século seguinte com personagens fictícios baseados naqueles de carne e osso.

Atendo-me só aos autores citados até o momento, Moore, Fanon, Césaire e o próprio Gilroy em suas narrativas citam promessas que a Modernidade não cumpre e as barbáries defendidas por filósofos, cientistas e jornalistas que têm divulgados seus nomes, profissões/ocupações e como se de tempos em tempos se esforçam para impedir ascensões sociais de gerações que são alvo e/ou se opõem ao racismo, situação que se assemelha à discussão de Berg e Luckmann (2014), de como indivíduos institucionalizados se convertem em mantenedores das ordens institucionais opressivas para mitigar as resistências das novas gerações que os sucedem ou podem sucedê-los. A prática de atribuir ações, causas e consequências do racismo a determinados atores também era recorrente nos jornais de imprensa negra nos séculos XIX e XX principalmente, publicados em um contexto de luta pelas abolições das escravaturas e nos períodos pós-escravidão por jornalistas e articulistas membros de uma elite letrada no interior da esfera pública negra²³. Nos contextos afro-americano e afro-brasileiro, os espaços concedidos na imprensa negra para seus intelectuais e a visibilidade do mundo ao redor das comunidades negras nas metrópoles buscavam como interesse educativo a formação de outras intelectualidades no interior de redes simbólicas interpretativas, fosse pela educação escolar ou pela educação revolucionário-política de acordo com períodos específicos e suas ênfases nas imprensas de diferentes países, sociedades e culturas.

Ex-escravizados e seus primeiros descendentes se destacaram no campo das letras, em romances autobiográficos, em jornais abolicionistas e no pós-escravidão publicados como meios de enfrentamento da opressão racial, em romances ficcionais hibridizados com as experiências e denúncias do passado colonial. Para além das letras, o teatro, a dramaturgia e a música são expressões da arte negra que se mesclam com os processos políticos. Em alusão aos

²³ A maioria dos intelectuais negros mencionados neste capítulo foram escritores e trabalharam em jornais. Douglass criou três jornais abolicionistas. Du Bois foi editor de jornal, assim como Césaire fundou nos anos 1930, na França, jornal com outros estudantes martiniquenses.

estudos realizados por Fanon, o corpo e a palavra na esfera pública negra rompem com o controle colonial sobre os comportamentos e possibilidades de dizer. Se os colonizados possuíam sonhos físicos, musculares, em que pulavam e corriam, por conseguinte, manifestavam o desejo de romper com o controle sobre seus corpos no cotidiano, o que se estende às performances de arte afro-referenciadas. Ao silenciamento imposto pelas leis coloniais, violência legalmente autorizada e indiferença dos jornais mediadores da esfera pública moderna, a literatura e a imprensa negra estendem a possibilidade ‘terapêutica’ de romper com o silêncio, condição ideal para perpetuação do racismo²⁴. Isso, sempre em dimensão de recordação de histórias do passado, materializadas seja em quais forem os tipos de linguagem ou dispositivos.

Para além da oralidade restritiva e da linguagem escrita da literatura e dos jornais, a música negra encontra no disco o cronotopo que possibilita a expansão das referências das culturas de diáspora hibridizadas em redes transnacionais, em diferentes fluxos entre expressões específicas de territórios nacionais. Percussões e letras, entre estéticas e projetos políticos para as populações negras em escala global, são tecidas em articulações de referências afros, em partilhas de elementos de culturas tradicionais e em encontros de artistas e suas obras proporcionadas pela expansão e aproximação do espaço tempo.

Ainda em um paradigma moderno da sociedade dos meios, descontada a importância da música na esfera pública negra, nos meios eletrônicos do jornalismo os acessos mantêm uma lógica de esfera pública excludente. No ocidente persiste os problemas dos acessos aos meios de produção do jornalismo e do entretenimento nos meios eletrônicos e em seus conteúdos e programações, que reproduzem o apagamento das contribuições culturais das populações negras e a estigmatização do ser negro. Na emergência do século XXI, Muniz Sodré sistematizou inferências sobre a reprodução dos meios de comunicação hegemônicos na atualização do racismo antinegro no Brasil. Analisando o contexto da distribuição das outorgas de concessões públicas de mídia, afirma que os meios se desenvolvem como bens patrimoniais, que operam na reprodução dos pensamentos das elites nacionais econômicas e políticas. As reproduções se dão pelo acionamento de agentes que denomina como ‘elites logotécnicas’, dominantes das possibilidades de dizer e do que é dito, mediado por técnicas e tecnologias por

²⁴ No Brasil, não por acaso, intelectuais negros se envolveram no campo artístico, na política de Estado e na academia. Dois expoentes da intelectualidade negra e do movimento social, Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, o primeiro enquanto fundador e o segundo enquanto participante destacado, eram expoentes do TEN – Teatro Experimental do Negro brasileiro. Abdias também foi senador e, ambos, escreveram obras seminais sobre o racismo brasileiro em livros de Antropologia e Sociologia. Como reflexo de uma tradição moderna em mutação constante, há interpenetrações entre artes, política e ciência.

eles operadas, compostas por editores, âncoras, repórteres, editores etc. Dessas elites, no seu mais alto escalão, não participam pessoas negras, o que revela continuidades de lógicas eurocêntricas que remetem à classe burguesa. A atualização do racismo nos meios do jornalismo e na indústria cultural segundo Sodré opera por quatro fatores:

- a) Negação da existência do racismo a não ser quando noticia conflitos raciais considerados como episódicos;
- b) Recalcamento, pelos meios de comunicação, das contribuições e origens africanas de elementos da cultura nacional;
- c) Estigmatização através da desqualificação das diferenças instauradas no corpo negro. Esta categoria materializa a singularidade do racismo que tem como alvo preferencial o fenótipo do corpo negro;
- d) Por fim, uma indiferença profissional se dá pela indiferença do comércio e da publicidade, em que a presença de profissionais negros se restringe a funções de bastidores distantes da esfera de visibilidade pública.

Em termos de processos sociais e midiáticos, a hipótese de Muniz Sodré enfatiza os sistemas de produção dos meios de comunicação do jornalismo e do entretenimento. Apresenta o mérito de articular a cultura midiática como arena da cultura, além de permitir a problematização da internalização do racismo por atores sociais do campo midiático e sua reprodução em enunciações e usos de técnicas e tecnologias para difusão de signos racializados em palavras, gestos, olhares e ausências, em discursos, silêncios e imagens que perfazem as narrativas a respeito do negro. Os quatro fatores se relacionam com elementos fenotípicos do racismo antinegro, por isso ontológico, com uma vertente epistemológica e epistemicida por denegação da cultura, e, portanto, reveladores de uma fratura deontológica por descumprimento de valores básicos do jornalismo moderno, interditoras das expressões do corpo e das discursividades de atores sociais negros. Reforçam-se, em *continuum*, hibridizações de presentificações dos acontecimentos e presenticismos que denegam a importância da história e cultura africana e afro-brasileira, reduzindo a complexidade dos casos sociais racializados, em atualização dos colonialismos na ambiência midiática.

A escassez de acesso aos meios do jornalismo e as representações desqualificadas sobre o racismo e o ‘ser negro’ na agenda midiática engendram respostas sociais críticas da esfera pública negra. Duas processualidades comunicacionais emergem a partir de táticas de advocacy social – em tentativas de visibilizar temáticas sociais e políticas atreladas ao combate contra o racismo para influenciar o entendimento, debates em sociedade e as tomadas de decisão das instâncias estatais. Uma, em termos de circulação de sentidos, passava predominantemente por fora dos meios do jornalismo hegemônico. Outra, visa justamente ascendências aos e interpenetrações com os meios do jornalismo. Ambas ora se complementam, ora se alternam ou ocorrem em separado de acordo com estratégias e táticas internas de coletivos, circuitos interacionais e de feedbacks complexos com o jornalismo, entre o que é dito ou não dito, por quem diz, em reproduções, apropriações, expropriações e silêncios, em indiferenças e em críticas sociais que ascendem e descendem em produção e recepção.

A imprensa negra em jornais e revistas, a escrita de livros por intelectuais e os encontros presenciais em assembleias e circuitos interacionais diversos e imbricados, das artes, da política *latu e stricto sensu*, voltadas para a formação cultural e política intracoletivos, e, externamente, ocupação de espaços de representação em instituições de representação política - movimentos, partidos e cargos políticos - em tentativas de incidir em mudanças de leis visando a institucionalização do antirracismo no espaço público. A outra dimensão do advocacy social consiste nas mobilizações no espaço público das cidades, que visam o acionamento dos meios de comunicação. Realizadas a partir de ritos de celebração de datas de conquistas políticas e em protestos contra casos sociais de racismo, os circuitos que interagem internamente *in loco* para que os acontecimentos ascendam e/ou permaneçam visibilizados no espaço público ampliado pelos meios do jornalismo. Para tanto, de acordo com as lógicas dos meios, precisam ser notáveis em atingir os parâmetros de universalidade e publicidade do jornalismo. Os horários para ingressarem nas programações e edições dos meios, as quantidades de militantes, os trajetos e deslocamentos por vias importantes das cidades e até mesmo os contatos prévios, simultâneos e posteriores com os profissionais envolvidos nas coberturas dos casos midiáticos importam para visibilizar a expressividade dos corpos, das vestimentas, das palavras de ordem, dos cartazes e dizeres inscritos durante os protestos.

4.3 MIDIATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA: CIRCUITOS AFRO-REFERENCIADOS PERANTE A REVOLUÇÃO DO ACESSO

As práticas comunicacionais de advocacy dos coletivos negros ativistas são condizentes com as relações entre uma esfera pública política e uma esfera pública midiática que Verón (2014) caracteriza como período chave na década de 1980 em sua historicização da midiaticização, no que observo como interpenetrações entre acionamentos e discursividades das três esferas públicas - negra alternativa, política e dos meios do jornalismo -, suas ideias e coletivos. Essa relação de dependência começa a ceder destaque a partir de processos sociais da segunda metade dos anos 1990. É nesse período, de acordo com Nilma Lino Gomes (2017), que o movimento social negro abandona as práticas e discursos universalistas de igualdade, democracia e direitos humanos que relegavam a categoria política raça à invisibilidade ou a segundo plano e passam a buscar o reconhecimento de políticas de ações afirmativas. Duas dessas políticas incluem a universalização do acesso ao ensino superior no Brasil e a aprovação da Lei 10.639, de obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, negociadas em deliberações nas casas legislativas e em intenso debate na imprensa.

Esta situação corresponde ao primeiro de três momentos que considero explicativos da configuração dos circuitos afro-referenciados oriundos de uma esfera pública negra: o primeiro, relativo a práticas dos coletivos negros, trata de um letramento sociomidiático como condição da configuração e estabilização dos circuitos. O segundo corresponde à relação dos coletivos com a revolução do acesso na internet e consequentes ampliações do tempo histórico e dos ambientes midiaticizados. O terceiro consiste no trabalho realizado pelos circuitos interacionais perante acontecimentos e narrativas na ambiência da circulação.

O primeiro período de articulação dos coletivos ativistas negros altera não apenas a ampliação do acesso ao espaço acadêmico, como também o perfil da intelectualidade negra no país. Vale destacar reflexão de Clóvis Moura (2020), no início dos anos 1990, na cidade de São Paulo, acerca das aproximações e afastamentos entre o universo de uma minoria quantitativa de integrantes do movimento negro que ascenderam à classe média, aos espaços acadêmicos e profissões liberais, classificados como letrados, e o universo dos integrantes da classe trabalhadora das indústrias, presentes em formas de manifestação artística de caráter popular e moradores das regiões periféricas, classificados como plebeus. As referências políticas e culturais dos primeiros e seus discursos, baseados nas intelectualidades e movimentos sociais dos Estados Unidos e das lutas de libertação de nações africanas, quase não encontravam ressonância junto aos últimos e suas demandas por segurança, saúde e educação, estabelecendo um distanciamento entre o letramento das políticas antirracismo e o cotidiano do restante das populações negras, amplamente mais numeroso. Passadas três décadas, as fronteiras sociais, políticas e econômicas da intelectualidade dos indivíduos e coletivos ativistas tendem a se

esmaecer justamente pelo acesso ao ensino superior e redes de sociabilidade de fortalecimento interno, como cursos e encontros das organizações dos movimentos sociais, mas também pela configuração posterior da revolução proporcionada pela internet como dispositivo estabilizado. Apesar da ampliação dos acessos aos acervos de conhecimento e aos espaços de interação não eliminarem a existência de desigualdades sociais dos acessos a tecnologias e mídias e de estudos a respeito do fenômeno, ainda assim permite disputas e tensionamentos antes não possíveis perante o monopólio da fala das instituições sociais e meios do jornalismo no espaço público.

A revolução do acesso, chamada assim por Verón (2014), se situa na transição para o século XXI. Sua ênfase na nomenclatura ‘www’ recai nas duas primeiras letras da sigla, que remetem respectivamente a uma dimensão planetária e da metáfora de rede enquanto conceito e fenômeno. O autor analisa três dimensões da semiose, que remetem às buscas em meios de indexação por materialidades do sensível – músicas, vídeos, e, no limite, conteúdos da cultura em ampla escala, às buscas por interações e contatos que remetem a relações interpessoais e às buscas por recomendações do que dizer e fazer em determinada circunstância, operações que correspondem às instâncias das leis e regras semióticas. Essas três dimensões da ampliação dos acessos aos acervos de conhecimento e das escalas do tempo histórico afetam a configuração dos circuitos afro-referenciados na ambiência midiaticizada. Referências culturais e acontecimentos midiáticos, inclusive os racializados, que passam ao largo das agendas e conteúdos dos meios do jornalismo, podem ser acessados pelos circuitos interacionais, que se contatam e interagem em ambientes como páginas de organizações do movimento negro, páginas de atores sociais individuais e em meios voltados para leitura e conversação, vide listas de e-mail, comunidades e grupos em sites de redes sociais. Ainda há as recomendações de saberes populares e acadêmicos voltados à promoção de conhecimento para o antirracismo.

A internet se converte em um novo dispositivo midiático apropriado pelos circuitos afro-referenciados para interpretação dos acontecimentos e elaboração de narrativas subsequentes em encontros nas redes simbólicas. O interesse, interpretação e disputas sobre os acontecimentos é interposto por saberes relacionados a uma identidade negra em mutação e estético-corpóreos (GOMES, p.69 – 76) são tecidos nas redes ampliadas pelos meios de conversação, indexação e conteúdo (FERREIRA, 2018), por blogueiras e intelectuais em interação com seus circuitos interacionais. Soma-se isso a formação de novas intelectualidades nos espaços acadêmicos, que aprendem com bibliografias e referências paralelas às práticas curriculares canônicas. A aprendizagem se estende a pessoas brancas, conforme o conceito de letramento racial da socióloga norte-americana France Winddance Twine (2004), mas, considero válido também para pessoas que passam a se reconhecer como negras ao longo da

vida. De base sociolinguística, o letramento é um processo que inicia com o reconhecimento da hierarquização social baseada no fenótipo que eleva o branco à condição de homem universal, com o rompimento do entendimento de que o racismo está circunscrito tão somente ao passado, de que é aprendido nos espaços, nas visibilidades, ausências e interações, passando por evitar expressões racistas e conseguir perceber e interpretar códigos racializados. Antecessores e simultâneos a esses, os elementos referidos de conhecimento basilar da constituição de circuitos afro-referenciados se assemelham à discussão dos cronotopos articulados pelas interpretações e narrativas que percebem a racialização do branco e do racismo de longa periodização aliados a suas materializações nos acessos e em signos diversos expressados nos meios.

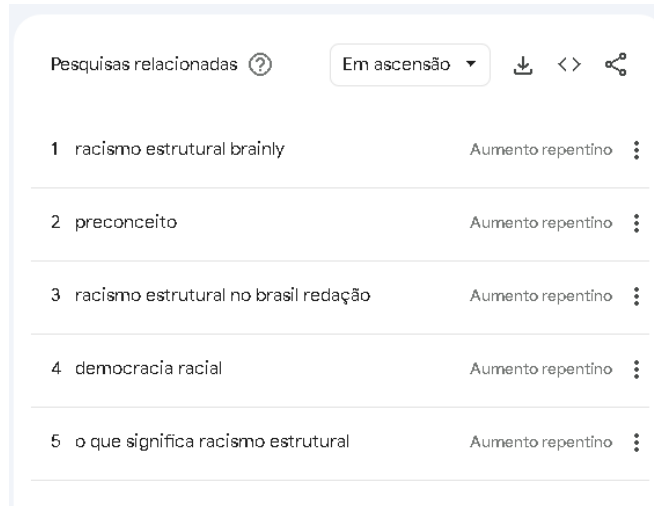
Aliada às aprendizagens e acessos, a aceleração do tempo histórico é percebida nas alterações, complementos e atualizações das práticas e narrativas dos circuitos afro-referenciados ampliadas nos meios. O compartilhamento de conhecimentos inscritos nos livros e outros meios impressos passa da individualização dos processos de ‘um para um’ e de ‘um para muitos’ para uma lógica da instantaneidade – tempo - de muitos para muitos das redes – espaço -, nas consultas aos meios de indexação e nas buscas de conceitos e noções como inteligibilidades para resposta e proteção perante o racismo, antes restritas a uma elite letrada. A título de ilustração, a busca, reprodução, interpretação e deslocamento de sentido relacionados de conceitos sobre o racismo cresce exponencialmente nos últimos anos. Um exemplo disso é a noção de racismo estrutural, cujo interesse despertado nas buscas do Google aumenta de maneira cíclica, acompanhando o período de publicação de conteúdos sobre os acontecimentos de mortes de pessoas negras, principalmente nas semanas dos casos Floyd e João Alberto em 2020, que registraram os dois picos mais elevados do gráfico (Figura 1).



FONTE: Google Trends, 2023.

Os conceitos de racismo estrutural, de democracia racial - mas, possivelmente, atrelado ao mito da democracia racial ²⁵ (Figura 2) - e outros substantivos relacionados se popularizam no universo dos circuitos interacionais afro-referenciados on-line e off-line e para além deste, acionados como referências para compreensão e atribuição de causas, consequências, partícipes, beneficiados e prejudicados nos acontecimentos.

Figura 2 – Substantivos e conceitos mais associados ao termo racismo estrutural nas buscas (2019-2023)



²⁵ A ideia de existência de uma democracia racial no Brasil através da convivência pacífica de brancos, negros e indígenas e seus descendentes foi criada nos 1930 e disseminada por Gilberto Freyre na obra Casa Grande e Senzala. Intelectuais atrelados ao movimento negro, como Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga e Guerreiro Ramos denunciaram a falibilidade dessa noção, classificando-a como mito responsável por nutrir imaginários sociais que impedem a percepção do racismo.

FONTE: Google Trends, 2023.

A circulação do conhecimento materializada em conceitos ressignificados se retroalimenta como condição e fragmento das narrativas elaboradas em tentativas de fazer permanecer os acontecimentos e suas dobras no espaço público, levados adiante nos fluxos de sentidos. Nesse registro, a aceleração do tempo histórico que caracteriza a revolução do acesso se dá pela confluência de novas e antigas discursividades que extrapolam as enunciações dos movimentos sociais, se estendendo como referências das culturas interpretativas de circuitos interacionais em profusão.

A configuração dos circuitos afro-referenciados nas redes midiaticizadas é precedida pelos cruzamentos de temporalidades que remetem à configuração da esfera pública negra e reunião copresencial e/ou simbólica dos atores sociais em situação de letramento racial nos seus diversos coletivos. É uma organização que se efetiva no acionamento de dispositivos midiáticos e que se articula em redes simbólicas para apreensão e interpretação de temáticas e acontecimentos em narrativas de recordação e análise dos casos sociais. As interações no interior dos circuitos afro-referenciados se dão em processos de aprendizagem retomados nos tensionamentos com meios e circuitos interacionais outros, o que perfaz diferentes etapas do processo de circulação. Desdobro a seguir, em retomada e complemento a ideias expostas no capítulo 2, interfaces entre os processos, conceitos e fenômenos referidos.

As características da ideia de coletivo consistem em um grupo de atores sociais identificados discursivamente pela sociedade, que lhes atribui comportamentos e qualidades através de classificações, como por exemplo, “católicos”, “amantes do rock”, “acadêmicos”, “delinquentes” (VERÓN, 2013, p. 421). No capítulo 2, tratei de circuitos afro-referenciados que se encontram nas redes, exemplificando com os circuitos dispostos em espaços geográficos e simbólicos específicos, como os circuitos interacionais artísticos, musicais, políticos, religiosos, profissionais, acadêmicos etc. Cada um desses circuitos pode abranger diferentes coletivos que neles transitam. Nas religiões de matriz africana pode haver filhos de santo sambistas ou vinculados a quaisquer outras culturas e gêneros musicais, trabalhadores de diversos segmentos, ativistas e não ativistas, pessoas pobres, da classe média etc., do mesmo modo que em outros circuitos. Os gostos, percursos, ideias e práticas são múltiplos e mutáveis no interior dos coletivos e circuitos, constituindo diferenças complexas e permanências em partilhas de problemas e objetivos em comum, a despeito da lógica do racismo segundo a qual todos são tão só negros. As identificações são também sociais nos entornos dos coletivos, mas prevalece a classificação dos próprios atores sociais desses coletivos sobre si próprios.

As atividades dos circuitos afro-referenciados em interação nos dispositivos em redes apresentam novos arranjos na arquitetura dos debates acerca dos acontecimentos sociais na ambiência midiaticizada, contrapondo-se aos monopólios das vozes das instituições ou campos sociais perante as audiências (BRAGA, 2012). Esse contexto se dinamiza ainda mais diante da ocupação tímida e gradual de lugares sociais e circuitos antes inacessíveis aos atores sociais negros, com tensionamentos ‘internos’ aos e ‘por fora’ dos ambientes midiáticos, o inclui os meios hegemônicos e instituições diante dos acontecimentos sociais.

Embora não seja central na discussão que proponho, os acontecimentos e narrativas derivadas são objetos das atividades dos meios e circuitos e por isso seu conceito e entendimento como fenômeno não podem ser naturalizados. Por acontecimento, tomo emprestada a literatura dos estudos de comunicação, política e democracia, que o entendem, a partir de Vera França (2012), como fenômeno que rompe o que é esperado dentro de uma certa normalidade e afeta a vida das pessoas para as quais ‘acontece’. Geram, por isso, dúvidas e interrogações na busca por suas motivações, impelindo os atores sociais a agirem em disputas para estabilização dos sentidos do acontecimento que ascende ao midiático e adquire, conforme metáfora de França, uma “segunda vida” que coexiste com a primeira. Enquanto a primeira vida do acontecimento é por excelência existencial, a segunda vida é de ordem simbólica e consiste na transformação do acontecimento em discurso e representação.

A premissa de que o acontecimento permite olhar para e mobilizar sentidos do passado em busca de sua compreensão se coaduna com meu entendimento de cronotopo midiaticizado. Mas, há uma inversão no que tange aos circuitos afro-referenciados perante acontecimentos racializados: a normalidade é o status quo da violência cotidiana e a irrupção do acontecimento é condicionada ao nível das afetações, intuições e interpretações sobre este, que exigem o letramento inerente a esses circuitos e a noção de que o racismo opera como ato *continuum*, anterior e atualizado. A segunda vida do acontecimento só se mantém em evidência por uma ética existencial de solidariedade para com o outro e pela permanência e fluxo adiante das narrativas dos meios e circuitos interacionais, contribuindo sobremaneira para isso os usos e apropriações dos dispositivos midiáticos e as relações entre temporalidades e espaços acionados. É aqui que se situam cruzamentos de temporalidades que remetem à memória e à periodicidade como simultaneidade entre acontecimento e narrativa, de estratégias e táticas de administração do tempo que se inscrevem no midiático. Em contexto que considero anterior à revolução do acesso para os circuitos afro-referenciados, para Michel de Certeau (2014) a ação estratégica das instituições possuía um lugar de poder, elaborando lugares teóricos de normas e discursos e articulando lugares físicos onde suas forças se distribuem, tríade que oferece

resistência ao gasto do tempo e às práticas dos exasperados, que têm pressa. Estes, mais fracos, calculavam táticas fortuitas para aproveitar acontecimentos oportunos a fim de agir, justamente por não terem lugar próprio, senão o lugar do produtor. Por outro lado, estabelecendo-se um processo de fissura ainda em curso na ambiência midiaticizada, considero que os coletivos e circuitos afro-referenciados passam a se valer da instantaneidade dos dispositivos para ampliar a resistência político-cultural em contatos e narrativas não mais restritas à instância de produção e mediação do jornalismo.

Na tese, utilizo os termos 'ruptura' e 'fissura' ou 'brecha' para me referir a processos sociais no âmbito da midiaticização. No entanto, pondero que designam concretizações e possibilidades diferentes. As rupturas se relacionam a processos mais amplos do fenômeno da midiaticização, a exemplo da ampliação das escalas de tempo e espaço das interações face a face proporcionada pela criação de dispositivos sócio-técnico-simbólicos, em um primeiro momento, e de rupturas para com a centralidade dos meios do jornalismo e outras instituições enquanto organizadoras das interações sociais, em um segundo momento. A utilização do termo 'fissura' ou 'brecha' corresponde às práticas sociais e comunicacionais contra-hegemônicas dos circuitos afro-referenciados para visibilidade e acesso a espaços sociais e midiáticos no interior da esfera pública capitalista ampliada no midiático, tanto quanto efetivação, quanto como possibilidades, posto que o racismo permanece e é atualizado constantemente nos modos como é expresso.

Numa síntese não-linear, posto que as etapas exemplificadas possam ocorrer em arranjos indetermináveis, pode-se dizer que as temáticas e acontecimentos racializados irrompem no espaço público midiaticizado pelos acionamentos dos dispositivos sócio-técnico-comunicacionais, ingressam em circuitos afro-referenciados que se reúnem para interpretá-los e colocá-los adiante de maneira célere em contatos e narrativas. Estas incluem os atores sociais em posição de narradores em recepção-produtiva, atribuições de causas, 'personagens', temporalidades e dramatizações cotidianas interpostas por imagens e imaginários materializados em signos diversos a respeito do racismo e do que é ser e/ou de quem é negro. Os tensionamentos dessas narrativas e suas temporalidades com as dos circuitos antagônicos e meios do jornalismo configuram defasagens de sentidos e contatos na tentativa de reduzi-las. Desse trabalho realizado pelos circuitos em circulação se configuram e se revelam novos cronotopos midiaticizados nas lutas antirracistas. A propósito, segundo Moore (2012, p. 199),

[...] O antirracismo não consiste, nem pode limitar-se, em declarações abstratas de ordem universalistas, nem em conclamações puramente moralistas, embora essas possam ser meritórias. A luta antirracista implica a adoção voluntarista de toda uma

série de ações, estendidas a todos os recantos da sociedade, que atinjam tanto o segmento que, de fato, é racialmente dominante quanto o segmento que, historicamente, é racialmente subalternizado. (MOORE, 2012, p. 199).

Da mesma maneira que é mais difícil identificar e comprovar o racismo tão somente com base nos discursos, verificar o antirracismo apenas com base no conteúdo das interações tende a conduzir a equívocos. Por mais que possa ser compreendido na seara da linguagem, o antirracismo exige a adoção de práticas de manutenção de vínculos de conhecimentos - epistemologia - e solidariedade - ética - para com acontecimentos, atores sociais individuais e coletivos numa dimensão ontológica, implicando em disposições para riscos de hiper vigilância e punição ante o tensionamento com regras tácitas das instituições sociais atravessadas pelo racismo.

Também esboçada no capítulo 3, a discussão do acionamento de temporalidades - em presentificação, presentismo, presenticismo e na midiática contemporânea - materializadas em diferentes espaços - geográficos e simbólicos, em âmbitos locais, nacionais e transnacionais, meios e redes - requer a localização dos imaginários sociais e imagens. Sabedor da existência de imaginários sociais racializados desde a antiguidade, entendo-os como condições históricas e sociais que antecedem os acontecimentos tomados como objeto dos meios e circuitos. É necessário tanto uma desambiguação, quanto uma explicação teórica sobre como articulo os termos e conceitos de imagem, imaginário social e imagens de controle. Chamo tão somente de imagem, no sentido de substantivo, as representações icônicas de pessoas no midiático. Como parte de um processo, as imagens são objeto de imaginários sociais e imagens de controle. A começar pelos imaginários sociais, entendo-os como descrições compartilhadas coletivamente em narrativas de e acerca de grupos sociais e suas experiências através de recordações presentificadas/presenticizadas; assim, pouco importa se possuem um estatuto de ficção ou de realidade para serem caracterizadas como imaginários sociais, principalmente com relação a uma perspectiva cultural e ontológica de 'ser negro'. Se os imaginários sociais compartilhados são passíveis de serem associados a modos de opressão e tentativas de resistências possíveis, por outro lado as imagens de controle no midiático destinam-se não apenas à estigmatização dos grupos sociais e sujeitos nestes inseridos com base em sentidos discriminatórios compartilhados e em continuum sobretudo a respeito de pessoas negras - sendo esta uma primeira articulação possível entre imaginário social e imagens de controle -, mas também e principalmente ao confinamento dos sujeitos a características estereotipadas e a lugares sociais e territórios de subalternização, mantidos sob controle ou em tentativa de controle pela representação em imagens e papéis sociais de inferiorização perante os não negros.

Nas disputas narrativas, os imaginários sociais que reduzem a complexidade ou deslegitimam contextos históricos e culturais atribuídos positivamente às populações negras – de ancestrais a descendentes – se cristalizam em imagens de controle (HILL COLLINS, 2022) expressas pelas instituições e atores sociais individuais e coletivos em interações em copresença na escola, na rua, no trabalho, no transporte público, nas festas etc., mas principalmente nas mídias em geral e nos meios do jornalismo - espelhos dos problemas sociais. Ao teorizar sobre as imagens de controle nas intersecções entre raça, gênero e classe, Hill Collins designa uma dimensão ideológica do racismo e do sexismo que invoca encaixes a diferentes estereótipos e arquétipos invocados para controlar o corpo e o comportamento e as possibilidades de realização enquanto cidadãos principalmente das mulheres negras, mas extensivos também a homens negros, visando permanências em lugares sociais de subalternização. Tratando-se, em minha apropriação, da articulação das imagens de controle com as narrativas midiáticas racializadas consistem em determinados papéis aos quais pessoas negras são confinadas para serem percebidas e tratadas de modo estigmatizado, naturalizando a subhumanização ou desumanização de mulheres e homens negros. Algumas imagens de controle que a autora aborda são voltadas a mulheres negras, e, segundo as palavras dela, são os estigmas de bitch/vadia - mulher negra hiper sexualizada - e a imagem de mommy/mãe violenta para com os filhos, mas inofensiva perante a sociedade branca. Por sua vez, homens negros têm a imagem reduzida à posição de ajudantes de homens brancos protagonistas. Em suma, aos homens negros das camadas sociais médias são reservadas as representações de versões socialmente emasculadas e feminilizadas de masculinidade negra. Contrastantes, as imagens de homens negros da classe trabalhadora são reduzidas a de criminosos cuja força e virilidade atribuídas a si se resumem a comportamentos violentos, proezas sexuais e indisciplina, contrários a tarefas de disciplinamento e resiliência nas tarefas sociais cotidianas, a exemplo de se dedicar aos estudos e a aceitar ordens em trabalhos com baixa remuneração (HILL COLLINS, 2022).

Se os imaginários individuais são da ordem do psicossocial e, portanto, inapreensíveis na observação das interações, é notório que há uma exteriorização dos imaginários de discriminação, ou imagens de controle, quando convertidos nos gestos, silêncios e falas no espaço privado e público reproduzidos e representados pelo midiático²⁶. Dessas imagens que

²⁶ Um exemplo simplificado: em um vídeo de poucos segundos de duração, de uma professora negra de Educação Infantil em sala de aula, em que pergunta aos alunos o que vêm à cabeça quando pensam na palavra África: “pobreza” foi uma resposta dita quase em uníssono. Em seguida, pronunciaram a palavra ‘sujeira’. Ora, é impossível apreender as imagens mentais de cada criança (se pensaram em adultos, crianças, em paisagens etc.), mas a maioria manifestou palavras negativas a todo um continente. Palavras estas condizentes com imagens cristalizadas sobre a África negra e seus habitantes. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@laviniarochaf/video/7168201138586602757>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

confinam o negro a lugares sociais estigmatizados, percebo remeterem a permanências e atualizações de práticas coloniais, no que acrescento a percepção racista de infantilização e ignorância/irracionalidade atribuídas a mulheres e homens negros reduzidos à fisicalidade dos corpos, ao contrário das percepções reforçadas quanto aos não negros. No contexto do colonialismo francês em países de África, Fanon (2021) advertia para a adoção de sistemas de referência das práticas do colonizador nas mídias perante audiências compostas por crianças colonizadas. Um exemplo eram os filmes de Tarzan exibidos no cinema, propagandas do colonialismo, diante dos quais os espectadores se identificavam com o protagonista do filme mesmo quando lutava com os nativos nas telas.

Especificamente nos meios do jornalismo (ver cap. 2), a construção de imagens de controle é perceptível nas recorrências de acessos, visibilidades e invisibilidades de pessoas negras. Por exemplo, nas mediações expressas em textos interpretativos e opinativos dos diferentes meios, há:

a) Suspeitos de crimes culpabilizados previamente em programas policiais, cujas lógicas não raramente se estendem a meios, veículos, editorias e programas de quaisquer gêneros e formatos, sendo principalmente o jovem negro mostrado e considerado restritamente como suspeito e criminoso, confinando-o ao lugar de homem negro violentos e passível de sofrer violências autorizadas;

b) A ausência de intelectuais e especialistas negros nos meios para interpretação dos casos midiáticos diversos se coaduna com a imagem de controle supracitada, reforçando o lugar de desvalorização de conhecimentos e o confinamento a atributos relacionados ao corpo e à irracionalidade, resultando, por conseguinte, em percepções equívocas que constituem a imagem de controle da pessoa negra ignorante e despreparada atribuída a atores sociais individuais e coletivos.

c) Um desdobramento dessa imagem de controle (item b), entre invisibilidades e visibilidades condicionais, diz respeito às funções exercidas pelos jornalistas negros e negras nos meios do jornalismo, proporcionalmente muito poucos em comparação a profissionais autodeclarados brancos. Em suma, os meios do jornalismo permitem que jornalistas negros assinem reportagens e mais recentemente apresentem telejornais, mas os excluem dos espaços de opinião e, com isso, interditam possibilidades de interpretação de casos midiáticos e inferências em denúncia e análise de casos de racismo e quaisquer outros. Logo, à imagem de controle nas

narrativas que sugerem ou afirmam ignorância e incapacidade, soma-se uma camada de visibilidade condicional dos rostos e corpos de repórteres, apresentadores e apresentadoras nos espelhos do jornalismo, aceitos e representados como felizes e satisfeitos desde que confinados a silenciamentos tácitos necessários para as instituições midiáticas referenciem-se como antirracistas sem de fato serem, configurando uma imagem de controle do corpo negro visibilizado e reconhecido como belo, porém mantido sem opinião, ofertada nos espelhos midiáticos para audiências e circuitos interacionais múltiplos.

A relação espectral é pensada por diversos autores e autoras negros que atuam na área da psicologia social, sintetizada por uma mesma metáfora que envolve a relação do personagem mitológico Narciso com o espelho/reflexo. Estudos de Psicologia Social de Neuza Santos (2021) e posteriormente de Maria Aparecida Bento (2022) compreendem que o branco e aqueles que se identificam como tal possuem pactos narcísicos que resultam na luta e proteção de seus pares, consciente ou muitas vezes inconsciente, para manutenção de vantagens na ocupação de lugares sociais ante os negros – no trabalho de Cida Bento, relações de poder assimétricas que partem da ideia da pele branca como ideal de normalidade e universalidade, o que configura o conceito de branquitude. É preciso, segundo essa lógica racializada, se ver e ver-se no outro considerado como fenotipicamente semelhante no espelho social. Muniz Sodré (1995), em metáfora voltada para o comunicacional a respeito do autorreconhecimento nas mídias, lançou mão de comparativo com outra figura da fantasia, Drácula. Tal como o vampiro, o negro olha para o espelho midiático e não enxerga a própria imagem. Aceitando-as, proponho uma terceira metáfora oriunda da fantasia em acréscimo para pensar os acessos e reconhecimentos diante do contexto de aumento, ainda que escasso, da visibilidade do corpo negro na publicidade e nos circuitos profissionais midiáticos, mesmo que problemática em sua dimensão qualitativa²⁷.

²⁷ De acordo com pesquisa realizada pelo GEMAA - Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, nos três maiores jornais do país - O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo - a quantidade de jornalistas negros corresponde a 9,5% do total. Nos espaços de colunas de opinião, a quantidade é ainda menor: 4,8% dentre os colaboradores, 12% dentre os colunistas convidados e 7,2% dentre colunistas fixos. Por outro lado, a presença de pessoas negras em campanhas publicitárias nas mídias atinge 44% das peças publicadas pelos 20 maiores anunciantes em sites e redes sociais, conforme pesquisa da Elife e da SA365 no estudo "Diversidade na Comunicação de Marcas em Redes Sociais". A comparação entre os levantamentos indica que as mídias aumentaram a visibilidade de pessoas negras e suas estéticas em um contexto de aumento do público consumidor das marcas, o que pode dissimular a escassez e ausência de pessoas negras nos espaços de opinião nas editorias dos grandes jornais que resultam na invisibilidade das agendas culturais e políticas contra as desigualdades raciais, indício de uma das faces da relação entre o capitalismo atual e o racismo.

Disponível em: <<https://gema.iesp.uerj.br/textos-para-discussao/21-raca-genero-e-imprensa-quem-escreve-nos-principais-quem-escreve-nos-principais-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 29 mai. 2023.

Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/influencia-negra-midia-publicidade>>. Acesso em 29 mai. 2023.

Quando colonizado pela depreciação do racismo e das imagens de controle, o ato de olhar para o espelho e não se reconhecer como negro ou de se reconhecer, mas em inconformidade, remete à figura mitológica da Medusa, vitimada e injustamente punida. Quando vista como monstro por si e por outrem, petrifica o espectador racializado, seus imaginários e suas possibilidades de emancipação antirracista.

Os imaginários sociais compartilhados pelos circuitos afro-referenciados respondem às hierarquizações raciais, desumanizações e sub-humanizações, silenciamentos e invisibilidades. As respostas são ulteriores a um processo ontológico da negritude que consiste em “tornar-se negro”, preposição da psicanalista e psicanalista Neuza Santos Souza (2021), no qual a condição de ser negro é primeiro imposta nas fragmentações das identidades e de inúteis tentativas de apagamento do fenótipo negro e da cultura afro pelo racismo, para depois ser subvertida como condição de emancipação. Nos circuitos afro-referenciados, uma memória coletiva é compartilhada por recortes e armazenamentos das experiências cotidianas em geral e nas mídias em recordação das violências contínuas em uma dimensão do passado e do presente: do recontar e da reescrita das significâncias históricas relacionadas às culturas africana e afro-brasileira, da valorização da estética em reconhecimento da beleza dos corpos atrelada à autoestima, dos conhecimentos ancestrais de uma tradição em trânsito e de interpretação da realidade vivenciada no mundo contemporâneo em subversão aos cânones do conhecimento eurocêntrico e da idoneidade das vítimas desrespeitadas. Trata-se de contraposições a imaginários sociais racializados e imagens de controle, contraposições estas que se retroalimentam simultaneamente com uma ética reativa de denúncia e solidariedade perante o racismo, e, com as expectativas pela criação de mundos possíveis no futuro, tanto em prognósticos ou esperanças de enfraquecimento do racismo quanto em prognósticos pessimistas de recrudescimento e inviabilidade da vida e da cultura.

O encontro em circuitos afro-referenciados no espaço público entre atores sociais vinculados a diferentes coletivos, portanto, o encontro em diferenças, é mobilizado por interpretações de acontecimentos orientadas por um mesmo objetivo de superação do racismo. Em uma sociedade em midiatização, esse encontro se dá principalmente nas redes sociais digitais, em reuniões e em disputas narrativas nas arenas discursivas das plataformas on-line. Nesse sentido, o exercício pelo direito de autodefinição dos atores sociais negros nas narrativas sobre os processos de ‘ser negro’ e ‘tornar-se negro’ – intercalados -, contrapõe as recorrentes mediações jornalísticas, e as hostilizações por circuitos interacionais outros, na busca pela ampliação do alcance e permanência dos acontecimentos no espaço público, desde o acesso a espaços para compartilhamento de conhecimentos afro-referenciados até disputas por

sobrevivência simbólica e do corpo – foi o que ocorreu em casos recentes de racismo e genocídio, em circulações midiáticas que ascenderam à mediação jornalísticas mas principalmente passaram ao seu largo nos casos Ágatha Félix, George Floyd, Marcos Vinícius, Marielle Franco, João Alberto Freitas e João Pedro Pinto (ver cap. 2). Em minha perspectiva, as autodefinições sobre o ‘ser negro’ e a materialização da negritude como imperativo ético de solidariedade ante as diferenças para tentativa de solucionar problemas sociais constitui vínculos comunicacionais, ou a efetivação do comum, como diz Braga (2017).

Os estudos negros de comunicação e movimentos sociais negros compreendem a diferença a partir da categoria política de raça, em lutas por reconhecimento da humanidade das vidas negras, ante a evocação das diferenças como objeto de opressão nas práticas racistas e de discursividades que denegam a existência dessas diferenças em nome de uma universalidade de matriz eurocêntrica. Em uma linha limítrofe, a luta por reconhecimento da humanidade das pessoas negras no antirracismo passa pela busca de sobrevivência das culturas e corpos em diáspora, sobretudo em práticas sociais e disputas narrativas em torno do reconhecimento e posituação das diferenças que configuram modos diversos de 'ser negro', inclusa nisso a perspectiva de tornar-se negro – muitas vezes, em processo de tomada de consciência de atores individuais após sofrerem racismo, ou mesmo, em casos midiáticos em que a vítima de violência e morte passar coletivamente ser considerada negra no espaço público.

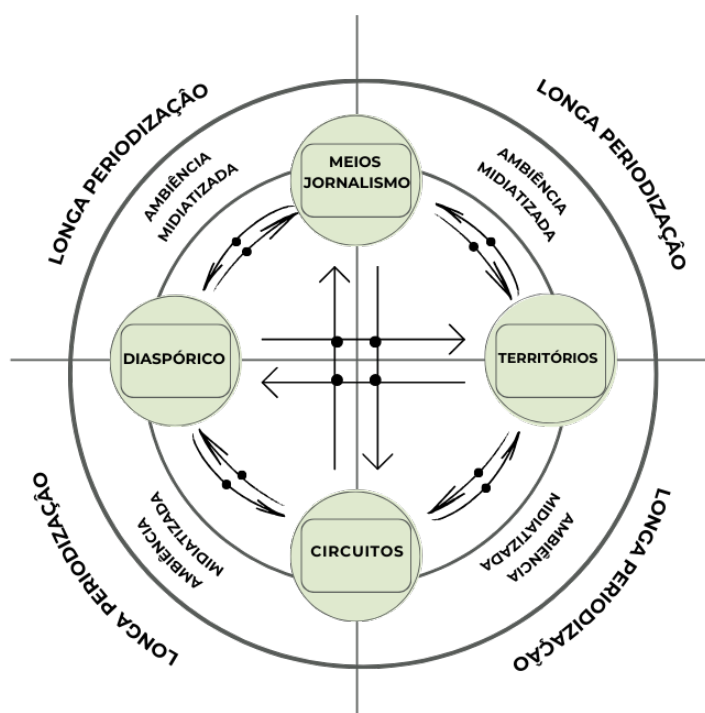
As disputas de imaginários sociais, imagens de controle e suas subversões em narrativas sobre o que é ser negro e sobre o racismo entre meios, circuitos afro-referenciados e circuitos outros remetem a diferentes instâncias da circulação como diferença e como instância de articulação (FAUSTO NETO, 2018), mais precisamente, entre temporalidades evocadas em acionamentos e narrativas em espaços/ambientes diversos em resposta aos acontecimentos e em permanências de tensionamentos de práticas pré-modernas, modernas e contemporâneas. Ao que pode parecer uma contradição entre a incidência de temporalidades já referidas e a imprevisibilidade inerente a práticas e sentidos na circulação, esta permanece, uma vez que é impossível determinar aprioristicamente sentidos e fluxos das interações entre produtores e atores em recepção produtiva. Em resposta às defasagens, os polos do processo comunicacional, geralmente os produtores, buscam aproximações das suas narrativas com as narrativas dos circuitos interacionais, encurtamento de distâncias entre atores sociais institucionalizados e atores sociais dos coletivos em rede nos diferentes meios de ‘programação’, ‘conteúdo’ e ‘interação’ (FERREIRA, 2018) e o contato entre temporalidades consonantes. De difícil comprovação, a intencionalidade dos contatos tentados pode decorrer de informações capturadas junto aos receptores para introdução de logicidades de suas práticas cotidianas

(FAUSTO NETO, 2018), ou ainda para legitimação como mediador da realidade social junto a audiências e circuitos. Em específico dos casos sociais de racismo, as aproximações e negociações podem levar a duas zonas distintas. Uma, zona de dissimulação e suspeita, pois o racismo pode ser dissimulado nas interações discursivizadas e o racismo não é afirmado, ou seja, é colocado sob suspeita. Outra, uma zona do possível de ser realizado nos discursos e representações dos meios do jornalismo em narrativas, em vista de suas logicidades na relação com o espaço-tempo, ambas distantes da efetivação do antirracismo.

Minha apropriação do entendimento de circulação se dá por elaborações a respeito da encruzilhada de tempos e espaços acionados nos cronotopos midiáticos, que ampliam, interditam ou abreviam a permanência dos acontecimentos e casos no espaço público. De maneira não matricial, os cruzamentos, tensionamentos e complementos se dão entre temporalidades, espaços e diferentes fluxos de sentidos percebidos em acionamentos e disputas narrativas entre meios do jornalismo e circuitos afro-referenciados e suas relações perante instituições não midiáticas que configuram as possibilidades de se levar adiante sentidos sobre o racismo e o que é ‘ser negro’ no afro-diaspórico no contemporâneo.

Para exemplificar a apreensão teórica e metodológica das articulações cronotópicas de tempo e espaço na circulação, elaboro um diagrama que inclui a representação gráfica do entrelaçamento de diferentes períodos (tempos) e espaços na processualidade da circulação em torno do tema-problema do racismo (Figura 3). O diagrama demonstra temporalidades e espaços, a partir da presença cronotópica de uma historicização de longa duração e de uma ambiência midiática que se relacionam.

Figura 3 - Circulação em encruzilhadas de tempos e espaços



FONTE: elaborado pelo autor, 2024.

No diagrama acima, os círculos representam diferentes temporalidades que se entrecruzam e se materializam em diferentes espaços. A temporalidade do racismo de longa periodização, círculo maior, representa as condições sociais e históricas que se mantêm no contemporâneo. Por isso, o círculo menor, de temporalidades da ambiência midiática, é convexo, abrangendo outros quatro círculos propositalmente não identificados, por não serem pertencente exclusivamente a um espaço específico, e, que remetem aos presentismos, presentificações, presentismos e acelerações que se materializam nas redes, nas ruas, nas sociabilidades diaspóricas e nos meios do jornalismo, integrantes também daquela. As setas curvas, verticais e horizontais, remetem aos fluxos dos acionamentos, contatos, narrativas e defasagens postos em prática nos e entre os diferentes espaços pelos atores sociais que os ocupam. As linhas maiores, vertical e horizontal, representam os caminhos, em encruzilhada, que permitem múltiplos e imprevisíveis encontros simultâneos, sendo esta uma característica intrínseca do processo de circulação midiática. Enquanto os pontos, ou nós, representam os cronotopos clássicos apropriados da narrativa literária e os diversos cronotopos midiáticos descobertos e a descobrir na circulação. Dos entrecruzamentos entre os elementos que constituem as relações entre tempos e espaços complexos nos fluxos de sentidos em circulação, emergem cronotopos midiáticos em profusão, com consonâncias e singularidades entre si.

5. ANÁLISE CRONOTÓPICA DOS CASOS MIDIATIZADOS

Esta é a seção de análise dos casos sociais midiáticos e midiatizados, na qual investigo as articulações do tempo e do espaço em apropriações dos dispositivos e em narrativas em disputas entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo sobre o racismo e o que é ser negro. Recapitulando, observo os seguintes três casos sociais que se mediatizam e midiatizam: o caso Gustavo Amaral; o caso Em Pauta; e o caso João Alberto. Para cada caso, organizo suas observações a partir das transições entre as ambiências do social, do midiático e do midiatizado, que configuram processos de circulação de sentidos em acionamentos sócio-técnicos-simbólicos e nas articulações entre tempo e espaço nas narrativas que se interpõem a cada caso, em entrecruzamentos diversos.

A partir dos processos que envolvem apropriações de dispositivos e fluxos de narrativas nas redes sociais digitais, nos meios do jornalismo e nas interpenetrações de ambos em cada caso e nas transições diversas do social para o midiático e para o midiatizado, busco os entrecruzamentos entre as temporalidades do presentismo, do presentismo, de presentificação e midiatizada – de celeridade e ampliações do tempo -, e, suas materializações em espaços territoriais - local, nacional e transnacional - e simbólicos - diaspóricos, das redes sociais digitais e do midiático -. Da percepção heurística de relações entre cronotopos clássicos - estrada, encontro, limiar e idílico - em cada etapa do caso analisado, emergem descobertas de novos cronotopos midiatizados, relacionados à abreviação ou permanência, celeridade ou lentidão dos fluxos das narrativas sobre o racismo e o ser negro.

No *Caso Gustavo Amaral: reunirmo-nos em vínculo e tornarmos negro nas ruas, nas redes e nas mídias (5.1)*, investigo as temporalidades e espaços complexos articulados nas práticas e narrativas dos circuitos afro-referenciados para permanência e ampliação da visibilidade do acontecimento aliadas a contranarrativas sobre a vítima, em disputas com circuitos outros e meios do jornalismo do Rio Grande do Sul.

No caso *Em Pauta (5.2): disputas narrativas entre Globo e circuitos afro-referenciados*, identifico fissuras para com temporalidades e espaços confinantes do racismo em primeiros acionamentos de atores sociais nos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo quanto ao caso Floyd, nos Estados Unidos, que é adjacente ao caso Em Pauta e sem o qual este provavelmente não existiria. Em seguida, investigo relações de temporalidades entrecruzadas com espaços entrecruzados perante as narrativas de atores dos circuitos afro-referenciados, nas redes sociais digitais e nos meios do jornalismo, e, veículos jornalísticos, em *feedbacks* entre essas duas instâncias.

No caso *João Alberto (5.3): disputas mediatizadas entre controles e emancipações presentificados*, novamente identifico primeiro os tensionamentos para com temporalidades e espaços nos primeiros acionamentos de dispositivos para ampliação das denúncias de racismo no contexto brasileiro. Em um segundo momento, observo as defasagens nas narrativas entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo, protestos em diferentes ambiências (ruas, redes e TV) nas quais evocam práticas comunicacionais em narrativas para acionamento de circuitos outros em âmbito regional, nacional e internacional.

Por fim, reúno as inferências de cada caso, em singularidades e recorrências, e as entrecruzo na seção *Cronotopos mediatizados nas lutas antirracistas na ambiência mediatizada (5.4)*. Nesta seção derradeira, apresento inferências transversais a partir dos três casos investigados, tendo como parâmetros teórico-metodológicos as proposições quanto ao processo de circulação em ‘encruzilhada’.

5.1 CASO GUSTAVO AMARAL: REUNIRMO-NOS E TORNARMO-NOS NEGROS NAS RUAS, REDES E MÍDIAS

Divido a investigação do caso Gustavo Amaral em seis subseções, tomando como princípio a ordem cronológica dos seus eventos. Trata-se da circulação de fluxos entre espaços/ambiências e temporalidades evocadas nos sentidos em narrativas de circuitos interacionais nas ruas - nos meios sociais digitais de interação - de instituições sociais e meios do jornalismo local e nacional.

Na primeira subseção, abordo a *Irrupção do caso social (5.1.1)*, em que trato de alguns indícios que se tornam objeto das narrativas dos circuitos afro-referenciados, instituições sociais e meios do jornalismo. Relaciono esses indícios com cronotopos clássicos apropriados das narrativas literárias, com marcas do presentismo de práticas colonialistas e com a noção de ‘primeira vida’ do acontecimento.

Em seguida, observo os *Primeiros rastros do presentismo na mídia (5.1.2)*, em entrecruzamentos de práticas como a evocação de imagens de controle por agentes de instituições sociais e o silêncio combinado precipitação na apuração de informações pelos meios de comunicação do jornalismo. Em antítese, a elaboração de contranarrativas por familiares da vítima nas redes sociodigitais. Os contatos e defasagens entre as narrativas, relaciono com questões de acesso a diferentes esferas públicas, de temporalidades e valores do jornalismo vinculados a diferentes cronotopos.

Os *Acionamentos iniciais dos coletivos e circuitos afro-referenciados (5.1.3)* que se sucedem consistem nas primeiras manifestações que relacionam a morte de Gustavo Amaral com o racismo e a casos midiáticos anteriores. Por sua vez, os meios do jornalismo, seguindo a temporalidade das investigações do campo jurídico-policial, seguem a enfatizar tão somente a profissão da vítima.

O *tornar-se negro nas defasagens entre narrativas: circuitos interacionais, meios e instituições sociais (5.1.4)* me permite perceber articulações entre acionamentos nas redes sociais digitais e nos espaços de decisão política *latu sensu*. Os acionamentos se dão a partir de mobilizações e críticas sociais às decisões do campo jurídico-policial, em interpretações de atores dos circuitos afro-referenciados visibilizadas no espaço público e que passam ao largo dos meios do jornalismo. Relaciono as interpretações com a presentificação de narrativas de sofrimento que são referências para a esfera pública negra.

À espera das decisões da Justiça, familiares e circuitos interacionais adotam um recuo ao se manifestarem apenas em *lives* para organização das próximas práticas no espaço público ampliado. As enunciações de familiares e ativistas nos meios de comunicação, externos ou internos aos do jornalismo, se dão em defasagens entre táticas de celeridade e recuo e estratégias de invisibilidade e silenciamento por parte das instituições sociais, o que sintetizo como *Recuo, abreviação de fluxos e defasagens ante circuitos institucionais (5.1.5)*, alusivos a cronotopos clássicos e presentificações de táticas e estratégias opostas.

Na medida que as decisões do campo jurídico-policial são cada vez mais desfavoráveis, familiares e ativistas acionam em contatos, narrativas e usos de dispositivos midiáticos, referências de diversas temporalidades e espaços complexos em *Múltiplos cronotopos midiáticos por circuitos interacionais (5.1.6)*. Ou seja, é pela articulação de tempos e espaços complexos por atores sociais individuais e coletivos dos circuitos afro-referenciados que os acontecimentos de racismo têm o tempo de permanência dos acontecimentos ampliado no espaço público.

5.1.1 A irrupção do caso social

Gustavo dos Santos do Amaral, um homem negro, de 28 anos de idade, graduado em Engenharia Elétrica, saiu de Santa Maria na manhã de 19 de abril de 2020, dirigindo um Fiat Doblô em direção ao município de Marau, onde ele e a equipe de eletricitas que pela primeira coordenava consertariam um transformador de tensão. Quando percorriam a estrada RS-324, já no trecho do município de Marau, região norte do Rio Grande do Sul, uma caminhonete Amarok

roubada e guiada pelos assaltantes em fuga da Brigada Militar colidiu com o carro de Gustavo Amaral e sua equipe após romper a barreira da polícia. Os criminosos desceram do veículo e trocaram tiros com os policiais que os perseguiram. Assustados, os trabalhadores saíram do Fiat Doblô com as mãos para o alto. Todos trajavam coletes refletivos. Amaral, a única pessoa negra da equipe, estava agachado e segurava um telefone celular em uma das mãos. Foi então que um policial sacou um revólver e disparou dois tiros contra Amaral, matando-o apesar dos apelos contrários dirigidos a ele pelos trabalhadores. Esta é a síntese da reconstituição do acontecimento mediado por veículos jornalísticos do Rio Grande do Sul no mês do assassinato, de acordo com relatos de testemunhas do caso social.

Nos indícios revelados na irrupção do caso social [Gustavo Amaral ser o único homem negro da equipe, uniformizado, agachado e portando tão somente um celular], a partir da prática do disparo efetuado pelo brigadiano²⁸ se depreende que é condicionada pela premência de um imaginário social de medo e aversão ao negro e seu fenótipo. Se a prática de executar vítimas negras sob alegação de confundir com armas de fogo artefatos como celular, furadeiras e guarda-chuvas encontra lastro em acontecimentos midiáticos historicamente recentes, a materialização dos imaginários sociais discriminatórios em ações de violência racial pelas polícias atualiza práticas colonialistas de controle sobre as populações negras ante possibilidades de se rebelarem, com seus agentes compreendendo-as como perigosas²⁹. Um presentismo atualizado na região do interior do Rio Grande do Sul, região esta caracterizada pela migração europeia e que se situa em um estado com as maiores proporcionalidades de morte de pessoas negras.

Gustavo Amaral havia saído de casa naquela manhã para cumprir com a responsabilidade social do trabalho. Ao ter o carro chocado contra a caminhonete guiada por assaltantes, encontrou-se com estes e com os soldados da Brigada Militar. Alusiva ao cronotopo homônimo, a estrada que percorria de carro, uma vez que está vinculada ao cronotopo de encontro, *à priori* remete a um primeiro entrecruzamento. Um segundo encontro, porém, metaforicamente, é o da volta para casa após sair para trabalhar e ser assassinado. A morte enquanto evento inesperado do acontecimento – este que, por essência, é um conceito e um

²⁸ Designação para policial da Brigada Militar.

²⁹ De acordo com o historiador Geoffrey Barraclough (1983), no final dos anos 1800 as populações negras em deslocamento do Atlântico para o Pacífico se mostraram mais numerosas que as populações brancas, exceto na Europa. Nos Estados Unidos, a identificação de uma população negra superior numericamente teve como resposta a elaboração de leis que contra insurgências à subjugação do trabalho escravo, a exemplo do apartheid da Jin Crown, sob alegação de que os negros eram violentos, o chamado ‘perigo negro’. No Brasil, as polícias militares foram criadas para contenção das populações negras e proteção dos interesses políticos e econômicos aristocráticos, herdeiros da escravidão e dependentes da servilidade imposta aos negros. Para tanto, os negros eram e são vistos como suspeitos e perigosos mesmo quando vítimas de violência.

fenômeno cronotópico -, aponta também para o limiar que dá início a uma disputa de sentidos em narrativas de circuitos interacionais afro-referenciados, institucionais e meios do jornalismo, quanto ao que é racismo e o que é, afinal, ser negro. O alcance dos fluxos da circulação midiática é condicionado por abreviações relacionadas ao confinamento do caso social a uma dimensão local – que remete ao cronotopo idílico da cidade provinciana em que as relações cotidianas ocorrem de maneira menos céleres e em solidariedade intra-étnica - ou a sua superação devido a se tornar mais visível e permanente nas interações em espaços simbólicos que necessariamente ultrapassam as divisas do Rio Grande do Sul.

5.1.2 Primeiros rastros do presenticismo na mídia

Sem possibilidades de ser filmado, o caso Gustavo Amaral em seu primeiro dia segue um fluxo vertical e ascendente, ou seja, do acontecimento à mediação exercida pelos meios do jornalismo. As primeiras notícias publicadas no dia da morte de Amaral, em 19 de abril de 2020, davam conta da morte de um homem até então não identificado. Mais tarde, no mesmo dia, as notícias informavam o nome, a idade e a profissão de Amaral, mas não a sua cor.

Em tentativa de acionamento midiático que passa em um primeiro momento por fora da mediação jornalística, a família da vítima criou um perfil no Facebook³⁰ e no Instagram³¹, intitulado Justiça para Gustavo. A postagem inaugural do perfil é a reprodução de um texto publicado pelo irmão gêmeo da vítima em perfil do mesmo site de rede social (Figura 4).

Figura 4 - Homenagem a Gustavo Amaral



³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/Gustavojustica>. Acesso em: 14 out. 2021

³¹ Disponível em: <https://instagram.com/justicaparagustavo>. Acesso em: 14 out. 2021.

Fonte: Instagram, 2020.

O relato do irmão gêmeo de Gustavo Amaral reconstitui a cena da morte, aborda o relacionamento fraternal e enfatiza a responsabilidade do policial pela autoria dos disparos. Alguns trechos do depoimento publicado são:

Meu irmão gêmeo, meu **melhor amigo, meu companheiro, fanático pelo Grêmio** foi executado pela polícia militar de Marau. Meu irmão era **Engenheiro Eletricista, formado na UFSM. E atualmente trabalhava ajudando meu pai em subestações de energia elétrica [...]**

Após isso a polícia viu que agiu errado, tentou acudir meu irmão ali mesmo. Mas em contato com o médico do hospital falaram "**estamos levando um bandido morto**". Numa tentativa clara de tentar livrar a barra. Por sorte, o médico percebeu que meu irmão estava uniformizado com os colegas de trabalho e comunicou isso a mim e minha família. Meu mundo acabou, minha vida está sem chão.. Eu não quero deixar isso impune, **preciso da ajuda de vocês** para que casos assim não destruam mais uma família, que nem o que ocorreu com a minha hoje. Esse gremista lá do céu sempre cantará comigo.. Meu irmão, meu gêmeo. Com certeza metade minha vida irá junto contigo". (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020, grifo nosso).

Ante a alegação atribuída a policiais, de que teriam identificado a vítima enquanto bandido para justificativa da morte, a família de Gustavo Amaral elabora, nas redes sociais digitais e nos acessos aos meios de comunicação do jornalismo, contranarrativas que enaltecem a profissão, a graduação, o companheirismo e outros atributos que o humanizam perante as acusações geralmente endereçadas a pessoas negras mortas por policiais, em tentativas de ofertar sentidos outros que escapem à estigmatização de imagens de controle. A contranarrativa é reforçada na fotografia³² na qual Gustavo Amaral pousa sorridente, com toga e barrete vestidos no dia da formatura na graduação, em antítese à imagem de controle que congela o papel social do negro ao de pessoa violenta, suspeita e fadada à imobilidade social. Nas primeiras postagens, não há menção à negritude de Gustavo Amaral.

Mesmo sem necessariamente dependerem da mediação jornalística para visibilização do caso, os familiares e administradores do perfil Justiça para Gustavo replicam reportagens publicadas em sites e programas jornalísticos. Inicialmente, os acionamentos de familiares e amigos se irradiam em duas direções: às enunciações e interações dos dois perfis da página nas redes sociais digitais, e, aos meios de comunicação do jornalismo enquanto lócus de legitimidade para mediação do acontecimento e ampliação de visibilidade no espaço público. Em matéria do canal de TV regional Rede Pampa, do programa Jornal da Pampa, republicada

³² Essa fotografia de Gustavo Amaral estampa camisetas de apoiadores em protestos nas ruas. Assim, é uma imagem que se repete por ser considerada, por familiares, como a mais representativa de como querem que ele seja lembrado e percebido pela recepção nos meios sociais digitais e públicos dos meios do jornalismo.

nas páginas Justiça para Gustavo Amaral, a mãe de Gustavo Amaral afirma que "o médico me disse que eles telefonaram dizendo que um bandido teria sido baleado. Meu filho não é bandido, meu filho tem uma faculdade, ele é formado". A declaração reafirma tanto a contranarrativa da família, quanto o enaltecimento da honestidade atrelada aos esforços profissionais, intelectualidade e título acadêmico.

Na cobertura jornalística do dia seguinte à morte de Gustavo Amaral, os textos em portais online de notícias foram publicados nas editorias de 'Polícia' ou de 'Segurança'. Em meios impresso, digital e de programação, na TV, as notícias e reportagens seguiram um mesmo percurso. Nos lides, ou aberturas dos textos de âncoras, apresentadores e repórteres, houve destaque para a profissão e a idoneidade da vítima: "querido pela família e amigos, honesto, trabalhador e bem-humorado. É assim que o engenheiro elétrico Gustavo Amaral dos Santos é lembrado por pessoas que conviviam com ele..." (RECORDRS, 2020). Nas reportagens, a autorização de voz ou a transcrição das falas das fontes declaratórias deu visibilidade à declaração de um colega de trabalho de Gustavo Amaral presente no momento da execução e a comentários de autoridades policiais sobre as etapas seguintes de investigação das circunstâncias da morte. A título de ilustração, uma das apresentadoras de telejornal se restringiu a constatações após a exibição dos testemunhos, de que tudo é "Muito triste..., vamos aguardar as investigações". Familiares também foram ouvidos e manifestaram a tristeza pela morte do irmão, filho e amigo. Nesse primeiro momento, as únicas vozes responsáveis pelas contextualizações e comentários complementares às informações apuradas pelos jornalistas, foram os próprios policiais civis e militares. Em um primeiro momento, nenhum veículo jornalístico de referência no impresso, TV ou em portais online, o segmento de opinião foi mobilizado para a análise do caso midiático pelos comentaristas. Por outro lado, títulos e textos de notícias de jornais do interior do estado apresentaram imprecisões em suas narrativas: "Motorista é morto ao passar em local onde policiais e criminosos trocavam tiros em Marau" e "Vítima de bala perdida era engenheiro eletricitista e estava em Marau a trabalho". Ora, de acordo com versões divulgadas em outros meios, Gustavo Amaral não passou por local onde tiros estavam sendo trocados, nem foi vítima de uma bala perdida. São títulos de matérias que reconhecem as narrativas do campo jurídico-policial, pois entendem que, se Gustavo Amaral houvesse passado pelo tiroteio ou tivesse sido vítima de bala perdida, o acontecimento trágico seria estritamente acidental.

As primeiras narrativas sobre o caso Gustavo Amaral no espaço público revelam indícios de continuidades da interdição de acessos de temáticas e interpretações afro-referenciadas aos meios do jornalismo. O silêncio ou a não percepção sobre a cor da vítima,

aliados a equívocos de apuração de informações por jornais do interior do Rio Grande do Sul, reforçam logicidades recorrentes nas representações do jornalismo acerca de acontecimentos relacionados ao racismo: como ponto de partida, a falta de identificação da condição da vítima enquanto homem negro obstrui a discussão quanto à possibilidade de atravessamento do racismo; a ausência de espaço para especialistas e intelectuais negros opinarem sobre os casos sociais, e em detrimento das versões dos agentes policiais, condizem com a interdição de novas interpretações; e a distorção do acontecimento, seja por falta de apuração da veracidade das informações e/ou por pressa para atualização quanto ao caso, relaciona-se com uma questão deontológica do jornalismo, que, simultaneamente, favorece as narrativas que denegam a existência de racismo como motivação da morte. Ao contrário, as primeiras contranarrativas de amigos e familiares em defesa da humanização de Gustavo, fundamentais para a permanência do caso nas mídias, são visibilizadas - porém, por quê, se não é esta a tendência na cobertura de casos de racismo?

Nos primeiros rastros de circulação do caso que se torna midiático, percebe-se contatos entre parte dos sentidos ofertados nas narrativas da família de Gustavo Amaral e posicionamentos dos atores sociais do jornalismo - âncoras, apresentadores e repórteres. Do mesmo modo que nas manifestações de familiares, as notícias enfatizam que ele era engenheiro, amigo, filho, bem-humorado, trabalhador e estudioso, atributos que vão na direção contrária à sub-humanização do negro nas representações jornalísticas. Por outro lado, a responsabilização dos agentes policiais pela morte não é cogitada, diferentemente do que ocorre nas narrativas dos familiares em atribuições de motivações, responsáveis e efeitos. As narrativas do jornalismo gaúcho estabelecem zonas de contato para com 'as personagens' das notícias e suas audiências ao contarem a história de vida de um homem cujos atributos podem gerar identificação junto à recepção ao espelho midiático. No entanto, não me parece que a profissão e questões de classe socioeconômica sejam os únicos critérios centrais para a visibilização inicial do caso, mas principalmente o silêncio sobre a cor da vítima - assim, persiste uma separação entre o fenótipo negro e qualitativos de honestidade e intelectualidade. Às zonas de contato, somam-se, então, zonas de suspeita quanto à dissimulação ou não do racismo nos meios do jornalismo local.

Os primeiros dias da cobertura jornalística do caso demonstram o atendimento de critérios de periodicidade ao noticiarem da maneira mais célere possível o acontecimento, apesar de distorções - seja quais forem as condições para tal, se critérios organizacionais, de instantaneidade da notícia, ou, subjetividades dos repórteres. Inversamente, os indícios das coberturas revelam uma universalidade abstrata de dar voz aos contraditórios, justamente por excluírem interpretações que permitam ofertas de interpretação sobre o racismo e, em última

análise, do que é digno de ser exposto na esfera pública. Portanto, o presentismo da violência racial que se repete e atualiza no contemporâneo (ver 5.1.1) se entrecruza com o presentismo dos meios de comunicação, entre silêncios, invisibilidades e equívocos, voluntários ou involuntários, que tendem a ampliar as interdições dos fluxos adiante dos casos sociais de racismo na circulação midiática.

5.1.3 Acionamentos iniciais dos coletivos e circuitos afro-referenciados

A elaboração do inquérito sobre a morte de Gustavo Amaral ficou a cargo da Polícia Civil de Marau e da Corregedoria da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Enquanto isso, familiares e amigos imprimiram novas camadas às interpretações quanto ao caso. Em horizontalidade intramidiática, ou seja, em interações de familiares, amigos e ativistas dentro das redes sociais digitais. Três publicações são exemplos de alterações nas referências interpretativas do caso de racismo: vídeo publicado pelo irmão da vítima, outro por amigo, ambos nas páginas Justiça por Gustavo, e um terceiro por ativista em coluna de jornal.

Em 13 de maio de 2020, dia da Abolição da Escravidão, o ativista do Movimento Negro Unificado e então graduando de Sociologia, Gustavo Rocha, conhecido como AfroGuga, publicou coluna no jornal Diário de Santa Maria intitulada “132 anos da Abolição da Escravatura: Estamos livres?”. Os argumentos de AfroGuga em narrativa se reportam diretamente ao leitor, ao qual oferta perguntas retóricas que remetem à percepção de um racismo em *continuum* desde o dia seguinte ao 13 de maio de 1888, respondendo-as com dados demográficos e estatísticas de mortandade.

[...] Como ser livre em país, onde mais de 60% das mulheres vítimas de feminicídio são negras? Como ser livre em país, onde o racismo religioso segue atacando e destruindo Templos de Matriz Africana? Onde o encarceramento em massa, é de pessoas negras? Como ser livre em país, que desde 1988 tem o racismo considerado como crime, mas 75% das pessoas mortas são negras (segundo o Atlas da violência)? Como ser livre em um país de “Ágatha’s, Marielles’s, Evaldo’s, Gustavo’s* e tantos outros milhões de pessoas negras exterminadas anualmente no Brasil? ... (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020).

Para além da morte do corpo e das manifestações culturais afro-brasileiras, AfroGuga relaciona resistências coletivas e individuais ao enfrentamento de casos de assassinato contra pessoas negras notórios nos meios de comunicação do jornalismo, sínteses das mortes diárias do segmento populacional. Este é o primeiro momento em que o caso Gustavo Amaral é classificado como racismo por atores sociais no espaço público e o primeiro momento em que

se evidencia a intervenção de um ator social proveniente de coletivos - organização do movimento social e provavelmente coletivo religioso - e circuitos afro-referenciados. em interpretações de um racismo histórico e contemporâneo. São articulações de tempos, de casos de diferentes regiões e que se materializam na página do jornal impresso.

A narrativa do irmão de Gustavo Amaral reconstitui a cena da morte e responsabiliza o despreparo do policial autor dos disparos por ter atirado nos assaltantes e na vítima sem efetuar voz de prisão. O despreparo é atribuído também à corporação em função da aprovação de policiais despreparados em testes institucionais e a autoridades políticas.

é por vocês para que não aconteça com o familiar de vocês. Eu quero pedir desculpas, porque todo mundo tem um amigo militar, sabe que a maioria é bom servidor. A gente faz isso vamos dizer assim pelos outros 10%, que não valem nada, que não têm capacidade de estar na Brigada Militar. Assim como esse assassino fez isso com o meu irmão, podem existir vários outros despreparados, destreinados, que não têm condição nenhuma de estar na Brigada Militar, a que deveria salvar vidas, né, e estão lá. Então eu acho que tem que mudar, revisar todo o sistema da Brigada Militar, da entrada para a Brigada Militar. Não é só colocar gente, gente, gente na rua. Tem que colocar gente preparada, né, secretário geral de segurança pública, né governador Eduardo Leite... vocês destruíram minha família. (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020).

Alguns dias depois, o amigo da família Amaral e administrador da página Justiça por Gustavo publicou postagem na qual um “vídeo é uma breve homenagem”, intitulada “Não seremos mais um número!”. Repetindo elementos das narrativas de AfroGuga e do irmão de Gustavo Amaral, o amigo reconstitui o caso e o relaciona a outro. Referindo-se ao caso João Pedro, morto por policiais no Rio de Janeiro: "Mais uma vez, por um policial militar despreparado. mais uma vez, um preto levado desta terra. Os casos vão se repetindo.”

As contranarrativas dos três atores sociais têm como elementos centrais a reunião de indícios que deslegitimem as versões das polícias. O amigo da família, ao afirmar que “não seremos mais um número”, refere-se não apenas à solidariedade prestada à família, como também à ideia de que as motivações das expressões no espaço público são para que o caso em suas singularidades contribua para que outros sejam denunciados e reconhecidos socialmente, ao contrário do que ocorre em outras narrativas recorrentes na esfera pública.

A ética de solidariedade prestada às vítimas de racismo, a congregação de diferentes coletivos - família, amigos e movimento negro - e as correlações perante outros casos sociais [Ágatha, João Pedro Marielle etc.] passam a configurar circuitos afro-referenciados, especialmente pelas narrativas recordação da morte como referência para interpretações. Se nas narrativas da esfera pública negra em obras literárias autobiográficas e jornais impressos nos séculos XIX e XX tradicionalmente se recordam violências dos tempos da escravidão, agora

as referências interpretativas também são casos de morte por racismo que cada vez mais se sucedem na atualização de um racismo contínuo. A ascensão dos mesmos à condição de acontecimentos midiáticos faz com que a memória coletiva de recordação da morte se torne recente. As práticas e acionamentos progressos dos circuitos afro-referenciados para que esses casos ascendam às mídias e permaneçam nos imaginários sociais torna-os disponíveis como objeto de interpretações futuras. Logo, em convergência com o contexto, a máxima popular de que “o racismo não aumentou, só está sendo mais visibilizado...” indica uma aprendizagem individual e coletiva cada vez mais céleres de percepções das nuances do racismo, por atores sociais que vão se integrando aos circuitos afro-referenciados, ainda que no espaço privado ou em uma perspectiva intramediática e em interações não-dialógicas.

5.1.4 O tornar-se negro nas defasagens entre narrativas: circuitos, meios e instituições sociais

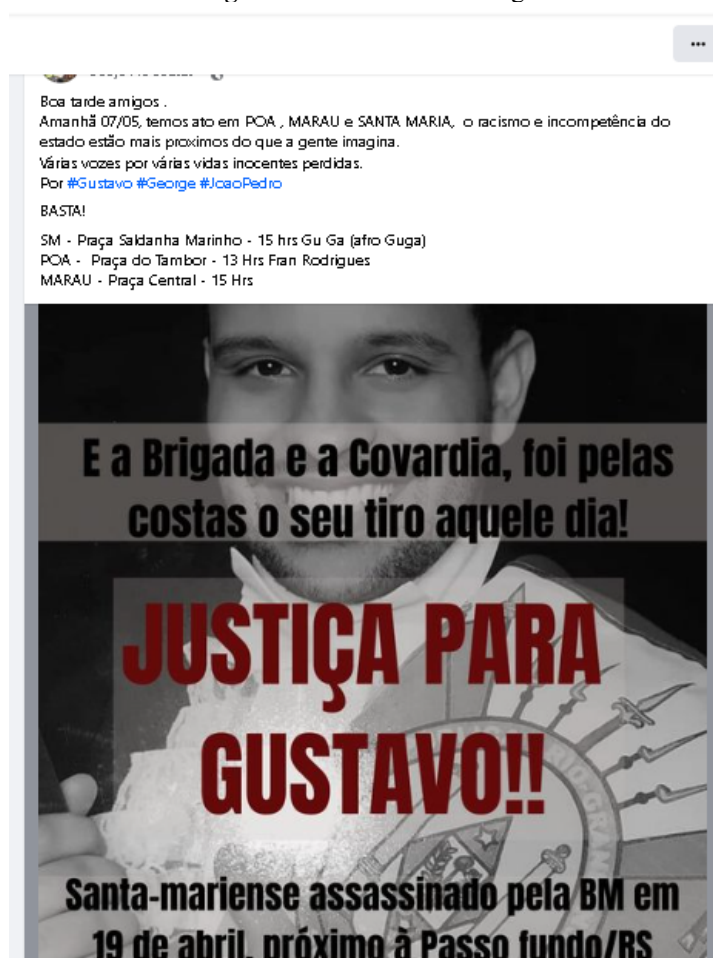
O início de junho de 2020 teve três atos de protesto no dia 07 de junho: em Santa Maria, cidade natal de Gustavo Amaral, na Praça Saldanha Marinho, coordenado por AfroGuga; em Porto Alegre, na Praça do Tambor, coordenado por Fran Rodrigues, graduanda em Direito e integrante do Coletivo Juntos; e em Marau, na Praça Central do município onde Gustavo Amaral foi morto. Na articulação desses três espaços, há de se destacar o encontro com coletivos ativistas e com circuitos afro-referenciados, uma vez que em interpretação do caso social, em diferentes cidades que são chaves para o cumprimento das reivindicações de familiares e movimento negro. Uma, a cidade natal, na qual buscam apoio de autoridades políticas, outra, onde inicia a investigação da morte e, a terceira, onde é realizada investigação simultânea e se localizam as sedes dos poderes estaduais.

Há de ser destacado o local da manifestação em Porto Alegre. O ponto de encontro e concentração foi a Praça do Tambor, na qual a escultura de um tambor amarelo e de tamanho gigante que origina o nome popular da praça, traz inscritos diferentes elementos da cultura de matriz africana. A praça, de nome oficial Brigadeiro Sampaio, foi o local de enforcamentos de escravizados no século XIX. Atualmente, a praça integra o caminho do Percurso Negro da capital gaúcha. O encontro e reunião de ativistas em locais estratégicos e a invocação da memória cultural como referência para onde e como se organizar para visibilização de narrativas no espaço público contra o racismo, em falas e cartazes, oferecem indícios sobre como os cronotopos são midiaticizados no caso Gustavo Amaral. Em publicação na página Justiça para Gustavo Amaral, em agradecimento ao apoio dos coletivos na página Justiça para Gustavo Amaral, são postadas as hashtags #Justiça #RacismoNao #Gustavo #JoaoPedro

#George e #Miguel, articulando novamente a percepção de continuidades e recorrências nos casos de racismo. Trata-se também de uma primeira tentativa de associação do caso Floyd – pela menção do primeiro nome, ‘George’ – ao caso Amaral, táticas para levar adiante o acontecimento, conforme vontade dos familiares:

Agradeço o apoio da Fran Rodrigues de POA e Gu Ga aqui de SM. Através deles o nome do Gustavo vai ser levado por todo lugar para que não caia no esquecimento. Os atos que eles organizaram ajudam não só o Gustavo, mas também ajudam a nós, para que mais tragédias como essa não se repitam (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020).

Figura 5 - Protestos e hashtags



FONTE: Facebook, 2020.

Familiares e representantes do coletivo Juntos entregaram carta no Gabinete do governador Eduardo Leite para que os recebesse. Dessa maneira, “atendendo a reivindicação do movimento negro comprometendo-se a fazer justiça. Pelo Gustavo e por todos nós. Justiça para Gustavo Amaral.” (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020). O encontro da família com atores sociais dos circuitos afro-referenciados e da política partidária, em publicações nas redes

sociodigitais e nas ruas, articula duas processualidades comunicacionais tentativas, de advocacy social – o acionamento de atores das instituições políticas; e o acionamento midiático, complementares. Em publicação do dia 18 de junho de 2020 na página Justiça para Gustavo, o autor afirmou que “Seguimos em busca de justiça! *Agradeço ao apoio da imprensa*, através da força que possui temos a oportunidade de divulgar o caso para que as devidas mudanças em nosso sistema sejam modificados” (grifo nosso, 2020). Portanto, familiares e amigos da vítima conferem legitimidade ao jornalismo e ao trabalho de mediação de pôr adiante a visibilidade do acontecimento, para além de atribuírem qualquer qualitativo aos sentidos mobilizados nas narrativas midiáticas.

No dia 22 de junho, a Polícia Civil concluiu em inquérito que o policial militar que atirou contra Gustavo Amaral agiu em ‘legítima defesa imaginária’, ou defesa putativa, isto é, quando um agente policial age de maneira errônea após considerar, em sua imaginação, que a situação na qual se defendeu colocava-o em perigo. Em comentários no Facebook em recepção-produtiva à exibição de reportagem pela emissora de TV Record São Paulo a respeito do caso, intitulada ‘PM mata engenheiro ao confundi-lo com ladrão’ e que não aborda a temática racial, os atores sociais em seus mais de 600 comentários (ver Quadro 5) foram quase unânimes em dois sentidos: nas críticas sociais às abordagens da polícia militar, atribuindo como motivações da morte o despreparo da instituição e de seus agentes, e, como consequências, o medo da população e o sofrimento da família da vítima; e apenas três comentadores terem referido temática racial dentre centenas de enunciações:

- 1) É assim que fazem com negros, como a gente denuncia e ngm liga, eles vão ficando pior é desta forma todas as pessoas começam a correr riscos pq passaram a mão na cabeça.
- 2) Eh família branca de classe média alta....tão assustados, negros passa por isso TD dia.
- 3) Caso isolado 😞

Os três comentadores não se envolveram em conversações nos comentários. Possivelmente os comentários ‘1) e 2)’ se referem aos familiares de Gustavo Amaral como sendo não-brancos, tendo ou não seus autores assistido à reportagem, enquanto o comentário ‘3)’ faz menção a uma frase de protesto que critica a denegação do racismo como sendo fortuito e sem recorrência. Uma vez que a temática racial passa ao largo das interações, depreendo que a ampla maioria dos comentadores considera a profissão como o principal demarcador que identifica a vítima. Logo, anulando a possibilidade de outros tensionamentos em agonísticas a partir do tema-problema do racismo. Por outro lado, os comentários apresentaram conversações

e em agonística apenas quando em explicações sobre o significado do termo ‘legítima defesa imaginária’ e sua constitucionalidade, sem mencionarem a reportagem, nem mencionarem acontecimentos anteriores.

Já em publicação na página Justiça para Gustavo, pela primeira vez um texto enfatiza em contranarrativa a existência de racismo e, conseqüentemente, a cor e negritude de Gustavo Amaral:

Que absurdo! Nunca houve troca de tiros, os únicos a atirar foram os policiais.. Não foi dada voz de prisão em nenhum momento, simplesmente atirou! As roupas não eram similares em nada. É difícil entender o que foi “investigado” nesse inquérito, pois pelo visto não foi levado em conta as provas nem as testemunhas. Confundir a 4 m de distancia? Mesmo com gritos para não atirar! É assassinato e racismo sim! Seguiremos em busca da justiça!³³

Nos dias seguintes, amigos, ativistas de organizações do movimento negro e políticos, em exercício de cargos representativos e/ou candidatos a cargos públicos, publicaram vídeos de apoio à família de Gustavo Amaral. As narrativas seguem a lógica de articulação de táticas de advocacy midiático e advocacy político, complementares nas tradições da esfera pública negra, passando por fora dos meios de comunicação do jornalismo, para acionar atores sociais institucionalizados. São duas as tentativas principais: retirar o inquérito de Marau e serem recebidos pelo então governador do estado, Eduardo Leite. Em ordem cronológica das postagens, alguns dos atores sociais que publicaram tais vídeos foram: *@pedroruas*; *@lucianagenro*; *@marciochagas76*; *Valdir Oliveira - Vereador PT SM*; *@fernandapsol comparação da fala do governador a um jogo de futebol*; *@afroguga*; *@fran_rodsl*; e *@gilvandroantunes*.

Há, então, tentativas de ampliar o alcance geográfico do acontecimento, buscando que o inquérito não mais fosse elaborado na cidade interiorana, sob risco de retardarem as tomadas de decisão sobre o caso para protegerem soldado e instituição. Ultrapassando, assim, as interdições daquilo que é próprio do cronotopo idílico como o interpreto. Essa possibilidade de atuação de coletivos na esfera privada e pública e em seus entrecruzamentos em múltiplos meios/ambiências é viável pela complexidade de uma ambiência midiaticizada, que congrega diferentes tempos e espaços, mas, anterior a essa possibilidade, é viável também pelo processo de ‘tornar-se negro’.

Por mais que o processo ontológico de tornar-se negro seja individual, Gustavo Amaral é coletivamente tornado negro no espaço público das redes sociodigitais e dos centros das

³³ Mantive a grafia original das postagens citadas na tese.

idades por acionamentos de circuitos afro-referenciados, em espaços que materializam a evocação de temporalidades complexas. Nesse contexto, a identificação da cor e da negritude se convertem tanto em resposta a uma referência do fenótipo apagado das mediações jornalísticas e do reconhecimento social denegado por circuitos específicos, quanto em uma emersão de referências da cultura política negra numa tradição em movimento, transitando subversivamente de uma zona do não-ser para uma zona do ser visibilizada no midiático. A metamorfose simbólica de tornar-se negro no espaço público, evidenciada em textos da página e nos vídeos referidos, relaciona-se com o limiar trazido pela consideração de ‘legítima defesa putativa’, que enseja tomadas de decisão subsequentes pelos atores sociais que vão se somando aos circuitos afro-referenciados.

Uma síntese das disputas narrativas entre familiares e testemunhas, agentes policiais e atores do jornalismo é ofertada por reportagem de telejornal da filial gaúcha da emissora SBT, republicada na página Justiça para Gustavo no dia 25 de junho de 2020 e intitulada ‘Testemunha contesta versão da Brigada Militar’. Em interações intrameio, o âncora e apresentador do telejornal questiona repórter acerca de indícios que reconhecem ou contestem narrativas dos familiares de Gustavo Amaral e dos agentes policiais. A partir da imagem de uma cena posterior aos disparos e que mostra as posições dos carros, obtida com exclusividade pela emissora, os jornalistas interagem, comentam enunciações dos atores sociais envolvidos, reúnem indícios e os interpretam na tentativa de reconstituir os eventos da primeira vida do acontecimento.

Em diferentes momentos as falas do âncora, que chama Gustavo Amaral ora pelo primeiro nome, ora de ‘engenheiro’, remetem a indícios de inverossimilhança das narrativas de policiais, ao encontro das declarações dos familiares:

Âncora: dentro da dobrô, três engenheiros estavam indo para o trabalho, **vejam só, era amanhecer, dia 19 de abril, pleno domingo**, e aí a caminhonete dobrô vê a confusão e para mais à frente. **Vejam como é um celular** [mostrando o próprio celular para diferenciá-lo de uma arma]. **Estava de dia. Estava identificado com as roupas do trabalho.** Então tem toda uma série de elementos, que a gente consegue observar agora com esta imagem, claro, que é uma imagem exclusiva, **perceber toda a dinâmica que aconteceu no amanhecer, não foi nem à noite. Poderia ter essa possibilidade de estar escuro, não ter enxergado, enfim, mas estava de dia** (SBTRS, 2020, grifo nosso).

A conversação entre âncora e repórter expõe versões opostas sobre causas da morte, expressas em gravações de depoimento de testemunha ocular da morte de Gustavo Amaral, de pai da vítima e do inquérito da Polícia Civil endossado por delegado responsável pela investigação.

1) **Repórter:** A investigação da polícia civil inocentou o PM e apontou que **'O trajeto efetuado pelo criminoso e a sequência realizada pela vítima GUSTAVO é coincidente, bem como, as vestes das referidas pessoas são muito similares'**. A testemunha diz que as portas dos motoristas ficaram presas e que por isso Gustavo desceu pelo banco do carona, ao lado do acostamento. O colega relata que o engenheiro correu em busca de abrigo na caminhonete que estava atrás dos veículos.

2 e 3) **Âncora:** Mas no caso do engenheiro, ele não se apresentou, não disse para a polícia que ele não era criminoso?

Delegado: não disse em nenhum momento. **Ele correu no trajeto que coincide com a descida de um dos criminosos da caminhonete. Então, há uma série de coincidências infelizes** que levaram o policial também a **crer** que ele era um dos criminosos.

4 e 5) **Pai da vítima:** Sem fazer distinção de quem era, atiraram, **corroborando tudo a tese de quanto a pele é mais escura, não, não, não... "é, deve ser bandido".** aí entra o fator **aquele que faz parte, né, que é o racismo.** Se a pele é escura, primeiro atira e depois vê quem é.

Âncora: Isso é o que a gente sente da família. A família tem uma dor muito grande também por esse elemento de ser, de ter a pele mais escura. Agora, a grande questão, né, Lucas, a primeira: **matar a pessoa errada também é crime, precisa ser investigado, e nas condições que foram...**

6 e 7) **Âncora:** Bom, uma coisa que é importante é o que disse a testemunha, que estava ali, e o que diz o relatório, que **a testemunha disse que os criminosos não saíram de dentro do carro, ao contrário do que o delegado que investigou nos disse aqui esta semana.**

Repórter: É, e esse é um fator muito determinante na investigação, porque a conclusão do inquérito aponta que o policial acabou se confundindo porque o Gustavo estava com roupas parecidas e correu na mesma direção dos criminosos. mas, se tem a testemunha diz que não saíram do veículo... (corte)... Você viu a posição que ficou no carro? Na posição que ficou o carro eles colidiram praticamente na posição frontal e as duas portas dos motoristas ficaram impedidas de abrir. Então, o que aconteceu? O Gustavo passou por cima do banco do carona e pelo outro lado, enquanto os criminosos, segundo a testemunha, permaneceram dentro do carro. **E mesmo que tivessem saído do carro, eles teriam saído pelo lado oposto, pelo lado da pista. Esse também é um fator muito importante e que também cobra bastante, a família, a elucidação desses fatos.**

8) **Repórter:** [...] que essa imagem exclusiva que a gente está mostrando agora no SBT, mostra que os criminosos estão algemados em frente ao carro, enquanto o Gustavo foi baleado no outro lado. **Então mesmo que eles tenham saído do carro, a imagem mostra que eles correram em sentidos opostos** (2020, grifo nosso).

A enunciação 1 relata trecho do inquérito que dá conta de uma semelhança entre as vestimentas da vítima com as dos assaltantes, versão contestada por familiares e testemunhas. As interações 2 e 3, entre âncora e delegado, são gravações na qual o agente policial classifica a morte de Gustavo Amaral como acidental. Nas interações 4 e 5, entre pai e âncora, o primeiro reforça que há um hábito recorrente de policiais em sentido de pressupor que um homem negro é criminoso e precisa ser morto, ao que o âncora vacila quando se refere brevemente que Gustavo Amaral seria algo – suponho que fosse reconhecer que a vítima era negra -, afirmando

em seguida que ele possuía a “pele mais escura”, indício imprescindível para percepção de racismo nos casos sociais. As interações 6 e 7 abordam a disputa de versões quanto a Gustavo Amaral ter ou não corrido na mesma direção que os assaltantes, ao passo que a enunciação 8, do repórter, contrasta interpretação da imagem exclusiva com a narrativa dos agentes policiais.

Depreendo a partir dessas conversações que as mediações jornalísticas analisadas no caso seguem operando de acordo com gramáticas situadas em uma zona de suspeita e em uma zona limítrofe do que é possível de ser socialmente reconhecido pelo jornalismo quando relacionado ao racismo. Zona de suspeita porque as narrativas de âncora e repórter reúnem indícios diversos e diferidos para contestação das versões da polícia e sugerem que houve um crime cometido contra Gustavo Amaral, do mesmo modo que familiares suspeitam que a morte foi motivada por violência racial. Essas suspeitas são também ofertadas à recepção, embora a predominância, nas interações observadas na instância de recepção-produtiva, de um desvio temático do racismo para a manifestação de medo perante um despreparo atribuído ao campo jurídico-policial, em consonância com fragmentos das narrativas do jornalismo. A distância entre a suspeita e a afirmação de existência de crime, e, especificamente, de crime racial, é estabelecida por uma zona limítrofe do que as gramáticas do jornalismo permitem afirmar.

Concordando que o jornalismo herdeiro da modernidade geralmente se situa em um nível *meso* entre o senso comum ordinário e a ciência, os atores institucionalizados – apresentadores, âncoras, repórteres, comentaristas etc. - se abstêm de sequer mencionarem as palavras ‘negro’ e ‘racismo’, este geralmente percebido e classificado como tal apenas quando discursivizado em imagens e áudios ‘vazados’ no espaço público. Portanto, o jornalismo costuma se limitar à prática de atualização e publicidade do acontecimento, ainda em uma instância de reconhecimento social parcial. Ou seja, reconhece, a humanidade da vítima, mas não a narrativa de motivação da morte e efeitos que são condicionados social e historicamente pelo racismo.

Portanto, as interpenetrações entre os meios do jornalismo e os circuitos afro-referenciados nas redes sociais digitais e nas ruas das cidades respeitam a feedbacks complexos, em fluxos horizontais, com interações restritas a cada meio, e verticais, via contatos dos meios do jornalismo com familiares principalmente. As visibilidades contrapostas da temática racial, entre o dizer dos circuitos afro-referenciados e o silenciamento no jornalismo, somam-se com a ampliação e permanência do caso midiático, principalmente em jornais on-line e na TV, em atualização/presentismo do acontecimento. Por sua vez, a evocação de temporalidades complexas materializadas em múltiplos espaços neste estágio do caso é articulada por

acionamentos que presentificam táticas de resistência de uma esfera pública negra, atualizada na ambiência midiaticizada.

Os acionamentos de atores sociais, circuitos interacionais, instituições e meios do jornalismo são oriundos de táticas de advocacy político-cultural da política *latu e strictu senso* – dos circuitos e da política institucional - e de advocacy midiático complementares – este, passando interna e externamente pelo midiático. A presentificação dos processos comunicacionais de advocacy se dá justamente através dos trânsitos em diferentes espaços: midiáticos, das redes e do jornalismo; territoriais, a exemplo das praças das cidades; e simbólicos, decorrentes dos encontros de coletivos e circuitos afro-referenciados em diferentes ‘estradas’ e da evocação de temporalidades complexas materializadas pela ressignificação de territórios físicos através da memória da cultura de matriz africana. Anterior, simultâneo e posterior aos acionamentos, consta o processo metafórico dos circuitos afro-referenciados coletivamente³⁴ tornarem negros os atores sociais – por identificação do fenótipo e das culturas negras a que os atores sociais vivenciam e se vinculam, justamente dimensões ontológica e cultural não reconhecidas nos meios do jornalismo do Rio Grande do Sul

5.1.5 Recuo, abreviação de fluxos e defasagens ante circuitos institucionais

O irmão de Gustavo Amaral, o administrador da página Justiça para Gustavo Amaral e o ativista AfroGuga transmitiram no dia 28 de junho uma *live* na qual debateram sobre a temática mais ampla do racismo e especificamente quanto ao caso. As conversações, intramediáticas – em perfil pessoal de um dos debatedores e depois em compartilhamento na página Justiça para Gustavo – tiveram por objetivo manifesto a organização dos acionamentos seguintes. As interações, em narrativa, articularam diferentes temporalidades, em comparações que identificaram correspondências entre o passado de um racismo histórica e socialmente contínuo e mantido no contemporâneo, remetendo a diferentes cronotopos:

³⁴ Na área da Comunicação, em diálogo interdisciplinar com a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia, há discussão secular sobre a complementaridade do reconhecimento individual, interacional e coletivo do ‘eu’ perante a sociedade. Na tradição pragmaticista norte-americana e nos estudos de internacionalismo simbólico, Mead e, mais tarde Goffman e Honneth elaboraram proposições quanto ao modo como os sujeitos percebem a si e ao outro, individualmente, nas interações dialógicas e diante de coletivos mais amplos. Em relações espectrais, por assim dizer, as tomadas de consciência dependem de como os sujeitos identificam a si próprios, aos pares conversacionais e compreendem e são compreendidos pela sociedade, especificamente, no que me interessa no presente estudo, quanto a e o que ser negro. Na sociologia, antes mesmo da Escola de Chicago, Du Bois escrevia sobre o processo de dupla consciência do negro estadunidense, sob as condições de ‘negro’ e ‘norte-americano’, tendo de lidar com uma espécie de véu que dificulta a autopercepção e a compreensão de mundo no contexto das relações de convivência étnico-raciais.

Administrador da página: sobre essas situações e desde então parece que, desde que aconteceu com o Gustavo, naquele 19 de abril parece que tem acontecido diariamente situações e elas estão cada vez mais expostas e claro que o estopim de tudo foi George Floyd, mas se pegarmos no Brasil em 2005, eu ainda lembro, 2015 80% dos homicídios, se eu não estou enganado foram de negros de negros, então veja como é um índice preocupante, e a gente acaba, até chegar esse problema na gente, a gente não acaba dando importância. Isso é muito assustador sabe, Guga, porque de repente as tuas percepções a tua crença em um serviço, e ela vai desmoronando e o respeito por parte dele também tem muito ainda o que rolar nesse processo todo (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020).

Aqui, há uma partilha da intuição e das percepções de dois estágios de ‘estopins’ ou limiares simultâneos a uma recorrência das mortes contra pessoas negras. O primeiro, é a maneira como a experiência decorrente da morte de Gustavo, ou seja, com a primeira vida do acontecimento, possibilita a percepção de problemas sociais institucionais que condicionam o racismo e um subsequente despertar para a manifestação de contranarrativas no espaço público – condição esta que está no centro das discussões sobre a negritude e o ‘tornar-se negro’. Outro, é o da manifestação do racismo contínuo e onipresente ao norte e ao sul do mundo e que passa a ser percebido diante dos casos sociais que se sucedem dia após dia em diferentes lugares.

Por conseguinte, se há indícios de um atravessamento do caso Floyd, midiaticizado em larga escala no tempo e espaço, para aumento da repercussão dos casos de racismo no Brasil, sendo este também um traço de referências diaspórica das recordações de sofrimento, também há um véu, metafórico, que se sobrepõe ante o reconhecimento social das práticas dos movimentos sociais e ao reconhecimento individual da própria negritude:

Administrador da página: E a gente viu muito pessoal falar, ah, mas essa onda antirracista agora, vocês aqui no Brasil querem falar, só por causa que nos Estados Unidos o Floyd foi asfixiado. E isso também acaba sendo até uma hipocrisia, uma cretinice, eu diria, das pessoas, da sociedade. **Porque historicamente a gente vem gritando, esses movimentos negros sempre juntos são uma realidade. E claro que existem pessoas que às vezes também não se entendam negras, que também estão meio desentendidas nesse processo, de como que se divide o racismo no Brasil.** (JUSTIÇA PARA GUSTAVO AMARAL, grifo nosso, 2020).

As críticas sociais pela falta de reconhecimento aos tensionamentos exercidos pelo movimento negro na esfera pública e ao não reconhecimento enquanto negro para identificação e interpretação do racismo são indícios de uma aprendizagem acumulada pelos atores sociais dos circuitos afro-referenciados nas lutas antirracismo. Esse conhecimento partilhado se relaciona com o rompimento de um discurso universalista em nome de uma cidadania universalista e abstrata pelos movimentos negros nos anos 1990, a favor de reivindicações de pautas afirmativa a partir do demarcador sociopolítico de raça. A busca por agonísticas em

contraposição a invisibilidades condiz, além disso, com os acionamentos que passam a ser adotados no caso Gustavo Amaral. Mesmo que em um primeiro a não racialização do caso nas narrativas pudesse corresponder a uma tática que se antecipa diante da presunção de denegações do racismo nas instâncias de recepção ao midiático, tornar Gustavo Amaral coletivamente negro implica também em novas atribuições de causas e efeitos sociais relacionados ao racismo nas narrativas.

Administrador da página: [...] logo depois que a gente começou a postar algumas coisas, eu recebi a mensagem de pessoas de Marau falando absurdos assim do que aconteceu naquela cidade, absurdos. Então a gente percebe que o problema não foi assim, cara, o que acontece naquele lugar, por que que até agora ninguém parou esse povo, esse tipo de servidor, sabe, óbvio que eu estou focando em Marau porque aconteceu lá, mas isso acontece no Brasil inteiro, sabe, agora há pouco, o último cao que me chamou muita atenção assim que eu, me doeu ver as notícias, me fugiu agora o nome do menino, que foi baleado... (JUSTIÇAPARAGUSTAVO, 2020).

As interpretações quanto às práticas da polícia em Marau remetem ao cronotopo idílico. No entanto, não exatamente pela vida bucólica da cidade pequena e interiorana em detrimento da aceleração e profusão dos acontecimentos no cotidiano das metrópoles. O cronotopo idílico como o compreendo e me aproprio, remete a uma proteção intra-étnica aos membros das comunidades que vivem nas cidades – em Marau, por exemplo, trata-se de cidade com forte colonização europeia -, através de deliberações que ocorrem no âmbito privado e que prescindem do segredo e de uma lentidão estratégica da publicização das decisões jurídicas favoráveis a determinados atores sociais, vide a proteção que suspeito ter sido recebida pelo soldado da Brigada Militar. Portanto, a lentidão é favorável às instituições como tentativa de interdição das possibilidades de permanência do acontecimento no espaço público, contrapondo-se ao rompimento com o silêncio e com a busca de celeridade dos acionamentos e narrativas dos circuitos afro-referenciados que apontam responsáveis individuais, coletivos e institucionais pela manutenção do racismo. Em outro vídeo, posterior e com críticas à instituição, em entrevista concedida para o curso de Engenharia da Universidade Federal de Santa Maria³⁵, o irmão de Gustavo Amaral articulou referências do passado com casos de racismo atuais e com expectativas pessimistas de futuro:

O abuso de autoridade policial só vai acabar se houver educação da sociedade logo na infância; que, se parar para pensar, **é uma herança de 1888, que faz só 130 anos que acabou a escravidão e que o negro era o suspeito, o bandido, tratado como a escória da sociedade.** Eu acho que essa herança foi **passando de pai para filho** mesmo que esteja comprovado que somos todos iguais (ENG UFSM, 2020).

³⁵ Disponível em: <<https://cutt.ly/cWEjZTe>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

A intuição de que há um racismo em *continuum*, enquanto imaginários sociais e imagens de controle associados e que são transmitidos hereditariamente como ideologias, nas mídias e fora das mesmas, condiz com interpretações do caso pelos atores sociais que gradativamente, a cada manifestação nas redes sociodigitais e meios do jornalismo, expressam repertórios comuns aos movimentos negros, configurando aprendizagens cujas apropriações são aceleradas.

Ainda no começo do mês de julho, o governador do Rio Grande do Sul recebeu familiares e ativistas de organizações do movimento negro para diálogos quanto à investigação da morte de Gustavo Amaral, após publicização de táticas de advocacy político e midiático, culminando com a criação de grupo de trabalho para debater questões relacionadas à população negra do estado, um desdobramento que segue como expectativa de futuro quanto ao combate ao racismo. Contudo, conforme reportagem do veículo jornalístico Gauchazh publicada no dia 28 de julho, intitulada “Concluído há um mês, inquérito sobre morte de engenheiro em ação da BM não saiu da delegacia”, agentes jurídicos permaneceram em silêncio:

1) [...] O juiz confirma também que o outro inquérito sobre o caso, o que investigou exclusivamente o roubo que deu origem à abordagem policial que resultou na morte do engenheiro pelos PMs, foi remetido ao Judiciário no “prazo legal e o curso é regular”. Responsável por fiscalizar o inquérito policial e por analisar a sua conclusão, oferecendo denúncia, pedindo mais diligências ou arquivando, o Ministério Público (MP) também diz não ter recebido o resultado da investigação. O promotor responsável é Bruno Bonamente, da promotoria de Marau, que preferiu não comentar sobre o intervalo longo entre conclusão e remessa.

2) É inadmissível, surpreendente o que acontece em Marau. Mais de um mês e nada do inquérito ser remetido. Nos faz pensar que é uma tentativa de baixar a poeira tanto tempo para entregar um documento num fórum de uma cidade pequena —questiona o familiar (GAUCHAZH, 2020).

O jornalismo local, enquanto instituição midiática, passa então a não subordinar a temporalidade da cobertura a uma espera pela publicação de decisões do campo jurídico-policial: “Os 36 dias entre conclusão e remessa ao Judiciário, intervalo que foge do habitual, envolve diferentes versões apresentadas pelas autoridades. Na prática, emperra o andamento processual e leva ainda mais sofrimento para a família da vítima.” (GAUCHAZH, 2020). Evidenciam-se também nesse estágio de caso midiático – quando ascende aos meios do jornalismo -, narrativas em defasagem entre o idílico e o encontro para elaboração de táticas, o segredo e o público, a lentidão e a celeridade, o estratégico da lentidão e da indiferença para tentativa de interdição de fluxos de sentidos que favorece o exercício do poder pelas instituições perante os atores individuais e coletivos, e, a tática dos circuitos afro-referenciados de recuar

ao ficarem restritos a interações intramidiáticas, encontrando-se apenas em *lives*, para aprendizagem e fortalecimento que precede as mobilizações – estas, em acionamentos e narrativas, a partir de brechas proporcionadas nos intervalos nos acontecimentos.

5.1.6 Múltiplos cronotopos mediados por circuitos interacionais

Após reunião no início de agosto de 2020 com familiares, ativistas e políticos, a delegada chefe da Polícia Civil, Nadine Anflor, informou que o inquérito da investigação da morte de Gustavo Amaral havia saído da Delegacia de Marau e chegado à Justiça, conforme reivindicações dos coletivos referidos. Apesar das mudanças, a 1ª Vara Judicial de Marau, sob decisão da juíza Margô Agostini, aceitou o pedido do Ministério Público estadual para arquivar o inquérito, aceitando a justificativa de legítima defesa putativa. No proferimento da decisão, a juíza alegou que “o policial apenas efetuou os disparos contra a vítima Gustavo, pois acreditou tratar-se de um dos assaltantes e, principalmente, que ele podia estar armado, já que estava portando em uma das mãos um telefone celular e não obedeceu a ordem de rendição” (GAUCHAZH, 2020). Por sua vez, o irmão da vítima alegou que Gustavo Amaral estava sendo culpabilizado pela própria morte (*idem*).

Sites jornalísticos do interior do Rio Grande do Sul se limitaram a informar a decisão pelo arquivamento do caso e reproduziram nota oficial dos advogados de defesa do policial militar (RDPLANALTO, 2020; VANGUARDA FM; 2020; RÁDIO TAPEJARAFM, 2020). Da capital, notícias nos sites da Gauchazh e do Portal G1 mediaram declarações de juíza, advogados, familiares de Gustavo Amaral e de políticos que acompanharam a família. Em recepção a uma publicação no *Facebook* da RBS TV, emissora do mesmo grupo empresarial da Gauchazh – “Gustavo Amaral dos Santos, de 28 anos, foi morto após ser baleado em abril deste ano. MP pediu arquivamento alegando que autor do tiro agiu em legítima defesa.” (RBS TV, 2020) -, os 112 comentários foram quase unânimes na atribuição de responsabilização da Polícia civil, do policial autor dos disparos e do Judiciário, novamente sem menção alguma à cor de Gustavo Amaral e à problemática do racismo.

O arquivamento do inquérito endossado por *Agostini* e *Bonamente*, a emergência do acontecimento em Marau e a decisão desfavorável à família de Gustavo Amaral remetem à materialização do cronotopo idílico, pela tentativa de justificativa – por explicação e legitimação institucional – da morte, por responsabilização da vítima, para proteção do agressor e das instituições jurídico-policiais. Assim, o cronotopo idílico articula práticas sociais que persistem ao longo do tempo e que remetem a uma temporalidade colonial, que se efetiva em

imaginários sociais e violências ocorridas no território da cidade. Essa temporalidade presentista se soma aos silenciamentos nos meios do jornalismo gaúcho, que limitam suas mediações à reprodução de vozes oficiais e/ou interditam a possibilidade de contextualizações e interpretações em espaços midiáticos por circuitos afro-referenciados, como se concluída a mediação do próprio acontecimento após a decisão judicial.

Se por um lado há defasagens entre as narrativas de agentes do campo jurídico policial e as narrativas em recepção às notícias sobre o arquivamento do caso e responsabilidade pela morte de Gustavo Amaral, por outro prevalece um silenciamento sobre o racismo quando este não é tematizado nos textos e imagens veiculadas nos meios do jornalismo. Logo, as interpretações que identificam o racismo ficam restritas aos coletivos e circuitos afro-referenciados, que assumem o compromisso de superar as interdições, denegações, silêncios e véus das instituições sociais, instituições midiáticas e audiências, em tentativas de levar os acontecimentos adiante.

Diante do arquivamento do inquérito e contra a possibilidade de abreviação da circulação midiática do caso social, diferentes coletivos³⁶, incluindo familiares, juristas, ativistas e acadêmicos e atores sociais que integram mais de um desses circuitos, reuniram-se em espaços midiáticos para organização dos acionamentos seguintes. Em *lives* publicadas na página Justiça para Gustavo interações em grupos de WhatsApp³⁷, circuitos afro-referenciados interpretam os desdobramentos do caso social, articulam narrativas e planejam táticas de advocacy político e midiático através de duas temáticas relacionadas à circulação do caso: a elaboração do Projeto de Lei Gustavo Amaral por políticos, que prevê a obrigatoriedade de instalação de câmeras nos uniformes de policiais do Rio Grande do Sul; e a organização da ‘Carreata Justiça para Gustavo Amaral e Antirracismo, em 20 de setembro, feriado do Dia do Gaúcho³⁸. Enquanto a primeira se deve tanto à percepção da mediação de acontecimentos de racismo que só emergem no espaço público pela filmagem e compartilhamento instantâneo de imagens de racismo, e, de possível inibição de violência policial devido ao monitoramento

³⁶ Inicialmente, participaram da organização de atos antirracismo, o Grupo de Juristas do Rio Grande do Sul, a Comissão Especial da Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil, do coletivo político Juntos RS, da organização Vidas Negras Importam e do Catálogo Afro de Profissionais Graduados do Rio Grande do Sul.

³⁷ Na ocasião da organização da carreata, participei do grupo de WhatsApp do Catálogo Afro de Profissionais Graduados do Rio Grande do Sul, no qual os interagentes discutiram detalhes da carreata.

³⁸ A celebração do Dia do Gaúcho no 20 de setembro remonta à data de início da chamada Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, em 1835. Nesse conflito, os lanceiros negros, então escravizados, lutaram sob promessas de alforria em caso de vitória do exército farroupilha. Entretanto, as tropas farroupilhas e o Império chegaram a um acordo e os lanceiros, desarmados pelo general farroupilha Davi Canabarro, foram emboscados e mortos em episódio conhecido como Massacre de Porongos, ou, ainda, Traição de Porongos.

das práticas policiais, a última trata da possibilidade factível de acionamentos para permanência do acontecimento no espaço público.

De acordo com publicação na página Justiça para Gustavo Amaral, a carreta passaria em frente ao prédio da redação do jornal “Zero Hora, pelo Palácio da Polícia Civil, pela Assembleia Legislativa, pelo Palácio da Justiça, passa pelo Gasômetro e vai retornar para o Largo da Epatur” (JUSTIÇA PARA GUSTAVO AMARAL, 2020). Para chegar à carreta, atores sociais representantes de diferentes coletivos midiáticos, vindos do interior do estado, de Porto Alegre e da região metropolitana, percorreram diferentes estradas até se encontrarem no Largo Zumbi dos Palmares³⁹, homenagem ao líder quilombola Zumbi e ao Quilombo dos Palmares, o maior quilombo da história no Brasil. O encontro de atores sociais de diversos coletivos no largo, situado na encruzilhada entre quatro vias da capital, remete a características singulares dos circuitos afro-referenciados nos quais se convertem. Seus atores, dentro de suas diferenças, encontram-se com um objetivo partilhado de protestar e disputar a permanência da ‘segunda vida’ do acontecimento em acionamentos e narrativas. Nos espaços [topos] simultaneamente simbólicos e territoriais - dos meios de conversação, passando pelo espaço público da cidade e especificamente de territórios negros -, práticas das esferas públicas negras na modernidade colonial são presentificadas [cronos] analogamente nos encontros e interações dos circuitos afro-referenciados. Uma delas é o encontro e interação estritamente intramidiáticas - em apenas um dispositivo on-line – para, em seguida, reunirem-se em momento oportuno não para lutas físicas, mas para disputas narrativas. Ou seja, em aquilombamentos organizado nas redes sociodigitais, e, efetivado em encontro na cidade.

A presentificação pela evocação de memórias se entrecruza com tentativas de acionamentos céleres de diferentes instituições sociais. O próprio percurso da carreta, conforme itinerário, indica tais tentativas (Figura 6).

³⁹ O local era chamado de Largo da Epatur até 2002, quando passou a ser reconhecido oficialmente como Largo Zumbi dos Palmares pela Lei 9035/02, de autoria do então vereador Raul Carrion.

Figura 6 – Itinerário da Carreata



Fonte: Catálogo Afro RS, 2020.

A partir da carreata, os circuitos afro-referenciados adotaram diferentes táticas para acionamentos políticos e midiáticos, de acordo com os locais percorridos na carreata, desde o Largo Zumbi dos Palmares, seguindo pela Avenida João Pessoa e mais tarde na Avenida Borges de Medeiros, respectivamente parando em frente ao Palácio da Polícia e ao prédio do Ministério Público, instituições responsáveis pela investigação da morte, e, em um intervalo entre os dois pontos, devagar pela Avenida Ipiranga em frente ao prédio da GAUCHAZH, empresa jornalística de maior audiência do estado. Em busca de visibilidade, a carreata foi realizada em um domingo, no feriado considerado mais importante para a cultura gaúcha e em período demarcado pelo isolamento físico causado pela Coronavírus. Logo, com menos trânsito de veículos, facilitando o acompanhamento de carros de equipes de reportagem, e com menos acontecimentos que concorressem para publicação nos meios do jornalismo.

Alguns dos veículos da carreata carregavam cartazes fixados em portas e janelas. A maioria das frases dos cartazes são escritas na segunda pessoa [tu], endereçadas a instituições

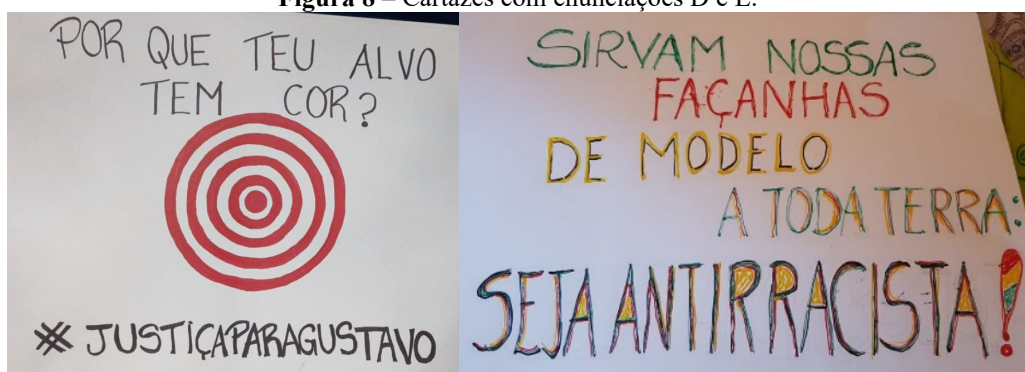
e pessoas que reproduzem o racismo, e na primeira do plural [nós] em vocativos para se somar à luta antirracista, conforme as figuras 7, 8 e 9.

Figura 7 - Cartazes com enunciações A, B e C.



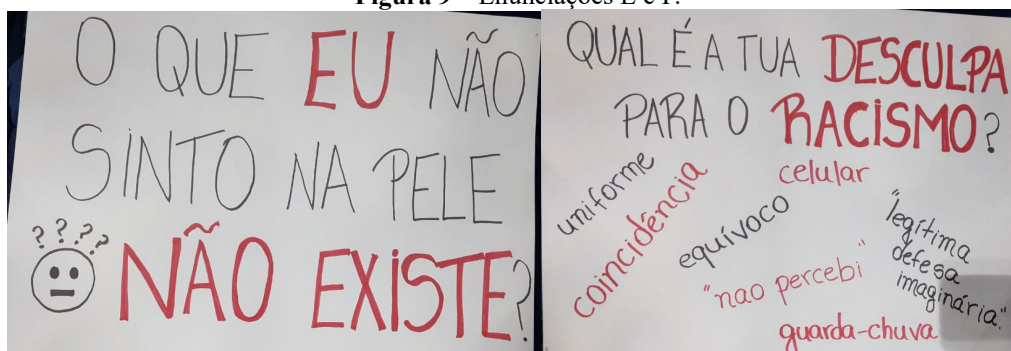
FONTE: Catálogo Afro RS, 2020.

Figura 8 – Cartazes com enunciações D e E.



FONTE: Catálogo Afro RS, 2020.

Figura 9 – Enunciações E e F.



FONTE: Catálogo Afro RS, 2020.

Sendo dispositivos *comunicacionais*, devido às interações que buscam a mobilização de interlocutores que reconheçam o antirracismo ou que buscam a agonística com quem reproduz o racismo, e *sociais*, por evocarem sentidos recorrentes nas interpretações sociais sobre o racismo e *técnicos*, pela expressão de diferentes enunciações, vozes nas orações, cores, fontes e tamanhos de letras, os cartazes se estabelecem também como cronotopos, de acordo com os fragmentos que destaco de cada frase:

- a) Sem **Justiça**, Sem **Paz**
 #Justiça para Gustavo!
 #**Blacklivesmattermovement** #Vidasnegrasimportam
 Catálogo Afro RS
- b) Não basta não ser racista, **sejamos** antirracistas. Abaixo a **abordagem racista policial**.
- c) **Respeita** nossa cor
- d) Por que **teu** alvo tem cor? #Justiçaparagustavo
- e) **Sirvam nossas façanhas de modelo a toda terra: seja** antirracista!
- f) O que **eu não sinto** na pele **não existe**?
- g) Qual é a **tua desculpa** para o racismo? **uniforme**, coincidência, equívoco, celular, não percebi, legítima defesa imaginária, **guarda-chuva** (grifo nosso, 2020).

O uso de *hashtags*, além de remeterem às interpenetrações entre lógicas das redes sociais digitais e das interações em copresença, referenciam o movimento *Black Lives Matter* e as palavras de ordem ‘vidas negras importam’, tradução livre do nome do movimento e organização estadunidense que passou a ser adotada em manifestações antirracistas em todo o mundo. Criam, então, interpenetrações de repertórios políticos-culturais em uma direção do norte ao sul do mundo, do transnacional ao local, análogo ao intercâmbio de referências entre as populações negras em diáspora. As perguntas retóricas e o apelo a uma solidariedade à luta antirracista a ser adotada por pessoas não negras (d, e, f e g) denunciam a indiferença ao, a denegação e a reprodução do racismo, indicando correspondências entre elementos do caso Gustavo Amaral - a roupa da vítima, o celular, as tentativas de justificativas de agentes do campo jurídico-policial - e de casos pregressos de racismo midiaticizados, a exemplo da menção ao guarda-chuva, que remete a outros casos de racismo mediatizados⁴⁰. Tem-se, portando, presentificações efetivadas na evocação de recordações complementares de longa periodização - em menções ao passado de violência escravagista - e recente periodização - *Black Lives Matter* e casos recentes de racismo com ampla repercussão. Os encontros nos espaços simbólicos das redes sociais digitais e no Largo Zumbi dos Palmares, o itinerário da carreata e seus diferentes ritmos e os cartazes enquanto dispositivos fixados nos carros materializam temporalidades em permanências e atualizações de repertórios compartilhados, práticas e memórias que se tornam referências dos coletivos e circuitos ativistas.

No mesmo dia da carreata, a Gauchazh novamente noticiou a manifestação, com contextualização do caso, transcrição de algumas palavras de ordem inscritas nos cartazes, publicação de fotos e espaço para declarações de familiares e nota oficial do Ministério Público. O caso Gustavo Amaral teve novos acionamentos em advocacy midiático nos meios do

⁴⁰ Em 2018, o vigia Rodrigo Alexandre da Silva Serrano foi morto por policiais militares do Rio de Janeiro, que alegaram ter confundido o guarda-chuva com um fuzil e o casaco com um colete à prova de balas.

jornalismo no mês seguinte, em 11 de outubro, em reportagem publicada pelo portal da BBC News Brasil. Intitulada “Morte de **engenheiro negro** por **policial** no RS gera indignação e **movimento Black Lives Matter** local” (BBC, 2020, grifo nosso), a reportagem do veículo jornalístico, de abrangência nacional e internacional, é a primeira a identificar em sua narrativa a cor de Gustavo Amaral relacionada às motivações da morte e acusações de racismo. No título do texto, é realizada também uma correspondência entre o movimento negro norte-americano e movimentos negros brasileiros.

Passadas 3 semanas da carreta e cerca de 6 meses da morte de Gustavo Amaral, é provável que a produção da reportagem tenha se dado a partir de contato com atores sociais dos circuitos afro-referenciados. Em termos de temporalidade, o mais notório para a reportagem se torna não o relato factual da ‘primeira vida’ do acontecimento noticiado, mas as práticas subsequentes de movimentos e familiares para a investigação precisa do caso social e as disputas narrativas com instituições jurídicas e policiais que o texto presentifica. O acionamento a repórter e portal jornalístico para ampliação da visibilidade e permanência do acontecimento corresponde a uma tentativa de superação das escalas de tempo e, principalmente, de espaço articuladas por um cronotopo idílico que tende a abreviar a circulação midiática do caso. Com a dimensão político-cultural [relativo aos movimentos negros] e ontológica [na identificação ‘engenheiro negro’] de existência de racismo e das práticas antirracistas obtendo reconhecimento no título, fotografias – Figuras 10 e 11 – e em reprodução de contranarrativas pela reportagem, os circuitos afro-referenciados engendram novas temáticas para ampliação do debate sobre o caso.

Figura 10 - Fenótipo e antirracismo 1

Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimento Black Lives Matter local

Daniel Gallas
Da BBC News Brasil em Londres

11 outubro 2020



Família destruída

“A minha família foi destruída”, conta o irmão gêmeo de Amaral, Guilherme, à BBC News Brasil. “Eu e ele sempre fomos muito próximos. Eu fui colega do Gustavo da pré-escola até a engenharia.”



FONTE: Arquivo pessoal de familiares APUD BBC Brasil News, 2020.

Figura 11 - Fenótipo e antirracismo 2



Ativistas fizeram protestos em Porto Alegre contra a impunidade no caso Gustavo Amaral

A família do jovem engenheiro não aceita a conclusão da Justiça.

"Se em vez do Gustavo, que era um engenheiro negro, isso tivesse acontecido com o filho de uma pessoa importante, filho de um empresário rico, filho do juiz, do comandante da polícia, do delegado, será que teríamos esse desfecho? Será que a justiça arquivaria o processo sem investigar ninguém?", pergunta Guilherme.

Fonte: Arquivo pessoal de familiares APUD BBC Brasil News, 2020.

Alguns dos indícios de reconhecimento das contranarrativas dos circuitos afro-referenciado na escrita do repórter e em declarações das fontes na reportagem são:

- 1) Os quatro trabalhadores vestiam uniformes da empresa, que **incluem calças refletoras e distintivos claramente indicados**, Gustavo Amaral, o chefe, era o **único negro da equipe**.
- 2) O caso de **George Floyd**, morto sufocado por um policial quando já estava rendido no chão, era muito diferente de Gustavo. Mas para familiares e amigos do gaúcho, o contraste da resposta pública para os episódios era enorme. Nos Estados Unidos e no resto do mundo, havia indignação. No **Rio Grande do Sul, silêncio e lentidão** na apuração dos fatos.
- 3) A decisão foi muito **contestada pelo movimento negro**. "Nós temos certeza que o delegado e o promotor agiram com **racismo institucional**", disse Gilvandro Antunes, um dos integrantes do **Vidas Negras Importam no Rio Grande do Sul**, à BBC News Brasil.
- 4) **Esse é um caso de racismo institucional**. Isso não quer dizer que o delegado e o promotor são pessoas racistas", diz Antunes." Mas o inquérito policial e o Ministério Público aceitam de forma taxativa a defesa do policial, que tinha dez anos de carreira e cometeu um erro injustificável. O promotor sequer se deu direito à dúvida. Sequer o PM vai à julgamento. Ele foi absolvido." (BBC NEWS BRASIL, 2020, grifo nosso).

Após acionamentos dos coletivos e circuitos afro-referenciados, a reportagem reconhece as práticas de demonstrar a cor de Gustavo Amaral no espaço público e narrativas que identificam atores sociais, lugares, tempos, causas e efeitos do acontecimento atravessado pelo racismo. Para a presentificação do acontecimento, a reportagem medeia diferentes vozes e

estabelece relações com acontecimentos recentes, como o caso Floyd, nos Estados Unidos, assim, aproximando-se do valor jornalístico de universalidade, antes restringido pelos meios do jornalismo do Rio Grande do Sul, tensionando a lógica de que cada caso de violência contra pessoas negras é único e sem contexto social. Ao oportunizar espaço para vozes dos movimentos negros, vêm ao público interpretações do caso referenciadas em aprendizagens que circulam nos circuitos afro-referenciados, a exemplo da classificação ‘racismo institucional’. A lentidão das decisões jurídicas e o presentismo que reforçam o silenciamento e o esquecimento sobre os casos de racismo nos territórios regionais e nos meios do jornalismo é tensionado pelos acionamentos dos circuitos e reportagem. A mediação e elaboração de narrativas que evocam diferentes tempos e espaços configura, assim, um cronotopo midiático que se caracteriza na reportagem, inserindo-se em uma zona do que é possível narrar em reconhecimento às reivindicações dos circuitos sem afirmar nominalmente a existência do racismo como motivador do caso.

A reportagem da BBC News Brasil, por ser um veículo de referência, foi republicada na íntegra por portais jornalísticos da mídia hegemônica e da mídia alternativa [Bol, Época, Estado de Minas, G1, Infoeconômico, Portal R7 e Revista Fórum]. Com isso, o caso e narrativas dos circuitos afro-referenciados ascendendo aos meios do jornalismo de abrangência local, regional e nacional.

Um segundo momento de midiáticação de cronotopos se estabelece na recepção-produtiva à reportagem, em comentários nos perfis da BBC News Brasil no *Facebook*. Duas publicações no dia 11 de outubro obtiveram, respectivamente, 679 comentários e 28 comentários. No dia 15 de outubro, a postagem foi novamente compartilhada, gerando 321 comentários. As postagens (Figura 12)⁴¹, que traziam o retrato de Gustavo Amaral com diploma na mão, diziam que “Gustavo Amaral foi confundido com um suspeito de um crime e acabou morto em abril deste ano no interior gaúcho. Ninguém foi punido pelo assassinato e caso foi arquivado”, informando logo após o título da reportagem: “Morte de engenheiro negro por policial no RS gera indignação e movimento *Black Lives Matter local* - BBC News Brasil” (BBC NEWS BRASIL, 2020).

⁴¹ Disponível em: <
<https://www.facebook.com/profile/100064482293172/search?q=gustavo%20amaral&filters=eyJycF9jcmVhdGlvbl90aW10jAioiJ7XCJuYW11XCI6XCJjemVhdGlvbl90aW11XCIsXCJhemdzXCi6XCJ7XFxcInN0YXJ0X3llYXJcXFwiOlxcXCiYMDIwXFxcIixcXFwic3RhenRfbW9udGhcXFwiOlxcXCiYMDIwLTFeXFwiLFxcXCJlbnRfeWVhclxcXCi6XFxcIjIwMjBcXFwiLFxcXCJlbnRfbW9udGhcXFwiOlxcXCiYMDIwLTFeyXFxcIixcXFwic3RhenRfZGF5XFxcIjpcXFwiMjAyMC0xLTFeXFwiLFxcXCJlbnRfZGF5XFxcIjpcXFwiMjAyMC0xMi0zMVxcXCJ9XCJ9In0%3D>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Figura 12 - BBC News Brasil



FONTE: BBC News Brasil, 2020.

Os comentadores das postagens fazem parte de diferentes coletivos. De modo genérico, há mulheres e homens, pessoas que identificam como sendo negras ou como sendo brancas, jovens, adultos, idosos, bolsonaristas, ativistas sociais em prol de minorias representativas etc. Há indícios de que os atores sociais que se expressam a partir das postagens, suas enunciações e interações não configuram circuitos afro-referenciados: os atores não se identificam nos comentários enquanto membros de coletivos antirracistas; em nenhuma das três postagens os comentadores retornam, com os encontros entre os atores sociais configurando “aglomerações momentâneas”⁴², ao contrário do que muitas vezes ocorre com os encontros entre atores sociais em ativismos antirracistas; e as narrativas não costumam recordar experiências anteriores com o (antir) racismo. À primeira vista, trata-se apenas de um coletivo de leitores ou comentadores do portal BBC News Brasil, mas é possível identificar também esse coletivo e o espaço de recepção produtiva à reportagem como lócus da compreensão social sobre o racismo, em vista do que comentadores e comentários consideram sobre este tema, a vítima, movimentos sociais, polícia, a BBC News Brasil e a respeito de si próprios⁴³.

Os comentadores das postagens da BBC News Brasil percebem e interpretam o racismo em agonísticas que revelam o reconhecimento do fenômeno e sua denegação. Para quem o reconhece, é considerado histórico, contínuo e frequente, inferência articulada pela recordação de episódios de longa periodização e casos recentes de racismo que se tornaram midiáticos e/ou midiaticizados [vide comentários ‘5’, ‘6’, ‘7’, ‘8’ e ‘9’].

5) os negros que foram escravizados **por quase 400 anos** e que **ainda nao tiveram** nenhuma outra contrapartida por parte do estado **estam indignado ha muito tempo** com esta carnificina do estado

⁴² Aglomerações momentâneas é a classificação proposta em trabalhos de Antonio Fausto Neto, a partir das reflexões de Zygmunt Bauman, para o encontro efêmero de diferentes atores sociais na ambiência midiaticizada e em situações específicas.

⁴³ Ao observar os comentários à matéria da BBC News Brasil, considero importante incluir interações e narrativas para além dos circuitos afro-referenciados, justamente para identificar rastros do que ocorre no fluxo adiante da circulação, após acionamentos e mediação jornalística.

6) **A influencia da cultura européia**, causa todo tipo de **loucura e preconceito**, os europeus vieram e implantaram a força sua cultura e seus dogmas, na América, o cristianismo europeu não segue e nem propaga nada do ideal de Jesus, a verdadeira cultura do Brasil é missigenado, e a herança européia que seja cultuado por seus admiradores, mas não imposta a quem não admira, no caso a maioria dos brasileiros não tem nada a ver com Europa e EUA. O cristianismo europeu não fala de Cristo, apenas usa sua imagem para propagar, autoritarismo e controle das massas, e já cometeu os maiores absurdos da humanidade, como as cruzadas e as inquisições, e hoje mantém grande parte da população em um estado de transe, para que não contestam seus governantes. A cultura rica do Brasil não vem do europeu, vem do indígena que sabe utilizar a terra e respeitar a natureza. Que os babões que adoram a cultura européia, deixem o Brasil se tornar soberano e que não seja mais colônia da Europa nem dos EUA. E para os recalçados **MARIELLE FRANCO VIVE**.

7) Tanto é que vidas negras não importam no Brasil e o "modus operandi" que você citou, é normalizado. Já meio que esqueceu-se da **Ágatha Félix, Jenifer Gomes, Ketellen Gomes**, tudo no Rj, **Ketellen** de 5 anos. O garoto morto no Ceará de 13 anos, este ano, morto enquanto dormia (e teve vagabundo querendo justificar que o garoto era suspeito)...mas nem a Ketellen de 5 anos, só gerou uns dias de protesto de famosos e público nas redes sociais, o menino de 13, o que é 13 anos perto de 5... Já tava 'velho'. **E tem cretino que acha que o blm e a esquerda que "criaram" fomentam "divisões"**.

8) Esse é o caso isolado nº 5.482.864

9) Caso isolado nº 1.543.956. (BBC NEWS BRASIL, 2020, grifo nosso).

As denegações do racismo, por sua vez, referem-se tanto às motivações atribuídas à morte de Gustavo Amaral, quanto ao fenômeno mais amplo no Brasil e no mundo. As narrativas em comentários basculam entre as que não consideram a vítima como sendo uma pessoa negra, os que aceitam as narrativas dos agentes jurídicos e policiais, inventando ou se enganando a respeito do caso [comentário '10', pois Gustavo Amaral foi morto de manhã, à luz do dia, conforme reportagem do SBTRS] e os que declaram não haver racismo no Brasil. Esses comentários são os que mais geram 'respostas' e pares conversacionais [a exemplo do comentário '11'], ou seja, conversações entre atores sociais que se referem ao nome e/ou fragmentos da fala do interlocutor.

10) Efra uma ocorrência complicada no meio de uma ocorrência de grande local **pouco iluminado a noite** o rapaz **fazia movimentacoes com um celular na mao** uma grande fatalidade uma perda grande para a vítima e seus familiares um erro policial terrível que culminou com a perda da sua vida. Os indícios aqui não tem nada haver com racismo e sim que o rapaz tinha um celular então indícios de erro policial crime culposos e não racismo.

11) Tu queres dizer que um celular pode ser confundido com uma arma? Tu te lembra os dois casos no RJ onde trabalhadores foram assassinados por PMs pois portavam instrumentos que dava a ideia de serem, armas, no caso era uma furadeira e no outro caso um guarda-chuva, o que é incomparável a um celular, que em todos esses casos mostra uma polícia preconceituosa, violenta e despreparada.

Em comentários a respeito de Gustavo Amaral, o lamento pela morte é acrescido de responsabilização da vítima. As responsabilizações consistem na indicação de descuidos e semelhança com os suspeitos de roubo da caminhonete:

12) Muito triste essa morte. Mas vc está entro do carro, em um engarrafamento. De repente ouve tiros de bandidos fugindo a pé da polícia. Tu se abaixa no carro e fica quieto ou sai correndo entre os carros tb?

13) Se ele foi confundido com um suspeito o crime não teve motivação racista; infelizmente ele foi confundido com o perfil de um suposto criminoso (se o alegado for verdade), e o policial deve pagar pelo crime cometido. Mas repito: é temerário atribuir racismo às circunstâncias que envolvem esse homicídio, já q ele foi assassinado não por ser negro, mas por se parecer com um suspeito de um crime. (BBC NEWS BRASIL, 2020)

A criminalização da pessoa negra vítima de racismo se dá também pela comparação e desqualificação de outras. Assim, materializando imagens de controle sobre o negro nas narrativas – violento e irracional, o criminoso, o dependente químico etc. -, opondo o que seria aceitável para o negro e o que justificaria seu assassinato, desumanizando: “Concordava com tudo até dizer que o George Floyd era inocente...comparar um trabalhador honesto morto por engano com um bandido drogado que estava passando dinheiro falso, resistiu à prisão e morreu nas mão da polícia é um desrespeito enorme ao rapaz [...]”. Contudo, o assunto que gerou mais respostas e agonísticas entre os interagentes foi a cor e fenótipo de Gustavo Amaral, condição primeira para percepção do racismo como condição social do acontecimento, a exemplo do comentário que provocou 80 respostas, o mais respondido dentre as três publicações: “Todas as vidas importam, não q seja mérito, mas ele parece ser negro por consideração”. (BBC BEWS BRASIL, 2020). Alguns outros comentários de teor semelhante e parte das respostas são:

14) Nao sei... Mas se a foto desse moço fosse para uma cota para negros, os justiceiros fascistas de esquerda **diriam que negro ele nao é...**

15) Pro padrão Rio Grande do Sul ele é negro, pra Bahia ele é branco

16) vc fala isso até ser confundido com bandido. Não vou dar spoiler pra quem **não tem espelho** e acha que não vive no mesmo Brasil do moço assassinado.

17) Foi morto por ser confundido ou por ser negro? Esse pergunta precisa ser muito bem respondida. A falta de qualidade na resposta gera suposições e aí o caldo entorna.

18) a sei ele **era negro ?**
Se ele ali era negro , **então eu sou um mulato**

19) bem isso kkkk

20) para de ser otário. **Os traços negroides** (sim é esse o termo usado em antropologia e outras ciências humanas) são nítidos no rosto do rapaz. Assim com **os traços**

caucasianos são nítidos em você. Sem falar que as pessoas são julgadas pelo fenótipo e não pelo genótipo.

21) Mas esse menino é **negro**, a onde, então eu **sou galego**

22) Quem não for negro ou mestiço no Brasil que levante a 🖐️

23) **Se esse cara for negro eu quero a minha cota** e o pagamento de minha dívida histórica (BBC BEWS BRASIL, grifo nosso, 2020).

Nos mesmos comentários em que questionam ou não reconhecem a negritude de Gustavo Amaral, os atores sociais expressam como se identificam racialmente, ou como sendo pessoas brancas que dizem que por critérios errôneos seriam considerados mais escuros pela BBC News Brasil e por movimentos sociais negros, ou por se considerarem “mestiços” de pele mais escura, mas também sem serem negros. Ao se depararem com as fotografias de Gustavo Amaral nas mídias, as percepções de si e do outro são espelhadas e comparadas para recusar de modo separado ou simultâneo a própria identificação como pessoa negra e o reconhecimento da existência do racismo como atravessador de casos sociais de assassinato de pessoas negras. É nesse contexto específico da visibilidade de pessoas negras nas mídias e de reconhecimento da existência do racismo pelo jornalismo, acionados pelos coletivos, mas em certa medida também agenciado pelo acontecimento George Floyd, que os atores em recepção produtiva remetem à figura metafórica da medusa. Ou seja, diante do espelho midiático denegam a imagem do outro desumanizado, denegam ou fabulam a própria imagem e petrificam os imaginários sociais sobre o racismo – neste caso, especificamente, ao evocarem nas interações entendimentos relacionados ao mito da democracia racial (ver capítulo 4.3), que afirma a inexistência do racismo em vista de uma miscigenação da sociedade brasileira, atualizado pela máxima equivocada de apagamento das diferenças em que ou todos são negros ou ninguém é. As críticas se estendem aos movimentos negros e à BBC News Brasil, principalmente em defesa dos agentes policiais:

24) Ai os **ativistas conseguiram um bode espiatório** para começar uma movimentação.

Nesse período wuantos negros mataram negros, wuantos brancos mataram brancos, wuantos homens mataram mulheres e **tudo ao inverso e misturado**. Mas o que imporya é a morte de um negro por um policial e se o policial for branco, ai é o cenário pefeito para **anarrativa** desses merdas.

25) **Diferentemente dos EUA aqui** temos a tropa de choque para combater vândalos

26) Pronto, lá vem os separatistas **terroristas do BLM queimar o país**. NÃO CONSEGUIRÃO!

Diariamente **os vermes da BBC instigam o povo uns contra os outros!** George Soros anda fazendo bons investimentos nas mídias mainstream pra propagar o ódio!

A matéria é tendenciosa 🤔 ninguém chega atirando sem ao menos mandar encostar ou deitar no chão 🤔🙄

27) Tá **tudo errado** nesse mundo , **a começar pelo título da matéria** , visivelmente ele **não é negro é tão pardo, moreno , quanto eu** e meu marido. A que ponto chegamos. É muita gente errada no poder. Onde está a justiça?

28) Me fala aí, vc sabe o que realmente ocorreu ou é sei achismo preconceituoso que já determinou que o policial matou simplesmente por um capricho de preconceito. Me parece que aqui é o que ocorre. **Vamos manter a narrativa da polícia malvada é racista**. Julgamento pra que? **“Todo policial é preconceituoso, inclusive os policiais negros”**, né?

29) Vc não quer que eu entenda o tal “cerne da questão”, vc quer que eu aceite que a polícia, que na sua maioria é de **negros e mestiços**, está “exterminando” negros, como se bandidos devessem ter carta branca por sua etnia. Narrativa meu amigo! Não dá! (BBC NEWS BRASIL, grifo nosso, 2020).

Discursivizadas nos comentários, as narrativas de denegação e, portanto, que contribuem para a manutenção do racismo, têm como parâmetro primeiro o fenótipo, tanto para críticas ao jornalismo, quanto para defesa dos policiais baseada no argumento de que no Brasil ninguém é branco. Por outro lado, comentaristas contra-argumentam de modo crítico aos comentários referidos – do 24 ao 29 -, tomando como indícios fragmentos do texto da reportagem publicada:

30) havia **três cidadãos uniformizados correndo**. O policial **atirou SÓ NO NEGRO**, três vezes, ainda, não para imobilizar, mas para matar! E você vem aqui dizer que não houve racismo... Volte à razão, meu caro.

31) A PM e os militares só serve como instrumento de controle das massas e repressão a serviço dos coronelista desses pais. Não estão preocupados em manter a segurança dos cidadãos e sim em controla-los haja visto como agem na periferia, com negros e socialmente. **Pq ainda existe uma PM se tudo acaba numa delegacia na frente de um delegado da polícia civil..??** Basta ver a **origem da PM** que foi formada por grupos do exército que depois das **guerras por fronteiras contra os castelhanos** não serviam mais pra nada e foram transformados em PM.

32) O racismo institucional também se dá pela omissão do Estado. Por exemplo, quando um policial tem milésimos de segundos para decidir, conta muito o treinamento. A ação reflexa dele é o resultado do treinamento. Será que estes policiais estão recebendo **treinamento antirracista** na academia? Sem treinamento adequado, a postura do agente será simplesmente o reflexo dos julgamentos sociais cotidianamente velados. Numa **sociedade historicamente racista**, não basta não ser racista. A postura, inclusive do Estado e seus agentes como a polícia, **deve ser antirracista**.

33) Tudo dentro da normalidade legal, segundo a Justiça Gaúcha? **Isso legitima o racismo institucional**, onde vidas pretas não tem valor humano! **Vidas negras importam sim!!!** O jovem engenheiro foi morto por ser negro! **Estava uniformizado, em carro caracterizado de uma empresa, portava documentos, e morreu pelo simples fato da cor da pele!** Isso se chama "custo vida", onde a cor da pele determina quem vive e quem morre por exclusão! É a **Necropolítica institucional!** Dura realidade pra nós negros, além do **racismo estrutural, ideológico**

e **institucional** temos que nos proteger da morte precoce! Até quando iremos pagar esse preço, pela cor da pele???? (BBC NEWS BRASIL, grifo nosso, 2020).

Os comentários em narrativas e respectivos argumentos acima referidos apresentam, ainda, tentativas de explicação do racismo através da percepção de historicidades e continuidades como prática social recorrente das polícias. Além disso, por menções de terminologias [antirracista] e conceitos presentes em obras de autores negros [racismo estrutural; Necropolítica⁴⁴], interpretam o caso social de acordo com conhecimentos em/postos em circulação previamente por circuitos afro-referenciados e tantos outros nos fluxos de circulação midiática.

Alguns dos comentários a respeito da BBC News Brasil ainda questionam o porquê de o acontecimento ter sido noticiado tardiamente:

34) Em abril? Pq isso não teve a devida divulgação na época?

35) Houve sim, e não foi pouca;

36) foi pouca sim. Pelo menos por aqui. Floyd foi divulgado, ele não

37) Floyd trouxe revolta. Por isso mais divulgado. Nossa reação mostra o quão estrutural é o nosso racismo, nos indignamos e seguimos em frente. Mas sim, houve notícia. (BBC NEWS BRASIL, 2020).

A ascensão do caso via acionamentos de ator social dos circuitos afro-referenciados, e o reconhecimento das narrativas de familiares e ativistas pela BBC News Brasil, ofertaram diferentes e diversas subtemáticas do racismo. Atores sociais em recepção-produtiva à reportagem da BBC News Brasil perceberam, então, o meio jornalístico não mais como mero mediador do acontecimento, comparativamente às interações em comentários a perfis de jornais do Rio Grande do Sul nas redes sociodigitais, assim como a solidariedade irrestrita a Gustavo Amaral e familiares observada em outros momentos de recepção em comentários a notícias deu lugar a questionamentos sobretudo a respeito da cor da vítima e à existência de racismo.

O aumento exponencial de diferentes interpretações em narrativas sobre o racismo e em torno de quem é e do que é ser negro se materializou também em acelerações das escalas de tempo e espaço. As escalas de tempo, em imaginários sociais de longa periodização evocados em recordações e presentismos, e, na ampliação de saberes relacionados a um aprendizado hereditário do racismo e a aprendizagens de termos-conceitos relacionados ao antirracismo para além dos circuitos interacionais ativistas. As escalas de espaço, pela expressão dessas

⁴⁴ Conceito de Achille Mbembe que, grossíssimo modo, reflete sobre políticas de morte determinadas racialmente.

interpretações em diferentes ambientes midiáticos que excedem as divisas do Rio Grande do Sul e suas mídias.

Em recapitulação, o caso Gustavo Amaral revela quatro limiares principais, que correspondem a momentos relacionados ao modo como Gustavo Amaral foi tornado negro no espaço público ampliado no midiático: o acontecimento em sua primeira vida; o tornar-se negro nas interações intramidiáticas; o tornar-se negro nos espaços públicos da cidade após recuo diante da temporalidade das instituições jurídico-policiais; e, finalmente, a midiatização de diferentes cronotopos pelo acionamento da BBC News Brasil e consequente irradiação de seus efeitos sociais em recepção produtiva. Os espaços de comentários ao portal de notícias se converteram em arenas discursivas onde ocorrem disputas narrativas sobre o racismo, importantes para permanência do acontecimento no espaço público, entretanto, a superação parcial das barreiras do cronotopo idílico sob colonialismos atualizados em práticas das instituições e atores sociais no Rio Grande do Sul após 6 meses da irrupção do caso social dificultou o fluxo adiante do acontecimento na circulação midiática⁴⁵.

5.2 CASO EM PAUTA: DISPUTAS NARRATIVAS ENTRE GLOBO E CIRCUITOS AFRO-REFERENCIADOS

Divido a investigação do caso Em Pauta em seis subseções. Trato principalmente de acionamentos e os decorrentes feedbacks entre atores dos meios do jornalismo e de circuitos afro-referenciados. Os contatos e defasagens entre meios e circuitos se dão em narrativas e disputas por acessos de pessoas e ascendência de temas e referências culturais, sobre o (antir)racismo, aos espaços sociais e midiáticos. As tentativas de acessos e de interdição a esses acessos, bem como as narrativas sobre presenças e ausências de pessoas negras - enquanto temática relacionada ao racismo e ao antirracismo - nos espaços midiáticos e nos espaços sociais em geral evocam práticas situadas em diferentes temporalidades e espaços simbólicos.

Na primeira subseção, intitulada *Breve epílogo: George Floyd e fissura atualizada na dialética senhor-escravo (5.2.1)*, apresento reflexão sobre práticas e acionamentos que antecedem a proliferação de circuitos interacionais que discutiram o acontecimento George

⁴⁵ Ainda em 2020, foi apresentado na Assembleia Legislativo do Rio Grande do Sul Projeto de Lei que recebeu o nome de Lei Gustavo Amaral e Gabriel Marques, sendo o último nome alusivo a jovem morto por policiais no município gaúcho de São Gabriel. De autoria da deputada estadual Luciana Genro, o Projeto de Lei, que previa o uso de câmeras em fardas e viaturas da Polícia Civil e da Brigada Militar, foi rejeitado no Plenário da Assembleia. Em 2023, Luciana e o deputado estadual Matheus Gomes lançaram um novo texto do Projeto de Lei, que até a conclusão desta tese segue em tramitação.

Floyd, o que inclui a realização de painéis do programa *Em Pauta*, da Globo News. Especificamente, em elaboração de uma perspectiva de atualização da dialética do senhor-escravo enquanto brechas construídas por atores individuais e coletivos perante o presentismo, materializada a partir de práticas que configuram cronotopos enquanto dispositivos técnicos, sociais e comunicacionais na ambiência midiaticizada.

Em seguida, as *Primeiras críticas ao Em Pauta em postagens no Twitter (5.2.2)* apresentam fragmentos de edição do debate em programa realizado apenas com jornalistas e articulistas autodeclarados brancos, e, críticas de ator (es) social (is) ao programa e à ausência de profissionais negros na mídia. Ou seja, reflexões acerca das práticas dos atores sociais diante dos espelhos midiáticos e de inputs de circuitos interacionais afro-referenciados, em caso que inicia simultaneamente social, midiático e midiaticizado.

A *Edição do Em Pauta com jornalistas negras (5.2.3)* traz narrativas das e interações intramediáticas entre as profissionais da Rede Globo, em resposta do programa às críticas dos circuitos afro-referenciados. A edição do programa *a priori* estabelece contatos dos meios do jornalismo com circuitos afro-referenciados, havendo negociações de sentidos entre as narrativas do programa e narrativas das profissionais afeitas àqueles e aos coletivos ativistas.

A *Autorreferencialidade do campo jornalístico e recepção-produtiva nos circuitos afro-referenciados (5.2.4)* se dão em relação à edição do *Em Pauta* com jornalistas negras transmitida na Globo News e retransmitida no programa *Globo Repórter*, da TV aberta. A autorreferencialidade do campo jornalístico em repercussão à edição do programa contrasta com as percepções e recordações evocadas por atores sociais dos circuitos afro-referenciados. Nessa direção, observo as interações entre as *Jornalistas e seus circuitos (5.2.5)* no *Twitter*, entre contatos das mesmas com os interlocutores e narrativas que respondem à participação do *casting* na edição do programa.

Por fim, *Novos episódios e tensionamentos (5.2.6)* ocorrem meses depois em edições do *Em Pauta* que abordaram casos de racismo debatidos novamente apenas por jornalistas autodeclarados brancos. A identificação da ausência de debatedores negros, percepções e interpretações por circuitos afro-referenciados se entrecruzam com acontecimentos e narrativas de circuitos interacionais outros atravessados por interdições de acessos de pessoas negras aos espaços sociomidiáticos.

5.2.1 Breve epílogo: George Floyd e a fissura atualizada na dialética senhor-escravo

O assassinato contra George Floyd no dia 25 de maio de 2020, por policiais de Minneapolis, foi gravado pela lente da câmera do telefone celular da jovem Darnella Frazier, então com 17 anos de idade. Darnella passava pela rua quando se deparou com a prisão de Floyd, pegou o celular e filmou o asfixiamento, os pedidos de socorro, a morte e retirada do corpo levado em uma maca para dentro de uma ambulância (BBC, 2020)⁴⁶. À 1h 46 do dia seguinte, 26 de maio, Darnella postou no seu Facebook oficial o vídeo, que durou 10 minutos e 9 segundos⁴⁷, no qual Floyd profere a frase “Não consigo respirar”⁴⁸. O vídeo publicado por Darnella, compartilhado milhares de vezes, contestou declaração oficial da Polícia de Minneapolis, de que Floyd havia morrido em “incidente médico”. Por óbvio, ao contrário do que ocorre na maioria dos casos de racismo dependentes de versões das autoridades policiais para serem investigados, a contranarrativa se ampara na visibilidade do assassinato ampliada em múltiplos circuitos interacionais – no caso Floyd, nos Estados Unidos e em escala planetária –, em manifestações nos espaços das cidades e visibilizações que ascendem das redes para os meios do jornalismo, em relações de complementaridade.

Além de publicar o vídeo, Darnella relatou que ela e outros transeuntes foram ameaçados pelos policiais que agrediram Floyd, o que não a impediu de continuar gravando a cena para posterior denúncia. O contexto da agressão à vítima de racismo, das interações entre agressores e testemunhas e do registro compartilhado de imagens são indícios que remetem a uma atualização do tensionamento para com a dialética senhor-escravo a partir de uma perspectiva comunicacional midiaticizada.

A relação mútua entre senhor e escravo de acordo com a dialética hegeliana trata das relações de propriedade das terras e dos meios de produção pelos escravagistas, e da subsistência, trabalhos forçados e submissão por parte do escravizado. Recapitulando, a contraposição a esta relação, em termos fanonianos e refletidos por Gilroy, se dá, ao contrário, diante da desumanização do negro seguida deste romper com a subjugação em confronto direto com o algoz, valendo-se da linguagem de uma violência emancipatória defrontada com o medo da morte. Em analogia, a atualização da brecha aberta na dialética senhor-escravo se dá pela contraposição ao presentismo da violência colonial através de usos específicos de dispositivos midiáticos ou parte da vítima ou por parte de quem se solidariza, sob forma de denúncia, para com seu sofrimento. Por mais que a violência simbólica não se finde nos ambientes midiáticos,

⁴⁶ Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52849871>>. Acesso em 29 jul. 2020.

⁴⁷ Disponível em: < https://fb.watch/pkMtvMFXS_/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

⁴⁸ A mesma frase foi proferida por Eric Garner, homem negro morto estrangulado por policial em 2014, em Nova York. A frase se tornou palavra de ordem de movimentos ativistas em manifestações contra o racismo principalmente nos Estados Unidos.

esse processo permite que as (contra)narrativas obtenham um alcance mais amplo, em brechas proporcionado por sucessivas disputas e tensionamentos através das práticas sociais e comunicacionais de indivíduos e coletividades nos circuitos afro-referenciados.

Igualmente sem possuir o controle dos meios de produção midiáticos – criados e geradores de lucros financeiros para elites logo-técnicas -, em um primeiro momento os cinegrafistas amadores que registram e compartilham imagens de violência policial contra negros o fazem a partir de usos criativos desses dispositivos, rompendo com o silêncio outrora imposto pelo risco de morte ante a violência do ‘senhor’ colonial e dos agentes policiais racistas no contemporâneo. Sem dúvidas o risco permanece, sendo a assumpção deste um componente central das práticas antirracistas, mas a possibilidade de registrar o ato de violência e levar o acontecimento adiante em um segundo momento, através da força de criação da palavra compartilhada em múltiplos circuitos interacionais, por vezes inibe a violência física contra si e condiciona a solidariedade para com a vítima cuja morte é filmada. A perspectiva comunicacional de rompimento da relação com os agentes policiais ocorre, então, não exatamente pelo confronto físico, mas pelo enfrentamento de visibilizar e denunciar ante ameaças recebidas.

No caso Floyd, quase que instantaneamente midiaticizado, o tensionamento ante a dialética hegeliana do senhor-escravo ocorre em uma dimensão tripla: técnica, comunicacional e social. A dimensão técnica se efetiva nos próprios usos do telefone celular, em de que maneira filmar, em gravar vídeo, fazer upload, compartilhá-lo etc. A dimensão comunicacional, em uma dupla direção, ou seja, de interação agonística presencial e face a face e em posterior acionamento de diversos e diferidos circuitos interacionais e narrativas ulteriores que mantêm ‘viva’ a segunda vida do acontecimento; a dimensão social ocorre a partir de recomendações, na cultura popular, de filmagem de atos de violência policial e do reconhecimento de uma certa estabilidade social da prática comunicacional, mas também por múltiplos e imprevisíveis efeitos no âmbito da circulação. Nesse contexto, outros casos de racismo anteriores à morte de George Floyd foram gravados, compartilhados em sites de redes sociais e geraram protestos nas ruas, a exemplo do caso Eric Garner, em 2014, e de Freddie Gray em Baltimore, em 2015. Logo, mesmo o acontecimento Floyd e a filmagem de Darnella sendo limiares da atualização de práticas e narrativas sociais, estas têm referências também em acontecimentos anteriores presentificados. Do mesmo modo, as recomendações e reconhecimento de usos e apropriações do celular para visibilização do racismo têm lastro em frases como a do ator, diretor e músico

Will Smith quando afirma que “o racismo não está piorando, ele está sendo filmado”, ou na música e videoclipe de *This is America*⁴⁹, canção de Childish Gambino, que tem versos como:

This a celly
That's a tool
On my Kodak (woo, Black)
Isso aí é um celular
Isso aí é uma arma
Gravo tudo com minha Kodak (GAMBINO, 2018, tradução nossa).

A propósito, nos versos acima, a canção e o videoclipe sugerem que os usos sociais do telefone celular basculam entre a distração com o bem material voltado para o entretenimento e a utilização como ferramenta para filmagem de atos de violência. A canção, adotada como referência em protestos antirracistas nos Estados Unidos, possui também traços cronotopicos ao apontar continuidades no modo como pessoas negras são tratadas no país desde a escravização. Para além de recomendações e reconhecimento da importância de usos de dispositivos semio-técnicos-simbólicos, outra dimensão social relacionada ao caso George Floyd, são as coberturas jornalísticas e as recepções ao acontecimento e suas mediações midiáticas.

5.2.2 Primeiras críticas ao Em Pauta em postagens no Twitter

O programa GloboNews Em Pauta transmitido ao vivo na noite do dia 2 de junho de 2020 teve como principal acontecimento e caso debatido as manifestações contra o racismo nos Estados Unidos uma semana após o assassinato de George Floyd. Dentre os profissionais presentes no estúdio do programa, havia o âncora e cinco debatedores aparecendo simultaneamente em um telão, cada um a partir de um local físico diferente. Todos eles jornalistas, à exceção do sociólogo Demétrio Magnoli, convidado do programa para comentários sobre política internacional e colunista autor de livro e textos na mídia a respeito de questões raciais.

O roteiro e edição do programa apresentaram, por atribuição de similaridade temática diante da questão racial em morte de Floyd e manifestações nos Estados Unidos, declarações discriminatórias contra o movimento social e religiões de matriz africana pelo então presidente da Fundação Palmares, Sergio Camargo. Por oposição, Magnoli comparou o que entende como

⁴⁹ Videoclipe oficial da música disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=VYOjWnS4cMY&pp=ygUfY2hpbGRpc2ggZ2FtYmlubyBoaXMgaXMgYW1lcmljYQ%3D%3D>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

uma cultura política estabelecida nos Estados Unidos e a falta de força do movimento negro no Brasil que impediria a ampliação da repercussão de casos de racismo. Embora não dito, o apontamento de uma assimetria entre protesto, e, inércia e fragmentações entre coletivos negros pelo debatedor, é reforçado pela organização temática do programa. Por sua vez, o jornalista Guga Chacra, que também debate política internacional no Em Pauta, enfatizou o que seria um impacto das manifestações antirracistas para as eleições presidenciais nos Estados Unidos.

Amparadas no senso comum, portanto, as narrativas do programa e de seus debatedores tanto deslocaram o campo problemático do acontecimento - do racismo para as eleições -, quanto apelam para dicotomias que simultaneamente essencializam o racismo como um fenômeno a ser resolvido unicamente pelos movimentos sociais negros e ignoram o contexto das lutas antirracistas desses coletivos por reconhecimento social no espaço público ao longo dos últimos séculos. Magnoli e Chacra, a exemplo de todos os outros debatedores, autodeclararam-se e são lidos socialmente como pessoas brancas.

Para além dos processos editoriais e conteúdos veiculados, o Em Pauta recebeu críticas em recepção-produtiva, devido ao debate sobre racismo apenas entre pessoas brancas. Em apropriação a uma contumaz recomendação do programa para que os telespectadores nas redes sociodigitais fotografem imagens da tela e as enviem ao programa, a fim de estabelecer contatos e receber feedbacks dos fãs que nele querem ser vistos, o jornalista Irlan Simões publicou um frame da tela com jornalistas autodeclarados brancos (Figura 13).

Figura 13 - Irlan Simões... Rapaziada, a pauta é racismo



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

Irlan Simões publicou os seguintes tweets em sequência:

- 1) Rapaziada... **A pauta é racismo...**
- 2) Sabe o que é pior?
- 3) Pense rápido: **você não sabe quem poderia estar lá.**
Só complementando porque algumas pessoas não entenderam: trazer convidado é até menos difícil, **me refiro ao quadro de funcionários da casa.** A gente sabe que tem (gente brilhante inclusive), mas que parece que **não pode estar no papel** de “comentarista especialista”. (SIMÕES, 2020, grifo nosso).

Os tweets de Simões criticam as interdições de acesso e a consequente escassez de jornalistas negros em funções de emissão de argumentos e opiniões no telejornalismo da GloboNews e do jornalismo em geral. Este é um contexto que corresponde ao *continuum* de um racismo de exclusão, que configura a esfera pública interposta pelo jornalismo desde a modernidade:

- 4) **Comentador 1:** Djamila, pra começar
- 5) **Irlan Simões:** Ela não é da casa. A casa não tem profissionais negros nos comentários. Lembrei de uma (não quero expor) mas parece que **ela é proibida de subir para o horário nobre.**
- 6) **Comentador 1:** Aaaah ce quis dizer da casa.....
- 7) **Comentador 1:** Silvio Almeida...
- 8) **Irlan Simões:** Também não é da casa. É convidado.
- 9) **Comentador 1:** Ih amigo, aí a gente tá na bosta mesmo mas o que mais me impressiona é não cogitar ter um convidado pra um momento como esse
- 10) **Irlan Simões:** Tem outros, raramente cruzam horário nobre. Lembrei de Heraldo também, mas raramente sai de apresentador pra comentarista.
- 11) **Comentador 1:** A Maju? Ou o Heraldo?
- 12) **Irlan Simões:** Maju, Aline e Heraldo são apresentadores.
- 13) **Comentador 1:** Maju em jornada tripla
- 14) **Irlan Simões:** Apresentadora. Não é comentarista.
- 15) **Comentador 2:** No Studio i tinha opção⁵⁰

⁵⁰ A jornalista Flávia Oliveira apresentava o programa Studio i nas manhãs da GloboNews.

16) **Irlan Simões:** Uma excelente opção. Mas parece que é proibida.

17) **Comentador 3:** Sei sim tem vários intelectuais negros com gabarito pra discutir racismo no Brasil!

18) **Irlan Simões:** Falo no quadro de funcionários da Globo. Não tem “comentarista especialista” negro.
(Até tem, mas não entra no horário nobre)

19) **Comentador 3:** Você está certo

A escassez ou ausência de profissionais negros que sejam comentaristas nos meios do jornalismo, a exemplo da edição do Em Pauta, possui uma dimensão ontológica, epistemológica e ética. A interdição de acessos mantém a invisibilidade dos corpos negros nos espaços de debate, o conseqüente epistemicídio ao impedir a ascensão de intuições, percepções e interpretações de especialistas e/ou jornalistas baseadas em conhecimentos afro-referenciados sobre manifestações das culturas negras e sobre o racismo. Além disso, a invisibilidade temática e os deslocamentos, silêncios e distorções em interpretações diante dos acontecimentos racializados se contrapõem a valores de universalismo no jornalismo.

As percepções e interpretações de Simões publicadas nos tweets consistem em *inputs* do próprio circuito interacional dele, composto por seguidores de suas postagens, mas principalmente de outros circuitos interacionais, afro-referenciados. A celeridade do acionamento de circuitos afro-referenciados por um único ator social, com a postagem publicada durante o programa ao vivo, e as conversações que se seguiram deste com seus seguidores originaram narrativas sobre a relação entre os meios do jornalismo, seus agentes, o negro e o racismo:

20) Todos me incomodam, mas existe um em especial. Adivinhem quem é. Vou dar uma pista: inflamado **opositor às ações afirmativas p/ negros nas universidades públicas**. Argumento central: iríamos introduzir o ódio racial e dividir o país. Já adivinhou?

21) **Demétrio Magnoli**, como tantos outros brancos, me faz questionar como alguém tão notoriamente incompetente consegue ser pago pra fazer comentários sobre tudo.

22) Mas, nós não somos racistas, disse um **diretor de jornalismo** de uma certa **Globo**. Um tal de **Ali kamel**.

23) PELO MENOS não tem o William Waack

24) Mas tem o Demetrio Magnoli que se não é pior é igual

25)

Figura 14 - Crítica a Ali Kamel e Globo



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

26) O terceiro, da esquerda para a direita, era fervorosamente contra a implementação do sistema de cotas raciais. Acredito que todos conhecem. É **professor da UnB e dizia que alunos cotistas eram incapazes. Vigie.**

27) **Demetrio Magnoli**

28) A **falta da democratização da comunicação**. Essa questão hemergente do racismo e da pobreza, da injustiça social, das desigualdades econômicas. São brancos com privilégio, mais nada. Nem intelectuais brancos são

29) Ontem eles **compararam os Antifa a Klux Klux Klan**. É um aberração isso

30) Ridículos à tarde chamaram o Silvio de Almeida e nem deixaram ele concluir o pensamento!

31) Um monte de gente branca reunida, a pauta não poderia ser outra mesmo.

32) **Eles “sacam”** muito to assunto... neh??!!

33) A Globo não tem vergonha. **Ei Globo, como fazer um debate sobre racismo sem nenhum Negro na bancada?** Fala sério..

34) Se eles queriam falar sobre racismo... Conseguiram! **Este é o quadro no Brasil, branco debatendo sobre racismo**. Que país fodido da desgraça, bicho (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As narrativas dos circuitos afro-referenciados em resposta ao tweet de Irlan Simões, de autoria de espectadores e/ou ativistas a respeito do racismo, referem-se à atribuição de temas, atores sociais, causas, espaços e tempos em comum. A discussão dos acessos de sujeitos e temáticas às mídias se imbrica com a discussão dos acessos ao ensino superior pela população negra no Brasil via Lei de Cotas, sancionada em 2012. Os circuitos interacionais identificam a Globo, Magnoli e Kamel como figuras centrais dos dois debates e que opinam contra os acessos de pessoas negras a espaços sociais de intelectualidade justamente pela recusa das condições

sociais e históricas do racismo no país. Fazem-no, os atores sociais dos circuitos, sob forma de denúncia e presentificações de memórias da última década que expressam continuidades nas práticas de denegação e manutenção do racismo. Não por acaso, as percepções de articulações entre advocacy político e midiático nas redes sociodigitais são recorrentes nas críticas dos atores dos circuitos em recepção produtiva ao Em Pauta, vindos de coletivos e circuitos universitários, ativistas e midiáticos – incluindo-se Irlan Simões, jornalista e acadêmico -, comentadores que se declaram como ingressos de cotas raciais em universidades públicas e profissionais comunicadores, em posição de letramento racial que se evidencia ao longo do caso.

5.2.3 Edição do Em Pauta com jornalistas negras

A edição seguinte do GloboNews Em Pauta, no dia 3 de junho de 2020, iniciou com o tweet de Irlan Simões exibido na tela, resultando em interpenetração de narrativas entre meio do jornalismo e circuitos afro-referenciados. *A priori* em reconhecimento à crítica social de Simões, o programa iniciou com a seguinte resposta do âncora, Marcelo Cosme, enquanto porta-voz da instituição midiática:

35) A Globo tem a **diversidade como um valor** e se orgulha dos profissionais negros que tem em frente às câmeras e por trás delas, profissionais de altíssimo nível que comandam, alguns, a **apresentação de telejornais** na Globo News e na TV Globo. A Globo busca e continuará buscando ampliar essa diversidade, mas por **razões históricas e estruturais de nossa sociedade** também na Globo os colegas negros não são ainda tantos quanto desejamos. **Quem divulgou a foto estava certo** na crítica e a Globo News decidiu então **reunir os nossos colegas** para discutir o racismo no Brasil e no mundo. (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

A resposta da emissora, já na edição seguinte do programa, dá-se em diferentes níveis e tentativas de contato com a instância de recepção: a) em reprodução ao *tweet* de Irlan Simões quanto à ausência de debatedores negros; b) por se manifestar discursivamente a favor de maior presença de profissionais negros na emissora; c) reunir jornalistas negros para debater o racismo; d) e, ainda, a visibilização de jornalistas, e suas narrativas, que integram coletivos e circuitos afro-referenciados nas redes sociodigitais, ou seja, que transitam nos dois ambientes – meios do jornalismo e circuitos. Dois dias depois, o conteúdo do Em Pauta foi retransmitido em TV aberta, no programa Globo Repórter, da Rede Globo, transformando a presença de jornalistas negras em acontecimento midiático. A âncora do programa, Sandra Annenberg, introduziu o debate com a seguinte justificativa, seguida da repetição das palavras de Marcelo Cosme:

36) [...] E por que o debate foi feito? Porque na noite anterior, terça-feira, as manifestações que tomavam as ruas de dezenas de cidades americanas acabaram se impondo como **notícia mais importante e mais urgente do que a pauta que estava prevista**. Como sempre acontece no programa Em Pauta, os jornalistas escalados para aquela noite eram **profissionais do mais alto gabarito**, só que todos eram **brancos**. É uma foto dos nossos colegas que viralizou nas redes sociais com uma frase "Rapaziada, a pauta é o racismo [...]" (GLOBO REPÓRTER, 2020, grifo nosso).

As declarações de Sandra Annenberg e de Marcelo Cosme, nas aberturas das edições do Globo Repórter e do GloboNews Em Pauta respectivamente, manifestam um posicionamento editorial da Rede Globo em resposta à ampliação das críticas sociais nos circuitos afro-referenciados ["viralizou"], no qual se exime da responsabilidade para com a manutenção do racismo ["diversidade como um valor"] ao defender seus debatedores, atribuindo como causas para a escassez de profissionais negros "razões históricas e estruturais da nossa sociedade" (ibidem). Nisso, tanto identifica a continuidade de um racismo histórico que se atualiza no contemporâneo, quanto expropria o termo-conceito 'racismo estrutural', recorrente nos circuitos afro-referenciados convertido como ferramenta de senso comum importante para a identificação do racismo para além do episódico, para considerá-lo como empecilho irreversível ou de lenta superação. Portanto, uma expropriação com potencial de proteger instituições e atores sociais via desmobilização de coletividades negras. Tais narrativas em resposta aos circuitos afro-referenciados são publicadas de maneira célere – no dia seguinte ao primeiro programa -, havendo uma inversão das práticas recorrentes dos meios do jornalismo diante de acontecimentos racializados: ao invés de silenciar, invisibilizar ou acompanhar a temporalidade das investigações de instituições jurídico-policiais, adota a celeridade e a autorreferência como táticas para manter ou promover contatos junto à recepção-produtiva dos coletivos e circuitos afro-referenciados.

Como parte da narrativa do programa de debate, a organização de sua edição apresentou painel somente com jornalistas negras, evitando, assim, agonísticas intramidiáticas com outros integrantes do programa, não-negros. Fizeram parte do debate as apresentadoras Aline Midlej e Maria Júlia Coutinho, as repórteres Lillian Ribeiro e Zileide Silva, e a comentarista Flávia Oliveira, sendo Heraldo Pereira o âncora (Figura 15).

Figura 15 - Edição do GloboNews Em Pauta com jornalistas negros



FONTE: reprodução GloboNews, 2020.

Em comparação ao formato do Em Pauta que privilegia relatos prosaicos do cotidiano dos debatedores, o âncora perguntou a cada uma, no começo e no fim da edição, acerca das experiências com o racismo e de como ascenderam profissionalmente diante das discriminações. A persistência roteirizada do deslocamento da posição de emissão de opinião para a posição de testemunha reproduz uma imagem de controle, reservada a mulheres negras, de suposição de irracionalidade e consequente falta de competência para a argumentação - especificamente, no caso midiático em questão, para interpretação dos acontecimentos mediados pelo Em Pauta (ver 4.3).

Ao contrário do que é percebido em trabalhos acadêmicos de outros autores (ver 2.4), as jornalistas subvertem as tentativas de imposição de imagens de controle, com as narrativas de experiências pessoais que emergiram do âmbito privado ao público somando-se a análises nas quais percebem continuidades, atualizações e modificações diante dos modos de mediação jornalísticas sobre casos de racismo, trazendo ao espaço público, portanto, seus respectivos saberes sobre o fenômeno na instância privada e no midiático. Assim, as apresentadoras reafirmam a ocupação de um espaço de expressão de argumentos críticos. Suas narrativas, a título de ilustração, abordam os seguintes aspectos sobre permanências e atualizações do (antir)racismo em relação às coberturas jornalísticas:

- a. Tipos de manifestação do racismo para além da discursividade;
- b. Acessos a espaços sociais e aos meios do jornalismo;
- c. Acionamentos midiáticos e narrativas jornalísticas;
- d. Continuidades e acontecimentos progressos - condições históricas do racismo e acontecimentos jornalísticos;
- e. O ancestral nas narrativas.

O âncora do Em Pauta, Heraldo Pereira, perguntou às colegas jornalistas quais eram as experiências das mesmas perante o racismo. As respostas mencionaram xingamentos, exclusões e olhares hostis recebidos em diferentes espaços – das redações de jornalismo, clubes sociais, condomínio e em reportagens na rua - e períodos da vida, da infância à vida adulta. Os relatos dão conta de experiências com o racismo através de exclusões e interações não discursivizadas, por gestos e olhares, expressões da discriminação racial atualizadas nas interações sociais e que geralmente não são reconhecidas pelos meios do jornalismo em reportagens:

37) **Lilian Ribeiro:** Heraldo, boa noite. Boa noite, queridas e tão admiradas colegas. É uma honra estar aqui nesse Em Pauta no dia de hoje. Acho que a imagem do racismo no Brasil para mim está no olhar. Está no olhar de quem não tem nojo em nos ver ou no olhar de quem nos vê em determinados lugares. Então a Zileide falou da experiência dela, eu tenho uma tática já, que é sempre chegar de um microfone em punho para ninguém ter dúvida de que naquela situação eu sou a repórter, eu sou jornalista. Sento aqui para te entrevistar, para discutir temas relevantes com você e sou também uma mulher negra. Então **esse olhar que nos acompanha**, que muitas vezes nos acompanha dentro das lojas, também esse olhar para mim, **a marca do racismo à brasileira**.

38) **Flávia Oliveira:** E é isso, Heraldo. Você tem toda razão. Há uma diferença primordial em termos de escala, né, é, e quem já teve oportunidade de visitar os Estados Unidos se espanta com essa diferença, **como os negros são mais visíveis na sociedade americana**.

39) **Maju Coutinho:** [...] e aí eu lembrei, eu não sei, se não me engano, eu quero até que a Flávia me ajude aqui, se é o **Kabengele Munanga** que disse isso, o professor, que ele disse que o **sistema racista, ele consegue se atualizar, se modificar em torno, de que precisa ficar atento aí, isso porque cria novas formas**. (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

As percepções das jornalistas sobre o racismo superam as fronteiras da identificação da ofensa discursivizada, indicando a existência de fenômenos e processos mais complexos, como por exemplo, o de adaptação à atualização constante do racismo e sua manifestação em ausência ou escassez de acessos, temas-problemas que não costumam ser mediados nas coberturas jornalísticas. As jornalistas estabelecem, então, contranarrativas que possibilitam outros registros para a compreensão e combate ao racismo que não as gramáticas que se restringem à denúncia condicionada por injúrias raciais.

Os acessos a espaços sociais e aos meios do jornalismo também foram discutidos a partir de experiências e interpretações das jornalistas. Percebem, nisso, relações entre os acessos à educação de ensino superior, possibilitada pelas lutas de coletivos e atores sociais ativistas, e ao mercado de trabalho, contudo insuficientes para contrapor a indiferença para com as pessoas negras em diferentes espaços e a recusa de suas estéticas nas mídias, manifestadas nas interações e que se opõem a suas visibilidades no espaço público:

40) **Flávia Oliveira:** É um compromisso tão primordial e é com a educação e não é à toa que o **movimento negro e entidades culturais e personalidades negras sempre se comprometem e cobram muito investimentos em educação**, apoiam muito investimentos em formação, em educação e qualificação profissional. A última safra foram as cotas de **acesso à universidade pública**, no entanto as empresas, o setor privado, mas também o governo, subaproveitam esse potencial, uma geração ou gerações principalmente agora né, de jovens negros muito bem formados porque têm letramento formal, esse que os é exigido pela sociedade moderna, mais um **letramento também de experiência com território de redes de solidariedade de relações comunitárias de arranjos colaborativo**. Isso seria absolutamente fundamental e rentável se incorporado à rotina empresarial.

41) **Flávia Oliveira:** E a nossa mudança aqui também é essa, a gente tem que sentir o desconforto do nosso conforto, o desconforto pelo conforto que a nossa cor branca, no caso de quem não é negro, sente um conforto que deve incomodar, de olhar para os seus privilégios, **olhar para eles e se perguntar onde é que estão os negros na sua cidade, onde é que estão os negros no seu trabalho** e o que eles fazem, como você observa a **Djamila Ribeiro**, que hoje, para mim, é quem mais fala bem de racismo, assim, dessa nova geração, ela fez um artigo recentemente na **Folha de São Paulo** falando sobre a tia do cafezinho, que para mim é genial. Porque é exatamente do que se trata, de um processo de desumanização pelo qual muitos negros passam muitas vezes um processo que precede exatamente a violência máxima que é um tiro, como foi o caso do menino João Pedro. Essas pessoas, em muitas situações, são desumanizados e **a gente tem que humanizá-los. O papel na imprensa hoje é lembrar às pessoas disso, que todas as vidas importam mesmo**.

42) **Aline Midlej:** Eu passei e trazendo um pouco para trajetória jornalística é quando eu fiz a transição da produção nos bastidores para o vídeo e eu virei repórter, eu era muito boa produtora e isso tinha 22 anos [...]. Mas o meu chefe na época dessa empresa, dessa emissora, me disse "Aline, eu **só acho que a gente precisa mudar algumas coisinhas**, eu falei "Em que sentido isso?". "Não, assim, umas coisinhas. Porque você sabe, você é bonita, você tem presença, sua voz é boa, **mas, sabe, assim, o cabelo eu não sei, sabe, eu acho que não vai, não vai, não vai ser bem assimilado isso**. Eu acho melhor...", Aí, eu falei para ele "Então não é que que eu vou começar, aí depois eu acabei começando no outro lugar e a vida dá voltas né.

43) **Zileide Silva:** Eu tenho uma experiência já repórter, repórter da Cultura, de São Paulo, e eu fui até a FIESP, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, você conhece muito bem Heraldo, a Maju também, para entrevistar o presidente e eu estava com o cinegrafista branco, o Ricardo Afner, um cinegrafista loiro de olhos azuis a enfim eu entrei e a secretária não se dirigiu a mim, ela só conversou com o cinegrafista, com o Ricardo, e aí de repente a porta abriu e saiu o presidente da FIESP. Veio, me deu um abraço: "Zileide, que ótimo você aqui, tal", eu só olhei para a cara dela, ela completamente constrangida. O que eu fiz, Heraldo? Eu levantei o nariz porque não dá para aceitar esse tipo de situação, em nenhum momento. E eu falo isso porque eu quero que colegas negras e colegas negros como eu saibam que não dá jamais para baixar a cabeça em nenhum momento e em nenhuma hipótese, mas eu nunca esqueci esse momento, Heraldo (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

Os testemunhos e interpretações das jornalistas quanto à discriminação sofrida no exercício profissional e o papel social da imprensa perante o racismo abordam tanto recordações de suas experiências como a responsabilização do jornalismo em se contrapor à desumanização de pessoas negras. A menção à escritora Djamila Ribeiro e à coluna escrita para o jornal Folha de S. Paulo é indício do enaltecimento da presença de articulistas negros que teriam

sensibilidade para tal. As críticas sociais e advertências às instituições e ao jornalismo se estendem a interpretações das jornalistas quanto a antagonismos nos processos de circulação midiática dos casos de racismo - especificamente entre as filmagens de violência policial e reportagens publicadas nos meios do jornalismo:

44) **Aline Midlej:** Mais um exemplo que vem dos Estados Unidos, aquela mulher que decidiu gravar aquela cena do George Floyd e se ela não fosse gravada, como tantas outras não são, então contra os silêncios e a favor do sentir.

45) **Aline Midlej:** Heraldo, você falou de cenas marcantes, acho que a gente não pode deixar de lembrar uma cena aqui para mim marcante no dia hoje, que foi a filha do George Floyd, eu acho que de 6 anos, na rua, no colo de alguém, e ela falou assim: "meu pai mudou o mundo". Acho que foi isso né, e **realmente o pai dela deu uma chacoalhada grande nesse planeta aqui**. Eu achei essa cena também muito emocionante hoje, Flávia, Heraldo, duas imagens, as três imagens, mas eu lembro muito bem da filha do Floyd. Mas esse **flash mob** né, essa linguagem da capacidade dessa geração de jovens né mundo afora, de **produzirem imagens marcantes dando um recado muito nítido sem precisar emitir uma palavra**, eu acho que é o grande símbolo desse momento.

46) **Lilian Ribeiro:** Heraldo, a partir também do que disse a Aline, do que trouxe a Flávia, né, a gente está falando de uma **luta imagética dessas imagens** e uma luta de narrativa. Então na medida em que há vandalismo, **atos de depredação**, há uma tendência de que **esse passe a ser o foco da cobertura e da narrativa sobre os protestos**. Então como bem diz Aline, **essa é uma armadilha**, então é preciso que o movimento seja muito atento a isso para não cair nessa armadilha e que a morte de George Floyd continue sendo o centro de tudo isso e o que esta morte representa. Eu acho que a adesão da juventude branca americana, da juventude latina, tem também muito a ver com a **questão da imagem do George Floyd**, que morreu diante dos nossos olhos, diante dos **olhos do mundo**. Então ele foi e por minutos por um policial branco com outros policiais assistindo à cena e nada fazendo e isso é, não há como negar né, a imagem da morte de George Floyd é inegável. Então ela **prescinde de laudo da perícia, de nota oficial, do departamento de polícia, de artifícios que poderiam ser manipulados para dizer que alguma coisa aconteceu que não uma abordagem totalmente inadequada**, fora do protocolo que levou a morte de um homem negro. Então essa imagem faz com que a juventude, especialmente a juventude, mas a população como um todo e claro, mas a juventude é essa que tá nas ruas nos Estados Unidos, a juventude branca, a juventude latina, ela **não tem como negar**, ela viu o que aconteceu e ela viu e é por isso que as pessoas estão se manifestando. Então, eu acho, é a questão da imagem, ela é muito forte.

48) **Zileide Silva:** eu quero lembrar um caso que aconteceu aqui em Brasília, um cidadão negro sendo agredido por dois policiais brancos e um rapaz também negro fez essa imagem, uma importante essa questão da imagem [...] Aí esse rapaz negro foi questionado porque ele não tentou ajudar esse cidadão que era agredido e a resposta dele é muito forte e como é importante tentar furar esse bloqueio, ele me respondeu "**porque eu também sou negro e porque eu também fiquei com medo de ser agredido, como estava acontecendo com outros cidadãos**."

49) **Maju Coutinho:** A Lílian falou sobre a imagem né sobre a gravação e lembrei uma frase que eu não sei se foi o Smith que falou é que os **casos de racismo** agora né, que acontecem mais, **é que eles estão sendo gravados**. Isso é mostrado pro mundo inteiro como foi o caso do George Floyd. (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

A filmagem do caso George Floyd por Darnella Frazier, o alcance do acontecimento midiático e das imagens produzidas por manifestantes em escala planetária contrastam com os indícios produzidos pelo sistema jurídico-policial. Além disso, o relato sobre o jovem negro que interrompeu filmagem de agressão policial em Brasília referencia o uso de violência nas interações para impedimento de denúncias e, por conseguinte, da circulação midiática das mesmas, remetendo à reflexão sobre a manutenção e as disputas e tensionamentos perante a dialética senhor-escravo na ambiência midiática (vide 5.2.1). De acordo com a interpretação de Lilian Ribeiro, a ampliação da visibilidade da violência policial se interpõe à dependência dos testemunhos dos agentes e publicação de notas oficiais – estes geralmente sendo os indícios mediados nas reportagens jornalísticas. Além disso, a percepção de uma disputa ‘narrativa’ e ‘imagética’ condiz com as disputas de uma segunda vida do acontecimento, entre imagens com status de verdade que evidenciam a brutalidade do racismo em cada caso midiático e os deslocamentos de sentidos [atribuição de vandalismo em detrimento do campo problemático do racismo] que se contrapõem às mobilizações dos coletivos em protesto, tal qual ocorreu na cobertura jornalística da emissora e do programa GloboNews Em Pauta na edição do dia anterior – ou seja, em crítica às narrativas endossadas por outros debatedores do programa.

Somam-se à interpretação do acontecimento George Floyd, recordações e comparações a outros casos midiáticos e midiáticos de mortes de pessoas negras nos Estados Unidos e no Brasil, e, a acontecimentos que remetem a condições sociais e históricas do racismo levando em consideração semelhanças e singularidades entre as realidades experienciadas pelas populações negras nos dois países, decorrentes da violência colonial e das culturas transnacionais entrelaçadas em diáspora. De características cronotópicas, as percepções de racismo de longa duração nos dois espaços territoriais são evocadas nas narrativas das debatedoras em explicações que relacionam causas e efeitos sociais – em permanências e contraposições para com práticas de reprodução do racismo. São argumentos que evocam, então, imaginários sociais tanto em referência a recordações da cultura e da luta política na esfera pública negra no contexto brasileiro, quanto a denúncia de imaginário social que reconhece a existência do (antir)racismo confinada ao contexto estadunidense:

50) **Flávia Oliveira:** A violência policial flagrante lá que virou, tem sido alvo de muitas manifestações **ao longo das últimas décadas**, né, mas eu preciso lembrar que enquanto nos **Estados Unidos** a polícia no ano passado matou cerca de 1.100 pessoas precisamente, 1099, apenas no **Rio de Janeiro**, no ano de 2019, a polícia matou 1.814 pessoas, um recorde histórico, o maior número desde 1991, início da série do Instituto de Segurança Pública. E que aqui, em plena pandemia de Covid-19, o Rio de Janeiro também tem experimentado [...].

51) **Flávia Oliveira:** É uma mudança de cultura, de patamar, de parâmetro, é muito profundo. Barack Obama sem dúvida alguma, com a Michelle, com tudo que eles representam até hoje, isso tá posto, tá colocado, os Estados Unidos **nunca mais serão os mesmos depois dessa experiência.** E a prova disto é que talvez também seja exatamente que a gente tava e **as maiores manifestações desde os anos 60, em que os movimentos civis que levaram o doutor King na época,** quer dizer, eu acho que isso tá posto já, as mudanças não vão de fato acontecer de uma hora para outra, inclusive aqui também não, mas as oportunidades estão aí.

52) **Aline Midlej:** A gente tem que cada vez mais olhar para os nossos **João Pedro, para as nossas Agatas, isso se faz fundamental a gente encarar esse tema aqui,** porque parece que quando o agente fala dos Estados Unidos, a gente encara de uma maneira às vezes mais proativa e quando é a questão brasileira, a violência policial brasileira, que isso termina na maioria das vezes negros a gente um pouco que se esconde. Então acho que é hora de abrir essa janela mesmo e a gente escancarar essa violência que também ocorre aqui e é muito grave (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

53) **Flávia Oliveira em resposta a Lillian Ribeiro:** Esse debate que a gente chama de colorismo que essas diferenças essas nuances de **discriminação de inclusão ou de exclusão de acordo com a gradação da cor da pele e essa mestiçagem, que essa foi uma ideologia aplicada no Brasil com o objetivo de embranquecer a população na virada do século 21,** o país sonhado pelos racistas supremacistas que nos moldaram, os que nos comandaram e voltaram a nos comandar agora nesse **nessa virada de 2019** para cá, era ancorada no ideal de **embranquecer essa nação.** Por isso o Brasil tem mais de uma centena de denominações para tons de pele, justamente numa tentativa de fugir da negritude. A novidade é que a partir do final dos anos vinte e com ainda muita força nesse primeiro, nessas primeiras décadas do século 21, o aumento é da autodeclaração como preto e pardo, sobretudo como preto né, é uma identificação maior com a negritude, com as raízes africanas, com a contribuição à **participação fundamental que os descendentes de africanos e os africanos escravizados tiveram na formação desse país em todos os níveis.** E não apenas no futebol ou na música ou no samba, sobretudo nisso, nessa nossa arte, arte que apresenta o Brasil ao mundo é uma arte negra. **Mas nós tivemos contribuições fundamentais na luta por liberdade na ciência, na engenharia, na literatura, grandes dos nossos nomes, Machado de Assis, o primeiro deles, são autores da literatura brasileira, são autores negros que tiveram a pele invisibilizada em razão do racismo brasileiro [...]**

54) **Flávia Oliveira:** Seis anos atrás, 2014, logo após aos assassinatos de Eric Garner e Michael Brown que ele citou como sendo o ponto de partida de um chamamento, de uma comissão para analisar violência policial, destaco essa ênfase do Obama e fazendo aí uma analogia ou o antagonismo flagrante ao presidente Donald Trump, que assinou a essa juventude com **ato de insurreição de 1807,** que é pôr um exército nas ruas para combater essa juventude que hoje ocupa e se manifesta, e lembrar que a última vez do ato de insurreição foi utilizado foi **1992,** em Los Angeles, em razão do **espancamento de Rodney King por policiais,** também então veja a diferença de um líder que procura ouvir o seu povo e o seu povo é se manifestando na sua diversidade que é uma riqueza e um líder autoritário e violento que quer responder com a força da lei ao tão vibrante, ativo tão valioso para os Estados Unidos quanto para o Brasil.

55) **Aline Midlej:** Heraldo, a gente vendo a imagem, até se der para a gente recolocá-la, mas recuperando essa ideia de ir fazendo alguns paralelos e algumas analogias, acho muito simbólico a gente falar sobre marcha, sobre pontes, quando eu vi aquela imagem agora linda das pessoas deitadas sobre a ponte em Portland, **me lembrei imediatamente** conectando isso com Barack Obama. Também a partir dessa fala dele, desse discurso dele, que a gente exibiu agora há pouco, me lembrei muito da marcha sobre a ponte de Selma, essa cidade do Alabama. É uma marcha histórica feita lá atrás liderada pelo Doutor King, gosto muito de chamar ele assim, uma marcha que simbolizava ali um passo importantíssimo, fundamental na luta pelo direito, serviço,

no caso direito ao voto, e o **Barack Obama repete o caminho de Martin Luther King em 2015**. (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

Os testemunhos a partir das vidas pessoais das debatedoras recordaram os esforços dos familiares de cada uma para que tivessem oportunidades de mobilidade social. Debateram também sobre o medo e a superação deste diante do racismo, e de como a lembrança de práticas dos ancestrais contribui para a adoção de estratégias e táticas para seu enfrentamento:

56) **Maju Coutinho**: Isso é cruel, você pensar nisso né, do medo como a Aline, minha colega do Rio falou, da abordagem policial, de começar, **a criança tem que ser criada cheia de cuidados**. Então, olha, se a polícia chegar já sim, aah, já assado, isso é uma de uma crueldade que as pessoas têm que aprender, têm que refletir junto com a gente porque não é normal isso. **Não é normal uma mulher que pensa em ser mãe, ter medo de ser mãe, por causa da cor da pele do filho e isso acontece**. Eu já conversei com amigas que tiveram esse medo.

57) **Flávia Oliveira**: Um minuto mais, Heraldo, para comentar esse comentário da Maju sobre a questão da maternidade né das mulheres negras, é a pura verdade. há muitas jovens negras questionando a decisão de ser mães em razão desse ambiente de violência e do racismo, mas eu queria lembrar que nós somos também produtos de úteros e **de linhagens de mulheres negras** que acreditaram na perpetuação e na nossa existência.

58) **Flávia Oliveira**: Quando você perguntou quais foram as estratégias, toda vez que eu penso nisso, nessa experiência da **mobilidade social que nós todos, nós seis aqui nessa tela hoje** vivemos, eu penso no compromisso né dos nossos **familiares, ancestrais, antepassados**, com a educação né. O nosso povo foi trazido a esse território originalmente indígena e nos foi tirado o nome, língua, religião, ou nos foi tentado tirar, e nós aprendemos, acho que essa esse é um compromisso do **povo negro**, ‘vou aprender a ler para **ensinar** meus camaradas em todos os sentidos e **aprender** em todos os sentidos’.

59) **Zileide Silva**: Exato, Heraldo. Incrível, ouvindo Aline, ouvindo a Flávia, como **as histórias se repetem**, como temos **espelhos** nas nossas frentes. (EM PAUTA, 2020, grifo nosso).

A realização da edição do GloboNews Em Pauta apenas com jornalistas negras e a retransmissão no programa Globo Repórter ocorreram como tática para responder as críticas sociais dos circuitos afro-referenciados no Twitter em recepção produtiva. Trata-se de uma tática porque empreende tentativa célere de contato com as audiências, convidando para o debate os poucos jornalistas negros que trabalham na emissora, a maioria sem ocupar postos de opinião nos meios do jornalismo até então. Assim, paradoxalmente autorreferenciando-se como antirracista, enquanto editorialmente responsabilizou as estruturas sociais do racismo pela imobilidade social de pessoas negras que se estenderia ao quadro de profissionais da emissora.

A tentativa de transformação da presença das jornalistas negras e seus testemunhos pessoais em acontecimento hierarquicamente mais importante do que as manifestações

antirracistas nas ruas de cidades estadunidenses entrecruza as temporalidades de presenteísmo e de presentismo. A primeira, afeita ao jornalismo, e, a última, pela atualização da prática de expropriação de conhecimentos afro-referenciados para fins de proteção da emissora e aos próprios articulistas da edição anterior do programa contra críticas. A subversão das jornalistas diante das tentativas de imposição do lugar de testemunha geralmente reservado às pessoas negras nos programas jornalísticos consistiu na articulação de recordações de dor com percepções e interpretações dos acontecimentos para além das limitações recorrentes nos meios do jornalismo. Para isso, contextualizaram social e historicamente os acontecimentos, argumentando sobre os papéis exercidos por ancestrais seus e de outrem – através do trabalho e das contribuições culturais de pessoas negras escravizadas e seus descendentes, do movimento social negro, celebridades negras e familiares – para a ampliação dos acessos de pessoas negras à esfera pública capitalista ampliada pelos meios do jornalismo, cujas referências de humanidade predominantes são os ideais ontológicos, epistêmicos e éticos ancorados em imaginários sociais condicionados pelo eurocentrismo. As narrativas e interações intrameio das jornalistas materializam relações próprias dos cronotopos midiáticos nas lutas antirracistas, por abarcarem tanto presentificações de acontecimentos históricos que evidenciam a continuidade do racismo para além da sua discursividade, quanto indícios, percebidos ou não, da ampliação das escalas de tempo – pela velocidade da circulação midiática dos acontecimentos - e de espaços territoriais e simbólicos – dos Estados Unidos ao Brasil, pelos meios do jornalismo e redes sociais digitais - por acionamentos que permitem a circulação midiática dos casos de racismo em escala planetária, rompendo os limites da cobertura jornalística local restrita à reprodução de temporalidades e discursos das instituições sociais que denegam o racismo.

5.2.4 Autorreferencialidade do campo jornalístico e recepção produtiva nos circuitos afro-referenciados

Logo após a realização do GloboNews Em Pauta com a participação de jornalistas negras, sites jornalísticos publicaram textos sobre as críticas recebidas pela emissora, a resposta às críticas e a posterior repercussão no site Twitter. Com isso, o campo jornalístico – composto por veículos, jornalistas e regras ou gramáticas específicas – referenciou duplamente a si próprio, corroborando a lógica de transformação do painel de debates em acontecimento midiático e tematizando a presença de profissionais negros nos meios do jornalismo, contexto do qual os sites jornalísticos referidos também fazem parte. Além de autorreferenciarem-se ao

tematizarem o ‘acontecimento Em Pauta’, importa o conteúdo dessas referências a partir do que dizem sobre as críticas à Globo, o programa transmitido e as interações em redes sociais digitais, ou seja, como exatamente autorreferenciam-se. Textos do Portal F5 da Folha de S. Paulo⁵¹, Notícias da TV Uol⁵², Correio Braziliense⁵³, dentre outros, enfatizaram em seus títulos, com algumas variações, a reação às críticas vindas das redes, a presença de jornalistas negras e o tema racismo: “Globonews mostra, após críticas, **que é possível se reinventar para enfrentar o racismo**” (OBSERVATÓRIO, 2020, grifo nosso); “Após **polêmica**, GloboNews escala profissionais negros para debater racismo no Em Pauta (F5, 2020, grifo nosso); “Após críticas, GloboNews promove jornalistas negros e corrige debate sobre racismo” (UOL, 2020); “Após críticas, GloboNews apresenta jornal apenas **com negros**” (CORREIO, 2020). Nos textos noticiosos, carentes de contextos mais amplos sobre mídias e racismo, foram mencionados os nomes dos jornalistas negros, as críticas recebidas pela emissora antes do programa e os elogios posteriores vindos de atores sociais no Twitter, sendo esta uma característica do processo de interpenetração de sentidos entre o programa e o jornalismo da GloboNews, e, as críticas em narrativas que ascendem das redes sociodigitais. No entanto, a ausência de contextualizações nesses textos quanto às relações entre mídias, racismo, acessos, presenças e ausências de jornalistas negros nos espaços de opinião evita autocríticas em reação às dinâmicas das redes. A seleção de tweets favoráveis à resposta da GloboNews às audiências reforça a autoproteção institucional de cada veículo, estendida ao campo jornalístico. De acordo com o Portal F5,

Nas redes sociais, a atitude da GloboNews **foi elogiada** pelos internautas:

Após críticas vindas do Twitter, por debater racismo com um monte de jornalistas brancos, a **GloboNews se retratou** escalando esse elenco preto maravilhoso no Em Pauta. Emocionada estou!, escreveu uma telespectadora na rede social.

Outro internauta comentou que a edição do Em Pauta desta quarta (3) é **histórica**:

Momento histórico na GloboNews: só profissionais pretos na tela, analisando os protestos antirracistas nos EUA. Uma cena para emoldurar! E para nos lembrar que, sim, um mundo diferente é possível! Só basta a gente lutar.

A #GloboNews não só aceitou as críticas sobre a "falta de noção de só brancos comentarem sobre racismo no #Empauta

⁵¹ Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/06/apos-polemica-globonews-escala-profissionais-negros-para-debater-racismo-no-em-pauta.shtml>>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁵² Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-criticas-do-publico-globonews-escala-jornalistas-negros-para-debate-sobre-racismo-37571>>. Acesso em: 13 out. 2020.

⁵³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/06/03/interna_diversao_arte,860818/apos-criticas-globonews-apresenta-jornal- apenas-com-negros.shtml> . Acesso em: 13 out. 2020.

O que eu gosto na Globo é isso: eles pegam o erro e tentam consertar.

Ponto **positivo para esse painel de mulheres negras** e um **apresentador negro** para debater o racismo. #GloboNews (PORTAL F5, 2020, grifo nosso).

O texto do Portal Uol, publicado na seção Notícias da TV, apresentou comentários publicados no Twitter também com elogios para a realização do programa Em Pauta e principalmente para a emissora. Outros aspectos são as hashtags com os dizeres ‘Vidas negras importam’ e ‘*Black Lives Matter*’, rastros de uma circulação midiática transnacional, por mencionar movimentos e palavras de ordem recorrentes nos Estados Unidos e no Brasil:

A alteração do quadro de jornalistas para o debate sobre o racismo **foi elogiada pelos internautas**. Confira os tuítes com as críticas do público e a reação positiva após a mudança:

A pauta é racismo.

Ontem e hoje!

Por mais q a **Globo erra, e erra muito, nunca vi nenhuma emissora se retratar dessa forma..**

Párabéns.. ainda assim!

#blacklifematters #racismo #racismoinstitucional #BLACK_LIVE_MATTER

Eu precisava disso hoje. Essa semana. #EmPauta

“Não adianta nada ficar reclamando no twitter”

Nem sempre adianta

Raramente adianta

Mas as vezes adianta e é demais! <3

#GloboNews#EmPautapic.twitter.com/MHHeDKIzq3

Fiquei emocionada quando vi esse grupo no #EmPauta hoje.

#VidasNegrasImportam pic.twitter.com/Ako8XC8MCS (PORTAL UOL, 2020, grifo nosso).

Conforme comentários reproduzidos em texto publicado no Correio Braziliense, vindos de jornalistas e outros atores sociais no Twitter, é destacada a realização do debate pela GloboNews em resposta às críticas provenientes das redes. Dentre os conteúdos dos tweets, são recorrentes a menção a uma edição do programa considerada ‘histórica’:

Veja as **reações dos internautas** e de outros jornalistas sobre a atitude da GloboNews:

Emocionada com essa edição **histórica**. Heraldo e cinco mulheres maravilhosas

Que isso se torne mais frequente. **Parabéns à GloboNews!** Não ao racismo.

Depois do público ter chamado a atenção da emissora que trataram a pauta do ‘racismo’ para vários jornalistas brancos, hoje chamaram seis jornalistas negros competentes para comentar sobre o assunto. **Errando e aprendendo** não? O poder da internet...

Edição histórica. Porém, é evidentemente a falta de jornalistas negras(os) na Globo (e Globo News). (CORREIO, 2020, grifo nosso).

Os tweets selecionados para os textos enaltecem o encontro entre os jornalistas, mas principalmente o entendimento de que o programa foi ‘histórico’, assim como as declarações das debatedoras do painel Em Pauta. Essa classificação diz respeito ao ineditismo da presença de seis jornalistas negros em um programa jornalístico de debates em emissora de alcance nacional. Outro sentido possível remete a expectativas de um futuro no qual a presença de profissionais negros à frente de programas de debate, ou seja, de que o Em Pauta tenha sido um limiar de mudanças nas instituições jornalísticas.

A recepção produtiva ao Em Pauta por atores sociais nos circuitos afro-referenciados se dá em relação à edição transmitida na GloboNews e, posteriormente, à edição transmitida na Rede Globo, no programa Globo Repórter. Observando as respostas a e as interações com Irlan Simões, apresentam os primeiros indícios de imaginários sociais e recordações referenciados em narrativas a partir da celebração a narrativas e acionamentos de um único ator social, em detrimento de elogios a práticas da emissora ao realizar o debate com as jornalistas:

60) Agora na @GloboNews, pior do errar é persistir no erro! Parabéns a essa edição que tá maravilhosa. A luta racial não é só do negro, ela é de todos! **#BlackLivesMatter**

61) Pautou o editorial da Globo no @GloboNews Eu vivi pra ver isso! Nasci branca, sou bisneta de negros e neta de vó ‘parda’ (assim na certidão de casamento dela). Obrigada em nome dos **meus antepassados**, da minha **ancestralidade** e membros da minha família, que são negros

62) Parabéns.
Disseram **seu nome e agradeceram** a msg.

63) “Rapaziada.... A pauta é racismo”,
Como a coisa tomou uma proporção muito maior do que o esperado, eu achei bom abrir o @NaBancada_ ontem com algumas observações sobre o que aconteceu no #EmPauta da Globo News. Destaquei o trecho aqui:

64) **Flávia Oliveira @Flaviaol**
Você fez história, rapaz.

65) Vou repetir a frase que mais li aqui:
Você fez história.
Parabéns!

66) Valeu, Tony. **Mas** foram uns 9 mil perfis fortalecendo.

67) Bicho, seu tweet foi parar no **globo repórter**. **Parabéns por expor sua opinião e levar um programa desse pro meu sextou!**

68) Valeu. Mas a **galera que jogou pra cima**.

69) Esse debate, fundido também **junto a @enecos**, é importante e tomou a proporção que deveria! Avante, **companheiros**.

70) Sem dúvida. Salve a **ENECOS!**

71) **MEU DEUS O GLOBO REPÓRTER ESTÁ FALANDO DO TEU TWEET!**

72) Mano vc foi parar **até no globo repórter** c r

73) Acabei de **ver seu tweet no globo repórter** (TWITTER, 2020, grifo nosso).

Alguns indícios de relações cronotópicas no circuito afro-referenciado são as presentificações relacionadas ao ancestro, mesmo evocadas por atores social que se autodeclara como pessoa branca. A maioria das interações com Irlan Simões, incluindo a conversação com a jornalista Flávia Oliveira, elogia a sua crítica à ausência de jornalistas negros e o parabeniza pela ascendência dessas críticas a um programa de televisão considerado como espaço de legitimidade de narrativas pelos circuitos interacionais, pois por mais que a circulação midiática possa ocorrer pelas bordas das mídias hegemônicas, há uma permanência da atribuição de importância dos circuitos ativistas aos meios do jornalismo. Das postagens de Irlan Simões, destacam-se a enunciação de um senso de coletividade em reconhecimento a narrativas, compartilhamentos e consequente visibilidade das críticas de “uns 9 mil perfis fortalecendo” (ibidem) e de um debate sobre acessos às mídias iniciado na Enecos – Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação, logo, oriundo de conversações e possivelmente agonísticas em coletivos e circuitos interacionais universitários prévios a narrativas nos circuitos afro-referenciados nas redes sociodigitais. Há ainda indícios da prestação de solidariedade como condição do acionamento de narrativas que teve como *input* a denúncia ao Em Pauta – conforme vídeo de Irlan Simões disponibilizado em link:

74) Como a coisa tomou uma proporção muito maior do que o esperado, eu achei bom abrir o @NaBancada_ ontem com algumas observações sobre o que aconteceu no #EmPauta da Globo News. Destaquei o trecho aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=CIXE9RfXh0c&t=1s>

Irlan Simões no Podcast Na Bancada: Rapidinho antes da gente começar, porque aconteceu um episódio assim... Muita gente considerou **histórico**, eu também fiquei muito emocionado, quando vi o que tinha acontecido, que foi um dos programas do horário nobre da Globo News, todo mundo sabe que é um dos canais mais assistidos no Brasil, principalmente por pessoas que precisam, de uma certa forma, entrar no debate sobre o racismo. Ontem, numa cobertura sobre racismo, eles colocaram um paredão de comentaristas "especialistas", todos brancos, e aí eu acabei tirando uma foto, joguei numa rede social e isso deu uma bombada, deu uma repercussão exatamente porque era uma contradição absoluta você ter um assunto tão importante como esse e basicamente só ter pessoas brancas comentando sobre aquilo, obviamente pessoas que não tem condições de fazer esse debate de forma qualificada como o

momento exige. Eu só vou fazer uma, eu fiquei muito feliz de ver o que está acontecendo e como eu coloquei antes de entrar no ar, **a gente espera que deixe de ser né um motivo para a gente ficar comemorando e achando algo especial, algo diferente que a gente tem que ficar realmente impressionado que aconteça.** A gente quer que se torne algo muito comum na tv brasileira, a gente tem muitos jornalistas qualificados para fazer **debates não só sobre racismo, sobre tudo.** Mas como acabou bombando muito e assim algumas pessoas acabam me colocando como uma pessoa, sei lá, de alguma forma ser mal entendido como alguém que se posiciona como uma representação do movimento negro ou algo do tipo. É algo que eu sempre tive muito cuidado de tratar e sempre faço essa observação para meus colegas meus amigos, pessoas que porventura acabem me colocando como uma pessoa que pode fazer um debate sobre racismo. **Eu sou filho de negro, eu tenho o maior orgulho das minhas origens, mas eu não sou visto como negro pela polícia.** Então isso já de certa forma é um o critério para que eu não me coloque como alguém que deve ser representativo para essa discussão. Eu sempre referindo outras pessoas que, por favor, falem sobre esse assunto. E isso para mim é o critério mais básico né. Quando estou com amigos negros na rua, e isso já aconteceu inúmeras vezes na minha vida, esse amigo negro tomou um enquadro e eu não tomo. Quando eu vou no estádio, que talvez seja o momento que um cara de classe média como eu mais tem contato com a realidade, que é uma observação que a gente faz aqui no Na Bancada, quando eu tô na fila para entrar no estádio eu vejo uma fila de quatro, cinco jovens negros tomando enquadro absurdo e eu não estou nesse enquadro absurdo. Então se uma vez eu não sou visto pelo opressor ou pelos órgãos de opressão como pessoa negra, eu também não vou me colocar nessa posição de uma pessoa que pode dizer que tem o domínio desse debate. Vocês que acompanham o Na Bancada sabem que a gente sempre traz esse tema aqui, fizemos uma live fantástica, fantástica, com quatro pessoas, **o Luciano Jorge, professor Elton Serra, a jornalista Flávia Oliveira, que estava hoje na bancada do GloboNews Em Pauta, que muito nos alegrou porque naquele dia - Marcelo Carvalho, também importante de falar -** naquele dia nós tivemos uma **aula sobre o que é racismo no Brasil** e como é fundamental que esse debate seja colocado, e mais do que isso, né, se não fossem esses aprendizados que eu tive, não só com eles ali, mas pelas pessoas que passaram na minha vida anteriormente, eu olharia para a tela, veria seis pessoas, sete pessoas brancas discutindo sobre racismo e eu não levantaria o meu celular para tirar uma foto e criticar aquilo na rede social. **Se não fosse o aprendizado do debate racial que tem sido feito no Brasil, intelectuais, jornalistas, até pessoas que não têm tanto a imagem de um intelectual, também têm feito esse bom debate, militantes, ativistas, com certeza seria muito provável que eu olhasse aquilo e achasse totalmente natural, que sete pessoas estivessem posicionados para falar sobre racismo.** Que bom que aconteceu esse baque e isso se deve não só a mim, mas a todas as pessoas que se posicionaram, se colocaram e a gente espera que de fato isso seja um momento de mudança. Foi extremamente emocionante ver cinco mulheres negras extremamente talentosas finalmente tendo a oportunidade de falar sobre racismo na maior rede de televisão do Brasil. A gente quer ver isso todo dia se possível e inclusive saber... Pessoas negras, como **Flávia de Oliveira nos ensinou na live,** podem falar sobre tudo, sobre todos os assuntos possíveis, não só sobre racismo. **E elas precisam ter espaço e cada vez que elas têm esses espaços, aparecem na tela, outras tantas pessoas negras, jovens, se referendam e percebe que eles também têm lugar na sociedade.** Então foi muito bacana tudo isso mas não é ficar comemoramos isso não; a gente tem que continuar com esse nível de crítica, com esse nível de posicionamento (NA BANCADA, 2020, grifo nosso).

Em suas narrativas na abertura do programa Na Bancada, transmitido no YouTube e disponibilizado como podcast, Irlan Simões ressaltou o fenótipo negro como parâmetro da discriminação racial, a ética de não se considerar apto como debatedor da temática e principalmente a necessidade de ouvir e aprender com intelectuais, ativistas e militantes. Das

narrativas de Irlan Simões, depreende-se que as conversações a partir dos conhecimentos e experiências relacionados ao racismo previamente ao Em Pauta e também em um ambiente midiático foram condicionantes da denúncia contra a ausência de debatedores negros no programa e nos meios do jornalismo. Essas interações provêm de contatos estabelecidos em coletivos e circuitos interacionais – da academia, do jornalismo, do futebol e dos ativismos – prévios e condicionantes do acionamento de circuitos afro-referenciados e posteriores narrativas antirracistas. Esses acionamentos e críticas sociais posteriores prescindem da presença de pessoas negras e seus conhecimentos refletidos nos espelhos midiáticos, usos e apropriações dos dispositivos midiáticos, do manuseio da técnica – fotografar, enquadrar imagem, compartilhar etc. -, e às narrativas sobre o (antir)racismo amparadas em aprendizados compartilhados de modo cada vez mais veloz nas interações em diferentes ambientes.

5.2.5 Jornalistas e seus circuitos

As jornalistas negras que debateram as manifestações ocorridas nos Estados Unidos e o racismo no Brasil repercutiram nos respectivos perfis no Twitter a realização do GloboNews Em Pauta e a retransmissão no Globo Repórter, à exceção de Zileide Silva, sem conta no site. A começar pelos circuitos interacionais de Flávia Oliveira [@flaviaol], os atores sociais com os quais interagiu elogiaram mais a jornalista do que a edição do programa, enaltecendo aspectos dos coletivos e circuitos dos quais ela participa, aspectos estes que remontam à positividade dos múltiplos modos de ser negro:

75) Jornalista, Preta, macumbeira, sambista, fruto da escola pública, inteligentíssima...

Não sei vocês mas o que a Flávia é e cada vez que ela abre a boca eu fico mais encantado e inspirado.

Que **preta foda!**

Figura 16 - Flávia Oliveira no vídeo



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

76) **Flávia Oliveira: @flaviaol Obrigada pelo carinho.**

77) Parabéns! Vc é **maravilhosa**

78) **Sensacional!!!!**

79) E **linda** no muuundo

80) **Maravilhosa** demais !

81) **Tu é foda** mesmo, mulher especial.

82) Linda tb! Só de **olhar para ela mostra que é empoderada!**

83) Vc foi **maravilhosa!!!** A cada fala sua eu me arrepiava!

84) Tu é **maravilhosa** demais

85) Cada palavra que você falou foi tão lindo que me emocionei do início ao fim, foi **impactante quando você falou sobre a perpetuação dos negros.**

86) Mil vezes **te parabenizo** por ser **tão incrível**

87) Falou na Globo que é do **candomblé e citou pastor (Henrique Vieira). Achei sensacional. Sou fã** da @flaviaol! (TWITTER, 2020, grifo nosso).

Os comentários a respeito de Flávia Oliveira em seu circuito no Twitter elogiam principalmente a inteligência da jornalista, de encontro com os estereótipos que tentam fixar imagens de incapacidade e irracionalidade a profissionais negros. Além disso, as menções a religiões de matriz africana, em resposta a narrativas da jornalista durante o programa EmPauta e a signos como a roupa branca e objetos na estante de casa visibilizada na transmissão condizem com identificações e contatos dos atores sociais diante da imagem de Flávia, metaforicamente um reflexo com o qual se deparam as audiências nos circuitos afro-referenciados, que passam a ‘se ver’ nas telas de TV e nas redes sociais digitais. De acordo com

outras interações, prevalecem narrativas que recordam a memória de ancestrais, principalmente de mulheres negras, relacionada aos acessos a e permanências em diferentes espaços sociais:

88) Sabemos o que sofre pobre que entra na faculdade pública. Hoje tenho dois filhos, que estudam em escola pública somos **pobres periferia**) e estudam na Unesp (Bauru) outro na Unicamp. E uma das coisas que mais indigna é o **preconceito**. Somos **vencedores assim como vc!!!**
SUCESSO

89) Adorei o “SARAVÁ” no teu móvel...

90) Flávia Oliveira: @flaviaol [em retweet]
Minha vó, mulher preta, colocou a cadeira na frente da TV pra ver essas mulheres pretas incríveis alando sobre racismo. vocês estão **fazendo história!** #GloboRepórter

Figura 17 - Avó assistindo ao Em Pauta



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

91) **Minha mãe fico assim também**, mas tava na rede. Assistiu com atenção, **me falou alguns casos que aconteceram com ela**. Ela adorou ser vocês na TV. (ela disse que você é linda e **disse que minha irmã Bruna vai ser parecida** haha)

92) **Minha mãe tava literalmente gritando como se fosse gol da seleção**. Foi surreal aqui em casa! Ela **sonhava em ser jornalista**, não pode. **Eu sou**.

93) Assisti com as **minhas filhas de 17 e 10 anos, que se abraçaram e choraram** durante o programa. Foi histórico! Importante demais! #GloboReporter

94) **Minha vó também comentou**

95) **Abre caminhos...**

96) Momento importante. Imagina as **tantas memórias de injustiças e de apagamento** q se acumulam.

97) Meu Deus **que dia histórico marcante para TV brasileira**. Racistas não passaram você vão ter que nos engolir

98) Flávia, me emocionei muito com vc falando sobre educação. Em **2016 vc me indicou pro processo seletivo de bolsa do instituto ling após recomendação do Aydano**. Não passei, mas sempre serei grata.

99) **Na sua fala de ontem (sobre o hospital), me vi quando fizemos um cruzeiro pra comemorar bodas de prata e éramos uma das únicas famílias negras do ambiente.** Dava pra sentir os olhares. Mas era nosso lugar ué. Meu \$ era igual ao deles. Tiveram que engolir os negros no navio

100) Não sei qual foi a audiência do GR ontem, mas aqui na Vila da Penha estava até silencioso, sinal que muita gente estava ligada. **E como nossas histórias se parecem! Superação é especialidade das casas pretas.**

101) Amei o programa! Parabéns mulheres negras, guerreiras!

102) Emocionante. **Histórico.**

103) Obrigada por tanto, Flávia! **Minha vó ficou radiante quando contei que você tinha visto a foto** (isso depois de ter me dado uns tapinhas por ter postado foto dela de toca!).

104) @flaviaol **minha mãe** também se emocionou! Aliás, nós todos. Obrigado por este momento mágico! Que isso se torne constante e que a gente continue se inspirando em vocês!

105) **Minha vó assistindo ontem disse que a vó dela, que nasceu escravo, nunca poderia imaginar um negócio desses.**

106) Chorei muito com esse globo repórter.
2020... o ano é 2020,e percebemos q nada mudou...
Só esta sendo mostrado,filmado,compartilhado .
Há 3 anos ,**uma colega de classe da minha filha ,disse pra ela usar chapinha, pq cabelo liso q é bonito.** Todo mundo tem cabelo liso. Ela disse q ela não é todo mundo e q ama os cachos dela .
A colega tinha 6/7 anos

107) A luta contra o racismo deve ser de todos. Os pretos não estão sozinhos e acho que começam a liderar a mudança. Força e fé nessa potência. **Que todos os orixás estejam conosco.**

108) Minha mãe me ligou:

- tá vendo o racismo?

Eu:

- é mãe, **eu vejo o racismo há 32 anos**

Mãe: Kkkkkkk

#GloboReporter

109) Hahahahaha

110) **Flávia Oliveira:** @flaviaol

O nosso povo tem esperança. E ri. É esse o tuíte.

111)_ Obrigada por isso

Obs: minha mãe quando te viu **“Ali, filha, ela ali “**

112) Flávia Oliveira @flaviaol **#VidasNegrasimportam**

113) Maior difícil tirar foto desse anel lindo de [emoji de cobra] que sempre namoro na sua mão Flávia! Anel à parte, você é uma das minhas **jornalistas favoritas** na “grande” imprensa, nunca me desaponta em suas falas. **Mesmo quando seus colegas de bancada não ajudam. Maravilhosa!** (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As referências das comentadoras a filhas, mães e avós que sofreram e sofrem o racismo no cotidiano presentificam memórias que são compartilhadas nas narrativas e interações. As percepções de continuidades [vide comentários 96 e 105], do mesmo modo que o relato de acessos ao ensino superior como táticas antirracistas, somam-se à visibilidade e presença dos corpos negros no espaço público e nos espaços midiáticos. Nisso, os conhecimentos e as identificações de semelhanças das trajetórias de vida que emergem nas narrativas aludem aos contatos, recordações e interações de uma esfera pública negra alternativa simultaneamente cultural e política. Trata-se de elementos estéticos - rostos, sorrisos, roupas, anéis etc. -, culturais - de uma cultura de matriz africana e em movimento nos coletivos e circuitos - e políticos, que reúnem conhecimentos, interpretações e reivindicações por transformações sociais. Com isso, os contatos e narrativas em circuitos afro-referenciados, em breves momentos visibilizados nos meios do jornalismo, presentificam e atualizam práticas antirracistas de uma esfera pública negra alternativa constituída na modernidade, frente a um racismo em *continuum*, logo, também em mutação constante.

Algumas dinâmicas das interações observadas no circuito interacional de Flávia Oliveira⁵⁴ também são recorrentes no de Aline Midlej [@AlineMidlej], Lilian Ribeiro [@eulilianribeiro] e Maria Júlia Coutinho [@majucoutinho]. Sobretudo, os elogios às jornalistas e a classificação da edição do programa como sendo ‘histórica’:

114) **Aline Midlej:** @AlineMidley A luta pela igualdade, entre todxs, vive um capítulo que já entrou para os livros de história. **O desejo de mudança atravessa o oceano das nossas diferenças.** É profundo. Precisa sentir. Começa a doer como se fosse em vc. Texto novo no blog

115) Boa noite, Aline! **Perfeita sua atuação no Globo Repórter. Inteligentes palavras, verdades absolutas. Inteligentes indagações.** Me emocionei, seu posicionamento me dá esperança de que um dia o mundo será melhor.

116) Parabéns pelo seu **brilhante posicionamento.**

117) Aline, **você é um exemplo**, me emocionei com sua emoção no Globo News em pauta. Bjs

118) A **igualdade é fundamental**, pois a nossa **existência é interdependente**. Quem acredita no contrário contribui para o mundo da ruptura, do ódio, da violência, em que **todos perdem**.

119) Aline! Linda, maravilhosa vc!!

⁵⁴ A jornalista Flávia Oliveira é também colunista do jornal O Globo, no qual escreve na editoria de Economia. Em seus textos, costuma articular a pauta econômica com contextos relativos a diferentes grupos e desigualdades sociais, inclusive da população negra. Tanto em interações nas redes sociodigitais quanto em participações em programas de TV, costuma destacar práticas do movimento negro, transitando em diferentes circuitos afro-referenciados. Também por isso, é consultada pelas colegas como referência para temas relacionados à questão negra e diferença e interage com diferentes atores sociais em diversos circuitos interacionais nessas redes.

120) **Vc falou algo no em pauta, q eu pensava que sentia sozinha Aline.** E olha q eu pensava c base na Teoria da Modernidade Complexa e da Soc de Risco. N tem como partir do coletivo, p o individual: a consciência é individual. Por isso + trabalhosa a transformação. É do indiv. P o colet

121) **Achei bacana tb a atitude da GN na fala do “cosmemarcelo q soube pegar a crítica e transformá-la em ação positiva ouvindo o clamor social.** Mostrar q ouviu aquele print foi legal. No entanto, **cabem nos dedos das mãos os apresentadores negros.** E os reportes? Qtos são, onde estão?

122) Por fim, não apenas **o racismo que esse doi posque sou mulher preta tb. E já fui acompanhada por seguranças trocando olhares no marrado porque abria a bolsa para pegar o Cel.** Como a @eulilianribeiro colocou eu tb tenho minhas defesas. Já abro a bolsa bem distante dos produtos. (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As interações dos atores sociais com Aline Midlej em seu circuito demonstram contatos entre narrativas pessoais no programa Em Pauta e em recepção-produtiva, a exemplo de táticas para se proteger do racismo expresso como hiper vigilância nas ruas e em lojas. Do mesmo modo, no circuito de Lilian Ribeiro, atores sociais manifestam identificação com a história de vida da jornalista, desde o lugar onde morava até o exercício da profissão.

123) **Lilian Ribeiro: @lilianribeiro**
Essa obra do @petitabell é ou não é pra deixar o coração quentinho?

Figura 18 - Cartoon homenageando jornalistas negros da Globo



FONTE: reprodução Twitter (2020).

124) @eulilianribeiro e @petitabell e @IrlanSimoes

125) **Irlan Simões: @IrlanSimoes**
Vixe que legal. Acabei não vendo ontem, não soube que tinha Glória Maria!

126) Sem dúvidas foi e está sendo um **momento histórico!** Muito significativo principalmente porque a partir dele **vocês todos passaram a ser visíveis para quem não as conheciam !** Uma beleza de talentos!

127) **Lindo e Mais que merecido!**

128) **Coisa mais linda!**

Foi o melhor Em Pauta que já vi, me emocionei muito com vocês!

129) **Lilian Ribeiro: @eulilianribeiro**

E quem dorme depois desse programa, Brasil?! **Obrigada por tantas mensagens lindas!**

130) Foi demais! **Dia histórico!**

131) **Maravilhosa.** Estou assistindo a reprise.

132) Oi, Lilian! Tudo bem? Hoje esse programa foi repleto de representatividade. Eu, como **mulher negra, estudante de jornalismo, me senti representada.** Muito obrigada!

133) Você **arrasou, amiga.** Tava ligadinho. Parabéns, foi **Simbólico e histórico!!**

Figura 19 - Frame de Lilian Ribeiro



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

134) **Lilian Ribeiro: @eulilianribeiro** Muitíssimo obrigado por existir, resistir e persistir. **Obrigado pela consciência, por motivar e encorajar, através das suas palavras, outras pessoas negras e periféricas.** Ouvi todas as falas emocionado!

135) **Parabéns à @GloboNews Por ouvir as críticas** (que ã foram as 1as) e escalar um time de jornalistas negr@s para comentar atos antirracistas. A rede Globo como um todo poderia aproveitar esse momento. **Quais intelectuais negras ou negros deveriam falas sobre qualquer pauta #Empauta?**

136) Também não consegui dormir de tanta emoção. **Tenho dois filhos pretos e a melhor coisa do mundo é ver acontecimentos que mudam efetivamente a forma do negro ser visto.** Horário nobre. Canal de notícias e só pessoas negras falando sobre a negritude. Lindo. Emocionante. **Histórico** <3 (TWITTER, 2020, grifo nosso).

Maria Júlia Coutinho retweetou a mesma ilustração que Lilian Ribeiro. O tweet do autor Petit Abel recordou, conforme narrativas da jornalista no programa Em Pauta, a necessidade de acessos de pessoas negras aos espaços sociais, com elas debatendo a respeito de quaisquer

temas e não apenas sobre o racismo. As poucas respostas ao tweet de Maria Júlia Coutinho não necessariamente são expressões de um circuito interacional afro-referenciado, mas também apresentam elogios e referência a um relato da jornalista sobre maternidade:

137)

Figura 20 - Cartoon assinado por Petit Abel



FONTE: reprodução Twitter, 2020.

138) Em resposta a @majucoutinho
#VidasNegrasImportam

139) Foi bem bacana esse programa! **E tenha seus filhos!** Seu fã aqui torce por vc!

140) Programa maravilhoso @majucoutinho **foi um laque só maju super me representa**

141) Esse Desenho Animado eu Gostei Muito é Lindo Maravilhoso!! **Parabéns Maju Coutinho Nota 100.000** (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As interações das jornalistas com seus circuitos interacionais demonstram contatos que têm como condição não só a presença das jornalistas refletidas nos espelhos midiáticos, como também as narrativas de recordação do sofrimento e interpretações sobre o racismo partilhadas pelos atores sociais em recepção produtiva. A transformação da presença das jornalistas em

acontecimento midiático em detrimento dos protestos contra o racismo nos Estados Unidos teve como feedback em seus circuitos interacionais e elogios às mesmas em defasagem para com imagens de controle, acompanhados da manutenção da crítica às interdições de acessos de pessoas negras à esfera pública e expressões de expectativas e vigilância para que a ascensão de jornalistas negros às condições de opinião permanecesse no futuro, tensionando perspectivas de um racismo epistêmico.

5.2.6 Novos episódios e tensionamentos

Em 11 de outubro de 2021 e em 8 de fevereiro de 2022, as respectivas edições do GloboNews Em Pauta voltaram a debater temáticas raciais apenas com jornalistas autodeclarados brancos. A pauta discutida na edição de 2021 foi identificada no telejornal como “A pauta é a história se repete: Homem negro paraplégico é tirado de carro pelos cabelos nos EUA”, enquanto que a pauta debatida em 2022 foi “A pauta é rotina de preconceito: Caso Moïse: família diz que polícia editou vídeo do crime.”. Ambas se transformaram em objeto de notícias em portais jornalísticos, sendo que a primeira obteve novamente repercussão em circuitos afro-referenciados no Twitter, entrecruzando-se com debates a respeito de outros acontecimentos, brevemente contextualizados, que irromperam em meios do jornalismo.

Anterior à realização dos debates do Em Pauta foram as agonísticas entre colunistas convidados do jornal Folha de S. Paulo no dia 29 de setembro de 2021, após coluna assinada pelo jornalista Narloch, intitulada “Luxo e riqueza das 'sinhas pretas' precisam inspirar o movimento negro”, cujo subtítulo é ‘Negras prósperas no ápice da escravidão são pedra no sapato de quem diz que o capitalismo é essencialmente racista e machista.’ (NARLOCH, 2021)⁵⁵. Articulistas negros convidados para escrever para a Folha de S. Paulo e então participantes do conselho editorial do jornal, na maioria acadêmicos, opuseram-se ao texto e à publicação do mesmo. Dentre eles, Thiago Amparo, professor de Direito Internacional e Direitos Humanos na Fundação Getúlio Vargas - São Paulo, que em seguida publicou ‘réplica’ na seção do jornal especializada em Direito, Folhajes, intitulada “As sinhas pretas da Folha”, que teve como título “Começo a ler o artigo e pauso. Verifico a data do jornal: não é o século 19” (AMPARO, 2021)⁵⁶. Amparo contrapôs as narrativas de Narloch e a publicação pela Folha de S. Paulo em debate mediado no jornal e em circuitos afro-referenciados no Twitter. Tratava-

⁵⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2021.

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-sinhas-pretas-da-folha/>>. Acesso em: 01 out. 2021.

se de um novo acontecimento midiático do debate sobre as práticas racializadas de um meio do jornalismo e seus atores sociais vinculados.

Narloch escreveu sobre o passado colonial-escravista em tentativa de deslegitimar práticas dos movimentos sociais negros no contemporâneo. O autor o faz apontando o que seria uma contradição de coletivos e atores sociais negros, para isso igualando-nos aos colonizadores e escravagistas, e, portanto, responsabilizando pessoas negras pelo escravismo:

A **sinhá preta** é um personagem poderoso porque **complica narrativas de ativistas**. As **negras prósperas no ápice da escravidão** são uma pedra no sapato de quem acredita que **‘o capitalismo é essencialmente racista e machista’** e que o preconceito é uma força determinante, **capaz de impedir que indivíduos discriminados enriqueçam** (NARLOCH, 2021, grifo nosso).

A escrita de Narloch, acrescida de imagem de escravizada usando a máscara de flandres - utensílio de ferro que servia como instrumento de tortura e empecilho para que cometessem o *banzo*⁵⁷ -, do mesmo modo que a autorização de publicação do texto pela Folha de S. Paulo consistem em um presenticismo das práticas coloniais de desumanização de pessoas negras. O texto seguido de imagem, tanto pela fragmentação de memórias de valorização da cultura afro-brasileira em tentativas de reescrita do passado para manutenção do racismo em críticas a elementos político-culturais da esfera pública negra moderna e no contemporâneo, quanto em fixação de imagens de controle que compreendem o corpo negro como passível de múltiplas violências ao longo da história, banalizando o sofrimento decorrente do racismo; a publicação do texto, por publicizar discursividades racistas através da evocação dos valores modernos de universalidade da esfera pública burguesa enquanto fórum de ideias que sintetiza os debates sociais, ou seja, normativamente acessível a todos os atores sociais e em atualização presentista de temas discutidos socialmente. No entanto, essa mediação mantém as práticas contraditórias de evocar valores normativos vazios, uma vez que não materializados, prescindido do critério basilar de racionalidade para acesso ao debate público ao permitir a tentativa de reescrita do passado por simplificações ideológicas – transmitidas de geração a geração -, a exemplo da responsabilização das vítimas do racismo pelo escravismo, de atenuação da brutalidade da escravidão ao sugerir que escravizados individualmente mais capazes poderiam se equiparar aos escravagistas, e da defesa incontestada do capitalismo, mesmo que pelo reducionismo que indica uma falsa simetria entre o capitalismo dos senhores escravagistas e de mulheres libertas

⁵⁷ Prática de escravizados que consistia no sofrimento da desumanização seguido de tentativa de suicídio por greve de fome ou ingestão de terra, com o intuito de um retorno à terra natal e à companhia dos ancestrais.

que ‘investiam’ na apropriação primitiva de um ‘excedente’ - escravizados que passavam a exercer atividades de ganho no contexto de urbanização da colônia.

As críticas de Thiago Amparo ao texto e publicação avaliaram permanências do racismo na esfera pública e possíveis deslocamentos e deturpações da centralidade da questão racial para se discutir as práticas do jornalismo em si. De acordo com Amparo,

a) Ilustrando o texto, foram colocadas imagens da máscara de flandres, usada ora como instrumento de tortura escravagista, ora como meio de prevenção do baixo, o lento suicídio que consistia em ingerir terra até a morte. Folha, por que ainda precisamos nos masturbar coletivamente com a relativização da dor preta?

b) É peculiar da branquitude discutir o horror tomando chá: imagino as horas que serão gastas para se debater, com calma, se a linha editorial da barbárie foi ou não cruzada. Não há zona cinzenta aqui. O problema não é fazer referência a ‘negras minas’ – que eventualmente enriqueceram – ou a outras figuras históricas, o problema é, de forma ao mesmo tempo risível e desonesta, utilizá-las para suavizar a brutalidade da escravidão (AMPARO, 2021, grifo nosso).

As críticas sociais à Folha de S. Paulo e as permanências do racismo se estenderam a narrativas de dois circuitos afro-referenciados paralelos, que se entrecruzaram: o circuito interacional de atores sociais em respostas a Thiago Amparo e o circuito interacional do acadêmico e então doutorando e graduado em Direito, Marcos Queiroz. O encontro entre os circuitos interacionais, que em decorrência disso se expandiram, dá-se nas narrativas sobre a desumanização do negro que impede seus acessos a diferentes espaços sociais, tendo como ponto nodal de contato as críticas ao GloboNews Em Pauta e ao articulista Demétrio Magnoli.

No dia 8 de outubro de 2021, depois do texto de Narloch na Folha de S. Paulo e antes da realização do GloboNews Em Pauta, Marcos Queiroz publicou *thread*⁵⁸ iniciado pela publicação de fragmento de documentário sobre a implementação de cotas raciais na Universidade de Brasília - UnB.

⁵⁸ Também chamado de ‘fio’, o termo designa tweets publicadas em sequência por um mesmo perfil.

Figura 21 - Marcos Queiroz e documentário



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

O trecho do vídeo mostra o lançamento do livro *Uma Gota de Sangue na UnB*, de autoria de Demétrio Magnoli, que dividiu palco junto a professores da UnB. Na ocasião, Magnoli e os demais professores impediram as falas de funcionários que eram militantes do movimento negro, xingando-os de ‘milícia fascista’ (sic). Segundo Marcos Queiroz e respostas de atores sociais em interações,

142) **Marcos Queiroz:** @marcosviqueiroz Hoje falam de “**pluralismo**”. Mas o pouco espaço que negros tem nesse país foi conquistado a duras penas, arrombando a porta. Há pouquíssimos anos, era assim. Por isso até hoje não toleram a derrota na luta das cotas. Jamais vão superar que nós falemos quando nos querem enterrados.

143) Marcos Queiroz: É interessante pensar o tanto de gente que galgou espaço buscando **silenciar pessoas negras e relativizando o racismo** no Brasil. **Estão todos aí, com suas carreiras, falando na mídia.** Essa é a guerra não declarada do Brasil. Ela se faz com o nosso sufocamento.

144) **Marcos Queiroz:** E @Nailahnv, emociono-me sempre vendo o seu pai nesse vídeo. Respeito a gratidão pelos nossos mais velhos.

145) **Marcos Queiroz:** **Eu gostaria que os mais novos ou pessoas que nunca viram esse vídeo, que vejam.** São cicatrizes que nunca curaram em muitos de nós. **E respeitem o movimento negro, respeitem cada espaço democratizado pela luta por igualdade racial.** Não foi e não é fácil.

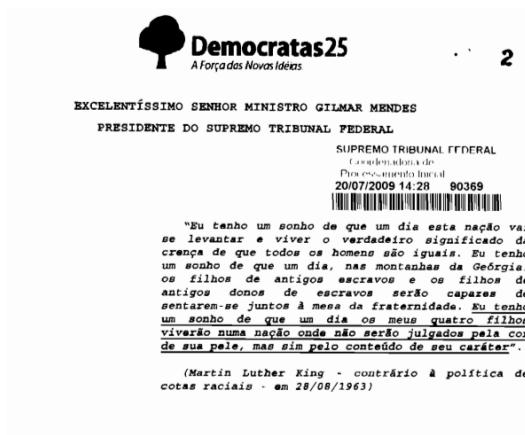
146) **Marcos Queiroz:** A amiga e companheira de batalhas, @Nailahnv, fez uma thread comentando os bastidores dessa luta. Vale a pena ser lida. **Respeito mil por Wilson Veleti!**

147) **Marcos Queiroz:** Ontem fiz a thread na fúria e não voltei mais ao twitter. Como repercutiu, vão mais algumas coisas. Primeiro, o documentário de onde o trecho foi extraído. Quem puder assistir, assista. **Não deixemos essa história ser silenciada,** como já vem acontecendo.

148) **Marcos Queiroz:** **As falas da mesa, portanto, eram senso comum dos anticotas, basta lembrás das acusações de “tribunal racial” (ou seja, que o**

movimento negro estava resgatando uma prática nazista) ou a abertura da ação contra as cotas no STF, que citava ninguém menos que Martin Luther King.

Figura 22 - Partido contrário às cotas



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

149) **Marcos Queiroz:** Aí a gente enquadra a intervenção das pessoas negras nesse evento na história mais ampla do Brasil: **a luta pelas ações afirmativas foi uma luta contra praticamente todos os formadores de opinião do país. Grande mídia, intelectuais, partidos e etc: estávamos quase sozinhos.**

Figura 23- Meios do jornalismo contra as cotas



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

150) **Marcos Queiroz:** Mas como diria o citado Martin Luther King, “o arco do universo moral é longo, mas se inclina no sentido da justiça.” O movimento negro venceu essa batalha, nós vencemos. A luta conseguiu inclusive dobrar o STF e conquistar 11 votos favoráveis, em uma decisão histórica.

151) **Marcos Queiroz:** Recentemente conversando com o prof. John French aqui nos EUA, ele me falou: “**Marcos, a vitória das cotas no seu país é a maior vitória da população negra na diáspora.** Em termos de políticas de direitos, não há nada parecido no mundo. É absolutamente fantástico.”

152) **Marcos Queiroz:** Enquanto nossa grande mídia continua dando espaço para racistas ou pensando que só há racismo e luta negra ao norte da Linha do

Equador, são essas histórias que devem ser contadas. O movimento negro brasileiro é gigante, generoso e fundamental para a democracia que precisamos.

153) **Marcos Queiroz: Sou cotista. Sou filho dessa luta.** Como escrevi nos **agradecimentos da minha dissertação**, essas histórias não servem apenas para se falar de gratidão, pois elas fornecem o exemplo de dignidade que merece ser cultivado. Nenhum direito nos foi dado. Tivemos que arrancá-los.

154) **Marcos Queiroz:** Acrescentando essa aula do meu **irmão Paíque, com quem aprendi muito nessa mesma UnB.** Daqueles professores que temos fora da sala de aula. **Gratidão por ter cruzado teu caminho**, meu velho. Máximo respeito. [...]

155) **Flávia Oliveira: @flaviaol**
Perderam. Perderam muito. Seguimos.

156) **Marcos Queiroz: @marcosvlqueiro**
Seguimos, amiga. O rancor deles só nos fortalece.

157) Nossa, a coragem dos irmãos de ir nesse evento e se contrapor a esses **arautos da “democracia racial”** é algo que deve ser apreciado. É certo que não temos muita opção (a luta é compulsória a nós), mas ainda assim é corajoso mesmo.

158) **Marcos Queiroz: @marcosvlqueiro** Eu não tenho palavras para dizer quão **grato sou a essas pessoas, ao movimento negro.**

159) **Marcos Queiroz: Eu vivi tudo isso** .Que nojo dessa gente.

160) **Marcos Queiroz: @marcosvlqueiro** Também, amiga. É uma **cicatriz que nunca fechou aqui**. Mas igual você falou, ali criou uma régua moral pra muita coisa nessa vida. (TWITTER, 2021, grifo nosso).

Nos tweets, Marcos Queiroz relaciona o debate de implementação das cotas raciais em universidades públicas brasileiras e denegação do racismo por acadêmicos e jornalistas que se opuseram à política pública, com as lutas por acessos de pessoas negras a diversos espaços sociais, inclusive aos meios do jornalismo. Queiroz relaciona as tentativas de impedimento de acessos com a permanência dos atores sociais contrários às cotas em espaços de opinião nas mídias. Se por um lado identifica táticas de advocacy político e lutas silenciosas, nos bastidores administrativos⁵⁹, por parte de ativistas e militantes dos movimentos negros, indica também a colonização permanente dos meios do jornalismo para manutenção dos espaços simbólicos ocupados por atores sociais na esfera pública. A partir das recordações de acontecimentos experienciados por si e articulados com seus saberes oriundos das aprendizagens em circuitos acadêmicos e ativistas, as narrativas de Queiroz referenciam o ancestro ao evocar práticas dos militantes dos movimentos sociais históricos e indicar o *continuum* do racismo dissimulado editorialmente, em nome do *pluralismo* de autores e opiniões. Em menção à aprovação das políticas afirmativas para a população negra, a jornalista e debatedora do GloboNews Em Pauta

⁵⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/Nailahnv/status/1446773337879982083>>. Acesso em: 29 out. 2021.

escreveu que os contrários às cotas, e possivelmente com Magnoli dentre estes, “Perderam, perderam muito. Seguimos” - comentário 155. A interação entre Queiroz e Flávia Oliveira indica o trânsito de atores sociais em diferentes circuitos afro-referenciados, bem como princípio de intersecções entre as disputas narrativas enquanto segunda vida dos dois acontecimentos – Em Pauta e Folha de S. Paulo.

Thiago Amparo publicou tweet quanto a escrever nos meios do jornalismo que denegam o racismo. Em seguida compartilhou tweet de Marcos Queiroz e do fragmento do documentário sobre a implementação das cotas raciais, seguidos de respostas de outros atores sociais:

156) **Thiago Amparo:** @thiamparo No mercado de ideias em que a ideia seja rejeitar que haja racismo neste país eu não mais participo. Cansei. Queria que meus colegas brancos carregassem um pouco deste fardo, no nosso lugar. To cansado. Vou ali pingar meu colírio alucinógeno pra esquecer que ainda estamos nisso.

157) **Thiago Amparo:** @thiamparo [Compartilhamento de tweet de Marcos Queiroz alguns dias antes] Hoje falam de “pluralismo”. Mas o pouco espaço que negros tem nesse país foi conquistado a duras penas, arrombando a porta. Há pouquíssimos anos, era assim. Por isso até hoje não toleram a derrota na luta das cotas. Jamais vão superar que nós falemos quando nos querem enterrados

158) Exatamente!

159) Perfeito seu comentário. **Diversidades tem que ser contínua, não periódica.**

160) Isso aí.

161) Post maravilhoso!!!! É exatamente isso! O “**Status Quo**” **NUNCA** mudará (e nem querem que mude).

162) **Olha quem tá falando sobre racismo ali no cantinho**

Figura 24 - Magnoli em edição do Em Pauta



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

163) **A diversidade termina quando eles precisam mudar o quadro em definitivo. fazer com que o negro seja permanente e atuante em suas pautas na mídia em geral.** Eles não deixam isso acontecer. te levam lá por alguns minutos e depois logo o descartam, o problema e que alguns aceitam.

164) Parabéns. **É o cúmulo ser tratado como ‘pessoa disponível’ que tem de doar tempo e dedicação, além de sua história, sendo lembrado apenas por isso. Zero consideração profissional.**

165) **E quando não chamam?**

166) **Olha quem tá ali no cantinho e vai falar sobre racismo**

167) **Já me perguntei pq Demétrio estaria ali e tals. Mas é isso: ele está ali exatamente pq ele é quem ele é e representa o que ele representa**

168) Só gente Branca aí, têm uma quê parece uma alemã.

169) **Thiago Amparo: @thiamparo “A pauta é a história se repete”**

170) Sinto q eles queriam escrever “a pauta é racismo” mas alguém na redação fragou q só tinha branco na bancada (...) e q o meme pegaria mal (de novo)

171) Lembrando dessa obra da lavra do **Diretor Geral de Jornalismo da Globo** [IMAGEM CAPA DO LIVRO DE ALI KAMEL (“NÃOSOMOSRACISTAS”]

172) A **Flávia Oliveira** é comentarista fixa do programa mas **deve estar de folga no feriado**. Não sei se todos são privilegiados pq não conheço suas vidas. **Sei q tem gente decente e tem o Demebrio, é isso.**

173) Carai **não aprendem nunca...** TNC slc

174) **O único não jornalista, mas, ao mesmo tempo, o agraciado por um nome que assina todos os programas jornalísticos da corporação.** O país é mais ou menos assim, sempre, um campo de amizades convictas. Isso, para alguns, é mérito.

175) Logo veremos em nome do **“contraditório” trazerem um nazi, argumentar a favor no nazismo e todos acharem normal...**”

176) [twitter.com/marcosvlqueiro...](https://twitter.com/marcosvlqueiro) veja o vídeo [Compartilhamento de tweet de Marcos Queiroz alguns dias antes [Hoje falam de “pluralismo”. Mas o pouco espaço que negros tem nesse país foi conquistado a duras penas, arrombando a porta. Há pouquíssimos anos, era assim. **Por isso até hoje não toleram a derrota na luta das cotas. Jamais vão superar que nós falemos quando nos querem enterrados.**

177) **Passam-se os anos e o painel é o mesmo...** Que mancada!

178)

Figura 25 - Meme sobre jornalismo e diferença



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

179)

Figura 26 - Ali Kamel e sua obra



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

180) Esse cara sabe dos paranauês sobre racismo msm... Eu agarantio

Figura 27 - Magnoli localizado em frame de documentário



FONTE: reprodução Twitter, 2021.

- 181) Caraleo, que bizarro! **Que banca de especialista, hum?**
- 182) **Bizarro é no final a cara indignação quando os negros se manifestam.** Tipo, como assim os negros querem opinar?
- 183) o **branco falou “milícia fascista”** ou eu ouvi muito errado?
- 184) Usou o termo que **nem estava em em Voga...**
- 185) **Thiago Amparo: @thiamparo a pauta é a história se repete**
- 186) “a pauta é a história se repete” kkkkk
- 187) Pauta: gente branca falando sobre racismo pela enésima vez na rede globo
- 188) “precisamos falar sobre racismo” “Chamamos um negro, então?” “Não fode, porque ele vai querer falar de racismo aqui no Brasil, onde já se viu?”
- 189) Falar sobre racismo não é falar sobre sofrer racismo, o primeiro todo mundo não só pode como deve falar e ninguém pode proibir
- 190) Ninguém proibiu, não. Os brancos estão todos lá, falando do que não sofrem, como sempre. **Inclusive está o Magnoli, que nega a existência de racismo no Brasil.** Exceção é ver só comentaristas negros na bancada.
- 191) “a pauta é racismo” Globo: fdeu! **Nossa token preta** tá de folga
- 192) porra não tem um telefone de emergência ligado direto na **casa dela uma substituta?** Tá faltando visão administrativa aí
- 193) Entendo que, se a @GloboNews mantém este patético em seu quadro de jornalistas, de certo a “**GloboNews em nada se preocupa com a questão do racismo.** (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As críticas em circuitos afro-referenciados dirigidas aos meios e veículos do jornalismo e a Narloch, Magnoli e Kamel, indivíduos institucionalizados que reagem no espaço público de maneira adversa ao antirracismo, consistem em prática de atribuição de responsabilizações pela atualização da denegação do racismo nos imaginários sociais, tal como nos jornais de imprensa negra nos séculos XIX e XX. Em analogia, se pessoas negras letradas participavam ativamente da edição de jornais, nos circuitos afro-referenciados observados se encontram atores sociais participantes de coletivos e circuitos acadêmicos, ativistas e midiáticos. Recordações de sofrimentos suas e evocação de memórias para com os ancestrais têm acoplados a si os recursos de memória e acúmulo de aprendizados proporcionados pelas mídias, a exemplo de vídeos e capas de revistas e jornais disponíveis on-line. Os usos e apropriações dos acervos midiáticos e seus conteúdos presentificados, além da vigilância social constantes nos circuitos perante casos de racismo, atualizam os elementos políticos materializados nos meios de indexação e interação

como o Twitter e outros na ambiência midiaticizada, em novos arranjos de contatos efêmeros, trânsitos e permanências nos espaços das redes sociais digitais⁶⁰.

Os contatos entre circuitos afro-referenciados e atores sociais se ampliam na medida que os casos sociais, midiáticos e midiaticizados de racismo são múltiplos, sucessivos e por vezes simultâneos, agora que visibilizados cada vez mais no espaço público. Portanto, os casos se entrecruzam, e, proporcionalmente, evidenciam-se as críticas sociais dos circuitos. Em diferentes momentos, instituições jornalísticas e atores - diretores, colunistas, debatedores etc. - vinculados respondem, em defasagem, autorreferenciando-se com base em condições sociais e históricas nas quais se inserem, enquanto mantenedores de uma ordem social excludente. Autorreferenciando-se em proteção a interesses que continuam a excluir do espaço público pessoas negras, logo não podem ser considerados antirracistas justamente pela interrupção de acessos e visibilidade de representações e imagens que têm como referência principal a desumanização do outro, própria de uma modernidade eurocentrista que tem como parâmetro as mídias como extensão das mentes e interesses políticos, culturais e econômicos de pessoas que se identificam e são identificadas nos espelhos midiáticos como sendo brancas.

5.3 CASO JOÃO ALBERTO: DISPUTAS MIDIATICIZADAS ENTRE CONTROLES E EMANCIPAÇÕES PRESENTIFICADOS

Divido a investigação do caso João Alberto em seis subseções. Observo e analiso disputas e interpenetrações entre narrativas de programas jornalísticos televisivos e narrativas de circuitos afro-referenciados em torno do acontecimento João Alberto Freitas, especificamente sobre racismo e a vítima. Essas narrativas são condicionadas por acionamentos que ampliam exponencialmente diferentes temporalidades e espaços entrecruzados nos processos de circulação.

⁶⁰ A atualização da esfera pública negra alternativa por circuitos afro-referenciados que se contatam em redes sociais digitais na ambiência midiaticizada requer uma ressalva. Esses encontros entre atores sociais ocorrem em ambientes condicionados por colonialismos das grandes empresas de mídias e interpostos por racismo algorítmico, que abrangem desde invisibilidades, guetificações e reforço de lógicas de estigmatização nas indexações e ofertas de conteúdos on-line. Contudo, a inteligibilidade dos circuitos nos últimos séculos ocorre através dos usos e apropriações de diferentes mídias/cronotopos, embora as hegemonias no controle dos meios de comunicação/produção. Em analogia a Césaire ao tratar da solidariedade da negritude em diáspora diante de dispersões, vínculos e resistências à fragmentação, celebram-se as lutas das coletividades negras a despeito dos ambientes hostis que devem ser denunciados e transformados, ou seja, entendo que os encontros e as entradas decorrentes da presença nas redes se materializam em brechas abertas pelos atores sociais frente a uma esfera pública capitalista ampliada pelos meios sociodigitais.

Na primeira subseção, apresento reflexão sobre *A dialética senhor-escravo midiaticizada: alterações, permanências e efeitos sociais (5.3.1)* decorrentes da filmagem do assassinato de João Alberto Freitas por lentes da câmera de celular de testemunha. Interessam a observação de relações entre: alterações na interação *in loco* dos autores das filmagens de casos de racismo com os agressores; recomendações sociais e técnicas provenientes de atores sociais dos circuitos afro-referenciados e de mídias étnicas para a filmagem de práticas racistas; e interações decorrentes em múltiplos circuitos afro-referenciados na ambiência midiaticizada.

Na subseção *câmeras, ruas e redes diaspóricas: acionamentos dos circuitos afro-referenciados (5.3.2)*, observo táticas de advocacy político e midiático de atores sociais ativistas e instituições vinculadas ao movimento social negro para ampliação da visibilidade das denúncias de racismo e permanência do acontecimento no espaço público. Essas denúncias em narrativas articulam espaços territoriais - locais, nacionais e transnacionais -, simbólicos - tempo-espaço diaspórico - e midiáticos - meios do jornalismo e redes sociodigitais - através da evocação de temporalidades diversas.

As *Primeiras mediações do jornalismo, suspeitas e possibilidades (5.3.3)* consistem nas primeiras edições da cobertura jornalística do caso João Alberto por programas jornalísticos televisivos, em duas zonas: de suspeitas colocadas por instituições midiáticas quanto à existência de racismo como desencadeador do caso, e, de gradações possíveis de reconhecimento social do racismo uma vez condicionadas por valores modernos do jornalismo. Vinculadas, tais zonas são interpostas por vozes visibilizadas, pela circularidade de cronotopos clássicos, sobretudo o cronotopo idílico, e por imagens de controle reiteradas nas transmissões dos programas.

As *Presentificações do jornalismo tensionadas por atores sociais intra e intermeios (5.3.4)* principiam na busca do telejornalismo da Rede Globo por imagens que permitissem a reconstituição cronológica dos eventos do acontecimento. Trata-se de resposta à celeridade dos circuitos interacionais e dos ambientes on-line para a tentativa de hegemonia na narração do acontecimento, em disputa também para com outras emissoras. Importam principalmente as narrativas e representações por atores sociais vinculados aos meios do jornalismo, a partir das imagens obtidas, para se referirem ao acontecimento e à vítima através da evocação de diferentes temporalidades.

Em síntese das inferências a serem elaboradas nas subseções anteriores acrescidas de episódios posteriores do caso, *O jornalismo em três tempos: celeridade, campo jurídico-policial e mercado (5.3.5)* trata-se de interpretação do reconhecimento da mediação jornalística a temporalidades estratégicas e táticas – de celeridade e lentidão - de agentes do campo jurídico-

policial e do mercado financeiro para tentativa de controle sobre a circulação do acontecimento midiático. Dessas relações emergem negociações, manutenções e alterações nas narrativas do jornalismo televisivo.

A *Ampliação das defasagens nos circuitos interacionais (5.3.6)*, por fim, trata de narrativas de circuitos interacionais que denegam a existência do racismo, após contatos e feedbacks complexos entre os meios do jornalismo e circuitos afro-referenciados. As defasagens e suas ampliações tendem a se alterar também na medida que novas narrativas são elaboradas nas transmissões e por circuitos afro-referenciados a respeito do racismo e de ‘João Alberto’, ou seja, a respeito do racismo em *continuum* e do que os atores sociais expressam sobre a vítima, expressões extensivas ao entendimento deles quanto ao que é ‘ser negro’.

5.3.1 A dialética senhor-escravo midiaticizada: alterações, permanências e efeitos sociais

O profissional autônomo e soldador João Alberto Freitas, um homem negro de 40 anos de idade, foi espancado e morto por dois seguranças no estacionamento do supermercado Carrefour, no bairro Passo D'Areia, em Porto Alegre, na noite 19 de novembro de 2020. João Alberto fazia compras no supermercado, acompanhado da esposa, quando uma fiscal do estabelecimento chamou seguranças para retirá-lo do local. No estacionamento do Carrefour, após João Alberto desferir soco em um dos seguranças, estes o espancaram, imobilizaram e asfixiaram até a morte, sob xingamentos e omissões de outros funcionários que não prestaram socorro e impediram outras pessoas de ajudá-lo. As agressões e morte foram testemunhadas e gravadas por funcionárias da empresa, clientes e transeuntes. Uma das pessoas que gravaram e compartilharam vídeo da morte de João Alberto foi um motoboy que passava pelo local.

O vídeo que o motoboy gravou foi compartilhado em aplicativos de conversação - em grupos de WhatsApp -, ingressando quase que instantaneamente em múltiplos circuitos interacionais no espaço público, em meios de indexação - Google e outros buscadores - e de indexação, interação e conteúdo - Twitter, Instagram, Facebook etc. - em um primeiro momento, até os meios do jornalismo, em diferentes dimensões - local, nacional e internacional. Em analogia ao acontecimento George Floyd, a prática comunicacional de ofertar imagens de violência racial a múltiplos circuitos mediados por dispositivos técnico-midiáticos prescinde de dimensões sociais, comunicacionais - dialógicas e midiáticas - e técnicas para usos dos meios.

Diante das agressões contra João Alberto Freitas, o motoboy, de nome mantido em sigilo em documentos policiais e nos meios do jornalismo, se solidarizou com a vítima e as filmou na tentativa de interrompê-las, apesar dos riscos de também sofrer violência. De acordo com trecho do vídeo gravado e fragmentos de entrevistas a programas e sites jornalísticos, o motoboy, que teve o nome mantido em sigilo, sofreu ameaças da fiscal de loja do Carrefour Adriana Alves Dutra (comentário 1):

1) Eu disse 'Ô, gente, eu vou filmar'. E fui filmando. Quando eu estou chegando perto, **vem essa moça de branco e diz: 'Pode parar, eu vou te queimar na loja'**

2) Ao se deitar, se lembra das imagens vistas por ele e gravadas no celular. Segundo o motoboy, **essas cenas aparecem em sequência repetitiva.**

3) As agressões ocorriam a três metros dele. Conforme relatou à polícia, já fazendo a gravação pelo celular, **chegou mais perto dos seguranças para tentar fazer com que parassem. Falou alto que estava gravando, mas os socos continuaram.**

4) Todo mundo pediu para eles pararem, conta José⁶¹. Um deles era mais agressivo e tentava pegar os celulares das pessoas que filmavam." (UOL, 2020, grifo nosso).

5) Eu já tava subindo na moto quando eu vi esse rapaz tentando se desvencilhar dos seguranças. A esposa do senhor que foi agredido, ela pedia, "gente, solta ele, deixa ele respirar, deixa ele respirar". O que eles disseram é que sabiam o que estavam fazendo, os dois. ". **Ele gravou o espancamento na esperança de que os seguranças parassem. "Vocês viram nas imagens, espancaram ele, espancaram. Tentar conter não tentaram, eu questionei no meu vídeo ainda, eu disse gente, vocês, não tão contendo, vocês estão batendo.**

6) 'O pessoal me questionou nas redes sociais, "Bah, o cara que filmou não se meteu não fez nada" Eu não tinha como fazer qualquer coisa com... **O estado que eles aqueles dois estavam ali, se eu fosse ali eu ia apanhar,. Ou sabe-se lá o quê. "eu fiquei filmando e aí ela me viu. Quando ela me viu ela disse 'não, não faz isso, te liga, vou te queimar na loja'.** (GAUCHAZH, 2020, grifo nosso)⁶².

7) Aí, a moça que me ameaçou, ela pegou e fez exatamente esse movimento. "Ele cortou meu dedo, **ele cortou meu dedo". E ela forçando a unha do dedo.** O rapaz afirma ainda que os seguranças, no entendimento dele, não queriam conter João Alberto.... "Ele foi assassinado, ele foi assassinado. **Ele não foi contido, ele foi assassinado.** Eu vi uma pessoa sendo brutalmente assassinada, brutalmente. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Os riscos inerentes às práticas de antirracismo - de morte, à integridade física ou à perda de acessos ao mercado de trabalho e a outros espaços – são visíveis nas interações dialógicas e em copresença entre agressores, vítimas a atores que se solidarizam a estas. Pré-condição dos acionamentos ulteriores para fluxos adiante na circulação midiática, tal solidariedade, senão dependente e mediada pelo uso do telefone celular enquanto dispositivo, outrora provavelmente implicaria em mais riscos de morte motivados por racismo, um medo intrínseco à dialética senhor-escravo. Logo, os dois momentos comunicacionais, das interações na irrupção do caso social, e, da midiática do acontecimento, são interdependentes e se complementam.

O acontecimento é permeado por disputas de visibilidade e invisibilidade do racismo: entre, de um lado, a tentativa dos seguranças esconderem dos clientes as agressões a João Alberto após excluírem-no de um espaço de consumo de mercadorias, levando-o para o estacionamento, seguida de tentativas de coibir as filmagens, e, de outro, a própria exposição dos agressores pelos cinegrafistas amadores; e entre responsabilizações pela morte de João Alberto, em que, de um lado, os agressores culpam a vítima, e, de outro, os cinegrafistas e imagens os contrapõem. As agressões em grupo que atualizam, em presentismo, as práticas

⁶¹ Nome fictício adotado para a reportagem. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/06/so-dormi-dois-dias-conta-motoboy-que-gravou-morte-de-joao-alberto.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

⁶² Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/11/entregador-que-filmou-agressoes-no-carrefour-diz-que-seguranças-tentaram-apagar-video-e-relata-ter-sofrido-ameacas-ckhqhpy6v002z0137a60ydqzx.html>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

coloniais de desumanização do corpo negro e linchamento, tentam interditar as trocas comunicacionais via agressão e ameaças para manutenção do racismo, a partir de narrativas que dependem do controle sobre a veiculação das imagens, sobre as representações midiáticas das vítimas e sobre visibilidades do acontecimento, controle este que se dilui nos fluxos na circulação midiática. À semelhança parcial da cena descrita na autobiografia de Frederick Douglass (ver 4.2) quanto à luta hegeliana diante de espectadores *in loco* e de tantos outros casos sociais racializados, novamente as disputas são em busca de apoio junto a vítima(s) ou a agressores, tanto para a violência genocida que provoca a morte física de João Alberto, quanto para as disputas narrativas que se seguem interpostas pelo midiático na segunda vida do acontecimento.

Em analogia ao caso George Floyd e a práticas antirracistas nos Estados Unidos, os usos e apropriações de celulares e suas câmeras para denúncias de violência racial por agentes de segurança pública e privada possuem uma certa estabilidade social no Brasil, indício de correspondências diaspóricas de novos repertórios táticos de lutas políticas em uma direção geográfica norte-sul/sul-norte, ampliadas e aceleradas na ambiência midiática. Esta estabilidade se dá por um conjunto de recomendações pregressas de coletivos e circuitos afro-referenciados presentes na cultura. Um exemplo que sintetiza estas práticas é um vídeo gravado pelo comunicador AD Júnior, o publicitário Spartakus Santiago e jornalista Edu Carvalho com dicas de sobrevivência para pessoas negras no contexto de possibilidade de intervenção militar e consequentes abordagens indevidas em comunidades do Rio de Janeiro em 2018⁶³:

AD Júnior: Esse vídeo fala sobre a abordagem de segurança do nosso país que abusam do poder durante o momento da abordagem

Edu Carvalho: e a gente está aqui para dar algumas dicas porque infelizmente nós negros somos sempre alvos de abusos, retaliações

Spartakus Santiago: então, se você é negro, preste atenção nisso que a gente vai falar.

AD Júnior: não saia sem documentos. Priorize levar na bolsa, na carteira ou na mochila a sua carteira de identidade ou a sua carteira de trabalho.

Spartakus Santiago: Sinalize para seus amigos aonde você está indo, se você já chegou em casa. **Mande a localização pelo Facebook, pelo WhatsApp**, porque a forma deles saberem onde te achar, onde te procurar.

Edu Carvalho: Não deixe de andar nunca com o seu celular e que ele esteja com a bateria carregada. É com ele que você consegue fazer não somente as ligações, mas as gravações.

Spartakus Santiago: E também consegue compartilhar com seus amigos e familiares a sua localização. Se você for andar com algum instrumento caro, seja um celular, seja uma câmera,

⁶³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eBdSBmTFR5g>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Edu Carvalho: Caso você seja parado, esteja no ambiente público, por favor, grave com o seu celular. Ele ainda é o melhor e maior registro que a gente pode fazer para a gente conseguir informações de quem te parou, como te parou e por que te parou. Segue a dica não só minha, mas do William Bonner. **Celular na horizontal, ó, e não é para tampar a saída de áudio, que a gente precisa escutar o que ser humano que está te parando está dizendo. Tente gravar o mááximo de coisa, tipo data, local, e tendo vítimas, por favor tente gravá-las porque também, as vítimas, as testemunhas.**

Edu Carvalho: se você se sentiu constrangido pela forma como foi abordado, não deixe de realizar um B.O. E ó, **sem sua permissão, ninguém pode ver seu celular, a não ser que o juiz tenha ordenado esta ação. Nesse momento, o máximo de informações é importante, para que a gente consiga fazer um ótimo relato na hora do B.O. Então tente gravar rosto, a identificação, a farda, a viatura, e não só a viatura, a placa.**

AD Júnior: em caso de abuso de poder em caso de abordagem por algum agente de segurança pública, **não faça movimentos bruscos**

Edu Carvalho: e não afronte nenhum desses agentes. A gente sabe que numa situação como essa você acaba sendo alvo de retaliação do militar e do policial. Então, **não entra na dele.**

Spartakus Santiago: estas são as dicas para te ajudar nessa. Marque os seus amigos, para **evitar que haja mortes** nesses conflitos. Eu sou Spartakus.

Edu Carvalho: eu sou Edu Carvalho, repórter da Favela da Rocinha.

AD Júnior: Eu sou AD Júnior e obrigado por assistir esse vídeo e até mais! (YOUTUBE, 2020, grifo nosso).

Recomendações dos circuitos afro-referenciados endereçadas à proteção da vida de pessoas negras, a exemplo de portar celular, de como filmar agressões policiais, informar familiares e amigos através das redes sociodigitais e não revidar provocações a fim de evitar mortes, consistem em saberes de resistência construídos e partilhados coletivamente. Portanto, mesmo que atores sociais individuais - ativistas no caso Gustavo Amaral, Darnella Frazier e o motoboy – subvertam lógicas de permanência de silêncios, acionando circuitos e narrativas nas mídias em um contexto de midiaticização, essas práticas são ulteriores e anteriores a outros acionamentos e narrativas nos processos de circulação que entrecruzam presentismo da violência colonial em ambientes privados e contrarrespostas por meio da celeridade das denúncias contra o racismo⁶⁴.

⁶⁴ A propósito, uma seção no site do veículo jornalístico Ponte Jornalismo se destina ao envio de gravações de abordagens policiais truculentas, principalmente no estado de São Paulo. Em reportagem com a temática publicada também em 2020, uma testemunha que filmou abordagem policial xinga os agentes, acusando-os de terem agredido uma moradora, mais um indício de confronto que se amplia entre agressores e testemunhas, embora as filmagens de casos de violência policial nem sempre serem suficientes para coibir mortes. Disponível em: <<https://ponte.org/to-filmando-vacilao-jovem-usa-celular-para-enfrentar-violencia-policia>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

5.3.2 Câmeras, ruas e redes diaspóricas: acionamentos dos circuitos afro-referenciados

Com o vazamento das imagens da violência sofrida por João Alberto, houve ao menos 900 mil menções ao caso social no Twitter até o dia 26 de novembro, de acordo com monitoramento de redes sociodigitais exercido pela agência de marketing digital Zygon – AdTech (2020)⁶⁵. O pico de comentários foi observado na madrugada do dia 21 de novembro, portanto, antes das mediações de programas dos meios do jornalismo. Em mais de um terço dos tweets – 35,26% -, houve menções a João Alberto ser um homem negro e 7,3% utilizaram a hashtag #VidasNegrasImportam. As palavras mais utilizadas nas publicações foram 'assassinato' (18,71%) e 'espancamento' (11,35%), sendo que os termos 'incidente' e 'acidente', que remeteriam à atribuição da morte a um acaso, estiveram presentes, cada, em apenas 0,14%. A maioria dos tweets com mais curtidas, compartilhamentos e respostas foi publicada por atores sociais não famosos e sempre em indignação contra o supermercado Carrefour, sendo parte deles com a publicação de fotografias e nomes dos agressores. Além disso, houve menções, em comparação, ao caso George Floyd (ZYGON, 2020).

Algumas inferências possíveis a partir do monitoramento das sínteses acerca do universo de tweets sobre o caso João Alberto são:

- a) As narrativas a respeito do acontecimento em circuitos interacionais nas redes sociais digitais, em enunciações e interações, são anteriores às mediações nas grades de programação de jornalismo das emissoras de TV e em meios impressos.
- b) Em termos gerais, narrativas de diversos circuitos interacionais no Twitter identificaram como responsáveis pela morte de João Alberto o supermercado Carrefour e os agentes de segurança contratados.
- c) As menções ao caso George Floyd identificam semelhanças entre os assassinatos dos dois homens negros por agentes de segurança, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. Este é um indicativo de ampliação de escalas de tempo e espaço no que diz respeito às aprendizagens

⁶⁵ Disponível em: <<http://abmp.com.br/pesquisa-da-zygon-mostra-que-movimento-antirracista-cresceu-46-no-brasil-apos-a-morte-de-george-floyd/>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

dos atores sociais para identificação do racismo para além das interpretações existenciais e dedutivas dos circuitos afro-referenciados.

d) A celeridade no acionamento dos circuitos interacionais, em fissura midiaticizada na dialética senhor-escravo, possui relação com o alcance da circulação midiática do caso social João Alberto e, por conseguinte, das disputas narrativas sobre o racismo e o ‘ser negro’.

Outras espacialidades envolvidas nos processos de circulação que se entrecruzam com o espaço-tempo simbólico das redes sociodigitais são as territoriais, a saber, aquelas dos ativismos locais nas redes e nas ruas, de Porto Alegre e de outras cidades. Atores sociais individuais e coletivos se reúnem, então, para práticas de advocacy político e midiático, articulando diferentes tempos e espaços. Nessa direção, circuitos interacionais no Twitter em torno de dois ativistas negros de Porto Alegre se contatam e dão a ver imbricações entre acionamentos e narrativas cronotópicos.

As narrativas da primeira ativista a respeito da morte de João Alberto apresentam interpretações do acontecimento relacionadas à experiência cotidiana do racismo, recomendações para reivindicações e práticas coletivas:

8) **Primeira ativista:** As filmagens que mostram o episódio que deu início ao brutal assassinato de João Alberto deixam evidente que a **razão da violência que lhe foi destinada é uma só: racismo**. O racismo **que a gente sofre** todos os dias quando entra num supermercado.

9) **A gente** precisa exigir que em cada cidade desse país **ocorram ajustamento de condutas dos seguranças no comércio**. Não podemos naturalizar a **perseguição, vigilância e violência** de corpos negros.

10) O que aconteceu no Carrefour **não é caso isolado**, tampouco exclusividade da rede. A gente é **perseguido e violentado em outros supermercados**. No @familiaextra, no "Walmart, no "Zaffari.

11) No Extra inclusive **mataram um jovem e caiu no esquecimento**.

12) **Amanhã as 18h tem ato no Carrefour do Partenon**. [Imagem]⁶⁶
(TWITTER, 2020, grifo nosso).

As narrativas observam recorrências do racismo, identificando correspondências entre acontecimentos racializados. Ainda, a ativista apresenta informação para seu circuito interacional com horário de protesto, em frente à loja do supermercado Carrefour, indício de

⁶⁶ A imagem não é visibilizada na tese em função de conter o nome da ativista. Esta tem a identidade protegida por ter interagido, em um dos tweets, com o Segundo Ativista, que, por ser entrevistado para tese, tem preservado o direito ao anonimato.

reunião nas redes sociais para mobilização posterior no espaço público das ruas. De maneira complementar, as narrativas do segundo ativista⁶⁷ referenciam diferentes tempos e espaços.

13) **QUE ÓDIO!** Acabei de ver as cenas do **assassinato** de João Alberto, espancado até a morte no Carrefour da ZN **Um homem negro morto a socos!** Os seguranças o **asfixiaram com o joelho nas costas!** Não relativizem: **isso nunca ocorreu com pessoas brancas dentro de um supermercado!**

14) **O Carrefour deve permanecer fechado e as trabalhadoras e trabalhadores devem ganhar o seu salário normalmente.** Em 2019, o faturamento da multinacional foi de 80 bilhões de dólares! Agora é **hora de cobrar de quem tem!** **Responsabilização do Carrefour já!**

15) **Não chegamos sozinhos e muito menos somos poucos!**
@coalizaonegra

Os recém eleitos veradores de POA
@matheuspggomes @karensantospoa @laurasito @bru_rodrigues65
@daianasantospoa **entregaram documento construído junto @coalizaonegra solicitando compromisso do MP-RS na celeridade**

16) Muita gente duvida desse quadro de racismo de alta intensidade. O IBGE, onde trabalhei nos últimos três anos, produz o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. **O maior abismo social entre negros e brancos no Brasil é aqui: educação, saúde, longevidade, renda. É disso que falo!**

17) Conversei com jornalistas de diversos países. O centro é a denúncia de POA como a **capital mais racista do Brasil.** A estratégia não é minha: antes de ser assassinado, **Malcolm X iniciou a denúncia internacional do racismo nos EUA. Sem solidariedade internacional não teremos saída!**

18) Como mencionei mais cedo, **não podemos mais** tolerar que as empresas soltem apenas notas prontas e já feitas. A @winniebueno disse tudo: a Prefeitura tinha que cassar o alvará de funcionamento do Carrefour!

19) Já tem protestos sendo convocados nas redes sociais, fim de tarde em frente ao **Carrefour da Av. Plínio Brasil Milano!** O Carrefour precisa ser responsabilizado: não é a primeira vez! Queremos justiça! Chega de violência.

20) **Hoje fomos milhares exigindo justiça por Beto! Ir pra rua nessas condições mistura sentimentos diversos: ódio, raiva, tristeza, medo... Só quem é negro e pobre sabe o quão tenso pode ser uma simples ida ao mercado**

21) Fogo nos racistas é um grito pelo nosso direito de auto-defesa! São **131 de abolição e violência contínua.** A única forma do Estado e das leis servirem aos pretos e pobres é **conosco no poder.** Pra isso, temos que erguer a cabeça e reagir contra a **violência racial!**

22) Nossa coletiva teve três pontos centrais:
1 - toda **solidariedade aos familiares e amigos;**
2 - exigiremos a **responsabilização da empresa de segurança e do Carrefour;**
3 - **apoio aos protestos** por justiça em **Porto Alegre e todo o Brasil #justicaporbeto** (TWITTER, 2020, grifo nosso).

⁶⁷ O segundo ativista é um dos informantes do estudo de caso, sendo sondado para a tese.

O segundo ativista expressou como referência dos acionamentos aos meios do jornalismo internacional a presentificação de estratégias de advocacy político e midiático por militante(s) histórico(s). Nas entrevistas concedidas a veículos nacionais e internacionais pelo ativista, a escolha de enfoque em denunciar o racismo permanente em Porto Alegre corresponde a uma denúncia ao presenticismo que configura um cronotopo idílico. Percebe-se, então, que as práticas dos dois ativistas articulam táticas de advocacy político e midiático ao promoverem encontros – este, também em termo cronotópico - entre sujeitos políticos negros e representantes de entidades do movimento social, a exemplo da Coalização Negra por Direitos⁶⁸. Logo, em articulações de atores sociais individuais e coletivos em encontros mediados pelas redes sociodigitais e em copresença física. A conta da Coalizão Negra por Direitos no Twitter publicou no dia seguinte à morte de João Alberto tweets com denúncias contra o Carrefour, enfatizando o caráter institucional para manutenção do racismo contra pessoas negras em supermercados. Do local do acontecimento e, portanto, onde operam as instituições do campo jurídico-policial, até as redes sociodigitais e em acionamentos a contas de entidades de movimentos negros internacionais, a Coalizão Negra por Direitos torna-se presente em diferentes espaços para ampliação da visibilidade do caso João Alberto:

23) Em virtude de **ação covarde de dois seguranças da rede Carrefour**, espancaram até a morte João Alberto Silveira Freitas. **Convocamos a todas e todos** para por um fim **nessa conduta racista e recorrente do Carrefour**. Assine o **#BoicoteNacionalAoCarrefour** : bit.ly/2UliGak

Figura 28 - Coalizão Negra por Direitos em campanha por boicote ao Carrefour



FONTE: reprodução Twitter, 2024.

⁶⁸ A Coalização Negra por Direitos é uma organização social criada em 2019, que congregava então mais de 150 entidades autodeclaradas como integrantes do movimento social negro.

24) **Muitos foram os casos de racismo que acontecerem no interior de lojas da rede Carrefour. Não se trata de exceção, violência racial é sua regra.** Por isso convocamos um **BOICOTE NACIONAL** as redes do @carrefourbrasil! #BoicoteNacionalAoCarrefour#CarrefourRacista #VidasNegrasImportam

25) O assassinato de João Alberto, por empresa de segurança privada no @carrefourbrasil, **não é uma morte isolada** e não escolhe dia. Somos #AlvosDoGenocídio todos os dias. **Consciência negra é exigir respostas sobre o genocídio da população negra!** Queremos respostas #CarrefourRacista

26) "**Muitos desses seguranças foram expulsos de corporações como a política por situações de violência**". "she_carvalho para o "Alma_Preta E @YahooBr #justiçaporbeto #CarrefourRacista

27) A Coalizão Negra por Direitos e o **Comitê da Defesa da Democracia do Brasil em Nova York** se solidarizam com a família de João Alberto Silveira Freitas, morto por seguranças no @carrefourbrasil. Assine a petição pelo boicote: bit.ly/3lYrOim #VidasNegrasImportam

Figura 29 - Acionamento de circuitos internacionais pela Coalizão Negra por Direitos⁶⁹



FONTE: reprodução Twitter, 2024.

28) #blacklivesmatter #vidasnegrasimportam⁷⁰
 "I also cannot breathe" João Alberto Silveira Freitas. Security guards who brutalized him, immobilized him & didn't let him breathe in #Carrefour, where they worked- JOIN US IN SOLIDARITY TODAY @ UNION SQUARE 1PM NYC
 @coalizaonegra (TWITTER, 2020, grifo nosso).

⁶⁹ Em português, "COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS E COMITÊ EM DEFESA DA DEMOCRACIA NO BRASIL NY Nos solidarizamos com a família de João Alberto Silveira Freitas, um homem negro brutalmente morto por seguranças no supermercado Carrefour no Brasil. Mais informações e assinatura da petição: coalizaonegrapordireitos.org.br";

⁷⁰ Em português, "Também não consigo respirar" João Alberto Silveira Freitas. Seguranças que o brutalizaram, imobilizaram e não o deixaram respirar no #Carrefour, onde trabalhavam - JUNTE-SE A NÓS HOJE EM SOLIDARIEDADE @ UNION SQUARE 1PM NYC.

As publicações da Coalização Negra por Direitos em denúncias contra o Carrefour foram publicadas em três idiomas: português, inglês e francês, este um idioma escolhido em função de a empresa ser francesa. Um dos tweets da organização brasileira foi enviado à organização estadunidense *Black Lives Matter*, cujas práticas e palavras de ordem transversalizam os repertórios de resistência adotados perante diferentes casos sociais, a exemplo dos protestos contra a morte de Gustavo Amaral e João Alberto.

29) **Black Lives Matter @Blklivesmatter:** João was brutally attacked on November 19th, **just one day before Brazil's annual Black Consciousness Day**. It's clear that no matter where Black people live, no matter the **proximity to "racial awareness", anti-blackness is a threat to our lives.**⁷¹

30) **Black Lives Matter @Blklivesmatter:** A thread in support of our loved ones in Brazil. **We rose up for our family in Nigeria, let's do the same for our Black siblings in Brazil!**⁷²(TWITTER, 2020, grifo nosso).

Os acionamentos, a meios do jornalismo e movimentos sociais negros internacionais e midiáticos, percebidos em práticas dos atores sociais individuais e coletivos, bem como o reconhecimento à luta antirracistas por entes de outros países, correspondem a um fluxo geográfico sul-norte nas narrativas de circuitos afro-referenciados em torno do caso João Alberto. Ou seja, de práticas antirracistas no Brasil ao acionamento de atores sociais e instituições midiáticas sobretudo nos Estados Unidos e na França, fluxo inverso ao recorrente em protestos de escala planetária a partir de casos sociais de racismo e que revela arranjos outros das articulações afro-diaspóricas em contexto de mediação. Para tanto, os *inputs* de circuitos interacionais diversos e diferidos decorrentes de uma fissura na dialética senhor-escravo e da celeridade de acionamentos múltiplos, a presentificação de repertórios da luta antirracista política e midiática e as narrativas consequentes são contrapostos à atualização do racismo nas práticas de violência contra o corpo negro, em práticas de solidariedade coletiva possibilitadas pelos usos e apropriações disseminados dos meios na ambiência mediática.

5.3.3 Primeiras mediações do jornalismo, suspeitas e possibilidades

⁷¹ Em português “João foi brutalmente atacado em 19 de novembro, apenas um dia antes do Dia Anual da Consciência Negra no Brasil. Está claro que não importa onde vivam as pessoas negras, não importa a proximidade com a “consciência racial”, a antinegitude é uma ameaça às nossas vidas”.

⁷² Em português, “Um thread em apoio aos nossos entes queridos no Brasil. Nós nos levantamos pela nossa família na Nigéria, vamos fazer o mesmo pelos nossos irmãos negros no Brasil!”.

A cobertura jornalística nos meios de programação se deu após o pico de interações nos circuitos on-line, processos de edição de reportagens iniciados na madrugada do dia 20 de novembro e em meio a declarações de atores sociais institucionalizados. Nesse contexto, após quase 24 horas da irrupção do acontecimento, o Jornal Nacional reproduziu reportagens realizadas e transmitidas por emissoras filiadas à Rede Globo durante o dia, principalmente da RBSTV. No início do telejornal, a escalada com as manchetes lidas pelos apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos enfatizaram, no caso João Alberto, singularidades relacionadas a questões raciais e repercussões ao longo do dia.

Boa noite, no **dia da consciência negra**, a notícia de um assassinato deixa o **país perplexo**. Ao menos **dois homens brancos espancaram um cidadão negro** até a morte no supermercado em Porto Alegre. Análises iniciais indicam que ele morreu de asfixia após mais de 5 minutos apanhando. **João Alberto Silveira Freitas tinha três filhos e uma enteada**. Parentes dele, autoridades e entidades da sociedade civil **denunciam o crime brutal como um ato de racismo**. E várias cidades brasileiras têm manifestações de protesto. Em São Paulo, houve **também atos de vandalismo**. Os espancadores, que trabalhavam como agentes de uma empresa de segurança, foram presos em flagrante por homicídio triplamente qualificado. A polícia do Rio Grande do Sul afirma que durou 5 minutos e 20 segundos o espancamento até a morte do **brasileiro João Alberto Silveira Freitas**. A **vítima** era um **cidadão negro**. Os agressores, agentes de uma empresa de segurança que presta serviço para o supermercado **Carrefour**. Autoridades e representantes de entidades da sociedade civil se juntaram à família de João Alberto e **denunciaram o crime como um ato de racismo**. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Os apresentadores do Jornal Nacional enfatizaram na escalada da edição diferentes elementos raciais do acontecimento, incluindo: as menções à identidade racial tanto dos seguranças brancos Magno Braz Borges, contratado pela empresa terceirizada Vector, e do então policial militar temporário Giovane Gaspar da Silva, que assassinaram João Alberto, quanto da vítima; e, interpretações de seus familiares e de atores sociais institucionalizados de que o assassinato e suas motivações correspondem a racismo, constatando que a notícia da morte de João Alberto “deixa o país perplexo” (JORNAL NACIONAL, 2020). Tais identificações, junto à classificação da vítima como sendo brasileira e cidadã e aos usos vestimentas de cor preta - ternos e gravata - dos apresentadores (Figura 30), por mais que contrastados adiante, são indícios de elementos narrativos de respeito e humanização nas representações da vítima, o que geralmente não ocorre nas coberturas jornalísticas a respeito de casos de racismo no Brasil (ver subseções 2.3 e 2.4).

Figura 30 - Apresentadores durante escalada do telejornal



FONTE: reprodução Jornal Nacional, 2024.

A primeira reportagem da edição do telejornal abordou a reconstituição do caso social. Para isso, a reportagem da RBS TV apresentou narrações em ordem cronológica de cada evento do caso, com base nas imagens de câmeras de segurança do supermercado e naquelas vazadas por cinegrafistas amadores. Durante a exibição das imagens do assassinato, o repórter descreveu as agressões, a queda da vítima, os gestos que resultaram em asfixia, o sangue no chão do estacionamento, as tentativas de reanimação por atendentes do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência etc., além de interações entre funcionários contratados pela empresa, clientes e transeuntes. Com a busca de indícios a serem revelados, a reportagem coteja com as imagens do assassinato as versões dos atores sociais envolvidos - expressas em diálogos gravados e testemunhos contrastantes de cúmplices dos agressores e de quem acompanhou o crime sob protestos. De acordo com o texto do repórter e vazamento de alegação falsa da fiscal de loja,

Repórter da RBS TV: Ali fora, **segundo a polícia**, João Alberto deu um soco em um dos seguranças'. Foi quando, segundo a polícia, o espancamento começou".

Funcionária: "ele deu um soco na cara de todo mundo ali. **Eu só não apanhei porque eu fugi**". (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso.)

Após essa primeira reunião de indícios, através do escrutínio de imagens e exposição de enunciações e interações, constitui-se uma zona de suspeita em torno do acontecimento. Por isso, o repórter questionou à delegada da Polícia Civil Roberta Bertoldo, que, sendo uma agente institucionalizada do campo jurídico-policial, exerce uma voz de autoridade reconhecido pelo jornalismo para classificar o caso social:

Repórter da RBSTV: a senhora considera que o fato **dele ser negro foi decisivo para esses seguranças agirem da forma como agiram?**

Delegada Roberta Bertoldo: Bom, nós estamos iniciando nossa investigação, nesse primeiro momento nós não podemos descartar nenhuma hipótese relacionada ao caso. **Até agora, não vislumbramos nenhum indicativo que pudesse estar relacionado ao racismo.** Isso não significa **que não possa vir a aportar uma circunstância dessa**

ao longo da investigação. Até o momento não há, o que consideramos que tenha ocorrido de uma forma desproporcional e decisiva foi a intolerância, a grande intolerância com a qual se tratou todo esse caso pela parte das pessoas vinculadas ao empreendimento onde estava a vítima. **Por algum mal-entendido esse homem teria sido abordado por seguranças,** teria havido novas discussões, provavelmente, que motivaram a retirada dele do empreendimento, que motivaram ele, enfim, a desferir um soco num dos seguranças e todas essas agressões que vieram a esse fim trágico, que é a morte dele. **Não temos indicativos agora para dizer de que se trata crime racial, ou de que a cor da pele da vítima tenha sido fundamental para as agressões.** O inquérito policial está instaurado para **apurar todas essas dúvidas.** (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Uma vez que têm suas apurações da veracidade de informações, indícios e narrativas amparados nos valores, gramáticas e logicidades do jornalismo e do Direito, respectivamente, repórter e delegada podem expressar suspeitas de ou denegar a existência do racismo na cultura e em casos sociais específicos. Tais condições sociais e históricas, contudo, limitam o reconhecimento de existência do racismo às declarações do racista, ou seja, o que e quando o Direito como força de lei e as polícias que fazem-no cumprir classificam como injúria racial, operando o jornalismo com lógica semelhante em suas narrativas. Ambos, jornalismo e Direito, se baseiam em lógicas eurocêntricas do debate na esfera pública que têm o declaratório - discursivo - senão como materialidade única, uma materialidade hegemônica para atribuição de racismo, excluindo como chave de interpretação a dimensão simbólica do sensível, ou seja, das ausências, das exclusões, das recorrências da brutalidade quase que exclusivamente contra corpos negros, vítimas de um genocídio em curso.

Sem respostas do campo jurídico-policial quanto ao racismo como condição do acontecimento, denunciado por familiares da vítima – pai, esposa e filha -, testemunhas e atores sociais nos circuitos interacionais nas redes sociodigitais, e sem possibilidades de afirmá-lo a partir de suas gramáticas de mediação jornalística, exhibe à exaustão as imagens do assassinato de João Alberto, em escaladas, chamadas para intervalos comerciais e reportagens nas grades de programação ao longo de um período de três semanas, em busca de evidências para a reconstituição cronológica do acontecimento e sua classificação nas disputas narrativas. Aparentemente paradoxal, a contradição e possível impasse entre denúncia e reprodução da violência contra o corpo negro pode ser comparada a situação não por acaso inexistente: não há precedentes nem de casos sociais em que homens brancos são espancados em supermercados por serem brancos, nem de casos midiáticos com incontáveis reexibições de imagens de homens brancos vítimas de violência brutal e assassinato, tampouco havendo elementos narrativos que ofertam às audiências em recepção, sugestões de práticas das vítimas em certa medida motivaram as próprias mortes. Imagens de controle que confinam o corpo negro à representação midiática de subjugação à violência, tal qual em telenovelas ‘de época’ que naturalizam os

castigos sofridos por escravizados, trata-se de uma diferenciação recorrente entre uma zona do ser considerado humano e digno de respeito à memória, e uma zona do não-ser, na qual as pessoas negras são inseridas pelo racismo.

De acordo com o texto do repórter, “João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, era trabalhador autônomo, pai de quatro filhos, morava a 600 metros do supermercado. **Segundo a polícia, tinha antecedentes criminais por violência doméstica, ameaça e porte ilegal de arma**” (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso). O vazamento de informações privadas pela polícia quanto à história de vida da vítima inserido em meio à narrativa da reportagem, somado à exibição contínua das cenas da morte de João Alberto configuram imagens de controle que do mesmo modo persistem desde os escravismos a respeito de pessoas negras: a narrativa do homem negro como violento, suspeito de crime ou criminoso que, por isso, tem justificada a agressão social e, no limite, a consequente morte do corpo físico e de sua memória – esta fragmentação, especialmente na segunda vida dos acontecimentos, em reproduções no jornalismo e no entretenimento e em recepção produtiva por diversos atores sociais. Dessa maneira, as relações de instituições sociais modernas, como o jornalismo e o Direito ocidental, com o espírito do eurocentrismo impedem o reconhecimento do racismo, entrecruzando-se com o presentismo que mantém e atualiza a desumanização do negro em suas representações no midiático. Do caso social e do conjunto de práticas e enunciações de atores do jornalismo e de instituições policiais locais, depreende-se então um retorno - portanto uma circularidade contínua -, do cronotopo idílico nos processos de circulação dos acontecimentos racializados.

Para além da dimensão local do caso João Alberto, o primeiro dia da cobertura jornalística da Rede Globo e do Jornal Nacional reproduziram enunciados dos então presidente e vice-presidente da República, ministros do Supremo Tribunal Federal, ministros do Poder Executivo, líderes de partidos políticos, universidade, Organizações Não Governamentais, representantes do Carrefour em entrevistas concedidas para meios do jornalismo e em manifestações no Twitter. A propósito, a empresa Carrefour emitiu nota de repúdio e informou que ‘todo o faturamento de lojas no país "hoje" vai ser destinado a projetos de combate ao racismo no país seguindo orientações de entidades reconhecidas na área’ (JORNAL NACIONAL, 2020), em admissão tácita de responsabilidade para com a prática de racismo. No âmbito internacional, reportagem destacou tweets da organização *Black Lives Matter* diante da morte de João Alberto.

Repórter: A fala [da presidência, em denegação do racismo] também provocou críticas do movimento Black Lives Matter, Vidas Negras Importam, que republicou mensagens de um **outro grupo internacional, que reúne 150 organizações que**

lutam contra o racismo. A sequência de postagens em inglês explica ao mundo o que aconteceu em Porto Alegre. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Black Lives Matter: João foi brutalmente atacado em 19 de novembro, apenas um dia antes do Dia da Consciência Negra anual no Brasil. Está claro que não importa onde vivam as pessoas negras, não importa a proximidade com a “consciência racial”, a antinegritude é uma ameaça às nossas vidas.

Black Lives Matter: Um tópico em apoio aos nossos entes queridos no Brasil. Nós nos levantamos pela nossa família na Nigéria, vamos fazer o mesmo pelos nossos irmãos negros no Brasil! (TWITTER, 2020, tradução nossa).

O texto da repórter indica que um grupo internacional de 150 organizações teve tweets republicados pela conta oficial da entidade *Black Lives Matter* no Twitter, apesar do grupo em questão ser, provavelmente, a Coalizão Negra por Direitos. Dá-se a ver nos tweets o alcance da circulação midiática no fluxo geográfico sul-norte, após acionamento promovido por movimentos sociais negros brasileiros, bem como de discursos que indicam uma solidariedade diaspórica entre coletivos afro-referenciados de Estados Unidos, Brasil e Nigéria.

As reportagens e trechos de entrevistas ainda descreveram protestos antirracismo em lojas do supermercado em capitais de estados brasileiros, mediando um processo de ascendências de manifestações nas ruas e nas redes sociodigitais visibilizadas nos meios do jornalismo. Pela primeira vez em coberturas jornalísticas da Rede Globo sobre casos de racismo no Brasil, foram ouvidas não apenas testemunhas oculares e familiares da vítima, como também pronunciamentos de sujeitos políticos e imagens de protestos antirracismo, o que se configura como contatos entre o jornalismo da emissora e manifestações dos coletivos e circuitos afro-referenciados nas ruas das capitais brasileiras, visibilizando práticas político-culturais e as estéticas dos atores sociais em protestos (Figura 31).

Figura 31 - Protestos em frente a Carrefour no Rio de Janeiro



FONTE: Reprodução Jornal Nacional, 2020.

De acordo com os apresentadores do Jornal Nacional,

William Bonner: a morte de João Alberto provocou protestos em diferentes cidades. Na zona oeste do Rio um grupo fez um protesto silencioso. No supermercado, manifestantes encheram os carrinhos de compras e bloquearam as saídas dos clientes nos caixas. Dentre eles estavam os cantores Nego do Borel e Pretinho da Serrinha. Em Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza.

Renata Vasconcellos: em São Paulo, um grupo atacou uma loja do Carrefour durante uma manifestação. Foi no fim da tarde. Manifestantes caminharam até uma unidade do Carrefour. Ao chegar, um grupo quebrou portas, atirou pedras e conseguiu entrar na loja, onde teve mais quebra-quebra; O carro de um cliente, que estava na porta, foi depredado. Mais cedo, a marca da consciência negra em frente ao MASP não teve violência. Os manifestantes reivindicaram respeito e igualdade e lembraram a violência sofrida pela população negra nas periferias do país. Pediram justiça pela vereadora Marielle Franco, assassinada no Rio de Janeiro, e protestaram contra a morte de João Alberto.

William Bonner: Agora há pouco um grupo pequeno de vândalos atacou o supermercado onde João Alberto foi assassinado. O grupo não fazia parte da manifestação pacífica nos arredores da loja. A Brigada Militar, como é chamada a PM no Rio Grande do Sul, dispersou os manifestantes e desbloqueou a rua em frente ao Carrefour. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Embora os apresentadores do Jornal Nacional diferenciem os manifestantes entre pacíficos – identificados como maioria -, e vândalos – identificados como em menor quantidade -, seus textos e as imagens das manifestações visibilizam táticas dos ativistas, a exemplo da recordação da “violência sofrida pela população negra nas periferias do país” e em memória da vereadora Marielle Franco. Os acionamentos sucessivos de atores sociais individuais e coletivos [da gravação do caso social, de encontros seguidos de chamamentos para as ruas e de contatos com instituições midiáticas e organizações internacionais nas redes sociodigitais] e fragmentos das narrativas decorrentes de movimentos sociais negros, em recordações do sofrimento, denúncias da continuidade do racismo e responsabilizações, ascendem então aos meios do jornalismo. Esses fluxos ascendentes, dos circuitos afro-referenciados ao jornalismo, configuram contatos entre as duas instâncias recebem feedbacks descendentes, inversamente, dos meios do jornalismo ao vivo a respeito das expressões dos circuitos. As respostas são expressas em narrativas ambíguas, situadas entre uma zona de suspeita [“foi racismo?”] e uma zona do que é possível elucidar no caso social a partir de indícios e evidências reunidos em mediações. Da intersecção entre as duas zonas, o jornalismo em suas enunciações inicialmente privilegia o luto e o lamento diante da morte, mas oscila em narrativas sobre o racismo por manter articulações entre o presentismo e o presenticismo.

5.3.4 Presentificações do jornalismo tensionadas por atores sociais intra e intermeios

Durante a programação jornalística da Rede Globo nos dias 20 e 21 de novembro, a emissora anunciou a obtenção de imagens exclusivas que permitiriam a reconstituição dos eventos que culminaram na morte de João Alberto, a serem apresentadas no programa Fantástico no domingo, dia 22 de novembro. Por sua vez, a Rede Record, concorrente da Rede Globo, anunciou no dia seguinte a obtenção de novas imagens exclusivas⁷³ do assassinato. Diante da defasagem ante a celeridade das redes sociodigitais em repercussão ao acontecimento, os meios do jornalismo se lançam em uma corrida para publicarem informações inéditas ou atuais, e, em um intervalo o mais curto possível entre a morte de João Alberto e novas edições dos telejornais, constituindo em suas mediações o próprio acontecimento.

Telejornais e reportagens da TV Record⁷⁴ apresentaram imagens de câmeras de segurança com o acréscimo de outros ângulos que não aqueles apresentados pelo jornalismo da Globo (PORTAL R7). Essas imagens são igualmente cotejadas com áudios de funcionários do Carrefour vazados nas filmagens e depoimentos prestados à Polícia. O enfoque das reportagens são as contradições presentes nas narrativas:

a) Em um outro vídeo, uma mulher conta o que os seguranças disseram ao pai de João Alberto. **"O pai dele perguntou e falaram assim que ele estava alterado. Eles alegaram que ele estava alterado"**, conta uma testemunha.

b) Também é possível perceber o momento em que uma outra cliente alerta que João Alberto estava ficando com a boca roxa durante o espancamento. "Logo no início, quando ele começou a entrar em falência, eu falei: **ele está ficando com a boca roxa e ninguém deu bola. Continuaram dois em cima dele"**, afirma um cliente.

c) A Record TV teve acesso aos depoimentos prestados à polícia. Há **contradições nos relatos de duas funcionárias** do supermercado. Uma fiscal disse à polícia que não conhecia João Alberto e que ele parecia furioso ao encarar ela e os seguranças. A funcionária do supermercado ainda **disse que ele ameaçou empurrá-los, mas que conseguiram se esquivar. Isso teria ocorrido antes de João Alberto ser levado ao estacionamento. O circuito interno, no entanto, não mostra isso.** João Alberto parece caminhar tranquilamente e agride o segurança só quando chega ao subsolo.

d) A agente de fiscalização do supermercado - que aparece em dos vídeos - também foi ouvida e também apresentou contradições. (PORTAL R7, 2020, grifo nosso).

O Fantástico, da Rede Globo, republicou imagens de câmeras de segurança obtidas pelo site Gauchazh, do Grupo RBS, a partir das quais realizou reportagens com outros enfoques. A corrida dos meios do jornalismo por imagens ante a profusão de signos em circulação sobre o acontecimento nas redes sociais digitais consiste em tentativa presentista de atingir uma

⁷³ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/imagens-exclusivas-revelam-novos-detalhes-sobre-caso-joao-alberto-23112020>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

⁷⁴ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/imagens-exclusivas-revelam-novos-detalhes-sobre-caso-joao-alberto-23112020>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

periodicidade simultânea ao caso para tomar ou retomar dos circuitos interacionais nos meios on-line um lugar de referências para as audiências se informarem. Mais que isso, diante da percepção de uma universalidade mais abrangente, em que pessoas de diferentes grupos sociais expressam indignação nas redes - um indício de uma proximidade sentimental em solidariedade à vítima e à luta antirracista independentemente de intencionalidades -, a morte violenta de um homem negro passa a ser considerada digna de cobertura jornalística por um período de tempo mais extenso, ao invés da prática recorrente de delegarem o caso social de racismo à invisibilidade e ao esquecimento.

A partir das novas imagens, o Fantástico passa a abordar, nas falas de apresentadores e em reportagens, subtemáticas do racismo. Sem afirmar a existência do fenômeno e problema social racismo como motivação do caso João Alberto, as narrativas sugerem relações entre a discriminação racial e violências físicas e simbólicas que agentes de segurança e seus contratantes impõem a pessoas negras em supermercados do país:

Tadeu Schmidt e Poliana Abritta: Boa noite. Boa noite.

Poliana Abritta: O assassinato covarde de João Alberto Freitas levanta várias discussões: sobre racismo, sobre violências com cidadãos negros e também sobre as responsabilidades em torno do crime.

Tadeu Schmidt: uma vez mais questiona-se o papel das empresas de segurança e das empresas que contratam esses serviços. (FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

Dois reportagens em profundidade da edição do Fantástico no dia 21 de novembro apresentam simultaneamente contrastes e complementaridades, no que diz respeito a relações entre tempo e espaço. A primeira, elaborada pelo repórter investigativo Valmir Salaro, levanta discussões sobre atuação (i)legal de agentes e empresas de segurança privada. A seguinte, elaborada pelo repórter Manoel Soares, questiona sobre percepções possíveis de identificação do racismo na sociedade e especificamente atrelado ao caso João Alberto.

Na primeira reportagem, Valmir Salaro recordou cinco casos anteriores, no Carrefour e em outros supermercados, de “episódios de agressão provocados por seguranças terceirizados” (FANTÁSTICO, 2020):

- a) Vigia negro foi agredido em supermercado Carrefour em Osasco, acusado de roubar o próprio carro. Os seguranças que o agrediram foram absolvidos.
- b) Em 2018, no mesmo supermercado, segurança matou uma cachorrinha.
- c) Luis Carlos, PCD, abriu lata de cerveja em um supermercado Atacadão em Santos. Foi perseguido por gerente e segurança e depois agredido no banheiro.

d) Em fevereiro de 2019, Pedro Henrique de Oliveira Gonzaga, jovem de 19 anos, foi imobilizado, asfixiado e morto por segurança do supermercado Extra, do Rio de Janeiro, enquanto sofria uma crise de colapso mental.

e) Também em 2019, um adolescente negro foi arrastado para uma área interna do supermercado Ricoy, em SP, depois de ser pego furtando um chocolate. Ele foi despedido e chicoteado por agentes de segurança. (FANTÁSTICO, 2020).

A recordação de casos de violência recentes em supermercados, principalmente aqueles que vitimaram homens negros, indica na reportagem recorrências de um problema relacionado à contratação e atuação de agentes de segurança. As interações, em perguntas e respostas, do repórter com as fontes especializadas, o cientista político André Zanetic e o presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Rafael Alcadipani, ambos homens brancos, têm como enfoque a responsabilidade criminal ou não do Carrefour e de empresas terceirizadas, além da precarização das carreiras de policiais que necessitam trabalhar informalmente para complementar a renda em função de baixa remuneração. A ênfase nos códigos de lei e em responsabilizações criminais prevaleceu também na entrevista de Valmir Salaro com o vice-presidente de RH – Recursos Humanos - do Carrefour no Brasil, João Senise:

Valmir Salaro: Por que tem acontecido tantos casos de violência e agressão dentro e na porta dos supermercados Carrefour?

João Senise: Olha, Valmir, em primeiro lugar, eu gostaria de dizer, de reforçar, um profundo pedido de desculpas pelo o que aconteceu. O que aconteceu é lamentável, nós no Carrefour temos vergonha do que aconteceu, foi sem dúvida o dia mais triste na história do Carrefour. Logo que nós soubemos do caso, a pessoa que estava responsável pela gestão da loja foi demitida. E depois temos mais duas pessoas que estão afastadas nesse momento, que aparentemente estiveram diretamente envolvidas ali com a ocorrência.

Valmir Salaro: e o senhor acha que o Carrefour tem uma responsabilidade criminal pela morte do João Alberto?

João Senise: Nós temos sim uma responsabilidade pelas empresas que contratamos, pelas escolhas que fazemos, pelas exigências que fazemos para essas empresas... e se no final das contas o que aconteceu se configurar em uma responsabilidade criminal do Carrefour ou não, eu aguardo a opinião das autoridades competentes.

Valmir Salaro: Em relação às empresas, o senhor disse que são várias empresas que prestam serviços para o Carrefour. Esses contratos, essas situações, vão ser reavaliadas, vão ser reanalisadas?

João Senise: Sim. Já começamos um processo e estamos em contato com todas as empresas e esse é um dos pontos principais para nós agora. **Rever esses contratos, rever nossos critérios, certamente tudo o que temos feito não será suficiente. Então há sim a necessidade dessa revisão.**

João Sanise: O que a gente tem aprendido é que a gente tem oportunidade de aprendizado. Nós vamos formar um comitê com representantes externos, com **pessoas**

envolvidas com o tema antirracismo. Como é que a gente pode pegar essa situação e transformar isso realmente num processo de mudança, de transformação. (FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

Ainda nessa edição do Fantástico (2020), a apresentadora declarou que, “Em nota, o Carrefour afirmou que as manifestações que estão ocorrendo são legítimas e que está à disposição para buscar um debate em sociedade para que casos como este não voltem a acontecer.”. Portanto, a reportagem mediou as vozes de instituições e atores sociais que poderiam ser responsabilizados por lei pelo assassinato de João Alberto. Nisso, a presentificação de acontecimentos envolvendo agressões por agentes de segurança repetiu gramáticas contumazes do jornalismo, tendo como referências o tempo e as leis do campo jurídico-policial, sem citar a cor das vítimas, sem qualquer menção à palavra ‘racismo’ no texto, perguntas e interações do repórter, além de recorrer apenas a especialistas brancos que não tematizam a interposição do racismo como condição dos contextos expostos. Assim, ainda em reprodução de lógicas da esfera pública ampliada pelo jornalismo moderno, exceto pela inferência de que os casos de violência no interior de supermercados são recorrentes.

Em outra direção, a reportagem de autoria de Manoel Soares, repórter negro, articula diferentes temporalidades evocadas em sua narrativa e questionamentos, e, em interpretações dos especialistas, profissionais e intelectuais também negros. Em suas perguntas para familiares da vítima e fontes especializadas, o repórter questionou sobre diferentes percepções acerca do racismo sofrido por pessoas negras em supermercados.

Manoel Soares: O Beto quando estava com você ele falava dessa questão de ser negro e que o fato de ser negro fazia ele passar por essas situações?

Viúva: não, ele brincava, falava "aah, só porque eu sou preto”,

Manoel Soares: Você, quando estava com ele no supermercado, em algum momento sentiu que as pessoas estavam olhando para vocês?

Viúva: Quando a gente chegava no mercado, olhavam mesmo. (FANTÁSTICO, 2020).

Nesta primeira interação com a viúva de João Alberto, o questionamento quanto à experiência de ser negro, as causas do racismo e se percebia que eram olhados no mercado pela cor da vítima indicam a relação intrínseca entre o fenótipo negro e a discriminação sofrida. Além disso, a pergunta sobre o olhar que tem a pessoa negra como único alvo trata-se também de tentativa de exprimir outra percepção de racismo que não a sua discursivação, estando atrelada ao olhar de repúdio ou indiferença, bem como de negação à presença do negro em um dado lugar. As interações com especialistas, uma doutora em Psicologia Social e Institucional e um advogado criminalista, ambos negros, foram na direção também de possibilidades de

identificação de racismo para além do discursivo, a partir das imagens do caso social vazadas no espaço público:

Manoel Soares: Por que todos os **pedidos de ajuda não foram ouvidos** pelas pessoas que presenciaram as agressões?

Especialista: Fernanda Bassani, doutora em Psicologia Social e Institucional: A farda, roupa, logotipo de empresa, essas pessoas devem ter razão... Essa pessoa é um homem negro, tá de boné, hum, essa pessoa pode ser uma ameaça. **Julgamento de que aquela pessoa é um suspeito, é uma ameaça.** E aí não se sentem autorizados a intervir.

Manoel Soares: Nós temos **cenas** que mostram **todo o jogo corporal dentro do supermercado**. Chega um momento em que este **homem negro está parado, e o homem branco, na condição de segurança, fica ao lado dele**. Quando a senhora vê essas cenas, o que aquelas cenas, **mesmo não tendo áudio**, mostram para a senhora?

Fernanda Bassani: Se percebe que, no caso daquelas cenas, né, de que há uma **tentativa de intimidação do sujeito negro**. Aquele sujeito **negro de boné**, com aquele **tipo de jaqueta**, ele não é mais entendido como cliente, ele é entendido como **uma ameaça. Ele é associado ao estereótipo de uma pessoa que ou vai roubar ou vai causar algum transtorno ao supermercado**. Então essa ameaça é colocada dentro de uma arena e vai sendo conduzida para um local de segurança. Em que a relação de intimidação possa se dar de maneira mais tranquila, sem interferência do público.

Manoel Soares: Quais são as **evidências** que você como jurista tem de que o que aconteceu foi racismo?

Advogado Fabiano Machado da Rosa: Há uma **motivação clara de racismo na conduta dos criminosos que assassinaram o João Alberto**. Nós percebemos que aqueles dois criminosos **agiam quase como se não houvesse a mínima possibilidade de punição**.

Manoel Soares: Hoje no Brasil **nós já temos leis que previnem e punem esse tipo de crime** ou as nossas leis ainda são muito brandas nesse aspecto?

Fabiano Machado da Rosa: Manoel, nós temos leis que previnem e temos inclusive uma lei antirracismo, **a 7716, que é uma lei exemplarmente rígida. A questão central dele é que ela necessita que o Poder Público, Polícia Civil, Ministério Público, entendam a façam o enquadramento do ato delituoso como ato de racismo**. E o que nós vemos no dia a dia desses incidentes é que são geralmente classificados como injúria racial. E bom, **quando classificados como injúria racial, a punição é branda, quando ela acontece**. (FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

O repórter pergunta, afinal, se há como identificar racismo a partir de imagens que mostram hipervigilância e hostilização silenciosa de pessoas brancas a pessoas negras, mesmo não havendo áudio. Refere-se a um “jogo corporal”, em pergunta para uma doutora em Psicologia Social provavelmente em busca de interpretações quanto a comportamentos dos agressores, uma das especialidades da entrevistada, e questiona a um jurista quais são as evidências de racismo no caso João Alberto (Figura 32).

Figura 32- Repórter Manoel Soares entrevistando jurista



FONTE: Reprodução Fantástico, 2020.

Os dois questionamentos se contrapõem às identificações e classificações dos meios do jornalismo e do campo jurídico-policial, para os quais os indícios mais importantes do racismo são as palavras. As contraposições às práticas limitadoras do jornalismo para identificação do racismo surgem em mais dois momentos da reportagem, em argumentos de Manoel Soares seguido de análise do jurista Fabiano da Rosa, e, em análise de uma das fontes especializadas, o antropólogo e intelectual negro Kabengele Munanga. No primeiro momento, Manoel Soares argumentou contra a suposição de criminalidade de João Alberto, minimização e a partir da divulgação da ficha criminal da vítima nas mídias e especificamente pelo jornalismo, ou seja, contra imagens de controle recorrentes nas mídias:

Manoel Soares: Logo após o assassinato do Beto, **circularam várias notícias dizendo que ele era um homem violento**, com muitas passagens pela polícia. Existem 25 registros policiais envolvendo o Beto. A maioria por violência doméstica e ameaças. **Mas que nada têm a ver com o assassinato brutal do qual ele foi vítima.** E mesmo que ele tivesse cometido algum delito dentro do Carrefour, como qualquer brasileiro, **ele tem direito à ampla defesa, como reza a nossa Constituição. Mas essa chance não foi dada ao Beto.**

Fabiano Machado da Rosa: **Nós negamos ao João Alberto a condição essencial de qualquer pessoa humana no Brasil: a sua cidadania.** Um cidadão no Brasil, ele é autuado, ele é processado, ele responde ao devido processo legal e ele eventualmente é punido, até mesmo com a pena reclusão, nunca com a pena capital. Então, ligar uma situação na outra é construir uma falácia no sentido de negar a existência do racismo e justificar a barbárie que é injustificável. (FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

Em um segundo momento, após passagem na qual o repórter apresentou dados do Fórum de Segurança Pública que davam conta dos índices de assassinatos de pessoas negras, Manoel Soares declarou: “Em 2018, 43.890 pessoas negras foram assassinadas. Dá uma média de 150 assassinatos por dia, 5 pessoas por hora. 1 a cada 12 minutos. Esses dados mostram que em algumas situações a pele negra é a pele alvo” (FANTÁSTICO, 2020). Em seguida, Munanga

analisou que “O corpo negro no Brasil não importa, podem matarem, podem torturarem, podem fazer o que quiser. **Temos problemas é de confessar o que somos, temos até vergonha de dizer que somos racista**” (idem, grifo nosso). Para além do argumento de desumanização do corpo negro, Munanga, nas ‘entrelinhas’, recorda do livro *Não Somos Racistas*, do diretor de jornalismo da Globo Ali Kamel, e da denegação social do racismo.

Manoel Soares se referiu a pronunciamentos dos então presidente e vice-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão. Ambos declararam que o racismo é um problema dos Estados Unidos que grupos políticos querem importá-lo para o Brasil, onde é inexistente devido à miscigenação da população (sic).

Fernanda Bassani: 75% da história do Brasil foi construída em cima de uma vivência de escravidão. Ou seja, é muito pouco tempo, 120, 130 anos que a gente aprendeu a enxergar no sujeito negro um ser humano. Até então, ele era visto nem como um animal, ele era visto como uma coisa, um ser sem alma.

Kabengele Munanga: o vice-presidente não declarou que não há racismo no Brasil? Isso faz parte do mito da democracia racial no Brasil. Morre um negro, não há racismo. (FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

O conjunto de interações intramidiáticas, a partir das novas imagens do assassinato, entre repórteres e fontes declaratórias, evocam dois ‘estágios’ de presentificação - que não são recorrentes na temporalidade dos meios do jornalismo em reportagens sobre casos de racismo: a recorrência de acontecimentos recentes e interpretações que levam em conta o racismo em *continuum* que persiste no contemporâneo. As interpretações cronotópicas por especialistas e intelectuais negros em reportagem de Manoel Soares rompem por um breve instante com uma lógica epistemicida de não ouvir análises afro-referenciadas que contestem o status quo jornalístico e do campo jurídico-policial. Este rompimento, que inclui autocrítica aos meios do jornalismo, é possibilitado por e reitera a importância dos acessos de atores sociais negros – jornalistas e fontes especializadas – e temáticas afro-referenciadas ao midiático.

5.3.5 O jornalismo em três tempos: celeridade, mercado e campo jurídico-policial

Os meios do jornalismo responderam a diferentes temporalidades ao longo da cobertura do caso João Alberto. Em princípio, a celeridade no registro e compartilhamento das imagens de violência nas redes sociodigitais e dos acionamentos dos circuitos afro-referenciados levaram os meios do jornalismo a transformarem o acontecimento em midiático, buscando por imagens e depoimentos que permitissem reconstituir a cronologia dos eventos que provocaram a morte de João Alberto.

Protocolos recorrentes na cobertura jornalística se modificaram em escaladas, reportagens e entrevistas, com a identificação das identidades étnico-raciais dos atores sociais envolvidos na primeira vida do acontecimento e com a cogitação dos meios do jornalismo quanto à existência do racismo como atravessador do caso. Em um segundo momento, o presentismo próprio do jornalismo e a reprodução eventual de presentismos em imagens de controle atreladas a um cronotopo idílico passaram a ceder lugar em edições de telejornal a presentificações em recordação de acontecimentos racializados e do racismo como condição socio-histórica do caso João Alberto, de acordo com referências das fontes declaratórias. Nesta direção, ao que parece, a cobertura do telejornal Fantástico também se estabeleceu como resposta a críticas sociais dos circuitos interacionais on-line, uma vez que apresentou autocríticas ao campo jornalístico. Logo, a temporalidade da cobertura jornalística em princípio convergiu, em resposta, à celeridade tática dos acionamentos nas redes, em ascendência – o que corresponde, também por um breve momento, a uma alteração na predominância da estratégia de subordinação da cobertura jornalística à temporalidade das investigações policiais -, o que se altera no fluxo adiante do processo de circulação.

As narrativas dos telejornais Jornal Nacional e Fantástico também se subordinam à temporalidade do mercado financeiro perante à celeridade das estratégias tentativas da Rede de supermercados Carrefour para mitigação de críticas sociais recebidas - ou, sem esgotar a discussão sobre a temática, em prática de gestão de crise organizacional. Exemplo disso é que, em comunicado oficial reproduzido em edições dos telejornais referidos, “o Carrefour disse ainda que considera as manifestações nas lojas da empresa legítimas e que está disposto a debater com a sociedade, buscando soluções para que casos como esse não voltem a acontecer.”. (JORNAL NACIONAL, 2020). Desde então, âncoras, apresentadores e repórteres deixaram de classificar manifestações com depredação de bens privados como sendo “atos de vandalismo” (ver 5.3.3):

Poliana Abritta: à noite, um grupo de manifestantes voltou a protestar em frente à loja do Carrefour, em que João Alberto foi assassinado. Eles pediram mais uma vez justiça e o fim do racismo. **Um grupo** jogou foguetes no supermercado e quebrou grades [...] a polícia atirou balas de borracha. Não houve confronto.

Em nota, o Carrefour declarou que está consternado. Que sabe que nada que fizer trará a vida de João Alberto de volta, e que dará todo o suporte e auxílio à família. **Entre as medidas que está tomando, estão a doação de um dia de vendas para instituições que debatem o racismo e o treinamento de seus funcionários para reforçar os compromissos com a diversidade e contra a intolerância.** (JORNAL NACIONAL, 2020; FANTÁSTICO, 2020, grifo nosso).

Diante das críticas sociais e das sucessivas perguntas quanto à interposição do racismo no caso João Alberto, do início das investigações ao encerramento do inquérito transcorreu um período de 22 dias, ao longo do qual os meios do jornalismo noticiaram o andamento das investigações, tensionando-o com as imagens vazadas no espaço público, ainda que exibindo as imagens do espancamento mesmo quando não houve esse cotejamento. As declarações de agressores e testemunhas em depoimentos e as declarações de delegados responsáveis pelas investigações, seguidas de prisões e indiciamentos, são repercutidas nas edições do Jornal Nacional dos dias 23 a 27 de novembro e nos dias 4 e 11 de dezembro.

Em edição do dia 23 de novembro, o telejornal noticiou declarações de uma testemunha, em depoimento, que alertou os seguranças do supermercado “duas vezes sobre sinais de asfixia da vítima”, que “apresentava marcas visíveis de asfixia e que avisou os seguranças do fato, mas que eles pediram para que não intrometesse no seu trabalho”, além de sintetizar, também em reportagem, depoimentos de funcionárias do Carrefour que acusavam João Alberto de ser ‘uma pessoa agressiva e que havia entrado em atrito com fiscais de loja em outras datas’ (JORNAL NACIONAL, 2020):

Repórter da RBSTV: A polícia não encontrou novas imagens de João Alberto agredindo funcionários do Carrefour. Hoje a delegada pediu autorização judicial para ouvir novamente os dois seguranças, Magno Braz Borges e Giovane Gaspar da Silva.

Segundo a polícia, a suspeita é de que já havia um atrito com os funcionários aumentou depois que os investigadores tiveram acesso a esse vídeo. Uma nova gravação de outro ângulo da noite em que ele foi espancado até a morte. Em meio às manchas de sangue no chão, e com várias testemunhas em volta, algumas filmando, João Alberto geme de dor. **Dava para ouvir a voz de um funcionário dizendo para as pessoas que trabalhadores do Carrefour foram agredidos por João Alberto dentro do supermercado.** Ela usa a expressão gaúcha 'se botou', que quer dizer ir para cima de alguém, arrumar briga, para explicar o que havia acontecido: “Ele se botou numa colega lá dentro”.

A funcionária do Carrefour diz para as pessoas que os seguranças estão segurando João Alberto para esperar a chegada da PM e ela repete acusações contra o soldador. **- A gente não vai te soltar, para tu bater em nós de novo. - 'Tá doendo, tô morrendo'. Funcionária: "Sem cena, tá? A gente te avisou da outra vez".** (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

As suspeitas manifestas da Polícia Civil se dão em torno das motivações do assassinato de João Alberto, a partir de acusações de atores do campo jurídico-policial dirigidas às vítimas. Assim como nos dias seguintes da cobertura jornalística, as declarações de atores institucionalizados, prisões preventivas e indiciamentos se deram com base no escrutínio das imagens de câmeras de segurança do supermercado e vídeos que ascenderam das redes

sociodigitais. No dia 24 de novembro, o telejornal noticiou a prisão da funcionária Adriana Alves Dutra, que presenciou, filmou e estimulou as agressões a João Alberto:

Delegada Roberta Bertoldo: "O departamento de homicídios entende, **a partir das imagens que foram captadas e dos testemunhos colhidos, que a Adriana tinha sim o poder, naquele momento, de fazer cessar as agressões, a partir do fato de ser ali a superior imediata dos indivíduos que exerciam a segurança.** Ela anuiu de forma flagrante nessa conduta no momento que ele faz algumas afirmações que foram **captados em áudio e até mesmo em vídeos em redes sociais** que não vem ao caso reproduzi-las. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Após tensionamento das imagens e áudios vazados com os depoimentos, evidenciaram-se narrativas de atores do campo jurídico-policial e cúmplices que tentam desumanizar e responsabilizar a vítima pelo próprio assassinato, do mesmo modo que nos casos sociais Gustavo Amaral e George Floyd. À exceção que, desta vez, as contraposições aos testemunhos derivaram não só dos circuitos afro-referenciados, como também das investigações e, nessa esteira, dos meios do jornalismo.

Repórter da RBSTV: Adriana chamou o colega, Giovane Gaspar, de cliente. Disse que João Alberto empurrou uma senhora no corredor. não há imagem.

Afirmou que João dizia xingamentos durante a contensão e que não ouviu a vítima pedir ajuda. **Mas nesta gravação é possível ouvir diversas vezes os gritos** de João Alberto. "Se acalma pra gente poder te soltar. a brigada está chegando aí.". (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Os delegados responsáveis pelas investigações e a diretora do Departamento de Homicídios da Polícia Civil, Vanessa Pitrez, reconheceram em suas declarações o racismo como ordem social existente e passível de ser a motivação do caso social, porém constatável apenas após exame minucioso de indícios reunidos.

Repórter da RBSTV: a diretora do Departamento de Homicídios diz que a Polícia segue tentando descobrir o que provocou o desentendimento entre João Alberto e os seguranças, se eles tinham alguma desavença anterior **e se a motivação foi racismo**".

Vanessa Pitrez, diretora do Departamento de Homicídios: nós estamos buscando a **mais ampla coleta probatória** para poder esgotar todas as possibilidades e poder se identificar a real motivação deste crime, tanto analisando imagens do dia do fato, **possíveis imagens anteriores desse fato, como ouvindo, identificando e ouvindo todas as pessoas que estiveram presentes de alguma firma na cena do crime [...].** O que a investigação pretende coletar é desde o início da desavença, qual foi a motivação que levou esses indivíduos que levou a vítima identificada. Uma vez se **for identificado a motivação racial**, será enquadrado devidamente dentro da qualificadora do homicídio, **que implica na motivação racial**, que seria a motivação torpe.

Delegado Eibert Moreira Neto: A questão intrínseca a este fato que nós estamos apurando, ela vem à tona por óbvio, né, e nós sempre trabalhamos com a consciência

da existência do racismo estrutural nosso país. (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

As investigações prosseguiram com o depoimento de um dos agressores, Giovane Gaspar da Silva, conforme noticiado no dia 4 de dezembro, a fim de descobrirem o que ele e João Alberto disseram um ao outro antes do assassinato. Após Giovane da Silva assumir que foi o autor das agressões, novamente culpabilizando a vítima, só então o inquérito policial foi encaminhado para encerramento. Portanto, mesmo diante da iminência de dissimulação do racismo nas interações e diante de indícios constáveis através da interpretação das imagens, a palavra do autor da agressão, um homem reconhecido socialmente como branco, prevalece como força de lei para interpretação do campo jurídico-policial quanto às motivações do caso:

Repórter RBSTV: a polícia perguntou por que deu mais de 20 socos e chutes em João Alberto [...]

Delegada Roberta Bertoldo: 'Nos esclareceu várias circunstâncias [...]. Assumi que de fato deu socos, chutes [...].

Advogado de Giovane: ele disse que se impressionou com tamanha força e nada do que ele fazia conseguia derrubar. A ideia de ambos era derrubá-lo para imobilizá-lo. Ele acabou não conseguindo ouvir o que as pessoas diziam... foi também ameaçado por motoboys...'

Vanessa Pitrez, diretora do Departamento de Homicídios: ainda estamos analisando as imagens, individualizando as condutas desde o início do fato até o final com a morte de João Alberto Freitas para **verificarmos se no conjunto probatório conseguimos identificar a motivação racial.** (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Por fim, em edição do dia 11 de dezembro, o Jornal Nacional (2020) noticiou que “a Polícia indicia seis pessoas⁷⁵ pela morte de João Alberto Silveira Freitas, espancado e asfixiado no Carrefour de Porto Alegre”. Enquanto contestação à narrativa dos indiciados, um texto de reportagem volta a mencionar o exame toxicológico realizado no corpo da vítima, assim como a comparação que uma das indiciadas fez entre os casos João Alberto e Floyd evidencia ainda mais o atravessamento deste caso em relação aos demais e a admissão de racismo.

Vanessa Pitrez: os qualificadores foram motivo torpe, asfixia e recurso que dificultou a defesa do ofendido. A nossa decisão conclusão pelo motivo torpe foi fruto de um conjunto de fatores que foram identificados na nossa coleta comprobatória, que nos levou a crer que a conduta foi uma conduta cruel, degradante.

Repórter RBSTV: foi feita uma perícia no telefone da fiscal Adriana. Numa das mensagens que enviou ela escreveu: "a questão é que o brigada (como é chamado o

⁷⁵ Foram indiciados Giovane Gaspar da Silva, Magno Braz Borges Adriana Alves Dutra, Paulo Francisco da Silva, Kleiton Silva Santos e Rafael Rezende.

policial militar no rio grande do sul) ratiou, botou o joelho em cima, **fez que nem o policial americano aquele e asfixiou o cara (...) despreparado, não tem a manha de imobilização e tal (...)**".Numa suposta menção ao caso George Floyd, morto por um policial nos Estados Unidos. A polícia diz que a conduta dos envolvidos no caso foi discriminatória. Para a delegada do caso, **houve racismo estrutural**.

Delegada Roberta Bertoldo: Nós não temos aqui como afirmar que alguma ofensa relacionada à cor de João Alberto foi pronunciada naquele momento, mas nós podemos aqui considerar sem dúvida nenhuma, **que está arraigado nesse meio social o que todos nós viemos a tratar desde a data do fato, que é o racismo estrutural, que são ações arraigadas no meio e que traduzem, que demonstram a normalidade do tratamento dessas pessoas.** (JORNAL NACIONAL, 2020, grifo nosso).

Mesmo diante de indícios como a admissão das agressões por parte de um dos indiciados e com as imagens, áudios e depoimentos que permitem reconstituir a cronologia do acontecimento João Alberto Freitas, o campo jurídico-policial denegou a existência do racismo como motivados das agressões. Considerando imprescindível a discursivação do racismo para sua comprovação, os agentes institucionalizados novamente, tal qual jornalistas e posicionamento editorial da Rede Globo (ver 5.2.4), expropriaram o conceito de ‘racismo estrutural’, como maneira de simultaneamente se autorreferenciar como antirracista, proteger-se de críticas sociais antirracismo e não admitir institucionalmente a existência de racismo em casos sociais específicos. Quanto aos meios do jornalismo, a cobertura do acontecimento torna a seguir a temporalidade das investigações criminais, interrompendo-se com a mesma e prosseguindo diante de ritos esporádicos, vide julgamentos e condenações. Assim, a mediação jornalística também subordina suas temporalidades e responde a estratégias de organização provenientes do mercado financeiro, que reage de maneira célere a acionamentos táticos de diversos circuitos interacionais nas redes sociodigitais, sobretudo de circuitos afro-referenciados.

5.3.6 Ampliação das defasagens nos circuitos interacionais

No decorrer do período de cobertura jornalística do caso João Alberto, houve respostas adversas aos circuitos afro-referenciados no Twitter quanto a narrativas e práticas sociais dos atores individuais e coletivos negros. As respostas tiveram como objeto dois episódios do acontecimento, a saber: o vazamento da ficha criminal de João Alberto e a depredação de patrimônio privado durante protestos em frente e no interior de lojas do Carrefour. As respostas observadas são aquelas às postagens da primeira ativista que teve os tweets observados em subseção anterior e da Coalizão Negra por Direitos (ver 5.3.2).

A primeira ativista ironizou, em comentário, a crítica às depredações no supermercado Carrefour. Ela apontou contradição de pessoas que adotam a expressão ‘Fogo nos racistas’, palavra de ordem para expressar indignação diante do racismo⁷⁶, mas que também criticaram a quebra de objetos do supermercado durante os protestos: “Vocês precisam se decidir: ou é fogo nos racistas ou defende prateleira de supermercado. As duas coisas não dá”. (TWITTER, 2020).

As reações ao tweet abrangeram denegações da existência de racismo interposto ao caso João Alberto, criminalizações da vítima e críticas ao que entendem como violência de manifestantes. Estas, estendem-se a atribuições de dicotomia entre paz e violência, uma ausência de relação da empresa com as práticas dos seguranças e a uma equiparação entre a violência sofrida por pessoas negras e pessoas brancas, expressando em narrativas, assim, prerrogativas do mito da democracia racial no país, a reboque de uma temporalidade presentista que se materializa nas mídias, em consonância com declarações públicas dos então presidente e vice-presidente (ver 5.3.3). A propósito, a maioria dos atores sociais trazem junto a seus nomes, logo após as eleições para cargos legislativos de 2020, ícones de bandeiras do Brasil, um indício do bolsonarismo visibilizado nas redes sociodigitais.

31) Cara, pode destruir esse supermercado, espancar os seguranças 'RESPONSÁVEIS', **mas destruir lojas, comércios e coisarada de gente q nao tem nada haver é passamento**⁷⁷

32) Só queria entender o rapaz morreu por des desabou uma parede do Carrefour ele morreu porque caiu uma gôndola lá cheia de mercadoria em cima dele? **o que o prédio em si tema ver com a morte do rapaz? ele não foi morto por pessoas e essas pessoas não estão sendo punidas?**

33) **URGENTE: Homem negro que morreu no Carrefour respondia a 15 inquéritos e processos criminais contra violência doméstica.** Fonte: Tribunal de justiça, processo21700901921. Segundo o g1 o rapaz era "brincalhão"

⁷⁶ 'Fogo nos racistas' é uma expressão popularizada a partir da música Olho de Tigre, de álbum homônimo do rapper Djonga, lançado em 2017. Desde então, a expressão foi transformada em slogan antirracista recorrente principalmente em protestos nas ruas e nas redes sociodigitais, inclusive sendo alvo de processos judiciais. Em 2019, uma enfermeira negra se manifestou no Facebook contra o racismo sofrido pela irmã em uma loja e ilustrou a postagem com a foto de um cartaz com os dizeres ‘Fogo nos racistas’. Na ocasião, o Tribunal de Justiça de São Paulo determinou a exclusão da postagem.

⁷⁷ Foram mantidas as grafias originais dos comentários

Figura 33 – Desdobramento de vazamento da ficha criminal da vítima

FONTE: Reprodução Twitter, 2024.

34) Deveríamos usar o "vandalismo" para essa imprensa imunda, principalmente a Globolixo racista, quem sabe assim seríamos ouvidos...

35) Gente chega de twitter, aqui ninguém quer justiça ou paz! Querem se matar isso sim! Cada um defendendo seu ponto de vista! **Todos concordam que algo horrível e irreparável aconteceu mais sou contra atos de depredação, agressão... Isso só gera mais violência!**

36) concordo com tudo, mas **vc viu que tinha pessoas negras la dentro?** e que eles **ajudaram a pagar o fogo?** e se **no meio do protesto um negro morreu?**

37) Isso.

38) Não... **eu tenho certeza que vandalismo é outra coisa.** Eu acho q violência é agressão, por conta da cor é racismo. Mas vandalismo é outra coisa.

39) **No Carrefour houve um ATENTADO TERRORISTA**, que é bem diferente de protesto, **havia pessoas pretas também**, tanto entre os clientes quanto trabalhando lá, sem falar que as unidades em UF diferentes nada tem a ver, já que Carrefour é uma sistema de franquia, ou seja: SJW 100% errados

40) **Justiça, barbárie ou vingança? Sua resposta estabelece o lugar que você escolheu ocupar.**

41) Uma hora a raiva represada por gerações toma seu curso e explode, por não poder ser contida.

42) **Vandalismo é o que fizeram com o cara, e com o outro rapaz que foi espancado uns meses atrás, e com o senhor que morreu dentro da loja e foi coberto com um guarda-chuva e a loja continuou aberta. Isso é vandalismo.** O resto é consequência e eu acho é pouco. Quebra tudo!

43) **Não e possível falar em agressão quando se agride primeiro né**, como será que está a atendente que o mesmo agrediu, como será que estão os trabalhadores dos estabelecimentos **que vocês vândalos depredaram?** Usando **uma luta justa pra defender um mal caráter** +

44) **Vcs tratam o negrod e forma diferente**, uma pessoa foi morta e isso sendo negro ou nao ja era gerar revolta, se fosse um branco que tivesse morrido o movimento negro iria se revoltar **#somostodoshumanos**

45) Querido, o Carrefour é bilionário, **essas atitudes de vandalismo e terrorismo só prejudicam os trabalhadores, pais de familias q trabalham no local, pretos, pardos, brancos, q podem ficar sem emprego.**

46) Vandalizar a loja alheia é normal, porque o cara foi morto pelo segurança do Carrefour. Vai se tratar! **Quem tá vandalizando tem que ir pra cadeia! Não foi racismo, e estão passando pano pra agressor de mulheres! O cara já ameaçou a ex c faca, ameaçou a caixa**

47) **Os inúmeros latrocínios cometidos por negros entram na conta, ou aí a culpa é da sociedade?**

48) **Parem de dividir as pessoas!!! Isso não foi racismo** os fdp dos seguranças vão ser presos) A partir de agora quem se sentir roubado por políticos, por terceiros ou sofrer alguma violência física, poderemos fazer justiça com as próprias mãos? Será que o STF irá decidir quem tem ou não esse direito? Ou isso continuará sendo crime de vandalismo, agressão [...].

49) **Ridículo mano, se um branco mata um negro então a culpa é de TODOS os brancos? Não se resolve esse caso infeliz com VANDALISMO**, e antes que falem, os seguranças estão ERRADOS sim, mas praticar esse vandalismo faz vocês perderem a razão!

50) **Incentivar as pessoas a invadir quebrar e saquear patrimônio privado também é incentivar a violência protesto é um ato de paz** arruaça não se pode falar de paz e igualdade agindo com violência e desordem (TWITTER, 2020, grifo nosso).

Como parte das táticas de acionamento da Coalizão Negra por Direitos, ainda no dia 20 de novembro a entidade organizou campanha na qual sugeriu boicote ao Carrefour no Brasil. Dentre as respostas, prevaleceram críticas aos protestos sob alegação de riscos aos empregos de funcionários da rede de supermercados:

51) **Coalizão Negra por Direitos:** Em virtude de ação covarde de dois seguranças da rede Carrefour, espancam até a morte João Alberto Silveira Freitas. Convocamos a todas e todos para por um fim nessa conduta racista e recorrente do Carrefour. Assine o #BoicoteNacionalAoCarrefour : bit.ly/2UliGak

52) **Grande merda esse movimento de vocês. Generalizam um problema sem contabilizar a quantidade de empregos o Carrefour gera**, além da riqueza proporcionado com pagamento de impostos e taxas. Bando de imbecis!!!

53) **E os milhares de negros funcionarios do carrefour? Como ficam?**

54) O boicote precisa ser feito em todas as redes do grupo. Não diante boicota apenas o Carrefour e a pessoa comprar no Atacadão por ex. Que faz parte do mesmo conglomerado de lojas do grupo.

55) Exatamente como postei mais cedo: Não sei se seria o caso de não dá dinheiro (não ir, não comprar) ao Carrefour; praticar, noutra medida, o protesto do ETA, não "alimentar" o exército franquista.

56) Dia do índio poderia merecer todo o empenho e destaques também. Será que vende e dá lucro

57) Boicotar porquê? **Por que um espancador de mulher apanhou até morrer? Não Obrigada! Agora que eu vou comprar**

58) **Isso! Boicotem e coloquem muitos trabalhadores na rua por perderem o emprego, esses trabalhadores não tem nada a ver com esse crime! Vão combater violência com milhares de desempregados????**

59) **Patético**

60) **Isso mesmo vamos boicotar o supermercado e deixar que abra falência, assim vários negros, brancos e amarelos que lá trabalham fiquem sem emprego**

61) Continuarei cliente do Carrefour. Excelente atendimento. **Casos isolados acontecem em todos os lugares.**

62) **O intuito deste post é fazer com que milhares de funcionários, muitos desles negros, cheguem e perderem seus empregos? Aliás, já que afirmas que há tantos casos de racismo no Carrefour, vá lá filmar e denuncie. Certamente seria uma medida mto mais eficiente .**

63) **Vão trabalhahr vagabundos...**

64) **Nossa que genial esse Boicote. Vamso prejudicar 70 mil pessoas que dependem do mercado para susentar suas famílias. Vamos prejudicar geral (inclusive pessoas negras) por que a culpa é do emrcado e não dos dois assassinos, já presos inclusive! A sociedade está doente**

66) Gente, **estou saindo para fazer umas comprinhas no Carrefour.** Alguém quer alguma coisa?!

67) **Se eu encontrar um Carrefour por perto farei as compras lá.**

68) Para mim **Toda a vida tem valor, ams acho errado isso que a mídia está fazendo!** Sendo branco, pardo ou negro todos são injustos morrerem desta forma. Para mim e **covarde o que estão fazendo com o Carrefour!!**

69) Nunca mais entro numa loja do #CarrefourAssassino

70) Eu quero saber **por que nao tem coalizão branca, parda, indígena, mulata e etc?** Hoje em dia tudo é cor da pele, somos todos iguais, devemos gostar das pessaos por serem pessoas não por sua etnia.

71) Eu já inseri na lsita de lojas onde não comprar Por mais pequeno consumidor que sou, quero que meu dinheiro já pra outros fornecedores.

72) Vou continuar comprando no Carrefour! **A loja não mandou os seguranças matarem o bandido foragido!**

73) **E os Negros que trabalham lá ?! Serão demitidos e consequentemente passarão fome.** Vidas Negras reamtente importam ?!?) Estou vendo notícias de vandalismo. Isto nada tem de defesa dos negros ou crítica ao racismo. **Terrorismo** não é aceitável sob pretexto algum.

74) **Não foi por racismo. E mesmo que fosse o que o Carrefour e seus funcionários tem a ver com isto?**

75) Já estava bloqueado aqui. Vou bloquear nas outras redes também. E obviamente nunca mais pisar em um #CarrefourAssassino #carrefourRacista

76) Então nós brancos estamos de fora !? Não vai adiantar nada kk **Vão lá boicotar e várias famílias de negros, brancos, amarelos vão ficar desempregados [...]**

77) Lamentável o ocorrido, nenhuma vida independente de cor ou crença merece ser tirada mas daí apoiar esse tipo de movimento também não apoo. **TODAS as vidas importam** não só as negras, isso se chama hipocrisia e preconceito também.....

78) Uai, acho que vou lá comprar amanhã, acho que vai ficar tudo em promoção.

79) **Vocês não deveriam usar as pessoas para fazer militância terrorista. É nojento e desumano o que vocês fazem.** Pensem nas crianças que vocês estão destruindo a inocência colocando essa ideia de racismo na cabeça delas. **TODA VIDA É IMPORTANTE. NÃO SE DEIXE USAR.**

80) Tomara que dê certo esse boicote! **Assim teremos milhões de famílias afetadas, com desemprego, fome e miséria! muitos mortos! Um massacre silencioso" Um sangue oculto"... A bestialidade respondida com bestialidade!...** Usem o cérebro ! Apenas isso. (TWITTER, 2020, grifo nosso).

As narrativas dos circuitos interacionais que se contatam, em agonística, com os circuitos afro-referenciados, possuem características recorrentes. Além da denegação do racismo e de são caracterizadas pelos seguintes indícios:

- a) Isentarem o Carrefour de responsabilidade pela morte de João Alberto.
- b) Tentarem se legitimar através do que seria a defesa de um bem comum que estaria sob risco perante a um boicote, ou seja, a proteção dos empregos de pessoas negras, brancas e pobres.
- c) Tentarem desqualificar a vítima devido ao teor do vazamento de sua ficha criminal.
- d) Acusarem entidade do movimento negro e ativistas(s) de incitar(em) violência.

Tais elementos narrativos configuram críticas sociais e tentativas de permanência da dialética senhor-escravo em sua concepção original, hegeliana. Assim, a fim de evitar tensionamentos para com o silêncio imposto aos atores sociais negros sob o risco não apenas de violência física e, em seu limite, da morte que configura o genocídio, evocam, em analogia, o medo perante o risco de perda do emprego e salários, meios de subsistência em um contexto de precariedades sociais. Recapitulando, se na proposição filosófica hegeliana se prevê uma dita relação de interdependência entre senhor e escravo, na qual o primeiro depende do último para exploração do trabalho mediante desumanização e o segundo depende do primeiro por ter a terra expropriada, sendo desprovido dos meios de produção, para o senso comum dos circuitos interacionais em denegação do racismo é inaceitável que os atores sociais, principalmente

negros, se rebelam contra agentes do mercado financeiro e em ataques a seus meios, a despeito do sofrimento individual e coletivo diante de assassinatos recorrentes e naturalizados.

Aos manifestantes e/ou trabalhadores da empresa caberia, então, segundo essas expectativas que presentificam a subjugação à violência do senhor, o silêncio, o esquecimento e a conseqüente ausência de conflito diante da morte, o que interditaria o fluxo adiante das narrativas e a conseqüente permanência do debate sobre o caso João Alberto e outros tantos no espaço público, narrativas estas em contraposição ao racismo e em memória de suas vítimas. Entretanto, os acionamentos e narrativas progressos, de atores sociais individuais que se apropriaram de dispositivos para ampliação das denúncias ao racismo, de circuitos interacionais em geral e de circuitos afro-referenciados ensejaram respostas complexas, dentre suspeitas, possibilidades e mudanças de protocolos de mediações sobre o racismo e as pessoas negras, por parte de organizações e instituições midiáticas que passam a contrapor o silêncio antes predominante em ambiências organizadas por logicidades de uma sociedade dos meios em reprodução do racismo como condição social e histórica de suas mediações.

5.4 CRONOTOPOS MEDIATIZADOS NAS LUTAS ANTIRRACISTAS NA AMBIÊNCIA MEDIATIZADA

A partir das duas dimensões complementares do cronotopo mediatizado – meios dispositivos socio-técnicos-comunicacionais e as articulações de tempo e espaço que neles se materializam -, há diferentes singularidades e recorrências na reunião dos três casos mediatizados analisados. Em específico, através dos entrecruzamentos de temporalidades, espaços, cronotopos clássicos e fluxos que se interpõem aos acionamentos e às narrativas relacionados às disputas entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo quanto ao racismo e o ‘ser negro’. Apresento a seguir sínteses das inferências a partir da análise dos três casos, em recorrências e singularidades transversais a partir de cronotopos mediatizados descobertos nas lutas antirracistas na ambiência mediatizada.

Os acionamentos a circuitos afro-referenciados e a meios do jornalismo por atores individuais em solidariedade às vítimas, a partir de usos e apropriações de dispositivos socio-técnico-comunicacionais, em determinados momentos interrompem o silêncio e denegações perante o racismo que predominavam nos meios de comunicação do jornalismo. Nos casos mediatizados investigados, há processos que indicam que, quanto mais céleres forem os acionamentos, mais ambientes e temporalidades serão articulados em disputas narrativas quanto ao racismo e ao 'ser negro' - especificamente com relação a George Floyd e João Alberto e aos

acessos negados ao midiático observados no caso Em Pauta. Ao contrário, a dependência da mediação jornalística para ampliação da visibilidade dos casos de racismo no processo de circulação midiática, a exemplo do caso Amaral e de tantos outros casos diários que se sucedem no tecido social, tende a abreviar o fluxo adiante da 'segunda vida' dos acontecimentos racializado devido à coadunação com temporalidades e estratégias de instituições sociais não midiáticas, confinando-os tanto a limites geográficos dos casos sociais, quanto à mediação destes no midiático sem que ingressem em mais e mais circuitos interacionais no fluxo adiante da circulação.

Ao ascenderem a múltiplos circuitos e meios do jornalismo, os acionamentos se opõem ao presentismo de instituições e agentes institucionalizados locais - agentes de segurança pública e privada - que costumam impor silenciamentos diante de denúncias de racismo, ultrapassando assim barreiras territoriais relacionadas ao cronotopo idílico. Com isso, familiares e ativistas levaram o caso social Gustavo Amaral adiante em processos de circulação ao acionarem meio do jornalismo de alcance nacional, enquanto o caso João Alberto ingressou em circuitos interacionais do Brasil e de outros países do hemisfério norte - França e Estados Unidos -, e, singularmente no caso Em Pauta, que inicia midiaticizado, há ascendências do Twitter aos meios de programação e audiências mais amplas. Perante esta brecha, múltiplos espaços e temporalidades são articulados, em presentificação de práticas da esfera pública negra alternativa atualizada em cronotopos midiaticizados, que interpõem o silêncio imposto a pessoas negras na esfera pública capitalista e em especial no espaço público ampliado pelos meios.

Modos de contrapor o silêncio que relega a indignação antirracista à instância do privado são estabilizados socialmente por recomendações de coletivos e circuitos afro-referenciados e por usos e apropriações dos meios, a exemplo das táticas de advocacy político e midiático articuladas e que observo em todos os casos de pesquisa, em práticas de 'tornar-se negro' individual e coletivamente no espaço público - um processo gradual no caso Gustavo Amaral - e dos tensionamentos para com a dialética senhor-escravo atualizada no contemporâneo, dadas a ver nos casos Floyd e João Alberto em filmagens de cinegrafistas amadores - Darnella Frazier e motoboy. A precedência dessas práticas sociocomunicacionais por atores individuais e coletivos, que configuram uma esfera pública política, cultural e alternativa, soma-se a aprendizados prévios às e atualizados nas interações dos circuitos afro-referenciados. Se, quando em recuo tático à espera das decisões do campo jurídico-policial, ativistas, familiares e amigos de Gustavo Amaral passaram a interpretar casos de racismo e a decidir repertórios de manifestações em meios de conversação, incluindo *lives* no Facebook, Irlan Simões destacou aprendizados relacionados ao combate ao racismo em interações que

teve em grupo acadêmico-estudantil e em contato em *live* com Flávia Oliveira, comentarista no grupo Globo. A propósito, em todos os casos observados são encontrados atores sociais em interação, em circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo, que são acadêmicos oriundos das lutas em advocacy político e midiático que possibilitaram o acesso via cotas raciais em cursos de graduação, inclusive os de Jornalismo.

Vindos de diferentes coletivos, os circuitos afro-referenciados se organizam nas redes sociodigitais para encontros nas ruas. No caso Gustavo Amaral, em carreatas, os atores articularam diferentes temporalidades, primeiro reunidos em território negro, e, em memória de vítimas de racismo e em referências oriundas dos movimentos negros estadunidenses, ou seja, presentificando referências afro-diaspóricas que se atualizam em advocacys nas redes, ruas e posteriormente meios do jornalismo em processos de circulação. No caso João Alberto, os acionamentos de circuitos de atores sociais individuais que se contatam nas redes sociodigitais e de organizações dos movimentos negros têm como finalidade protestos na cidade e ampliação da visibilidade do acontecimento em ascendência a circuitos e meios internacionais, do sul ao norte geográfico. Logo, entre celeridades e presentificações, e, espaços territoriais e simbólicos diversos, são os atores dos circuitos afro-referenciados, por referências pregressas e durante os acontecimentos, os principais responsáveis por ampliar a permanência e a visibilidade dos casos sociais transformados em midiáticos e midiaticizados, ante os presenticismos coadunados com cronotopos idílicos de denegação dos acontecimentos em cidades e estados, nos Estados Unidos e no Brasil, onde se atualizam sucessivamente o racismo antinegro. Antepostos ao cronotopo idílico, portanto, constam articulações entre estradas, encontros e o limiar da interposição à invisibilidade e ao silêncio para a ampliação do alcance das narrativas em denúncia ao racismo.

A reunião de atores sociais em fluxo intramediático e no espaço público das cidades, seja em momentos mais abrangentes, seja em momentos de recuos táticos à espera de decisões do campo jurídico-policiaL no caso Gustavo Amaral e no caso João Alberto, metaforicamente remete a encontros em ‘aquilombamentos’, prévios a acessos e articulação de tempos e espaços em arenas discursivas das ruas, das redes sociodigitais e dos meios do jornalismo. As narrativas dos circuitos afro-referenciados podem ser sintetizadas em:

- a) contranarrativas às imagens de controle nos meios do jornalismo e em circuitos interacionais outros;
- b) reivindicações em críticas sociais a instituições midiáticas, do campo jurídico-policiaL e do mercado financeiro, bem como às práticas e enunciações de atores sociais institucionalizados.

Enquanto contranarrativas, no caso Gustavo Amaral, familiares, amigos e ativistas salientam em diversos meios, através de relatos e imagens, que o jovem era trabalhador, estudioso e amigável, em contraposição e antecipação às primeiras e possíveis acusações outras de ser criminoso e violento; no caso João Alberto Freitas, ativistas salientaram que a vítima era pai, filho, trabalhador e que não poderia ser responsabilizado pela própria morte, em analogia com o que ocorrera com George Floyd; e houve os elogios à inteligência, história de vida e identificações decorrentes por atores sociais dos circuitos afro-referenciados em oposição ao deslocamento sugerido pelo programa Em Pauta em privilegiar os testemunhos de vida e não as análises das comentaristas negras. Assim, os atores sociais nos circuitos metaforicamente deparando-se consigo diante dos espelhos midiáticos que visibilizam nas narrativas as relações com o ancestral - vítimas, antepassados e referências -, em uma dimensão política, cultural e estética.

A contraposição às imagens de controle em práticas de advocacy por movimentos sociais e circuitos afro-referenciados e nas respectivas narrativas possui como condição socio-histórica a atualização constante das culturas da diaspórica negra. Tais características e as relações espaço-temporais na esfera pública negra atualizada em circuitos afro-referenciados em disputas pelo reconhecimento dos modos de 'ser negro' evidenciam processos de adaptação das culturas diaspóricas às dinâmicas da sociedade em midiatização. Essa adaptação se dá pelos contatos e encontros em diferença ampliados e proporcionados em certa medida por processualidades como a revolução do acesso na ambiência midiatizada. É à dimensão estratégica anterior das culturas política e estéticas negras em repertórios referenciados em uma tradição em mutação constante, que se somam a aprendizagem socio-técnica por recomendações, usos e apropriações de dispositivos para ampliação de denúncias antirracismo, e, nesse sentido, também uma aceleração de aprendizagens derivadas da ampliação de escalas de tempo e espaço que permitem o compartilhamento célere e espraiado de conhecimentos principalmente a atores sociais que experienciam o processo de 'tornar-se negro' e àqueles que não são negros.

Com relação a reivindicações em críticas sociais de circuitos afro-referenciados a instituições midiáticas e atores institucionalizados, no caso Em Pauta há atribuições de responsabilidade de atores sociais por minimizarem o racismo e o antirracismo [Ali Kamel, Demétrio Magnoli, Narloch, Globo e Folha de S. Paulo], e, por contribuírem para interdições dos acessos de atores sociais negros aos espaços sociais. Ainda em entrecruzamento entre celeridades e presentificações em denúncias contra indícios de epistemicídio em meios do jornalismo, Irlan Simões - Em Pauta -, Thiago Amparo e Marcos Queiroz - Em Pauta e de Folha

de S. Paulo - em seus circuitos interacionais criticam as permanências da denegação do racismo, oposição a acessos de pessoas negras aos espaços sociais, em recordações de episódios dos debates sobre, a favor e contra a implementação de cotas raciais em universidades públicas.

Do mesmo modo, em acessos desses atores aos meios do jornalismo, a consciência coletiva crítica a processos sociais, midiáticos e midiaticizados é visibilizada nas narrativas das jornalistas negras participantes do Em Pauta ao criticarem enfoques das coberturas jornalísticas e identificarem a necessidade de vazamento das imagens de racismo cometido por agentes policiais e ingresso das mesmas em múltiplos circuitos e meios em escala planetária. Já na cobertura jornalística do Fantástico, Manoel Soares pondera sobre a divulgação da ficha criminal de João Alberto em notícias e possibilita o acesso de especialistas e intelectual negro, em tensionamentos quanto às possibilidades e limitações das percepções de racismo restritas ao declaratório. Nos casos Gustavo Amaral e João Alberto também são denunciadas instituições sociais e atores vinculados: no caso Gustavo Amaral, o governo do estado, as polícias, o Ministério Público e os responsáveis pelas tomadas de decisão nessas instituições; no caso João Alberto, o supermercado Carrefour, a empresa Vector, os agentes de segurança terceirizados e funcionários que impediram o socorro à vítima.

Articulistas e jornalistas negros, então, alguns engajados no debate e beneficiados por políticas públicas afirmativas voltadas para a educação, são os poucos e por vezes os únicos a contestarem e a contraporem os silenciamentos, denegações e senso comuns nas coberturas midiáticas sobre o racismo, contribuindo para a permanência das discussões sobre os casos no espaço público ampliado pelos meios. Há, então, uma relação prévia aos casos entre advocacy político e midiático de atores individuais e coletivos, imprescindível para os acessos aos espaços de opinião nos circuitos interacionais on-line e meios do jornalismo. As críticas sociais desses partícipes remetem a narrativas proeminentes na esfera pública negra, a exemplo das denúncias nominais a pessoas do cotidiano e cientistas mencionados em obras de Cèsaire, Fanon e Gilroy. Essas contranarrativas e acionamentos materializam cronotopos através dos entrecruzamentos entre a recordação de acontecimentos midiáticos progressos e condições socio-históricas que indicam um racismo em *continuum*, e a celeridade das práticas sociais e interações nos circuitos.

A irrupção dos casos sociais, no âmbito local e privado, enseja narrativas baseadas em imagens de controle sobre as vítimas e/ou que permitem a proteção dos agressores, contrapostas, conforme referido, pelos acionamentos de diferentes mídias por atores sociais individuais e coletivos. No caso Gustavo Amaral, de acordo com os familiares em reportagem de telejornal, médicos contaram que os policiais envolvidos na morte alegaram que se tratava de um assaltante. No caso George Floyd, adjacente aos demais, médicos afirmaram que a vítima

havia sofrido um mal súbito. No caso João Alberto, funcionários do Carrefour alegaram que ele estava descontrolado e havia agredido várias pessoas. Trata-se da configuração de imaginários sociais racializados, presentistas, que se cristalizam em imagens de controle baseadas no estereótipo social do homem negro violento e permanentemente sob suspeita.

Inserido nesse contexto sociocultural de tentativas de desumanização das vítimas para proteção de agressores e daqueles que mantêm a (re)produção do racismo - em denegação e materialização em violências físicas -, há tentativas do jornalismo em proteger debatedores autodeclarados brancos e o próprio campo, em posição de autorreferência expressa em posicionamento editorial da GloboNews e de replicadores do programa transformado em acontecimento. Tais práticas também operam por imagens de controle. Mais precisamente, em tentativas de confinar as jornalistas negras aos imaginários sociais racializados quanto à incapacidade intelectual de pessoas negras falarem a respeito de si de maneira racional. Assim, em tentativas de reproduzir e manter logicidades de exclusão de epistemes afro-referenciadas - pela interdição dos acessos de atores sociais negros e de temáticas afro-referenciadas aos meios do jornalismo. Mesmo a expropriação do conceito de racismo estrutural para se redimir de críticas sociais dos circuitos afro-referenciados, em narrativas de atualização do mito da democracia racial que o evocam não como instância estrutural e estruturante, mas para permanência da não admissão de existência de racismo em casos sociais e situações específicas.

Para além de silêncios, denegações e deslocamentos dos campos problemáticos dos acontecimentos, os meios do jornalismo, em suas mediações - em contatos com fontes testemunhais, especializadas e oficiais - e narrativas a respeito do racismo e de pessoas negras, respondem de maneiras diferentes diante de: temporalidades diversas atreladas a acionamentos e narrativas que emergem dos circuitos afro-referenciados nas ruas e nas redes sociodigitais, e, práticas e narrativas de agentes institucionalizados do campo jurídico-policial e do mercado financeiro.

Quando filmagens e frames ingressam de maneira célere em múltiplos circuitos interacionais em redes sociodigitais - imagens de João Alberto em analogia a Floyd e fotografia de jornalistas do Em Pauta autodeclarados brancos -, seguidos de críticas sociais em interpretação ao racismo, os silêncios e denegações passam a dar lugar a tentativas dos meios do jornalismo de se aproximarem, em presentismo, de uma temporalidade primeira da irrupção dos acontecimentos, das interações dos circuitos interacionais nas redes e a tematizações do racismo. Portanto, há alterações do que era até então recorrente nas coberturas jornalísticas sobre casos de racismo - a falta de biografia das vítimas, estas e seus agressores não terem a cor mencionada, o racismo na sociedade em geral e sua existência como causa dos acontecimentos

mediados não serem tematizado, tampouco serem recuperados contextos a partir de casos anteriores, sem interpretações de especialistas e intelectuais negros e sem serem visibilizadas manifestações nas ruas e redes sociodigitais. Por breves momentos, portanto, as mediações jornalísticas entrecruzam temporalidades do presentismo com temporalidades presentificações que dão conta do *continuum* socio-histórico do racismo, não apenas, mas principalmente em enunciações e questionamentos realizados por atores sociais negros.

Logo, essas alterações, mesmo que momentâneas, decorrem de respostas às ascendências dos acessos, acionamentos e narrativas de coletivos e circuitos afro-referenciados em arenas discursivas territoriais e simbólicas [espaços], em temporalidades múltiplas. Estas, principalmente, em interseções de recordações do sofrimento e de repertórios comunicacionais de advocacy político e midiático atreladas à celeridade de denúncias em superação a silenciamentos. Também ocorrem fluxos descendentes nos processos de circulação observados, dos meios do jornalismo do Rio Grande do Sul e da BBC às redes de familiares para contranarrativas no caso Gustavo Amaral, das interações nos circuitos afro-referenciados em recepção produtiva às edições do Em Pauta e em respostas dos circuitos afro-referenciados ante às responsabilizações da vítima pela própria morte no caso João Alberto, que mobilizam novamente as expressões nas ruas e nas mídias, em feedbacks complexos. Com isso, amplia-se no espaço público a participação de atores e circuitos e a visibilidade dos casos em lutas pela estabilização de sentidos nas narrativas contra o racismo atrelados a outros imaginários sociais possíveis para que pessoas negras deixem de ser sub-humanizadas ou desumanizadas. Assim, com a expectativa de futuro de passarem a acessar e a integrar socialmente uma zona do ser, em termos fanonianos.

No entanto, as narrativas dos meios do jornalismo oscilam entre o reconhecimento da humanidade das vítimas e sua sub ou desumanização em manutenção a logicidades de racialização da esfera pública moderna que incidem em interdições a acessos e na materialização de imagens de controle. Exemplos disso são: o formato do Em Pauta na organização temática do painel com jornalistas negras em tentativas de deslocá-las de um lugar de opinião e por suas exclusões em outros debates a respeito do tema-problema; a repetição exaustiva das imagens de violência no caso João Alberto repetidas em busca de indícios de racismo e a divulgação da ficha criminal da vítima. Mas, mesmo em momentos das mediações jornalísticas nas quais pessoas negras não são representadas a partir de estereótipos raciais, os casos não são classificados como racismo. Trata-se de intersecções entre zonas de suspeita quanto à interposição do racismo nos casos, e, de zonas do possível, relativas aos limites da possibilidade de admiti-lo, justamente pela evocação de valores normativos do jornalismo e de

uma compreensão que só permite classificá-lo como tal ao ser discursivizado, em presentiscismo - posto que contribui para o esquecimento dos casos - análogo a interpretações realizadas por outras instituições sociais modernas.

Diante das celeridades próprias da ambiência midiática em acionamentos dos circuitos afro-referenciados, aceleram-se também a temporalidade das investigações e decisões do campo jurídico-policia - caso João Alberto - e nas respostas institucionais do supermercado Carrefour no caso João Alberto - ao contrário do que houve em casos sociais anteriores -, em narrativas às quais a cobertura jornalística se subordina. Os indícios dessa subordinação são o encerramento das coberturas jornalísticas por veículos jornalísticos do Rio Grande do Sul - ante celeridades e lentidões estratégicas do campo jurídico-policia - e a mudança nas narrativas sobre manifestantes e suas práticas em protestos no interior e em frente a supermercados do Carrefour.

A partir de entrecruzamentos entre temporalidades materializadas no midiático, circuitos interacionais outros ingressaram em agonísticas com acionamentos e narrativas dos circuitos afro-referenciados e das mediações do jornalismo. Circuitos interacionais em recepção produtiva às coberturas do caso Gustavo Amaral e em respostas a postagens da Coalização Negra por Direitos e a ativistas em circuitos afro-referenciados no caso João Alberto denegaram a existência do racismo. No caso Gustavo Amaral, houve dois diferentes momentos na circulação midiática: o primeiro, em recepção à publicação de matérias que davam conta da morte de um engenheiro, mas não de um engenheiro negro, centenas de atores sociais lamentaram diante do acontecimento e criticaram o que atribuíram como causa o despreparo de atores do campo jurídico-policia, sem cogitarem a existência de racismo. Em um segundo momento, a menção à negritude de Gustavo Amaral e ao movimento *Black Lives Matter* estadunidense e do análogo *Vidas Negras Importam* no Brasil ensejaram agonísticas entre atores sociais polarizados, que, ou reconheciam a cor da vítima, a continuidade histórica do racismo e a atuação do movimento social, ou, em evocação dos imaginários sociais que referenciam o mito da democracia racial no Brasil, não reconheciam a cor da vítima, o racismo interposto ao caso e enquanto fenômeno social, e, conseqüentemente, a legitimidade dos movimentos sociais negros. Por fim, no caso João Alberto, atores sociais argumentaram contra a solidariedade coletiva prestada à vítima. Portanto, há circuitos interacionais outros que ingressam em agonísticas perante os entrecruzamentos de tempos e espaço na circulação midiática dos casos sociais observados denegam e se manifestam a favor do silenciamento de movimentos sociais, coletivos, circuitos e atores sociais perante o genocídio negro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cronotopos midiáticos articulam múltiplas temporalidades e espacialidades materializadas em meios-dispositivos através da relação entre a dimensão social das lutas pelo direito à diferença, o midiático dos meios do jornalismo e suas mediações, e a midiatização. A aceleração do tempo e a ampliação do espaço na ambiência midiática permite a adaptação das culturas afro-diaspóricas na esfera pública negra e nos circuitos interacionais afro-referenciados em repertórios político-culturais estratégicos, intensificando a reboque as aprendizagens sócio-técnicas e os confrontos sociais, em opressões e contra-hegemonias que presentificam o passado mantido e atualizado no contemporâneo e em disputas quanto a expectativas de futuro dos grupos sociais. Tem-se, então, uma ampliação dos acessos aos meios, encontros e vozes no espaço público.

Esse contexto torna mais acessíveis aos circuitos afro-referenciados conhecimentos seculares de práticas sociais midiáticas pelos coletivos negros perante o racismo de longa periodização, sendo as referências afro-diaspóricas e as referências eurocêntricas da modernidade, respectivamente, condições socio-históricas das práticas dos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo diante do tema social. Com isso, o espaço-tempo ampliado na midiatização se entrecruza no encontro entre diferentes temporalidades presentificadas no contemporâneo e materializadas em espaços territoriais - locais, regionais, nacionais, transnacionais etc. - e simbólicos - de redes socio-históricas e dos meios-dispositivos - articulados por circuitos afro-referenciados e por meios do jornalismo em acionamentos e disputas narrativas sobre o racismo e o 'ser negro'.

Nas temporalidades de presentificação, especificamente, há duas importantes dimensões articuladas pelos cronotopos que são midiáticos: no contexto afro-diaspórico, um tempo que é evocado pelos atores sociais nos circuitos afro-referenciados; e percepções desses atores acerca de continuidades do racismo e narrativas e práticas de advocacys – acionamentos -, em e perante meios-dispositivos, que permanecem e são atualizadas em cronotopos. Uma vez estabilizados socialmente, os acionamentos e narrativas permanecem e se atualizam, permitindo novos acessos, usos e apropriações derivados de acúmulos de aprendizados culturais e políticos partilhados de maneira mais célere e com maior alcance nos fluxos da circulação midiática. Inversamente, posto que os cronotopos são midiáticos também em situações de opressão, há reproduções e atualizações do racismo via silenciamentos e imagens cristalizadas sobre o negro e o racismo nos meios do jornalismo, enquanto lócus das relações sociais.

As condições sociais e históricas dos acionamentos midiáticos de temporalidades e espaços por circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo consistem no racismo de longa periodização, existente desde a antiguidade clássica, com características derivadas e atualizadas no colonialismo e escravização de pessoas negras na modernidade e em reprodução e resistências nas esferas públicas ampliadas pelos meios de comunicação impressos, eletrônicos e mais recentemente digitais. Fenotípico, o racismo é considerado de longa periodização na medida que possui longo lastro histórico, permanece e se atualiza. Na antiguidade, esteve presente em escala planetária em todos os âmbitos da vida social e estabilizado em dispositivos midiáticos - notavelmente os impressos - regulatórios das condutas sociais, como leis e escrituras religiosas. Como linha de corte dos acionamentos e narrativas, o colonialismo, o escravismo e suas linguagens enquanto violências totalizantes do racismo antinegro se relacionam com contextos políticos, econômicos e culturais que estão no cerne da emergência dos meios de comunicação na modernidade e da configuração de esferas públicas. Nessa direção, a esfera pública burguesa e o jornalismo são herdeiros de uma 'racionalidade' de valores modernos estritamente retóricos e da exclusão de pessoas negras em detrimento de pessoas brancas como correspondentes a parâmetros do homem universal, do mesmo modo que outras instituições modernas, privilegiando a linguagem discursiva como força de lei. Por sua vez, em resistência, nasce na modernidade uma esfera pública negra alternativa, referenciada gradualmente em uma oralidade letrada, em recordações do sofrimento presentificadas, repertórios políticos, culturais e estéticos indissociáveis e em mutação constante na diáspora negra, o que inclui, como 'permanências em movimento', reuniões de coletivos, letramentos, acionamentos dos meios do jornalismo e narrativas de percepção, interpretação e recordação de um racismo em continuum e de denúncias sistemáticas inscritas em diferentes meios-dispositivos contra ordens sociais hegemônicas, instituições e indivíduos em tentativas de criação de outros mundos possíveis após a revolução do acesso.

Nos casos sociais, midiáticos e midiáticos contemporâneos, as brechas identificadas em acionamentos socio-técnicos-simbólicos de atores nos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo abrangem momentos de ampliação da visibilidade de denúncias e solidariedade diante das mortes de pessoas negras, de tematização do racismo e de percepções e interpretações afro-referenciadas por jornalistas, especialistas e intelectuais negros em circuitos interacionais diversos e em ascendência aos meios do jornalismo. Em acionamentos primeiros, as fissuras midiáticas na dialética senhor-escravo através da filmagem de violências e mortes contra pessoas negras permitem o ingresso das mesmas em múltiplos circuitos interacionais, superando as barreiras geográficas da localização dos acontecimentos, entre muros, cidades,

estados e países, e simbólicas, das práticas sociais de racialização que muitas vezes impedem a ascensão dos casos ao espaço público. Não apenas os casos têm visibilidades e agonísticas ampliadas nos entrecruzamentos na circulação, como também as práticas de se tornar negro em acionamentos e narrativas dos circuitos afro-referenciados - como imperativo ontológico e cultural - faz com que sejam refletidos e identificados nos espelhos midiáticos a cor e a negritude das vítimas, pré-condição imprescindível para o debate, interpretação e reconhecimento do racismo e do antirracismo nas mediações jornalísticas. Esses acionamentos e narrativas dos circuitos afro-referenciados derivam em disputas sobre os acontecimentos nos meios on-line e nas ruas, mas demandam também alterações nas mediações jornalísticas recorrentes. Nestas, em resposta aos circuitos interacionais e instituições sob críticas sociais, em alguns momentos passam a tematizar o racismo na sociedade, em reconstituições dos acontecimentos, biografias das vítimas, tematização do racismo, entrevistas com pessoas negras para interpretação dos casos etc., ou seja, elementos narrativos que tensionam imagens de controle sobre o negro reproduzidas pelos próprios meios do jornalismo ao materializarem imaginários sociais racializados.

Nos circuitos afro-referenciados, as narrativas dos atores sociais sobre o racismo recordam acontecimentos midiáticos, experiências de vida, do ancestro e em denúncias diversas. Os repertórios em protestos evocam referências a nomes e palavras de ordem de movimentos ativistas e de atores sociais estrangeiros e nacionais, articulando lutas políticas por acessos às possibilidades de reunir e dizer, lutas políticas de revolta e estéticas afro-referenciadas, atualizando uma esfera pública negra transnacional, portanto afro-diaspórica, nos espaços das ruas, redes e meios. As narrativas contra práticas de instituições sociais, midiáticas e seus atores se dão em frente às sedes dessas instituições ou transmissões nos meios de programação do jornalismo. Já as narrativas em memória das vítimas, contrapõem-se a imagens de controle, portanto, ao presentismo. Nos meios do jornalismo, o presentismo que caracteriza as narrativas jornalísticas pela aproximação do tempo de publicização de seus conteúdos ao tempo dos acontecimentos, soma-se a presentismos sintetizados por certezas ou dúvidas dissimuladas em zonas de suspeita, algo como a questão "Foi racismo?". Ora essa articulação entre presentismo e presenticismo se relaciona com silêncios e invisibilidades que abreviam o alcance do compartilhamento da memória e do luto, ora se relaciona com disputas de celeridade e hegemonia das versões sobre o caso perante o tempo dos circuitos interacionais nas redes sociodigitais, vide o caso Em Pauta e principalmente o caso João Alberto. Nessa disputa, lançam mão de uma coleção de indícios sobre os casos sem afirmarem a existência do racismo, incluindo as narrativas que desumanizam ou sub-humanizam pessoas negras. Ao longo das

narrativas nas coberturas, em exceções, a complexificação entre presentismo e presentificações tanto de acontecimentos mais recentes quanto socio-históricas ocorrem em enunciações e interações entre atores sociais negros, momentos nos quais mais se aproximam da possibilidade de classificar os casos sociais midiaticizados como sendo racismo ao interpretarem imagens, gestos, aproximações, distanciamentos etc., uma sensibilidade própria da esfera pública negra cujas expressões se inserem em brechas nas edições dos telejornais.

Os fluxos dessas disputas são importantes para os entrecruzamentos de temporalidades e espacialidades no que diz respeito à abreviação ou ampliação da permanência dos casos em circulação em meios e circuitos. Nas interações horizontais dos circuitos afro-referenciados, os atores sociais vindos de diferentes coletivos se encontram para partilharem interpretações sobre os casos sociais e orientações para protestos nas redes sociodigitais e nas ruas. Em interpenetrações efetivadas nos contatos apenas entre jornalistas e/ou entre jornalistas e especialistas e intelectuais negros, nos encontros há enunciações, interações, com ou sem agonísticas, na circulação midiática. São encontros de aprendizagem, resistência e que antecedem ou ocorrem de maneira síncrona com as disputas narrativas nas arenas discursivas. Os fluxos horizontais intrameios do jornalismo, por sua vez, tendem a abreviar a circulação midiática quando silencia, invisibiliza ou não classifica como tal os casos de racismo, ao passo que as exceções quase sempre se dão quando, em acessos, atores sociais negros ascendem e se contatam em debates e reportagens, complexificando também os feedbacks entre meios e circuitos. Os fluxos descendentes, dos meios do jornalismo à recepção produtiva, ensejam fluxos adiante quando relacionados a vigilâncias, críticas sociais e acionamentos realizados por atores dos circuitos afro-referenciados. Os circuitos afro-referenciados e seus atores, em acionamentos e narrativas relacionados à brecha momentânea na dialética senhor-escravo e do tornar-se negro ante os silenciamentos, são imprescindíveis para a circulação de casos sociais midiáticos/miaticizados de racismo. Portanto, em todos os momentos, fluxos, tensionamentos e agonísticas em torno dos casos observados, há a intervenção de atores dos circuitos afro-referenciados em acionamentos e narrativas sem os quais os casos reconhecidos em alguma dimensão como sendo relacionados ao racismo tendem a não se tornarem midiáticos, tampouco miaticizados - o que contribui para a manutenção do racismo como ordem social hegemônica.

Referenciados em culturas de temporalidade circular - em presentificações do passado como referência para intervenção no mundo no presente -, os acessos ao midiático, os acionamentos e narrativas dos circuitos afro-referenciados em advocacys políticos e midiáticos para a crítica social articulam cronotopos nas lutas antirracistas responsáveis por mudanças momentâneas nos modos de mediação do jornalismo sobre o racismo e as pessoas negras,

justamente possibilitados apenas quando há intervenção desses circuitos e seus atores. O tempo circular dado a ver nos processos de circulação em ‘encruzilhada’ condiz a uma sobreposição ou acoplamento entre características (des)territorializantes e da tradição em movimento das culturas afro-referenciadas em diáspora e à não linearidade espaço-temporal da midiaticização, que abrange analogamente cronotopos que se entrecruzam em relações entre passado, presente, futuro e multiplicidade de espaços.

No âmbito sociocomunicacional, a comunicação nos circuitos interacionais visa ao reconhecimento e à superação das diferenças raciais para resolução de problemas partilhados, o que, na problemática do racismo no contexto de alteração nas escalas de tempo e espaço na midiaticização, pode oferecer lições para lutas de outros coletivos em situação de opressão social e histórica em permanência. No âmbito da pesquisa, a análise das relações entre tempo, espaço e midiaticização através de cronotopos midiaticizados pode oferecer lentes para interpretação de diferentes temas sociais vinculados, especificamente desde observações das condições social e históricas indicadoras de permanências de opressões e resistências a estas, até possíveis transformações a serem percebidas na investigação de casos sociais, midiáticos e midiaticizados.

Quanto à perspectiva da tese elaborada especificamente sobre o racismo vinculado à midiaticização, caminhos possíveis indicados para outras pesquisas a respeito do binômio são, em síntese: acerca do conceito e fenômeno de midiaticização, a contribuição teórica diz respeito à proposição dos cronotopos midiaticizados como lugares materiais e/ou simbólicos em que se demarca, permanece e se modifica a história, abarcando diferentes espaços e tempos em disputa entre continuidades e tentativas de combate ao racismo em acionamentos e narrativas para além de suas expressões discursivas nas arenas sociomidiáticas; quanto aos movimentos teórico-metodológicos para apreensão dos processos de circulação, constam os contatos em encruzilhadas entre as categorias - passíveis de aplicação a objetos de pesquisa outros -, relacionadas ao presente e os espaços nos quais se materializam, as matricialidades entre apreensões sobre as articulações de condições sociais pregressas e a circulação de casos midiaticizados contemporâneos. Além disso, a necessidade de captura indiciária de inter-relações das logicidades e práticas não só de circuitos interacionais [afro-referenciados] e meios do jornalismo, mas também o imperativo das mediações interpostas por instituições sociais não midiáticas, para compreensão das interdições, abreviações e continuidades dos fluxos de sentidos acerca dos casos midiaticizados de racismo e suas denúncias em circulação no espaço público; e o olhar, teórico e social, que articule o passado, o presente e possibilidades de futuro do (antir)racismo e das populações negras perante o epistemicídio e o genocídio, tendo os

pressupostos do *continuum* das opressões e do reconhecimento da [luta por] humanidade do ‘ser negro’ como condições centrais para realização e interpretação de práticas de resistência.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, Marcela Rochett. **O Homicídio Dramatizado: fragmentos do cotidiano violento em Cidade Alerta e Brasil Urgente**. 280 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34: 2018.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Luciano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BEZERRA, E. P.; DUARTE, V. M.; RAMOS, O. DE C.; NÓBREGA, H. P. C. DA. Discursividades racistas em imagens e textos de imprensa. **esferas**, n. 22, p. 70-97, 24 dez. 2021.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRAGA, J.L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J.L. et al. In: **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 43-64. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/59g2d/pdf/braga-9788578795726-03.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Mídiação**. Salvador: EDUFBA, 31-52, 2012. Disponível em: www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, ed. 10/11, p.219-236, 2004.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2014.
- CALIXTO, Clarice. Racismo, silenciamento e estigmatização nas narrativas jornalísticas sobre o sistema prisional. **Revista Direito GV**. v. 18, n. 3, 2022.
- CAMPOS, Deivison M. C.. **Do disco à roda: a construção do pertencimento afrobrasileiro pela experiência na festa Negra Noite**. 222 f. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.
- CAMPOS, Deivison M.C.; SILVA, Henrique F. da. #PROCURA-SEJOÃO PEDRO: A mobilização no Twitter contra a necropolítica. **REVISTA ECO-PÓS (ONLINE)**, v. 25, p. 266-294, 2022.

CARLÓN, Mario. Individuos y colectivos en los nuevos estudios sobre circulación. In: **Mediaciones de la Comunicación**, v. 14, n. 1, p. 27-46, Montevideo (Uruguai), 2019. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-lacomunicacion/article/view/2884>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. BLACK TWITTER: renegociando sentidos de comunidade em materialidades digitais. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/black-twitter-renegociando-sentidos-de-comunidade-em-materialidades-digitais?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Arte de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2014.

CÈSAIRE, Aimé. **Textos escolhidos**: A tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o Colonialismo. Discurso sobre a Negritude. Organização de José Fernando Peixoto Nascimento. Tradução de Sebastião Nascimento. 1 Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Política sexual negra**: afro-americanos, gênero e o novo racismo. Tradução de Ana Carolina Correia Santos das Chagas. 1 Ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2022.

DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization**: myth or reality. Chicago: Lawrence Hill, 1974. Disponível em: <https://www.almendron.com/tribuna/wp-content/uploads/2019/10/african-origin-of-civilization-complete.pdf>>. Acesso em 4 mar. 2023.

DORNELLES, Wagner. A COLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO: Tia Nastácia, Tio Barnabé e a importação de representações negras pelo Brasil. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-colonizacao-do-imaginario-tia-nastacia-tio-barnabe-e-a-importacao-de-represent?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a mediatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galáxia** (São Paulo, online), n. 33, p.199-213, set.-dez., 2016.

FERREIRA, Jairo. Meios, dispositivos e médium: genealogia e prospecções na perspectiva da mediatização. In: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula; BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto. (org.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a mediatização?. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. V. 1. p. 283-298.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. **LÍBERO**, São Paulo, no 17, Jun. 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Uma-abordagem-triádica-dos-dispositivos-midiáticos.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

FERREIRA, Jairo; KAEFER, Cintia Miguel. A instabilidade nas interações acionando circuitos-ambientes midiáticos: o caso do goleiro Aranha e da torcedora Patrícia Moreira. **Logos**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 66–93, 2017. DOI: 10.12957/logos.2017.29208. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/29208>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FIDALGO, António. Jornalismo online segundo o modelo de Otto Groth. **Pauta Geral**, n. 6, 2004. Disponível em: < <https://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia** (São Paulo, *Online*), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FRANCISCO, Rafael. PARA ALÉM DAS MISE-EN-SCÈNE MIDIÁTICAS: sentidos e reverberações a partir do caso George Floyd como um acontecimento. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/para-alem-das-mise-en-scene-midiaticas-sentidos-e-reverberacoes-a-partir-do-caso?lang=pt-br>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. 2 Ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Editora Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. 1 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Pedro Gilberto. **Da sociedade dos mídias à sociedade em midiatização**. IHU ON-LINE, ed. 357, São Leopoldo, 11 abr. 2011. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3769-pedro-gilberto-gomes-4>. Acesso em: 11 out. 2022.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017. v. 1. 175p .

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Negro sou: a questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presenteísmo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HEGEL, George W. F.. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOUBACK, Andreia. **Jornalistas negras no Rio de Janeiro: trajetórias de vida e narrativas de resistência diante do racismo**. 151 f. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2018.

LUCAS, Regina Augusto da Silva. **Mobilização antirracista e representatividade pós George Floyd: um estudo de caso sobre a inédita bancada negra do programa jornalístico Em Pauta**. 139 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade Cásper Líbero, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2022.

MAIA, Jussara; SILVA, Daiane Santiago da. QUANDO A EXCEÇÃO É A REGRA: a estrutura (in)visível do racismo no JN. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/quando-a-excecao-e-a-regra-a-estrutura-invisivel-do-racismo-no-jn?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2023.

MARINHO, Ana Isabel Monteiro dos Santos. **A tessitura comunicacional dos direitos humanos a partir do caso Marielle: experimentações sociais e agenciamentos de sentidos na circulação**. 124 f. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. 1 Ed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo como forma de conhecimento. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, v. 21, n. 1, p. 25-38, jan-jun, 1998.

MENDONÇA, Pedro Henrique Magalhães. **O ASSASSINATO DE BETO FREITAS NO CARREFOUR EM PORTO ALEGRE: racismo, genocídio e a construção do acontecimento jornalístico nos sites G1 e UOL**. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas - ICSA, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021.

MIRANDA, Pedro Augusto Silva. **Intimidade Mediada: as estratégias narrativas do GloboNews Em Pauta na comunicação com o público**. 173 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2019.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para a compreensão do Racismo na História**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **XXVIII Encontro Nacional da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2019, Porto Alegre. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 3 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5 Ed., rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil Oracy Nogueira. **Tempo**

Social, São Paulo, USP, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. RACISMO E SOCIEDADE MEDIATEZADA: apontamentos conceituais. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/racismo-e-sociedade-mEDIATEZADA-apontamentos-conceituais?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2024.

OLIVEIRA, Dayse Euzébio de. Amas pretas: performances de humanidade nas fotografias de escravidão do Brasil oitocentista. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/amas-pretas-performances-de-humanidade-nas-fotografias-de-escravidao-do-brasil-o?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2023.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

PINTO, Daniel de Moura. A exterioridade das narrativas diaspóricas Sul-Sul. As temporalidades disruptivas no Voz do Haiti. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-exterioridade-das-narrativas-diasporicas-sul-sul-as-temporalidades-disruptivas?lang=pt-br>> Acesso em: 14 abr. 2023.

QUEIROZ, Rafael Pinto Ferreira de. **FOGO NOS RACISTAS!: Epistemologias negras para ler, ver e ouvir a música afrodiaspórica**. 275 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/40511/1/TESE%20Rafael%20Pinto%20Ferreira%20de%20Queiroz.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

QUIROGA, Tiago. Comunicação, nova engenharia social Notas sobre a desrealização do tempo como espaço de alteridade do campo comunicacional. **Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em MEDIATEZAZÃO e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 1, set. 2019. ISSN 2675-4169. Disponível em: <<https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-mEDIATEZAZAO-resumos/article/view/595>>. Acesso em: 8 dez. 2023.

QUIROGA, Tiago. MEDIATEZAZÃO E VIRTUALIDADE NAS CIÊNCIAS HUMANAS: UMA ENCRUZILHADA ANUNCIADA. p.53 -76. In: **MEDIATEZAZÃO, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações) [recurso eletrônico] / Jairo Ferreira... [et al]. (organizadores)**. - Santa Maria - UFSM, 2020. Disponível em: <<http://www.guaritadigital.com.br/facos-ufsm/mEDIATEZAZAO/index.html>>. Acesso em: 8 dez. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSA, Ana Paula da. Conflitos mediatezados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação. **Íbero**, São Paulo, v., n. 52, p. 92 -109, set./dez. 2022.

RUFINO, Joel. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2 Ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SILVA, Dyepeson. **Fontes não visíveis ao público na significação de notícias sobre violência urbana: a transposição de narrativas no telejornalismo policial**. 132 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Jornalismo, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, 2021.

SILVA, Rafael Pereira da. **Representações, discursos e (in) visibilidades da negritude no telejornalismo brasileiro: quando o negro e as relações étnico-raciais são notícias na TV?**. 184 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2020.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**: Notas para um método comunicacional. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: Identidade, povo, mídia e toas no Brasil. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução: Leonardo Avritzer. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TWINE, France Winddance (2004). A white side of black Britain: The concept of racial literacy, **Ethnic and Racial Studies**, 27:6, 878-907, DOI: 10.1080/0141987042000268512

VEIGA, Márcia, MOARAES, Fabiana. Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. In: **XXIX Encontro Anual da Compós**. Brasília: Compós, 2020. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_WMG0DZEUNUYC3EX2J9GO_30_8639_26_02_2020_13_59_47.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2005.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social, 2**: Ideas, momentos, interpretantes. 1. ed. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**. v. 8, p. 13-19, 1 jan./jun. 2014. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiatizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiatização. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1354>>. Acesso em: 16 out. 2021.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. Tradução e notas de Carlos Nayfeld. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Tradução de Christian Matheus Herrera. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A - SONDAGEM 1

1. O coletivo local Vidas Negras Importam acompanhou os familiares de Gustavo e esteve presente nas principais mobilizações na busca por justiça.

Como você percebe o papel do ativismo local para permanência do caso na agenda pública?

Resposta:

Sim, o coletivo Vidas Negras Importam ficou sabendo da morte do Gustavo Amaral pela imprensa e foi bem no mesmo mês, acho que duas semanas de diferença, da morte do George Floyd, ambas em 2020. E nas esteiras das manifestações nos Estados Unidos, e que depois as mobilizações foram para a França, a Europa como um todo, a Europa ocidental, vieram para o Brasil e a gente unificou a luta em protesto da morte de George Floyd da violência policial no Brasil, com o caso específico que foi o do Gustavo Amaral. Na verdade, o movimento Vidas Negras Importam foi o que chamou, foi o precursor das mobilizações em protesto da morte do Gustavo Amaral. No caso específico do Gustavo Amaral, infelizmente, sob o ponto de vista jurídico, há pouco a fazer. Porque a Polícia Civil deu no inquérito que se tratava de uma legítima defesa putativa, imaginária, o Ministério Público corroborou e pediu também a absolvição e a Justiça homologou. No caso, em tempo recorde, muito rápido. Agora sob o ponto de vista da memória das manifestações, sim, é importante porque isso fez com que o movimento como um todo criasse uma robustez na mobilização. Não é à toa que a gente luta pela implementação de câmara nas fardas da Brigada Militar e da polícia como um todo, ali, de outras iniciativas, e o nome da lei, que inclusive é de autoria da Deputada Luciana Genro, é Lei Gustavo Amaral.

2. O repórter da BBC News Brasil que escreveu a reportagem sobre a morte de Gustavo Amaral e a mobilização do Vidas Negras Importam é o Daniel Gallas, que é gaúcho e graduado em Jornalismo pela UFRGS. Você e/ou o Vidas Negras Importam acionaram o jornalista para publicação do caso Gustavo Amaral? Como se deu o contato para a apuração de informações para a reportagem?

Resposta:

Não. No caso da BBC, eles que nos procuraram. Porque havia saído muito na imprensa local aqui, Zero Hora, os meios de comunicação locais, Correio do Povo, Brasil de Fato, e aí eles que nos procuraram. Na verdade, a BBC achou meu contato. Se eu não estou enganado, o repórter da BBC achou o meu contato a partir de ex-colegas de trabalho aqui do Rio Grande do Sul mesmo, então ele já tinha o meu contato. Nós só marcamos um horário, em que ele me ligou, porque acabou que o meu nome, embora o Vidas Negras Importam não tenho um presidente, não tenham um coordenador, eu fiquei a figura mais conhecida do movimento, embora não seja coordenador, não seja presidente, então ele já tinha o contato.

APÊNDICE B – SONDAAGEM 2

1. Lembra de em que momento e por qual meio recebeu a informação da morte de João Alberto Freitas?

Eu recebi a informação da morte do João Alberto Freitas através das redes sociais. Lembro que na ocasião eu estava preparando uma fala que eu ia fazer no dia seguinte, 20 de novembro de 2020, quando nós teríamos o primeiro Dia da Consciência Negra com a bancada negra de Porto Alegre eleita. Então era esse o tema que me tomava naquele momento e através das redes sociais eu tive conhecimento dos fatos.

2. Como foram as articulações para organização e participação nos protestos? Passaram pelas redes sociais e aplicativos de mensagens?

E a partir dali, respondendo já a segunda pergunta, nós começamos a articular as ações no dia seguinte. Então, a própria bancada negra tomou uma decisão de em vez de fazer uma coletiva de imprensa, ir até o Carrefour. Fizemos isso, na manhã do dia 20 de novembro, que tinha a presença ali de vários jornalistas. Eu tomei contato com os membros da torcida Os Farrapos, que o João fazia parte, e eu tinha ali também alguns amigos, pessoas que eu conhecia já há algum tempo, e eles tomaram a frente da organização da manifestação, mas a articulação veio combinada com a revolta nas redes sociais. A ideia de fazer uma ação, responder à violência através das manifestações. 2020 já havia sido marcado pelas manifestações antirracistas com a morte do George Floyd e isso ocorreu em Porto Alegre a partir do nosso chamado, se nacionalizou também com manifestações por diferentes regiões do Brasil e teve

essas três camadas de articulação: uma, mais direta, no bairro ali com as pessoas que conheciam ele, da torcida e da bancada negra, junto com organizações do movimento negro. A outra camada, mais vinculada aí com as redes sociais e a maneira como a qual o fato se espalhou aqui por Porto Alegre e, a terceira, essa nacionalização vinculada com todo o movimento antirracista. E as redes acabaram sendo o espaço privilegiado para articular, divulgar o local das manifestações, os próprios fatos. Eu lembro que na época optei por não divulgar a imagem em si da violência, porque ela era muito forte e eu enquanto já uma autoridade pública, enfim, não achava adequado continuar reproduzindo aquela cena, como foi no caso George Floyd. Mas a manifestação, a minha opinião, a sequência dos fatos tudo aconteceu através do Twitter, do Instagram, do Facebook, divulgando também via WhatsApp, elas foram muito importantes. Infelizmente foi um espaço também em que fake news foram divulgadas e disseminadas sobre a própria vida do João, enfim, o lado ruim da desinformação que circula por aí. Mas nós tentamos dar um bom uso a esses instrumentos para comunicar as pessoas, organizar também manifestação e revolta popular que aconteceu.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro/a informante, você está sendo convidado/a a participar de uma sondagem que faz parte da pesquisa feita por mim, Ângelo Jorge de Souza Lima Neckel, e com orientação de Pedro Gilberto Gomes, com o título ‘Cronotopos midiaticizados na luta antirracista: o tempo-espaço complexo nos acionamentos e disputas narrativas entre circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo em torno do ser negro’. O tema da pesquisa aborda as maneiras como as pessoas e o jornalismo abordam a temática do racismo como sendo permanente e atualizado em um contexto de novas mídias na internet, a partir de três acontecimentos: a morte do engenheiro eletricista Gustavo Amaral em Marau, no Rio Grande do Sul; a realização de edições do programa Em Pauta sobre os protestos contra o racismo nos Estados Unidos após a morte de George Floyd; e a morte de João Alberto Freitas no supermercado Carrefour, em Porto Alegre.

Um aspecto importante da pesquisa trata sobre como as pessoas, em comentários e postagens em redes sociais, em protestos nas ruas e no contato com a imprensa, manifestam memórias que remetem à permanência do racismo e a formas de combatê-lo. Os usos das mídias e as narrativas das pessoas e do jornalismo contribuem para que os casos específicos de racismo continuem ou deixem de ser debatidos nas mídias. Observo esses usos e narrativas das mídias em textos, imagens, postagens e comentários, mas para saber como os acontecimentos saíram

das ruas para as mídias e para a cobertura jornalística, necessito consultar pessoas que participaram desses eventos. Por isso, suas informações são importantes para minha pesquisa.

O termo sondagem expressa uma consulta breve, em poucas perguntas, junto a informantes para verificação de contextos pertinentes aos casos de pesquisa e que possam confirmar algumas poucas inferências presentes na tese, contestá-las ou apontar outros caminhos para observação de elementos empíricos. Nesse sentido, a sondagem visa responder questionamentos que não são possíveis de serem confirmados para além de suspeitas após observação de imagens, enunciações e interações nos meios de comunicação analisados na pesquisa. Por isso, as questões da sondagem são feitas a fim de sanar dúvidas e/ou indicar mais indícios a serem observados.

Deste TCLE, um ficará comigo e outro com você com as devidas assinaturas. A sua identidade será preservada na pesquisa assim como quaisquer informações marcadas como sensíveis; as únicas informações originais que são imprescindíveis na divulgação da pesquisa são a do seu gênero (masculino, feminino ou não-binário) e o tema ou assunto sobre o qual você comentou em comentários e postagens em redes sociais ou em contato com a imprensa. Ficam garantidos a você esclarecimentos antes, durante e depois da assinatura do TCLE, assim como o arrependimento de informações específicas apresentadas a mim, Ângelo; por qualquer motivo, para a desistência de sua participação do estudo ou para que algum conteúdo específico não seja apresentado na versão final da tese, é necessário que se comunique, por escrito, no e-mail angeloneckel@gmail.com ou entre em contato pelo WhatsApp/telefone (51) 99171-7847. Não há nenhum prejuízo financeiro ou jurídico na desistência da participação.

A nossa conversa será feita preferencialmente de maneira presencial, sendo que me disponho a ir ao seu encontro, em local de sua preferência. Porém, caso não seja possível o encontro presencial, nossa conversa pode ser mediada pela plataforma de vídeo-chamada Google Meet, ou, caso ainda assim não seja possível, poderá responder por escrito, via e-mail. Seja presencial, seja on-line, o diálogo será gravado em voz para o arquivamento do conteúdo e essa gravação estará disponível para o entrevistado em cinco dias úteis após a assinatura do TCLE. Se a entrevista for presencial, a assinatura será escrita em documento impresso. Se a sondagem se der via Google Meet, o documento será enviado e devolvido assinado, a próprio punho ou com assinatura digital, e digitalizado por e-mail.

Os riscos da pesquisa são: durante a entrevista, desconforto provocado pelas perguntas, a exemplo da recordação de temas, assuntos e fatos que remetem a situações de violência. Como medidas protetivas, é garantida a interrupção da entrevista pelo tempo que você considerar necessário, comigo, Ângelo, estando à disposição para acolhimento e conversa para juntos

encontrarmos a melhor maneira de continuar a sondagem. Saliento que independentemente de desconforto, você pode retirar o seu consentimento a qualquer momento.

Como benefícios da realização deste estudo, estão possíveis contribuições acadêmicas para a área de estudos em Comunicação e Mídia e para a sociedade. Os benefícios acadêmicos pretendidos são a discussão a partir de reflexões da comunicação e do pensamento negro quanto à modificação do espaço e do tempo pelos usos das mídias em disputas narrativas sobre o racismo, enquanto as contribuições sociais pretendidas consistem na reflexão sobre repertórios de resistência ao racismo no midiático.

Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e têm como objetivo esclarecer contextos presentes nos debates sobre os casos mencionados no primeiro parágrafo deste TCLE.

Eu, _____, RG _____, fui devidamente esclarecido/a em relação ao projeto de pesquisa ‘Cronotopos midiáticos na luta antirracista: o tempo-espaço complexo nos acionamentos e disputas narrativas entre circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo em torno do ser negro’ e concordo em participar.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2024.

Assinatura do/da participante

Assinatura do doutorando

Ângelo Jorge de Souza Lima Neckel

RG: 2096371121

Telefone: (51) 99171-7847

E-mail: angeloneckel@gmail.com.

APÊNDICE D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA DA UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cronotopos midiaticizados na luta antirracista: o tempo-espaço complexo nos acionamentos e disputas narrativas em torno do 'ser negro'

Pesquisador: ANGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76198823.0.0000.5344

Instituição Proponente: unisinos

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.713.350

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa 'Cronotopos midiaticizados na luta antirracista: o tempo-espaço complexo nos acionamentos e disputas narrativas entre circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo em torno do 'ser negro' é desenvolvido pelo aluno Ângelo Jorge de Souza Lima Neckel, sob orientação do professor doutor Pedro Gilberto Gomes, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Trata-se de uma pesquisa de doutorado que tem como objetivo principal investigar como os circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo acionam temporalidades e espaços complexos nos usos e apropriações de dispositivos e disputas narrativas em circulação em torno do 'ser negro' e do racismo a partir de casos e acontecimentos sociais, midiáticos e midiaticizados. O projeto propõe uma análise crítica a respeito dos acontecimentos sobre os casos de homens negros mortos por agentes de segurança pública e privada: Gustavo Amaral, George Floyd, e João Alberto. O desenho teórico-metodológico apresentado prioriza três eixos complementares: de caráter bibliográfico, reflexões sobre a historicização da midiaticização articulada com a historicização do racismo de longa periodização; o cronotopo midiaticizado, que articula diferentes temporalidades e espaços, mas também o primeiro e o terceiro eixos metodológicos; e o estudo de casos midiaticizados múltiplos. Os questionamentos que não são possíveis de serem respondidos pelo exame das materialidades empíricas em imagens, enunciações e interações nos meios de comunicação, são enviados em sondagens junto a informantes, para

Endereço: Av. Unisinos, 950 - Ramal 3219

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1122

Fax: (51)3591-3219

E-mail: cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 6.713.350

saneamento de dúvidas e indicação de mais indícios a serem investigados.;

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são apresentados nas páginas 6 e 7 do projeto (2023/2024 - ajustes), e estão destacados a seguir.

OBJETIVO GERAL

Investigar como os circuitos afro-referenciados e os meios do jornalismo acionam temporalidades e espaços complexos nos usos e apropriações de dispositivos e disputas narrativas em circulação em torno do 'ser negro' e do racismo a partir de casos e acontecimentos sociais, midiáticos e midiaticizados.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as condições sociais e históricas dos acionamentos midiáticos de temporalidades e espaços por circuitos afro-referenciados e meios do Jornalismo.

Identificar rupturas nos acionamentos socio-técnicos-simbólicos de atores nos circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo.

Investigar as relações entre temporalidades e espaços complexos evocados em imagens e imaginários sociais nas narrativas sobre o negro e o racismo, em disputa entre circuitos afro-referenciados e meios do jornalismo.

Analisar os entrecruzamentos de temporalidades complexas e espacialidades nos casos sociais midiaticizados na relação com os fluxos de sentido das narrativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos, medidas protetivas e benefícios indicados pelo pesquisador na página 4 do Formulário da Plataforma Brasil (2024) são:

Riscos:

Endereço: Av. Unisinos, 950 - Ramal 3219
Bairro: Cristo Rei **CEP:** 93.022-000
UF: RS **Município:** SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)3591-1122 **Fax:** (51)3591-3219 **E-mail:** cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 6.713.350

Os riscos da pesquisa são: durante a entrevista, desconforto provocado pelas perguntas, a exemplo da recordação de temas, assuntos e fatos que remetem a situações de violência. Como medidas protetivas, é garantida a interrupção da entrevista pelo tempo que você considerar necessário, comigo, Ângelo, estando à disposição para acolhimento e conversa para juntos encontrarmos a melhor maneira de continuar a sondagem. Saliento que independentemente de desconforto, você pode retirar o seu consentimento a qualquer momento.

Benefícios:

Como benefícios da realização deste estudo, estão possíveis contribuições acadêmicas para a área de estudos em Comunicação e Midiatização e para a sociedade. Os benefícios acadêmicos pretendidos são a discussão a partir de reflexões da comunicação e do pensamento negro quanto à modificação do espaço e do tempo pelos usos das mídias em disputas narrativas sobre o racismo, enquanto as contribuições sociais pretendidas consistem na reflexão sobre repertórios de resistência ao racismo no midiático.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa analisa um tema relevante para a área da Comunicação, em articulação com um tema muito importante para a promoção de equidade e para uma educação antirracista. Da forma como foi desenvolvido e estruturado, o documento apresentado atende aos requisitos exigidos em um projeto de doutorado, apresentando fundamentação teórica, delimitação dos objetivos e cronograma exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os documentos obrigatórios foram apresentados e estão adequados aos requisitos das Resoluções 466/2012 e 510/2016.

Observação importante. A relatora realizou pequenos ajustes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para atender ao que foi solicitado no primeiro parecer. Considerando que as revisões não acarretam implicações éticas, não há razão para segunda pendência e o projeto foi aprovado.

Endereço: Av. Unisinos, 950 - Ramal 3219
Bairro: Cristo Rei **CEP:** 93.022-000
UF: RS **Município:** SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)3591-1122 **Fax:** (51)3591-3219 **E-mail:** cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 6.713.350

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

O pesquisador atendeu às solicitações/pendências assinaladas no primeiro parecer do Comitê de Ética. Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme "Parecer Consubstanciado do CEP", o projeto está aprovado (neste parecer encontrará o número de aprovação). Acesse a Plataforma Brasil e localize o TCLE aprovado e carimbado, em folha timbrada. É obrigatório o uso do TCLE validado por este CEP para reproduzir cópias, entregar, em interações presenciais, ou disponibilizar versões digitais aos participantes, se a pesquisa (ou parte desta) for em formato virtual. Siga estas Instruções para localização do TCLE aprovado: Na aba "Pesquisador", clique na lupa da coluna "Ações", em "Documentos do Projeto de Pesquisa", na Árvore de Arquivos, expanda as pastas totalmente, com as setas apontadas para baixo, até encontrar TCLE/Termos de Assentimento. Ao clicar nesta descrição, localizará o TCLE aprovado (em pdf), data 20/03/2024.

Em caso de dúvidas, faça contato com Vanessa Esperafico, 51- 3591-1122, ramal 3219, e-mail cep@unisinis.br.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2232441.pdf	22/01/2024 21:50:00		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Angelo_Neckel.pdf	22/01/2024 21:48:51	ANGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Tese_Doutorado_Angelo_Neckel_Comunicacao_Unisinis.pdf	18/01/2024 18:37:03	ANGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_TCLE.pdf	18/01/2024 18:36:45	ANGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL	Aceito

Endereço: Av. Unisinis, 950 - Ramal 3219

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1122

Fax: (51)3591-3219

E-mail: cep@unisinis.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 6.713.350

Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escl arecido_TCLE.pdf	18/01/2024 18:36:45	ANGELO JORGE DE SOUZA LIMA NECKEL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Angelo_Neckel.pdf	20/03/2024 13:40:02	Maria Claudia Dallgna	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LEOPOLDO, 20 de Março de 2024

Assinado por:
Maria Claudia Dallgna
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Unisinos, 950 - Ramal 3219
Bairro: Cristo Rei **CEP:** 93.022-000
UF: RS **Município:** SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)3591-1122 **Fax:** (51)3591-3219 **E-mail:** cep@unisinos.br